

MEMORIA DE METALURGICOS
(1o. volume)

Este exemplar corresponde a
edição final da dissertação defendida
pelo interessado e aprovado pela
Comissão julgadora.

15/05/91

André Laino.



L139m
v.1
14223/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

MEMÓRIA DE METALURGICOS

Índice

	Pág:
Apresentação e localização do objeto.	2
Capítulo primeiro: Em torno das origens da força-de-trabalho fabril. Introdução.	
1- Os primórdios do espaço: laranjais, olarias e sítios arrendados.	10
2- Usina, a agricultura de subsistência, lotesamentos.	19
Capítulo segundo: Heranças de 40 anos de usina.	
1- A crise de 1983: desemprego, patrões "caem do céu" e o conflito.	45
2- Em 40 anos: crescimento e deterioração das condições de trabalho e do ambiente, no posto e nas seções.	68
Capítulo terceiro: História da usina na memória dos trabalhadores.	
1 - A primeira fase: os anos 40. O galpãozinho, a seleção e o paternalismo externo.	114
2 - Empiricismo com as máquinas e subjetivismo com os homens: paternalismo e produção.	128
3 - As máquinas e as condições de trabalho no galpãozinho.	161
4 - A segunda fase.	186

1) anos 50: a primeira expansão e os grandes formadores.	250
2) anos 60: a segunda expansão e as formadoras de tubos.	300
5 - Transformações tecnológicas e mudanças no processo de trabalho. Os conflitos entre conteúdos do trabalho e efeitos no equilíbrio psico-físico.	340
 Capítulo quarto: Imagens da usina e memória.	 397
1 - Condições de trabalho e apropriação do físico e do mental.	400
2 - Da auto-estima à estigmatização. A ansiedade.	421
3 - Momentos do drama do corpo na usina.	441
4 - Zoomorfismo, memória e representação social.	460
 Conclusão.	 497
Bibliografia	502

Acessibilidade e localização do objeto.

Podemos dizer que a origem desse trabalho está numa pesquisa interdisciplinar, na qual trabalhamos em 1983. Nesse ano, junto com médicos, engenheiros e historiadores, participamos de um projeto na E.N.S.P. (Escola Nacional de Saúde Pública) da Fiocruz.

Em 1985, voltamos à usina metalúrgica que era o universo daquela pesquisa. Fizemos a pesquisa de campo e as

entrevistas com os operários. Os 26 depoimentos têm, em média, a duração de uma hora cada. Delimitamos o universo entre, principalmente, os operários mais velhos. Destes, haviam dois que estavam na usina desde o ano de sua inauguração, em 1941. Um deles no mesmo posto, com a mesma máquina, há 44 anos.

O primeiro capítulo apresenta a instalação da usina no bairro de Mesquita, Município de Nova Iguaçú, na Baixada Fluminense. Predominava um quadro geoeconômico基本上mente rural. Algumas olarias eram os únicos contrastes. Mesmo assim, articuladas ao ciclo de produção da grande propriedade exportadora de laranja. A sazonalidade destas últimas, empregava a maioria da força-de-trabalho da região. Esta, por seu turno, complementava sua subsistência em sítios arrendados. A usina não trouxe uma ruptura nestas relações de trabalho predominantes com a terra. Assim, nos seus primeiros anos, o capital industrial buscou uma adaptação com esse quadro anterior predominante. Algumas tentativas de mudanças – como a alteração no valor do solo – esbarraram com aquelas limitações estruturais. Ao mesmo tempo, delineava-se uma continuidade com as bases paternalistas das relações de produção e de trabalho que iriam, pouco a pouco, se instalar e reproduzir na usina como a principal estrutura de dominação e exploração da força-de-trabalho.

No segundo capítulo expomos as condições de trabalho na usina, no momento da pesquisa. Utilizamos alguns dados fornecidos pela abordagem do grupo interdisciplinar da

E.N.S.P. Apesar da sua importância no bairro, em mais de 40 anos (ou, justamente por causa disso!), o produto que a usina deixou em mais de 4 décadas foi: deterioração das máquinas e do ambiente físico, e desvalorização e desqualificação extremas da força-de-trabalho. A crise de 83/84, obrigou os antigos proprietários a venderem a usina para um grupo de São Paulo. A mudança, com a introdução de algumas iniciativas "racionais", não alterou o vigor das relações de produção e de trabalho paternalistas. Estas estavam gravadas no corpo dos operários, nas marcas deixadas pelo trabalho em diferentes postos e seções. Neste capítulo, esboçamos um quadro com os aspectos médicos (físicos e psicológicos) e sociais (relações hierárquicas e de saber entre os homens, e destes com as máquinas) que serão aprofundados e articulados à questão da memória, no próximo capítulo.

A História da usina, a partir da memória dos velhos trabalhadores, é o que tratamos no terceiro capítulo. Eles distinguem três fases, a partir de transformações físicas no espaço da usina, e da introdução de novos maquinários na linha de produção. Cada fase trazia alterações, mais ou menos profundas, nas relações de trabalho predominantemente paternalistas. As mudanças eram sempre assimiladas na estrutura daquelas relações. Nos anos 50 ocorre a primeira diferenciação nas relações de trabalho. O modelo empírico-paternalista, característico da primeira fase (anos 40), é questionado com a chegada dos grandes laminadores e a construção de um grande galpão. Na década de 60, com as formadoras de

tubos vem, também, uma nova relação de trabalho e de produção. Nestas transformações – espaciais e tecnológicas – agudizavam-se os conflitos nas relações de trabalho, entre novos e velhos trabalhadores. A memória deles é mediada, inicialmente, pelo vínculo com uma ou outra perspectiva: paternalista ou racionalista. Entre os argumentos subjetivos e objetivos de uma ou outra nada, fundamentalmente, mudava para o corpo do trabalhador. Desde o pequeno galpãozinho (tesourinhas e pequenos laminadores) até o grande galpão (grandes laminadores e as formadoras) as condições de trabalho continuavam dilapidando as existências dos operários, física e mentalmente. Os esforços de recomposição do equilíbrio psico-físico, revelam o aprofundamento desse processo.

O terceiro capítulo tem uma perspectiva interdisciplinar (Medicina Social e do Trabalho, Sociologia do Trabalho e História) visando uma melhor delimitação do objeto: memória dos velhos trabalhadores. Indicamos algumas distorções "científicas" aplicadas ao tema, particularmente a biologização. Para finalizar, correlacionamos pressão do capital e formas de resistências dos trabalhadores, que se expressam, entre outras, nas imagens oníricas dos contos e teatralizações.

No quarto capítulo, analisamos os pontos de articulação entre memória, linguagem e imagística da usina entre os trabalhadores. A expropriação física e mental atinge a auto-estima e a auto-identidade, a níveis individual e coletivo. A usina reaparece então, em tais imagens, com toda sua

violência e brutalidade, transmutada em antropomorfismos e zoomorfismos na linguagem. As ameaças e perigos das máquinas e matérias-primas se mantiveram por décadas, num quotidiano linguístico próprio, transtífigrador do real. As descrições e os termos utilizados, revelam os limites tanto do conhecimento empírico quanto do racional, em lidar com tais condições de trabalho. Estas, ao lado dos acidentes de trabalho, questionam o conhecimento médico científico ou popular. Retomamos aqui alguns aspectos do terceiro capítulo para, como gancho, reenviarmos o leitor à sabotagem. Esta forma de resistência adota aqui, ao nível linguístico, o seu limite: a alienação. Esta foi abordada anteriormente, também, no segundo e terceiro capítulos.

Completando esta apresentação, algumas observações sobre a questão da memória. Enquanto um dos objetos de estudo da História, será abordado sob três perspectivas:

- a) História Oral: com ênfase nos obstáculos situados no individual e no coletivo onde, por meio de contribuições da Psicologia, seja abordada a auto-estima e a auto-identidade;
- b) Medicina Social e do Trabalho: delimitar o valor do corpo na produção por meio de descrições das condições de trabalho e dos acidentes de trabalho;
- c) Sociologia do Trabalho: as relações homem "vs" homem e homem "vs" máquina como pano-de-fundo do processo de qualificação e desqualificação da força-de-trabalho.

A interligação entre as três abordagens forma a base para o estudo da memória. Não nos limitamos, portanto, a uma aproximação via Bergson ou Halbwachs.

Na relação Sujeito "vs" Objeto em Bergson, o primado é do pessoal, subjetivo e inconsciente individual. Em Halbwachs, a subjetividade e inconsciência está no plano social e coletivo. (Cf. LAINO, 1986)

Essa questão teóricometodológica não poderia faltar nesse trabalho. No entanto, se nos restringissemos aos termos conceituais sugeridos por aqueles autores cairíamos, inevitavelmente, numa polarização. (Cf. BOSSI, 1979, 82)

A partir das características dos informantes, a questão da polarização tem uma dimensão específica. Embora alguns deles possam ser cronologicamente velhos, a condição de vida de todos eles era de adultos. Ou seja, muitos estavam aposentados, mas continuavam trabalhando na usina, com uma vida prática. Mesmo aqueles que, dentre os aposentados, mostraram interesse em lembrar do passado como substância e razão de suas existências, faziam-no, no entanto, mediados pela vida prática. (Cf. Idem, 23)

Essa é a diferença entre esse trabalho e aquele de Ecléa Bossi. Neste último, o velho, pela sua condição de certo afastamento, exerce com maior vigor o seu papel de guardião da memória. Pois, o afastamento lhe garantiria um espaço não mediado pelas tensões, tanto social quanto psicológica, que caracterizam o espaço propriamente produtivo. (Cf. Idem, 24) Diferentemente dos velhos deste trabalho, que

ainda estão na produção.

Por isso, a questão da classe social a que pertencem, e das tensões, pressões e conflitos a que estão, inherentemente, expostos tem aqui uma outra dimensão. Esse trabalho é sobre a memória de trabalhadores velhos. Onde, ao contrário da memória de velhos de E. Rosi, as condições de vida que caracterizam a classe trabalhadora estão mais presentes. Neste sentido, ele não poderia deixar de se situar nas fronteiras do debate entre Bergson e Halbwachs. (Cf. Idem, 28)

Não há, por exemplo, como desconsiderar a adver- tência de "desfiguração" do passado remanejado pelos ideais presentes do velho, proposto por Halbwachs. (Cf. Idem, 24) Ela existe na vinculação dos velhos trabalhadores com a re-produção da estrutura paternalista da usina. Esse é o objeto dos capítulos dois e três.

Da mesma forma, não podemos excluir a resistência do sonhador (Cf. Idem, 11) onde há uma busca de espontaneidade e liberdade da recordação, tornando a lembrança mais distante e calcada em estados infraconscientes. (Cf. Idem, 13 e 14) Ela aparece em algumas descrições oníricas feitas pelos trabalhadores, a respeito da sua existência, das suas condições de trabalho e de vida, na usina e fora dela. É o que abordamos, principalmente, no capítulo quatro.

Para a questão do peso e valor da retenção, social ou psicológica, da memória, podemos dizer que seguimos as pistas indicadas por Bartlett, citado pela professora Cléa

Bosi. (Cf. Idem, 24 e 25)

Entretanto, pelas características do universo delimitado (velhos trabalhadores) no objeto (memória), a situação e condição de classe (valor da força-de-trabalho) é uma variável importante. Mesmo que trabalhássemos na distinção, proposta por aquele autor, entre matéria de recordação e modo de recordação. Por isso os textos de Psicologia que sustentam principalmente o segundo capítulo, são aqueles que trazem mais contribuições em tal perspectiva. É pelo mesmo motivo que, também nesse capítulo, nos embasamos no conceito de "conflito íntimo" gramsciano. As distorções e relevâncias das lembranças, como eixos que direcionam e organizam a memória, têm sua matriz na forma como o corpo do velho trabalhador foi tratado na sociedade. As resistências fazem parte dessa lembrança. Tratando-se de uma categoria específica num certo espaço (metalúrgicos da Baixada Fluminense) as características gerais do processo de exploração da força-de-trabalho sob o capital não desaparecem, mas procuramos delimitar a forma como estas se expressaram.

Dessa perspectiva, utilizamos elementos da Medicina Social e do Trabalho, interligados com a abordagem das relações homem "vs" homem e homem "vs" máquina, objetos de estudo da Sociologia do Trabalho. É o que abordamos no terceiro capítulo: as diferenças tecnológicas entre as seções na usina, enquanto mediadores da força-de-trabalho na memória dos velhos operários. Nesse caso, a variável mais importante é o salário. Ou seja, o modo de inserção (no sentido

mais amplo) do trabalhador no sistema de produção.

Neste trabalho, a única "fala" é dos trabalhadores. Tentamos diversas vezes entrevistar os patrões. Diante das dificuldades e recusas, somente chegamos a elas através das descrições dos próprios operários. Esse personagem, como veremos, reaparece nas relações de produção sob a forma paternalista, vivenciado cotidianamente.

Capítulo Primeiro: Em torno das origens da fábrica... de trabalho fabril...Introdução...

A usina foi instalada no inicio da década de 40 em Mesquita, Nova Iguaçú, Município do Estado do Rio de Janeiro. Ficava numa área conhecida na época como "Fazenda Cachoeira". As transformações urbanas não alteravam o quadro predominantemente agrícola.(1)

A "Fazenda" tinha duas áreas: montanhosa e plana. Nesta surgiam sinais insipientes de urbanização, com alguns lotamentos. Dessa fase, foi significativa a chegada do trem elétrico em 1935.(2) Neste período, na área plana predominavam os grandes laranjais.

Nas elevações, circundando o atual centro de Mesquita os pequenos agricultores tinham cultivos para a venda externa e subsistência. A produção de laranjas era armazenada em barracões. Extensos laranjais e barracões, delineavam a paisagem da região plana.(3)

Os contrastes, físico e de cultivo, estavam nos pequenos sítios arrendados situados nas ondulações vizinhas com menos de cem metros de altura. Eram alcançados por caminhos não muito íngremes, mas mal conservados, tornando difícil o acesso.(4)

Recuando algumas décadas, encontramos essas formas de trabalho existentes nas duas áreas. Por meio delas, abordaremos a formação da força-de-trabalho da usina, e as relações de produção e de trabalho nela predominantes.

Em 1941 iniciam-se as operações industriais. Segundo um velho trabalhador, ainda operando com um laminador pequeno : "conforme nós assentamos as máquinas começamos logo a ir trabalhando." Isso ocorria em meio a relações de trabalho e de produção vinculadas, principalmente, à terra. Vividas cotidianamente por muitos dos primeiros operários, tais relações ficaram em suas memórias, escoradas numa continuidade com os primeiros anos da usina.

A exploração da força-de-trabalho na fase "rural" não era, portanto, fundamentalmente distinta daquela "industrial". Assim, guardando-se certas especificidades, algumas regiões europeias apresentariam certas características na sua industrialização originária muito próximas daquelas que encontramos em Mesquita. Como, por exemplo, nos primórdios metalúrgicos da região de Longwy: "... a classe operária é ainda muito marcada por hábitos camponeses ... período de transição com laços entre a usina e o campo não totalmente rompidos... a indústria... deve contar sobre o mundo ru-

ral para assegurar seu desenvolvimento." (NOIRIEL, 1980, 38)

NOTAS.

- 1 - O trabalho de Gracilda Silva aponta um processo semelhante ao que vamos tratar aqui. A região de Bangú também teve sua área urbana desenvolvendo-se a partir da fábrica textil. Sendo instalada uma área rural, também na Baixada Fluminense, as relações de trabalho e de produção eram, igualmente, paternalistas. A diferença entre este e aquele trabalho está nas fontes consultadas. Ela trabalha com documentos primários e secundários. Nós nos utilizamos, basicamente, dos depoimentos orais. Apesar disso, os pontos de convergência em relação a certos aspectos do objeto – condições de trabalho por exemplo – são muito grandes. Cf. SILVA, 1985.
- 2 - "Era bem pequeno! O trem era um de manhã e outro à tarde. Trem de madeira! Quando eu vim pra aqui. Ainda não tinha o trem elétrico aqui pra cima. Começou a rodar em 1935. Eu me lembro bem! Foi no ano que nasceu a minha irmã. A caçula."
- 3 - A julgar por alguns depoimentos, tais barracões deveriam se projetar na linha do horizonte: "Quarenta anos atrás, isso aqui era um laranjal. Esse barracão ai era um exportador de laranja. Esse supermercado, também era exportador de laranja. O cinema, onde era o cinema, era exportador. Tudo que era barracão grande exportava la-

ranja. Não existia nada disso! Ali onde tem a usina, era um barracão de laranja. Daquele lado dali, onde tem o rio, ali era um barracão de laranja." (mecânico de retífica e chefe do D.P. aposentada) O primeiro espaço da usina se confunde com um destes barracões: "Quando o 'velho' (primeiro dono) comprou um pedaço ainda era um antigo barracão de laranja. Depois é que ele modificou. Era o Cortume." (chefe do D.P. aposentada) Mantendo-se as devidas proporções, garantindo as diferenças entre a industrialização na Baixada Fluminense e aquela da Revolução Industrial inglesa, algumas imagens, geográficamente apresentam certa semelhança. Como esta descrita por Hobsbawm: "O panorama industrial era, assim, muito semelhante a uma série de lagos cobertos de ilhas."

HOBBSBAUM, 1977, 194.

- 4 - "Tinha estrada. Lá passava carroça. Apanhar esse negócio de mantimento. Carro de boi. Carroça mesmo. Ali, eram umas carroças com dois bois, quatro bois. Para tirar mantimentos lá pra fora, vezes levar mudanças de cá debaixo lá para cima. O trânsito era esse! Caminhão não subia lá! Era difícil subir ali!" (vigia)

i - Os primórdios do espaço: laranjeiras, plantações e sítios arrendados.

Segundo documentos cartoriais datados de 1915, a "Fazenda Cachoeira" pertencia aos Barões de Mesquita. Neste

ano, ela foi vendida a quatro "proprietários" que, em fins da década de 20, iniciariam os loteamentos da área plana. Até 1929, a mão-de-obra local era ocupada em três atividades básicas. Duas eram na Fazenda:

- 1 - área de grande cultivo de Laranjas e;
- 2 - área de pequenos sítios arrendados.

A terceira via eram três olarias: uma de telhas e duas de tijolos.

Uma delas, há muitos anos ali: "fica à direita de quem vai desta cidade para o interior, com todas as suas terras benfeitorias, servidões, animais, carros, carroças e maquinismos". Denominada de Cia Materiais de Construção tinha "por contrato a faculdade de tirar lenha para os gastos de sua fábrica." Essa lenha era coletada pelos próprios habitantes. Assim, as olarias ficavam em meio à agricultura cítrica. Na década de 20, uma delas situava-se à direita do "leito da Estrada de Ferro Central do Brasil".(1) Então, em fins da década de 30, a força-de-trabalho da região distribuia-se entre:

- atividades sazonais de plantação, colheita e armazenamento de Laranjas nos grandes barracões;
- agricultura de pequenos sítios arrendados nas circunvizinhanças e voltada para a subsistência e comercialização do excedente;
- nas olarias, de tijolos e telhas.

Uma parte dos trabalhadores circulava entre atividades ligadas às plantações de Laranjas ou às olarias. Os

demais – familiares – permaneciam nos pequenos sítios. Dali, provinhavam alguns produtos de subsistência, que garantiam o excedente necessário à parte da força-de-trabalho que estava nas olarias, nas colheitas e armazenamento de laranjas.(2) Com a usina em 1941 mudou a relação entre olarias, laranjeiras e agricultura de subsistência. Quando suas máquinas começaram a funcionar, os produtos de subsistência dos sítios passaram a ser parte do valor de reprodução da força-de-trabalho da usina. O deslocamento desse eixo iria, gradualmente, respaldar as longas e extenuantes jornadas dos trabalhadores na usina. No bojo desta mudança, desapareceu uma das três olarias.(3) A fabricação de telhas sofreria modificações, em função de uma mudança na demanda da construção civil por produtos de cimento ou amianto. Isso intensificou-se na década de 50.(4)

Contudo, o desaparecimento da olaria de telha não se explica só pelas mudanças e exigências da construção civil. A chegada da usina tem um significado nas alterações da estrutura de produção local.

A usina atraiu alguns trabalhadores das olarias. Segundo Hobsbawm, o ofício de oleiro apresenta, em termos de divisão interna do trabalho, algumas características que o levaram a se desenvolver "de maneira um tanto mais próxima a um primitivo sistema fabril."(HOBBSBAUM, 1978, 67) Neste sentido, as olarias de um lado, e a demanda de fitas para as embalagens de madeira das caixas de laranja, de outro lado, podem ser vistos como dois importantes sustentáculos que

garantiram, inicialmente, a presença da usina em Mesquita.

Entretanto, a saída dos trabalhadores das olarias não ocorreu sem conflitos. Um velho operário, que trabalhou anteriormente numa delas, disse-nos como seu patrão recusou-se a dar baixa na carteira e dispensá-lo para ele transferir-se para a usina:

"Ele não quis dar baixa na minha carteira. E não deu mesmo! Ai, o patrão (da usina) mandou eu voltar lá e falar assim que 'o tempo da escravidão já tinha acabado.'" (Operador de laminador)

Tanto "desrespeito" de um patrão e "indignação" de outro, devem ser vistos como: de um lado a dificuldade de alocar mão-de-obra, encontrada pelo capital da usina, e, de outro, a resistência do capital da olaria em liberar essa mercadoria. Essa dificuldade de um, e resistência de outro, embora fosse, inicialmente, voltada para um pequeno número de trabalhadores – "Começamos com seis pessoas e com a carpina (limpar o chão de ervas, matos e capim) e o vigia! Porque não tinha ninguém." (operador de laminador) – contém o proselitismo de um capitalista contra o outro! Segundo Marx, em certos momentos da acumulação do capital, encontramos alguns capitalistas "revoltados" contra a "concorrência imoral dos falsos irmãos", que recorrem a "práticas infames". (MARX, 1984, 223) São momentos que, "a mesma consciência burguesa, que festeja a divisão manufatureira do trabalho, a anexação do trabalhador por toda a vida a uma operação parcial... denuncia com igual alarde qualquer

contrôle e regulação social consciente do processo social de produção como uma infração dos invioláveis direitos de propriedade, da liberdade e da 'genialidade' autodeterminante do capitalista individual." (Idem, 200)

Apesar do reduzido espaço físico e da pequena produção inicial, a usina veio alterar as relações de trabalho e de produção da região. E influiria, posteriormente, na distribuição da força-de-trabalho. Ampliou as alternativas de trabalho, que se restringiam às olarias ou laranjais. Um destes operários mais antigos nos disse:

"Aqui era só esse negócio de fábrica de telhas, fábrica de tijolo. Era o que tinha aqui neste lugar." (operador de laminador)

O predomínio das olarias, dos laranjais e barrações, não impediu que o eixo da relação com a terra se transferisse, gradativamente, para a órbita da usina. Tal relação esteve presente na sua instalação influindo, posteriormente, nas relações internas de produção e trabalho. Principalmente nos primeiros momentos, quando a estrutura paternalista, permeou e veio conformar, desde o início, as relações no processo de produção e de trabalho. A usina era uma "alternativa na própria submissão". (Cf. PORTELLI, 1985, 60) Aquelas mudanças são um ponto de partida, e um respaldo indispensável à compreensão da memória destes trabalhadores, pois imprimiram certas características aos seus componentes e à sua estrutura temporal. Segundo Daniel Mercure: "O estudo das diferentes formas de ter consciência do tempo...

contribui muito para a compreensão de certos fenômenos sociais, posto que, os esquemas temporais, os modos de simbolização do tempo, concepções e atitudes particulares em relação ao tempo podem ter incidências mais ou menos diretas sobre os diversos modos de atividades..." (MERCURE, 1976, 265)

NOTAS

1 - Dividindo Mesquita em duas grandes áreas físicas, desde então, a E.F.C.B. passou a ser fundamental à memória e na noção de distância de seus habitantes, em relação às demais áreas do Rio de Janeiro. Ela teria, também, uma importância local, pois, o trabalho e a moradia no mesmo lado, ou em lados opostos da via férrea, seria o referencial no espaço cotidiano mais próximo. Mudanças nestas concepções de espaço surgiram na década de 50, com a construção da Via Dutra, ligando o Rio de Janeiro a São Paulo. Mas, em termos de transporte de massa, não diminuiu a importância da via férrea para a população local. O trem é o meio de transporte básico para deslocamentos urbanos, mais distantes. Sua presença é constante na estruturação das concepções de tempo e espaço da memória dos trabalhadores.

2 - "Saber-se: meios de produção e de subsistência, como propriedades do produtor direto, não são capital. Eles

tornam-se capital apenas sob condições em que servem ao mesmo tempo como meio de exploração e de dominação do trabalhador... A grande beleza da produção capitalista consiste em que ela não apenas reproduz constantemente o trabalhador assalariado como trabalhador assalariado, mas produz, em relação à acumulação do capital, sempre uma superpopulação relativa de trabalhadores assalariados." MARX, K. 1984. Páginas: 296 e 298.

- 3 - "A grande reforma na usina, com a construção de novos galpões nos anos 50, se utilizou de telha de barro da velha olaria: "Toda era de tâ. Acho que foi comprada a 300 mil réis cada uma." (vigia)
- 4 - "As telhas, fracassou muito a venda de telha. Veio negócio de lajes. Telhas de amianto." (vigia)

2 - A usina... a agricultura de subsistência... os lotesamentos

Antes da instalação da usina, vejamos as relações de trabalho com a terra e como elas se transferiram e mediaram, desde o começo, as relações de produção da usina.

Vimos como, na década de 30, as três formas de ocupação para os trabalhadores locais apresentavam conexões entre si. Embora requeressem processos de trabalho e de produção distintos haviam, entretanto, pontos de contato na

questão da reprodução da força-de-trabalho.(1)

Nesse período, os novos proprietários da fazenda tentaram instalar "negócios referentes a agropecuária". Não deu resultado pois, segundo documentos, teria se deparado com "obstáculos". Depois, surgiu a tentativa de diversificação com loteamentos. Eles viriam marcar a geografia urbana da área, inserindo-a nas novas formas de ocupação e divisão do solo urbano-industrial, que surgiam na década de 30.(2) Contudo, esse processo esbarrava em limitações.

Nos últimos 50 anos, a expansão urbana inseriu a Região de Nova Iguaçú nos novos padrões de ocupação capitalista do solo. Assim, "a 'produção' do espaço urbano se dá, em geral, pela incorporação à cidade de glebas que antes tinham uso agrícola... a valorização da gleba é antecipada em função de mudanças na estrutura urbana que ainda estão por acontecer... O centro principal possui em alto grau todos os serviços urbanos e ao seu redor se localizam as zonas residenciais da população mais rica. Os serviços urbanos se irradiam do centro à periferia, tornando-se cada vez mais escassos à medida que a distância do centro aumenta... De tudo isso resultaria um 'gradiente' de valores do solo urbano... O crescimento urbano implica necessariamente uma reestruturação do uso das áreas já ocupadas."(SINGER. In MARICATO org. 1979, 23 e 29)

Em Mesquita reproduzir-se o mesmo processo: periferização direcionado por "gradientes" de valores do solo urbano. Neste sentido, seu crescimento urbano é um quadro

próximo da descrição feita por Hobsbawm para as cidades industriais inglesas do século XIX: "Tampouco se tratava simplesmente da concentração não planejada daqueles que construíam essas cidades com base na utilidade no lucro financeiro... para seus habitantes pobres, a cidade não era apenas uma lembrança concreta de sua exclusão da sociedade humana. Era um deserto de pedra, que tinham de tornar habitável por meio de seus próprios esforços." (HOBSBAWM, 1978, 81 e 82)

Próximas ao centro de Mesquita há algumas ruas com paralelepípedos e calçadas. Casas bem construídas e bem acabadas contam com os recursos de infraestrutura urbana: água encanada, luz, esgoto, coleta de lixo, telefone, etc. A poucas quadras deste 'centro' começa a os sinais de deterioração. Diminuem os recursos de infraestrutura urbana, até o seu quase total desaparecimento.

Os trabalhadores da usina são diretamente atingidos, por essa escassez de recursos de infraestrutura urbana. Participamos de uma pesquisa da E.N.S.P. - Escola Nacional de Saúde Pública - feita em 1983/4, quando foi aplicado um questionário com todos os trabalhadores da usina. O objetivo era o levantamento das condições de vida e de trabalho - saúde e doença - dentro e fora da usina, seguindo critérios epidemiológicos.(3) Dentro os mais de 350 questionários, selecionamos 146. O critério da escolha foi com base na importância da seção, e na antiguidade do trabalhador no posto de trabalho, ou na usina. Nesse total encontramos:

- 42% - 61 famílias - tem acesso à rede de esgoto;
- 57% - ou 83 famílias - utilizam fossa;
- água encanada alcança 80,1% - ou 117 famílias;
- 13% - 19 famílias - se servem de poço;
- 6,1% - 9 famílias - se utilizam de uma bica externa.

Reproduzem-se, então, certas características que se enquadram na apresentação feita por Thompson para o avanço urbano-industrial sob o capital: "A deterioração do ambiente urbano parecer-nos hoje... uma das mais desastrosas consequências da revolução industrial, sob vários pontos de vista: a estética, as comodidades da população, o saneamento, e a densidade demográfica... Certamente, uma taxa de crescimento populacional sem precedentes e a concentração nas áreas industriais criaram sérios problemas em qualquer sociedade, mas, principalmente numa que se fundamenta na obtenção do lucro e na hostilidade ao planejamento. Podemos considerá-las como problemas inerentes à industrialização, agravadas pela tendência predatória do laissez-faire capitalista." (THOMPSON, 1987, Vol.2, 185 e 189)

Nessa periferia local, as casas denotam o processo de "auto-construção": "um empreendimento que exige grande esforço físico... tem início com 'um barraco'... e prossegue por etapas numa marcha descontínua e longa... se estende por anos a fio... (BEOZZO, 1980, 74, 78 e 81) trabalhando nos fins de semana, ou nas horas de folga, contando com a ajuda de amigos ou parentes." (MARICATO, 1979, 73) Além disso, a auto-construção tem um aspecto co-extensivo. Os mor-

radores contam com a rede de vizinhança e de parentesco, como um contexto de mercado de trabalho para ocupações informais no próprio bairro. Produzem-se, então uma série de "intercâmbios no grupo doméstico", com trabalhos, consertos e reparações. (Cf. NETO, 1982, 44, 45, 46 e 80 a 82) Em meio a enormes sacrifícios, a autoconstrução conduz a um gradativo confinamento da maioria de seus habitantes no bairro.

Os velhos operadores de máquina sem qualificação, moram em casas de autoconstrução. Só um dos entrevistados nesta categoria morava em casa de alvenaria próxima ao centro, com todos os recursos de infraestrutura urbana. Os velhos chefes de seções moram próximo ao centro com acesso, portanto, às melhores condições de vida de Mesquita. Um deles morava num bairro de zona norte - Tijuca - do Rio de Janeiro. Outro possuia vários imóveis em Nova Iguaçu. Mas, isso servia sómente para os chefes "pioneiros". Pois, para aqueles dentre estes que, porém, fôssem mais novos de fábrica, as condições de vida e de moradia eram mais próximas dos operários não especializados e sem qualificações. O crescimento urbano-industrial daquela área, trouxe consigo um processo de estratificação social agudo, refletindo uma segregação intra classe. E, mais uma vez, o quadro encontra paralelo com as descrições dos dois historiadores ingleses. Assim relata Thompson: "A diferença entre o artesão e o trabalhador não qualificado... 'Ao passarmos dos bairros dos trabalhadores qualificados, no Extremo-Oeste, para os bairros dos operários não qualificados, na região leste de Londres..

a mudança, em termos morais e intelectuais é tão grande que temos a impressão de estarmos em outro país, entre outra raça." (THOMPSON, 1987, Vol.2, 80) E segundo Hobsbawm, na primeira metade do século XIX, na Inglaterra: "o desenvolvimento urbano foi um gigantesco processo de segregação de classe, que empurrava os novos trabalhadores pobres para as grandes concentrações de miséria alijadas dos centros de governo e de negócios, e das novas áreas residenciais da burguesia." (HOBBSBAUM, 1977, a, 224)

A intensificação da estratificação social do espaço urbano na região de Mesquita, a partir da década de 50, foi acompanhada por um processo de estratificação no interior da usina, baseado na qualificação e antiguidade.

Ou seja, há pontos de contato entre, a estratificação social do espaço urbano, e a divisão do trabalho dentro da usina. A presença, e importância, destes aspectos são relevantes para a História Oral quando esta considera, segundo Daniel Mercure, que trata-se de "resgatar elementos da situação – idade, família, trabalho, recursos financeiros, nível de instrução e meio de vida – suscetíveis de condicionarem, num grupo dado, condutas temporais e atitudes particulares em relação ao tempo... Assim, entre classes de idade ou entre gerações é possível encontrar oposições nas concepções de história e do devir, nas interpretações do passado, e mesmo nas atitudes em relação ao progresso. Tais faltas de sustentação nos modos de representação do tempo, podem muito bem ser a fonte de numerosas tensões. Num segundo nível, as

distorções temporais podem aparecer por causa da coexistência, numa mesma formação social, de diferentes instâncias - econômica, técnica, religiosa, política, etc. - que conhecem modalidades de tempo dessemelhantes." (MERCURE, 1975, 271/74)

Entre a usina e a sociedade, o tempo de trabalho - antiguidade e permanência no posto - é um dos eixos fundamentais. Por meio dele, os operários norteiam as articulações que estabelecem entre o espaço urbano e o espaço fabril. "O ritmo das inovações técnicas em nossas sociedades industriais tem atenções voltadas de forma diferente para a rapidez com a qual ocorrem as mudanças de mentalidade... D onde somos conduzidos a colocar um problema de corte: aquele das ligações aparentes e das relações não imediatas, das distorções múltiplas e dos ajustamentos, das contradições possíveis e mesmo dos conflitos latentes, ou manifestos, entre diferentes tipos de temporalidade." (Idem, 272 e 273)

Estes componentes - elementos da situação e ritmo das inovações técnicas, vividos por gerações distintas e em contato, exigindo um controle da questão do corte que considere a presença nêle das distorções temporais - constituem o pano-de-fundo capaz de um melhor entendimento do processo de elaboração da memória dos trabalhadores.

Neste sentido, devemos considerar as especificidades da autoconstrução em Mesquita em 1930. Havia limitações na ocupação do solo urbano periférico, adicionais a todas as dificuldades que o modelo contém. (4)

Vimos como, o loteamento visava instalar uma nova

fase de exploração capitalista do solo na região.

Poderíamos partir da "autoconstrução" para abordarmos a ocupação do solo e a reprodução da força-de-trabalho na área da usina. Mas a presença de áreas de agricultura de subsistência, então existentes, devem ser consideradas. Seja para o entendimento das limitações físicas à ocupação urbana do solo, ou para a questão da reprodução da força-de-trabalho.(5)

O toteamento urbano tem detalhes esclarecedores para a formação da força-de-trabalho da usina. Informalmente existia há mais de vinte anos, e alcançou os primeiros anos da fábrica. Mas para os primeiros trabalhadores da usina, o toteamento não contribui para inseri-los no salariato que tivesse a usina por eixo.

Segundo Marx, a existência do salariato - cobrindo desde o trabalho na usina até as formas de existência fora dela - é sustentada por três fatores interligados:

- 1 - a dificuldade do trabalhador adaptar-se à disciplina fabril;
- 2 - a manutenção do salário em termos adequados à valorização do capital e;
- 3 - a propriedade privada capitalista com base na exploração do trabalho alheio formalmente livre.(Cf. MARX, 1984, 275, 277 e 293)

Traduzindo esses fatores em termos de Sociologia do Trabalho teríamos então que: "O salariato organiza a sociedade cada vez mais em seu conjunto,... Evolução... forte-

mente contraditória... A relação salarial é recusada por uns como subordinação, dependência, insegurança, ausência de promoção individual; desejada por outros como modo de rendimento que escapa aos imprevistos da pequena propriedade e que preserva o trabalhador das repercussões das flutuações dos preços dos produtos... O salariato surge ainda ai como uma operação geradora da nossa sociedade. Ele exige o trabalhador livre, e age no sentido da sua libertação... a libertação que o salariato trouxe aos trabalhadores, libertos de sujeições arcaicas, foi, e continua a ser, um fenômeno contraditório."(ROLLE, 1978, 221 e 228)

O caráter contraditório do salariato na usina foi mais forte nos primeiros anos. A órbita do salariato do operário estava centrada na relação com a terra - grandes propriedades e sítios arrendados - e nas olarias. Girava em torno da herança de relações de trabalho e de produção desses setores, já decadentes. Sua existência escorava-se, portanto, nos excedentes que suas famílias retiravam das áreas de agricultura de subsistência. Ao mesmo tempo, o loteamento nos moldes do desenvolvimento urbano capitalista, contribuía para uma gradual redução destas áreas. Muitos moradores de Mesquita tentaram, mas não conseguiram, participar das áreas loteadas. E, paralelamente, viam diminuir as áreas de agricultura de subsistência. Vejamos quais as repercussões desse processo, para os operários da usina.

O memorial dirigido ao registro de imóveis de Iguacú, de março de 1938 registra que nos 9 dos 11 milhões

de metros quadrados "grande parte está arrendada a diversos
ex siti entes para exploração de fruticultura". O loteamento lo-
calizou-se, exatamente, nos restantes "dois milhões de me-
tros quadrados em terrenos planos". No decorrer desta expan-
são, o capital gerou um personagem muito específico: o "gri-
Jeiro". Essa figura seria parte integrante, desde então, das
formas de crescimento do solo urbano industrial. Sua presen-
ça é constante nesse processo.⁽⁶⁾

No área loteada havia controle e restrição das
atividades voltadas ao aproveitamento dos recursos natu-
rais.⁽⁷⁾ Mas, atrás do "zélo" preservacionista havia um in-
teresse: resguardar o monopólio de exploração dos recursos
naturais para uma olaria, instalada ali há muitos anos.⁽⁸⁾ Parte da população local vivia, desde o início do século, da
extração de lenha fornecida às olarias. Estas atividades
predatórias foram sempre, formal ou informalmente, estimula-
das. Embora nos documentos consultados houvesse sempre algu-
ma referência a "protecção aos mananciais existentes".⁽⁹⁾

Em Janeiro de 1946 - cinco anos após a instalação
da usina - a Sociedade Imobiliária Horácio Lemos Cia Ltda
deposita em cartório: "o memorial, plantas, títulos de
propriedade e demais documentos relativos ao loteamento, pa-
ra a venda à vista ou em prestações, de duas áreas de terre-
no de sua propriedade, ambas denominadas 'Vila Santa Tere-
zinha', designadas por áreas A e B, desmembradas da Fazenda
Cachoeira, sitas em Mesquita".

O loteamento começava "próximo à Estação de Mesquita, único local de embarque e desembarque de passageiros, acompanhando o leito da Estrada de Ferro Central do Brasil". A área A constituiu-se de 332 lotes com um total de 167.500 metros quadrados, com uma topografia descrita como "ora plana, ora elevada, predominando, todavia, a primeira". A área B tinha 1.313 lotes e 987.557 metros quadrados de "terreno plano, com ligeiras elevações".

Em 1949, surge mais um loteamento na área plana. Outro grande proprietário inicia "o reloteamento de lotes de terreno" visando; a) "auterir o maior número de lotes, visto que os lotes antigos eram de grandes proporções"; e, b) "igualar a loteação com o loteamento de seu vizinho, conseguindo así prosseguimento de ruas e outras vantagens para o local".

Entre os dois loteamentos haviam duas indústrias. Uma fábrica de guarda-chuvas que existe ainda hoje. E uma oficina para reforma de vagões ferroviários. Esta desapareceu na década de 50, quando o surto desenvolvimentista privilegiou as rodovias. A usina foi instalada, inicialmente, num pequeno galpão ao lado desta última e entre os dois loteamentos.

A venda de terrenos, feita desde a década de 30, é intensificada nos anos 40. Surgem então os primeiros processos jurídicos, demonstrando as dificuldades dos habitantes em se tornarem proprietários de lotes de terrenos. Entre Janeiro de 1945 e Abril de 51 encontramos uma sucessão de in-

timações, execuções e cancelamentos de contratos de compra e venda de terrenos.(10)

Dentre 176 compradores, sómente cinco saldaram seus débitos. Portanto, 171 pessoas perderam seus lotes de terra por atraso no pagamento das prestações. Algumas delas não conseguiram, sequer, começar a pagar o terreno.(11)

As duas áreas - A e B - do loteamento Santa Terezinha tinham um total de 1.645 terrenos. Os processos consultados referiam-se sómente a estes últimos. Logo, as 171 pessoas que vieram a perder seus terrenos neste período, representam mais de 10% daquele total. Destes, 145 tinham "residências ignoradas". Além das dificuldades na aquisição de um espaço no solo da área urbana, as pessoas ficavam à mercê da impunidade dos capitais dedicados a esse tipo de exploração. Reproduzindo-se, portanto, a descrição de Filippina Chinelli: "... quando surgiram os primeiros loteamentos, as exigências legais praticamente inexistiam... tanto no que diz respeito ao tamanho mínimo dos lotes, quanto às obras de infra-estrutura básica, são transgredidas em algum grau, na maioria dos loteamentos destinados aos setores populares." (CHINELLI. In, VALLADARES. Org. 1989, 53) A expansão dos loteamentos era feita no papel, sem considerar quaisquer aspectos das condições concretas do solo. Na medida em que aqueles iam surgindo, as modificações eram feitas arbitráriamente. É o que encontramos ao termos o "memorial descriptivo de plano de modificação parcial de posição e dimensões de 17 lotes de terrenos situados na Vila Santa Terezinha, em

Mesquita". Nele encontramos que: "A modificação introduzida nos referidos lotes foi determinada apenas (1) por ter sido encontrada à frente dos mesmos uma grande rocha (pedreira), que impedia a abertura da rua Bahia no local onde fôra inicialmente projetada..."

Muitas vezes, o próprio trabalhador era obrigado a resolver os problemas do solo. Segundo o vigia:

"Aquilo ali tudo foi loteado pela fazenda. Então, estava tudo parado. Talvez estivessem esperando algum aumento. Um senhor que era encarregado, que morava aqui no Banco de Areia, falou para mim: 'Seu José, se o Sr. quizer ir morar no Banco de Areia, lá tem um loteamento. Posso levar o Sr. lá (12) Eu procurei o terreno mais ruim que eu podia ter comprado. Mas, o homem queria vender a parte mais inferior, para depois vender a de lá que era mais fácil! Então, ele veio me empurrando 'câ pros fundos'. Cheguei aqui, encontrei foi um 'abacaxi'. Para poder botar coisas para fora. Fazer vala funda. Para fazer a casa, cavou o terreno. A rua ficou lá no alto, e a casa ficou cá embaixo! Tive que fazer escada para entrar. Em 47." O loteamento é um importante veículo, estimulador e propagador da ideologia da propriedade privada. (13) Mas, quais as condições de enquadramento da região de Mesquita, na década de 40, neste processo?

A autoconstrução exigiria uma estratégia capaz de

articular, ocasionalmente, os seguintes recursos: "... elevação ocasional de seus recursos monetários... cômodo cedido na casa de parentes... F.G.T.S., 13o. salário, venda de férias, biscoates, venda de um barraco na favela..." (BEOZZO, op.cit. 79)

Naquele momento inexistiam alguns destes recursos: F.G.T.S., 13o. salário. Outros também pouco prováveis: venda de férias e venda de um barraco na favela.

Reduzidas as possibilidades alternativas de uma atuação "estratégica", haveria sobrecarregas das alternativas restantes. Essa redução atingia, naquele momento, principalmente, os produtos de subsistência. Isso aumentava a importância dos familiares, parentes e vizinhos na manutenção das condições de vida e na reprodução da força-de-trabalho. O trabalho deles nos sítios de agricultura de subsistência era, portanto, fundamental. Segundo o vigia da usina:

"A fazenda arrendava sítios para eles, lá naqueles morros. Arrendava para pagar assim nas colheitas. Comprava, colhia, e vendia. E iam pagar à fazenda aquela renda que cobravam deles. E eles ficavam lá, até até quando quisessem. Lá no morro dá batata, muita banana, muito aipim. Feijão! Tinha! Muitos! Ainda tem! Pessoas que tinha sítios lá para cima, e trabalhavam na fábrica. Tinha um que trabalhou muito tempo comigo. O pai dele tinha um sítio arrendado, e trabalhou também na laminacão. Muitos que moravam lá naqueles sítios arrendados,

e vinham trabalhar na laminação. Os próprios filhos e esposa, ficavam lá tomando conta do sítio. Eles mesmos zelavam por aquilo. O cara trabalhava cá. Os tempos que ele tinha, de horas vagas, ele ajudava lá."

Não temos dados a esse respeito mas, podemos imaginar as alterações sofridas pela dieta alimentar. Esta não deve ser vista, somente, como o efeito do processo de inchamento da cidade com as levas de imigrantes, que deterioravam a saúde da população. Mas, um pouco mais além disso, tais condições estão próximas da abordagem de Hobsbawm, para quem, "a simples mudança da dieta alimentar tradicional do homem pré-industrial pela mais austera do industrial e urbanizado era capaz de levar a uma alimentação pior." (HOBSBAUM, 1977, a. 227)

O processo de urbanização apenas iniciava-se na região. A população ainda encontrava alguns recursos naturais. Algumas coletas eram feitas, adicionando complementos alimentares às suas necessidades.(14)

A área de coleta ficava junto da própria usina. Confundia-se com a área desta última e era contemporânea dos primeiros anos de funcionamento da fábrica.(15) Só desapareceria na década de 50, quando sua área física sofreu grande aumento - vertical e horizontalmente - com a construção de novos galpões.(16) Então, além de apropriar-se dos produtos da agricultura de subsistência a usina buscou, também, inserir os recursos naturais existentes no terreno da usina na

órbita do salariatô.⁽¹⁷⁾

Não é possível saber, com precisão, o valor destas áreas de coleta para a alimentação dos trabalhadores. Certamente não era desprezível, considerando os atritos latentes surgidos entre os trabalhadores, em torno do aproveitamento daqueles produtos.⁽¹⁸⁾

Há outro aspecto no modelo de autoconstrução inexistente na época. Segundo esse modelo, os dispositivos e normas legais relacionadas à família poderiam, quando não estimular a sua constituição, pelo menos preservar a sua existência. Pois, por meio de alguns instrumentos jurídicos previstos para a família, os trabalhadores teriam acesso a certos benefícios do Estado. Muitos destes dispositivos não vigoravam quando a usina foi instalada na década de 40. Ainda que houvesse interesse pessoal dos trabalhadores em procurar uma "parceira" permanente, isso não era tratado com muita seriedade e empenho.⁽¹⁹⁾

Junto da restrição de estratégias alternativas, as jornadas de trabalho nos setores secundários existentes eram extremamente longas e extenuantes. Neste sentido, os produtos destas áreas de subsistência tinham mais importância.

Em suma, os trabalhadores da região onde se instalou a usina não contavam, nos anos 40, com todas as estratégicas do modelo da autoconstrução. Premidos por jornadas de trabalho que não respeitavam fins-de-semana, eles tinham na produção dos familiares e parentes nos sítios arrendados, a sua complementação alimentar.

Decorre daí, a importância destas áreas de agricultura de subsistência, quando da instalação da usina. E não foi imediatamente que essa importância diminuiu. Devemos buscar, portanto: como e de que forma essa relação com a agricultura de subsistência se fez presente nas relações de produção e de trabalho na fábrica. Como ela orienta a visão de mundo fora da usina, e no interior dela, delineando muitos aspectos de suas relações de trabalho e de produção.

Essa relação com o solo, por meio da agricultura de subsistência, está presente na percepção dos trabalhadores. Faz parte dos instrumentos de dominação, controle e exploração da força-de-trabalho, atuando nas suas concepções e atitudes, e balizando muitos aspectos na sua interpretação cotidiana na usina e fora dela. Assim, "o tempo tornar-se uma mercadoria determinante na circulação das mercadorias, é um valor material e espiritual... erigido como imperativo da moral social e individual... novos ritmos de trabalho e de vida... a metamorfose do tempo é um componente fundamental das novas formas de dominação." (DEBOUZY, 1979, 198 e 220)

Em termos de memória, não há uma linha demarcatória rígida entre o "tempo" da agricultura de subsistência e aquele da usina. Para chegarmos a um ou outro, partimos do pressuposto do entrecruzamento deles na memória. O que não implica dizer que estejam associados. Por isso em alguns casos individuais, podem ter sido vividos de maneira bastante distinta. Tal articulação, é um aspecto fundamental portanto, para entendermos a questão da memória destes trabalhado-

res. Pois, segundo Daniel Mercure: "Variações importantes nos comportamentos e atitudes no que diz respeito ao tempo, segundo as categorias sócioprofissionais... diferenças marcantes nas maneiras de organizar e de dominar o tempo... cada um desses grupos deve compor em sua vida cotidiana com um conjunto de tempos diferentes, donde a necessidade de ajustamentos frequentes... diferenças importantes entre os horizontes temporais de operários recentemente instalados numa região, e aqueles dos camponeses longamente arraigados em seu meio rural. Cada qual... tem horizontes temporais distintos, notadamente no que diz respeito à reconstrução do seu passado." (MERCURE, 1975, 267 a 270)

Antes disso, vejamos como estava a usina em 1984/85, quando fizemos as entrevistas. Quais as condições de trabalho geradas pelo capital para os trabalhadores nestes mais de 40 anos?

NOTAS

1 - Os laços de trabalho com a sazonalidade dos laranjais, marcaram a lembrança de um operário contemporâneo: "Barração de laranja era só seis meses." (operador de laminador)

2 - "A exploração ampla e geral da Fazenda Cachoeira, que consistirá, sobretudo, em continuação do que já vem sendo feito na venda de suas terras em lotes e sítios, à vista e a prestações". (documento cartorial)

- 3 - O método epidemiológico tem início na Inglaterra, na segunda metade de século XIX. O médico John Snow procurou estudar as razões de um surto de cólera, ocorrido em Londres em 1855 e que matou mais de 500 pessoas em menos de 10 dias. Configurou-se então, a correlação entre os três elementos da investigação epidemiológica: agente da enfermidade, hospedeiro humano e meio ambiente. Com Snow, a medicina clínica – que se reduzia a uma relação entre hospedeiro humano e agente da enfermidade – passou a ser associada à medicina preventiva – relação entre hospedeiro humano e meio ambiente – e à medicina do meio ambiente – que considera a relação entre, agente da enfermidade e meio ambiente. A medicina passa a associar, as mudanças no conhecimento científico e na tecnologia – endógeno – com as mudanças sociais – exógeno – trazidas pela Revolução Industrial. Essa ruptura epistemológica do conhecimento médico, não se deu sem fortes resistências. Estas partiam, não somente de dentro da medicina, através de médicos representantes dos setores mais conservadores da sociedade, como destes próprios setores, através do controle e exploração das péssimas condições de vida da população, e sua manipulação por meio da opinião pública. Cf. ROZEN, 1980. Capítulos: 4 e 12. MCOE, 1979. MCKEOWN, 1981. DUBOS, 1969.
- 4 - Um dos mais antigos operadores de máquinas nos disse: "Mesquita era bem atrasada. Não tinha quase nada. Por-

que aqui tinha era o que? Uma construtora de endireitar vagão. Muito tempo depois, apareceu essa fábrica." (Operador de laminador)

- 5 - As favelas seriam um capítulo novo neste processo de seleção-estratificação do solo urbano. Elas contribuirão para uma maior divisão, no seio destas camadas urbanas desprivilegiadas: há uma diferença no valor do solo entre os lotes das áreas periféricas e os de favelas. Os últimos, encontrando-se próximos dos bairros de classe média e alta - significando melhores e maiores possibilidades de trabalho, empregos cubiscates mais bem remunerados - são mais valorizados. (Cf. VALLADARES Op. cit.74) Esse processo de diferenciação ganha impulso na década de 50, com a chamada segunda etapa da industrialização. (Cf. MARICATO, Op.cit. 83)
- 6 - Em agosto de 1949, o grande proprietário do loteamento envia ao Juiz um documento onde se lê: "Em todos os atos e documentos acima enumerados, sem discrepâncias de um siquer, sempre usamos a firma de nossa razão social e em nenhum deles se encontrará a firma individual de nosso gerente, salvo nos instrumentos públicos". E mais à frente, no mesmo texto: "No que respeita ao loteamento propriamente dito não devemos nos esquecer do objetivo do legislador, que outro não foi senão o de garantir os compradores de lotes em prestações contra vendedores inescrupulosos e espertalhões, notadamente os 'grileiros'."(documento cartorial)

- 7 - Na cartilha para anotar as prestações pagas, o proprietário encontrava no parágrafo 1º: "O comprador não poderá, no terreno objeto do contrato, montar oficina, tirar barro ou areia, salvo com consentimento expresso da Vendedora, nem efetuar quaisquer obras ou trabalhos que prejudiquem a vizinhança em sua tranquilidade e saúde." (documento cartorial)
- 8 - No primeiro documento de compra e venda de 1915, encontramos, : "as terras... não estão em matos, pois, estas desapareceram inteiramente com o fabrico de carvão e exportação de lenhas". (documento cartorial)
- 9 - Alguns documentos descrevem o enorme e "abnegado" esforço de preservação do grande proprietário: "com grande dispêndio visto a invasão constante que sofre a mesma pelos devastadores de mato". (documento cartorial)
- 10 - Do levantamento feito, temos:

Jan: de 45: edital de intimação p/ 4 compradores		
Abr: " " : " " " " " 2 "		
Out: " " : intimação " 13 "		
Nov: " " : " " " 30 "		
Jan: " 46: cancelamento " 12 "		
Maio " " : intimação " 66 "		
Nov: " " : " " " 2 "		
Maio " 47: " " " 22 "		
Dez: " 47: cancelamento " 17 "		
Abr: " 51: intimação " 8 "		
Total	176	"

- 11 - Na intimação de Maio de 47, das 22 pessoas, seis delas adquiriram seus lotes em meses de anos anteriores. A emissão da intimação havia sido feitas em Maio de 47 e uma delas devia 44 prestações, desde Fevereiro de 43. Outro não pagou nenhuma das 31 prestações referentes ao lote comprado em Dezembro de 44. Ambos tentaram ser proprietários na Rua da Verdade! Dos 171 que perderam seus lotes, cerca de 145 aparecem nos documentos com "residências ignoradas". Antes dali não habitavam em lugar nenhum! Tentaram existir como habitantes-cidadãos mas, esbarraram numa outra "verdade", anterior e bem mais forte do que a designação da rua! Segundo um trabalhador da usina, dos poucos que conseguiu adquirir terreno ali: "Aí, aqueles coitados que perdiam, perdiam mesmo! Era baratinho, mas não podiam pagar!" (vigia)
- 12 - "... atuação do morador-corretor... sendo principalmente através de redes de parentesco e vizinhança - das quais ele faz parte - ser-lhe-á muito mais acessível o recrutamento de compradores potenciais." (CHINELLI, In, VALLADARES, Org. Op. cit. 59.)
- 13 - "... o autoconstrutor se insere no estrato dos proprietários urbanos, e esse fato... realimenta a crença de que o direito legal à propriedade é um direito incontestável e reforça o seu valor como aspiração incondicional, contribuindo assim para reforçar o sistema da propriedade privada." (BEOZZO LIMA, Op. cit. Pág. 90.) Apesar dos atrativos, - não estar vinculado aos progra-

mas habitacionais oficiais, permitindo uma certa informalidade com o vendedor (CHINELLI, Filippina - Op. cit. Pág. 66.) - os moradores, ou pretendentes, de tais lotes em áreas periféricas enfrentam um conjunto de dificuldades burocráticas. Estas são reforçadoras do sistema de propriedade privada. E, também, muito exaustivas. É o que vimos durante nossa pesquisa no cartório de Nova Iguaçu. Muitos compradores de lotes e terrenos são submetidos a um exercício de longas e frequentes idas e vindas ao cartório. Depois das extenuantes caminhadas - pois geralmente vinham de pontos distantes do Município, onde os deslocamentos são sempre difíceis e demorados - estas pessoas tinham de estar munidas, também, de muita paciência para a "busca". Esta é a denominação dada ao levantamento dos eventuais impostos anteriores, pagos ou não, sobre o lote pretendido. Tal "busca" é sempre lenta. A demora chega, em certos casos, a meses ou anos. Trata-se, portanto, de um verdadeiro ritual onde cada caso individual mantém, e reforça - ainda que por meio de um esgotamento físico e psicológico! - o valor e significado político-ideológico da propriedade privada na consciência dos trabalhadores. Neste sentido, os cartórios são instrumentos burocráticos eficazes - extremamente desgastantes! - no uso da posse da terra como componente da reprodução das relações de produção capitalistas. Os trâmites de legalização de posse do terreno ou lote, são os veículos

desse processo. Os mapas e documentos escritos, rasgados e amarelecidos, são manuseados ou abertos diante do pretendente, transformandose em instrumentos de transmissão física dos valores político-ideológicos que giram em torno da posse da terra. Obviamente, depois de certo tempo, tanto os funcionários do cartório quanto o eventual comprador estão bastante irritados, mal podendo se verem!

14 - Alguns depoimentos sobre isso tem um tom bucólico. Ie-
nos revelam, também, como a urbanização-industrializa-
ção desordenada trouxe a destruição destes recursos:
"Ali tem um córrego que passa ali nos fundos. Aquilo
ali tinha até peixe. Depois é que acabou. Tinha água
ali pra chuchú! Aquilo era um riacho mesmo. Tinha peixe
ali pra chuchú! Pegava até peixe ali! Depois é que
com esse negócio dessa poluição, ai foi acabando. Foi
matando os peixes todos. Aquele remédio, aquela química
da laminacão acabou com tudo. Ali daquela fábrica de
guarda-chuva, acabou com os peixes todos."(vigia)

15 - "Aqui não tinha nada. Isso aqui era uma cerca de arame
farpado. Não tinha muro. Não tinha nada aqui quando eu
comecei. Ali tinha pé de tudo, laranja, mamona. Ali na
caixa d'água também, Ali era uma bagunceira danada!
Cheio de pé de banana, mamona, taranjeira. E por ai
afora." (encarregado dos fornos) "Ali daquele lado,
onde tem aquela parte de tubo aquilo tudo era planta-
ção. Era de tudo que era lavoura: banana, batata, abó-

bora, inhame." (operador de laminador)

16 - "... mais de cinco anos. Só limparam aquilo quando foi crescendo a companhia. Ali foi que parou. Porque não tinha mais lugar pra fazer, e eles foram obrigados a acabar com aquilo." (operador de laminador)

17 - "Tratavam pra dar pra nós. Mandavam apanhar. Botava todo mundo pra tirar, pra tratar e dava pra nós. Mandava apanhar e dava pra nós." (operador de laminador)

18 - O depoimento de um dos mais antigos operários da usina resgata estes aspectos, e, paralelamente, indica a importância dessa área de coleta para o próprio capital: "Tinha! Ali onde é a seção de tubos onde é a casa de força. Aquele pedaço ali todo era um brejo. Tinha inhame. Tinha taioba. Tinha bananeira. O pedaço para lá da galvanização ali na beirada, encostado àquele galpão ali era laranjal. Onde é a oficina era só laranjal. Tinha pé de manga. Tanto que o falecido (patrão) mandou fazer uma cerca porque o pessoal estava avançando na laranja ainda verde! Ele mandou fazer uma cerca e botou um aviso lá: 'Essa fruta é para os operários'. Deixa amadurar! Deixa amadurar! Quando estiver maduro, alguém vigia vai, apanha uma cesta de laranja, uma cesta grande e na hora do almoço vai distribuir para os operários dar para os operários. Sobremesa! Quem trabalhava de noite tinha a frutazinha para chupar. Ia lá, apanhava e distribuia: 'Quem quer laranja?' Banana? Banana prata, ouro, e essa banana d'água, vinham dali. Ali era um

brejo. Quase rente com o rio." (operador de laminador pequeno e limpeza)

19 - Assim, segundo o relato de um dos primeiros operários da usina: "... essa que foi minha esposa, que ela começou a trabalhar lá. Eu namorei ela lá. Fiquei noivo duas vezes. A primeira vez, desmanchei. Depois, voltei de novo. Na terceira vez, eu disse pra ela: 'Olha, macaco que pula muito de galho em galho, um dia o galho quebra. Vamos amarrar logo para ver, e casar. Quer?' Ai casamos." (operador de laminador e limpeza)

Capítulo segundo... As heranças de 40 anos de usina.

Segundo Paolo Rossi, "é somente na metade do século XVI, em correspondência com o crescimento da riqueza urbana e a vitória da vida urbana sobre a camponesa, que se nota a necessidade de uma medida mais exata do tempo." (ROSSI, 1988, 43) Podemos ver a usina em Mesquita, desde a década de 40, da mesma forma. Sua instalação, com novas máquinas e novos processos de trabalho e de produção, contribuiriam para alterar a concepção de tempo entre os moradores daquela área. Tais transformações iriam adorlar de nostalgia e certo bucolismo, o fio da memória descritiva de alguns trabalhadores sobre aquele período. Quando começaram as mu-

dâncias urbanas, Mesquita era lembrada como: "Antigamente era pequena. Era uma cidade pequena. Agora não! Agora, isso aqui é um mundo". (chefe do D.P. aposentada)

As primeiras máquinas da usina começaram a funcionar em meio a esse "mundo", onde "o pessoal gostava muito de Tavoura". Assim, enquanto o laranjal "foi acabando, acabando", a área industrial da usina se ampliava diversificando o maquinário, e contratando quase quatrocentos de operários.

Esse capital industrial instalou-se ali nos anos 40, à sombra da decadência de relações de trabalho e de produção predominantemente voltadas para a ocupação da terra ligada à grande propriedade capitalista de exportação. Articulava-se a um processo pré-existente de exploração da força-de-trabalho, contando com uma mão-de-obra de uma área isolada. Aqueles primeiros operários não tinham contatos com outros companheiros da categoria. E, também, raros laços profissionais com atividades metalúrgicas.

Essas características – isolamento físico e sócio-profissional – ao lado da dominância paternalista predominante na usina, contribuiram para dificultar o trabalho do sindicato da categoria na fábrica. Na década de 60, o sindicato dos Metalúrgicos de Nova Iguaçu surgia, desmembrado daquele do Rio de Janeiro. A proximidade sindical não alterou a visão e expectativa assistencialista dos trabalhadores. A força da mediação paternalista do capital, reduzia a participação dos companheiros no sindicato a uma interpretação estreitamente oportunista. O representante sindical na usina,

tinha dificuldade em validar as poucas conquistas como resultado da luta dos próprios trabalhadores. Além das dificuldades colocadas pelos patrões, esbarrava em comentários difusos e de pouco caso emitidos entre os operários. Tais comentários, quando não partiam dos velhos operários recebiam deles algum amparo. E eram êles que tinham, exatamente, a maior influência e ascendência sobre os trabalhadores.

Esses velhos operários descrevem o passado com nostalgia e bucolismo. Apesar disso, êle traz uma marca: a mudança na notação do tempo. A "orientação ao que fazer", predominante quando os sítios de subsistência coexistiam com as grandes lavouras e olarias, começava a ser tomada pelo trabalho regulado por horas. Os trabalhadores começavam a viver o conflito entre aquela orientação e o trabalho por relógio. Para este, gradativamente, aquele tipo de trabalho iria se configurando como antieconômico. Máquinas tornam mais próximos, e constantes, a disciplina e o hábito de cálculo. (Cf. THOMPSON, 1979, 245, 264 e 265) É no conjunto da introdução destas transformações, que devemos circunscrever a nostalgia e o bucolismo presentes em alguns depoimentos. O efeito das mudanças se repercutiu em valorizações subjetivas presentes na memória. Não desprezar tais valorizações é importante, na reconstrução o mais exata possível do passado dos trabalhadores da usina. Retornaremos a isso mais à frente.

Neste ponto queremos retomar que, em pouco mais de quarenta anos, a usina tornou-se a maior fábrica daquela área. É uma das maiores do Município de Nova Iguaçu.

Aumentou a presença do capital industrial neste "mundo" rural. O peso desta expansão na sociedade podem ser percebidos de duas maneiras: 1a) o efeito da crise socio-econômica de 1983/84 entre os trabalhadores, e suas reações diante das mudanças da estrutura de controle fabril em virtude de alteração de capital, e; 2a) a falta de manutenção do maquinário em seu processo de obsolescência e desgaste, e a consequente intensificação da exploração, desvalorização e desqualificação da força-de-trabalho.

1 - A crise de 1983: desemprego, patrões, caem do céu... ou conflito...

Em 1983 trabalhavam na usina, aproximadamente, 350 operários. A crise, com as constantes oscilações de despedir e contratar, impede um número preciso e estável. Em outubro de 84, no auge da crise, 127 foram dispensados. O processo acentuou-se em agosto, estendendo-se até janeiro de 85, quando mais 35 foram atingidos. Em fevereiro deste ano haviam menos de 90 trabalhadores na produção. Foram afastados mais de 250 de todas as seções. Nesse processo, apareciam os sinais dos laços de dependência e subordinação dos trabalhadores com a fábrica. A crise expos o grau entrelacamento forçado de suas vidas com os destinos da usina, construído com o trabalho deles mesmos no decorrer destes anos.

As referências àquela fase expõem a dependência:

"Trabalhava há três anos quando fui despedido. A mulher ficou doente. Gastei o que não tinha!"
 (auxiliar de laminador pequeno)

Nesse momento, soou a siren da hora de almoço. O operador do laminador - mais antigo operário da usina - ensinava àquele auxiliar o ofício. Então, parou a máquina com a alavanca, olhou para él e comentou:

"Está chorando?"(1)

Crise, desemprego e endividamento caminham juntos. A fusão dos tres contribui para emergir o agiota. Sua origem é operária. Durante anos trabalhou no laminador maior e mais pesado, uma máquina que os operários consideram difícil e perigosa. Aposentou-se conhecendo as ameaças, perigos, dificuldades e inseguranças existentes no trabalho com aquela máquina. Isso lhe conferiu uma aura aristocrática no processo de trabalho. Sua presença era quase diária, à espera da saída dos trabalhadores em um dos três pontos estratégicos: no portão da fábrica, num bar próximo da esquina ou na padaria. Os trabalhadores sabiam que o encontrariam num deles. Eram os seus "guiches".

O agiota era conhecido de todos, e vice-versa. As "operações", sempre informais, eram respaldadas pelo conhecimento calcado em toda rede de relações de trabalho, dentro e fora da fábrica. Na hora do almoço, quando era encontrado com mais frequência, os negócios se faziam. Os operários estavam conversando na padaria ou na sinuquinha do bar.(2)

A metamorfose desse homem começou na usina. Esteve

sempre, diretamente ligada às condições dos trabalhadores. Sua astúcia e argúcia financeira, cresciam alimentadas, proporcionalmente, pela desvalorização e desqualificação dos operários.(3) O conhecimento informal, orienta a relação do agiota com seus eventuais clientes. Na relação com êles, o argumento proselitista tem espaço: os patrões não reconhecem sua importância para os operários. Justificando sua presença na procura laços de identidade e abnegada compreensão com as condições dos trabalhadores da usina:

"O - engenheiro - não gostava de mim. Eu era operário e tinha carro melhor que o dele. Eles não gostam. Não querem ver operário bem! Quer ver mal. Agora, estão me chamando. Para que vou trabalhar? (é! E além do mais, quem ficaria no seu lugar, afi fora?) Você sabe né! O cara quanto mais ganha, mais quer ganhar! O cara ganha mais e gasta mais. (E como lá dentro eles não ganham o suficiente, você - no supremo sacrifício da abstinência! - está pronto, afi fora, a Ihes fornecer o que Ihes faltal) E afi, não paral... Se eu entrar ali não vou sair mais! Quer ver! O Owaldo tem tres pecúlios, e está aposentado e tem o salário! Outro que vai morrer lá é o Manoel. O Lino também. O Zé Brun também! (é! A ambição deles sustenta e produz a sua abnegação!)

Finalmente, o benemérito agiota nos revelou o "posto" mais atraente ocupado nos últimos anos na usina:

"A antiga diretoria não gostava de mim. Porque o pessoal ia pedir vale, e quando não tinha eu emprestava."

Meia hora depois do trabalho ter recomeçado à tarde, voltamos à usina. O agiota não estava lá dentro. Mas, todos sabiam onde ficava aquele guichê fantasma, para às custas de saúde e miséria, engordar o magro envelope recebido no guichê do salário.

Assim, no dia seguinte, lá estava o agiota na hora do almoço. No bar, ao lado da usina, despedia-se do mais antigo operário da usina. Este afastava-se pondo um maço de dinheiro no bolso. Em troca, um tapinha nas costas e um largo sorriso do agiota! Um grupo de operários estavam ali naquele momento. Aquele velho trabalhador aposentado estava na usina há 44 anos! Sua permanência não corresponde àquela imagem de aposentados ambiciosos, feita pelo agiota. Continua ali para tentar "colocar" o filho, desempregado e casando, na fábrica. O "velho" talvez morra na usina. Não por ambição. Mas, para conseguir um trabalho para seu filho, e o sustento de seu neto.

O guichê do salário na fábrica não é distante daquele do agiota. A proximidade entre eles é feita pelas mãos dos próprios operários, que se estendem para um ou outro, num movimento orientado pelas desvalorizações frequentes no processo de trabalho. Esse pêndulo se acentua quando ocorrem arranhões, cortes, perdas de dedos, esmagamentos e mesmo de separação de todo o órgão.

Veremos como isso foi garantido aos operários nestes quarenta anos. Diante desse quadro de instabilidade salarial e de emprego, a ironia é o recurso do operário.

Um dia, na portaria, o vigia perguntou ao "cobertor" - era o apelido, porque trabalhava de madrugada com um cobertor nas costas, por causa do frio - se ele estava trabalhando, e em que firma. Ele disse:

"Estou! Na 'Dias Parado'. é uma companhia que a gente só vai se quiser. Ela não põe ninguém na rua!"

Outro operário, ainda trabalhando na usina, também emprestava dinheiro aos companheiros. Estes não o viam, contudo, da mesma forma que o agiota externo. Quando o procuravam em seu posto, junto ao laminador pequeno, era para se auxiliarem em caso de situação financeira difícil. Por isso, o agiota tinha uma relação tensa com esse operário.

A agiotagem era mais comum fora da fábrica. No seu interior predominava a solidariedade financeira entre eles. Dispondo de dinheiro, emprestavam sem pedir nada em troca.

Com a crise um grupo de São Paulo comprou a usina. Uma das primeiras providências foi trocar algumas telhas de barro, por outras transparentes. Algunas foram colocadas na área das laminadoras, visando aumentar a luminosidade natural naquele posto de trabalho. O ajudante de laminador comentou que, os patrões pagariam as telhas trocadas só com a economia de luz elétrica. De fato, tais metáforas se inscrevem no conjunto da dominação do processo de valorização e da subordinação do processo de trabalho. Embora não tenhamos aqui uma mudança propriamente técnica, a matriz que as sustenta são as mesmas "determinações da valorização do capital que explicam as mudanças operadas no processo de trabalho dentro da sociedade capitalista."(4)

Quando a troca era feita, pedacos de telhas caiam próximo ao posto dos operadores. Descia, também, uma poeira preta: a fuligem de dezenas de anos acumulada nas vigas de madeira, no cimento armado e nas telhas.

Enquanto a nuvem de pó escura caia, o ajudante de laminador comentava que, com o tempo a luminosidade da nova telha também estaria recoberta pela mesma camada:

"é como roupa nova. Com o tempo vai desbotando."

Duvindo esta observação, o mais velho operário da usina - operador de laminador que, ao seu lado lhe, ensinava a trabalhar com a máquina - acrescentou:

"é! E o homem vai se acabando!"

A risa - "acabando"/"desbotando" - do velho operador do laminador era uma reflexão sobre as condições físicas

acumuladas no ambiente de trabalho dentro da usina. Sua ironia encerrava um recado àquele ajudante mais jovem: a luminosidade iria diminuindo e sua vida se apagaría antecipadamente. Como de seu corpo, depois de 44 anos de vida ali com aquelas máquinas. Ou seja, de uma perspectiva epidemiológica ocorreram grandes mudanças na relação: agente, hospedeiro, meio. Contemporaneamente, a obsolescência e falta de manutenção das máquinas, causam profundas alterações neste triângulo epidemiológico. Foi-se o tempo em que, a tecnologia inovadora que elas traziam eram responsáveis por tantas outras formas de alterações. (5)

A mediação da medicina capitalista é fundamental na redução dos efeitos de tais transformações, em quaisquer de suas fases, seja de introdução inovatória, ou de desgaste e obsolescência. "A medicina contemporânea curativa é largamente ineficaz nos confrontos do tipo de patologia hoje prevalente; mas o seu propósito é também aquele de cancelar o conhecimento da relação entre sofrimento individual e contradição social... se recusa obstinadamente a um discurso coletivo... A negação da subjetividade do doente... impede uma relação pessoal com o médico... tecniciza o 'estar doente' separando falsamente o seu aspecto biológico do seu aspecto social... As causas vem frequentemente identificadas no 'progresso'. Diz-se, comumente que a patologia contemporânea é a patologia 'do progresso'. Na realidade, não é o 'progresso' em si... é um certo tipo de progresso... é a lei da produção capitalista." (GERVIS, 1987, 36, 37, 38 e 29)

Ou, nos termos de Luigi De Paoli, "A máquina fabril é programada por quem a constrói, e não por quem a usa. É sobretudo a objetivação do desejo de possuir e incorporar em modo ampliado e antisocial o lucro... ocorrem transitos de coisas e informações, sem transformações operadas ativamente pelo operário." (DE PAOLI, 1981, 197, 198 e 200)

O encarregado é um reproduutor desta programação e desse desejo. Assim, na seção ele não se preocupava com a fuligem e pedacos de telhas que caiam. A chegada de novos patrões era uma salvação, "caida" na fábrica com a crise:

"Essas máquinas tava tudo praticamente já desativadas. Ai, esse pessoal da... chegou e caiu do céu!... Eles começaram a chamar os companheiros que haviam sido desempregados... serviço agora é demais! Não tem faltado!"

A crise, insegurança e o desespero, alimentavam a visão e os comentários mitificadores. Assim, para aquele encarregado:

"Foi bom eles terem comprado a fábrica. Nós temos que conversar, que nósapanhamos um excelente patrão. Tudo indica que sim. Ios dão valor a quem trabalha."

Segundo De Paoli, "A fábrica que o empreendedor funda, sustenta e extende os caracteres fundamentais e inconscientes da sua personalidade... assim, a usina é permanentemente diluída em duas tendências inconciliáveis, uma megalômana e narcisista, a outra infantil e sofredora... A

relação entre as duas partes é psicopática... O proprietário descrito como... 'ditador', força a vítima a confiar na sua onipotência, sob a condição que esta última aceite uma submissão absoluta... De fato, a ação compulsiva coexiste com a passividade e a inércia"(DE PAOLI. Op. cit. 282, 283 e 284) O produto emergente trazendo, entre outros componentes, os elementos de tais "tendências inconciliáveis", é que: "Grande parte dos distúrbios que sofrem hoje os proletários são inextricáveis estados de sofrimento psicofísico, nos quais interferem distúrbios psíquicos, distúrbios psicosomáticos, afecções crônicas e recorrentes, frustrações, temores e insegurança complexa."(GERVIS. Op.cit. 32)

A "virtude" dos novos patrões ampliou o grau de aceitação do trabalho. Afinal, eles vieram para "salvá-los". Mas, para o capital, foram tais condições - de necessidade e premência entre os trabalhadores - que, justamente, serviram para atraí-lo. A situação remetia os operários a uma condição de desamparo:

"Antes, chegava outubro, novembro e dezembro, a gente não sabia nem se recebia o 13o. salário. Agora, está mais tranquilo... Esse pessoal de São Paulo é legal. Hoje começaram a dar pão com manteiga para a gente... Esses patrões que compraram a fábrica são bons. Pagam a gente em dia. Direitinho. Dão muito 'scrão' - hora extra - para a gente." (operador de formadora de tubo, de laminador pequeno e, auxiliar de máquina)

Segundo Hobsbaum, já no século XIX, nos primórdios da Revolução Industrial, "os pobres sofriam porque os ricos se beneficiavam. O mecanismo social da sociedade burguesa era profundamente cruel, injusto, desumano." (HOBBSBAUM, 1977 a, 230) E assim, "se um único fator dominava a vida dos trabalhadores do século XIX, esse fator era a insegurança... não sabiam... quanto iriam levar para casa na sexta-feira... quanto tempo iria durar o emprego... que acidentes e doenças iriam afetá-los." (HOBSEWAM, 1977 b, 231)

E então, no imaginário dos trabalhadores esse "apetite" tomava no presente uma forma bem definida. Nele, momentaneamente, a fábrica transformava-se num enorme aquário, povoado de pequenos, famintos e assustados peixinhos. De repente, lá vêm enormes e vorazes peixes. São os novos patrões metamorfoseados, vindo na direção do posto do velho operador, que exclama:

"Lá vem os tubarões!"

Citando W.R. Bion, Luigi De Paoli observa que, "em qualquer grupo de trabalho operam dois níveis de atividades: o primeiro é governado por processos secundários e compreendendo o exame de realidade, a distribuição dos papéis... a articulação dos instrumentos operativos, a verificação, o controle, a memorização dos processos, etc. Abaixo desse nível, há aquele dos processos primários, com um tráfego intenso e quase sempre convulsionado de imagens, fantasmas, emoções e pulsões que perturbam a atividade racional e a colaboração dos membros do grupo... Segundo Bion, a existência humana

compreende uma fronteira psico-sócio-somática, na qual a atividade psíquica não é dissociada daquela física, e nem mesmo daquela social... Nesta zona indiferenciada, agitam-se fantasmas arcaicos, figuras bizarras, medos psicóticos" (6)

Havia uma concordância entre os operários: os novos patrões "salvaram" a usina. O custo, no entanto, era a diferença de tratamento e aumento da exploração da força-de-trabalho. (7) Nessa mudança os trabalhadores faziam comparações ambíguas entre a antiga e a nova direção da usina. Qualidades e defeitos eram imputadas, ora a uma ora a outra, em inversões aparentemente conflituosas:

"A primeira... era uma boa direção. O que era da gente, eles davam. A direção nova, eles conversam com a gente! Tem contato com a gente. A direção antiga não conversava. Nem bom-dia dava à gente! Mas, o que era da gente, eles davam! O sistema dos antigos que era diferente desses de agora! Não aborrecia a gente com nada. Não tinha aquela comunhão com a gente, mas também não aborrecia. Tratava a gente bem assim. O direito que a gente tinha, eles davam." (montador de navalhas)

Os trabalhadores tentavam se localizar, diante de algumas alterações introduzidas no "sistema", na organização do trabalho e da produção. Os novos patrões, por outro lado, encontram o eixo da organização do trabalho e da produção no paternalismo. Nesse contexto, a colaboração dos mais antigos é indispensável. Principalmente os responsáveis pela regula-

gem e montagem das máquinas. Daí, a busca de "comunhão" da nova direção com alguns trabalhadores.

Isso se passou com o montador de navalhas. Cada tesoura tem um conjunto de "navalhas": anéis mais largos, encaixados a certas distâncias uns dos outros em dois cilindros superpostos. Servem para cortar as lâminas nas larguras requeridas, quando elas passam entre êles. Se a montagem das navalhas não for bem feita, ou seja, na largura especificada, a fase subsequente da produção - formadoras de tubos - será afetada. A regulagem das tesouras pesadas é, então, fundamental no processo de produção da usina. Donde, estes trabalhadores puderam sentir bem a diferença de tratamento entre os "antigos" e os "novos" patrões.(8)

Nisso, havia o interesse de diminuir e até, se possível, excluir a influência destes trabalhadores no processo de produção. A relação deles com as máquinas, inseria-se no conjunto de quarenta anos de relações paternalistas. Neste sentido, os "novos" patrões interessavam-se em "contatos" com tais trabalhadores no processo de produção. Ao mesmo tempo, não abandonavam a interferência nos conteúdos e formas dos canais de comunicação.(9)

A relação de trabalho, vista enquanto uma forma de comunicação, encerrava um conflito latente. De um lado, "o operário industrial, mesmo consciente de suas limitações em termos de qualificação escolar e técnica, procura absorver os padrões de conduta requeridos pelas grandes empresas, visando não perder a oportunidade de estar inserido no proces-

so de trabalho." Mas, de outro lado, "tanto o aparato institucional, quanto as possibilidades de acesso a ele foram redefinidos, priorizando-se a formação técnico-científica e especializada, destinando-se aos elementos das classes privilegiadas os complexos organizacionais de melhor qualidade, e para os das classes subalternas, os equipamentos de baixa qualidade. No entanto é importante destacar que, em ambos os casos, o conteúdo visa sempre a integração do indivíduo ao modelo econômico-sócio-político favorável à expansão do grande capital... torna-se evidente que a população pobre, quando tem acesso aos meios de comunicação, fica sujeita às informações... que lhe são passadas de acordo com a prévia seleção feita pelas classes dominantes.. Isso quer dizer que a ideologia dominante não se transfere pura e simplesmente para o universo do trabalhador, mas se redefine, tanto no conteúdo quanto na forma."(10)

De qualquer maneira, o conteúdo da relação patrão "vs" empregado mudava. Para o patrão, o parâmetro estava, justamente, nos trabalhadores de maior relevância na estrutura paternalista. Gradualmente, sobre eles recaiam as maiores pressões e formas de controle.(11)

Isso não bastava para livrar os novos patrões dos remanescentes de mais de quarenta anos de relações de produção e de trabalho paternalistas. Tal como, por exemplo, no processo de contratação de novos trabalhadores. Desde a sua instalação - como veremos melhor no próximo capítulo - os moradores locais sabiam das oportunidades de trabalho na

usina através dos já empregados. A contratação informal sempre predominou. Contra esse outro ponto de resistência, também se voltaram os novos patrões. A crise foi o momento escolhido, para ampliar a intervenção na estrutura paternalista e instalar as mudanças nos processos de produção e de trabalho.(i2)

Os novos patrões (mas, velho capital!) usavam tais estratégias - mudar os canais de comunicação e a forma de contratação da força-de-trabalho, além das pressões sobre o saber durante o processo de trabalho - num momento conjunturalmente favorável. A crise é a oportunidade do capital contemporaneizar-se, nos processos de dominação e exploração da força-de-trabalho. A estratégia dessa atualização utilizava-se, entre outras coisas, da importância da usina para a população da área.(i3)

Nas crises, o capital, "novo" ou "velho", sempre agiu da mesma forma: explorando as condições de produção e reprodução da força-de-trabalho. Para isso, contou com o trabalho dos parentes dos operários nas áreas arrendadas de agricultura de subsistência, donde vinha a complementação da remuneração da usina. A crise reavivava esse processo de exploração, com a adoção da seguinte política em relação à dispensa da mão-de-obra:

"Quando se faziam demissões, começava pelo pessoal mais novo. Sempre ficando os mais antigos... Sempre se mandava o pessoal mais novo embora." (chefe do D.P. aposentada)

Tal política trazia a marca do processo de produção e de trabalho paternalista. Nas crises, os trabalhadores mais antigos - com vínculos mais fortes com as áreas de subsistência - eram mantidos, em trabalhos de manutenção das máquinas, ou na limpeza do "salão". Passada a crise, eles orientariam os mais novos na retomada da produção.(14) Essa era a sua função-reserva: manter e reproduzir a base do sistema de produção. Ou seja, formar, quando necessário, uma força-de-trabalho com os conhecimentos necessários, e direcionados de forma diligente e bem aplicados.

Entre os trabalhadores as consequências das crises eram imprevisíveis. O clima de incerteza e insegurança, se concretizava nos "cortes". Estes, inicialmente, atingiam os mais novos. Depois, dependendo da profundidade e duração, ceifaria também os mais velhos. Em cada grau, seriam preservados, sempre, os mais antigos. Era o termômetro da crise, com uma escala construída arbitrariamente no D.P. para estes períodos. Paralelamente, a crise possibilitava ao capital preservar o controle dos trabalhadores com conhecimentos - "experiência" - da produção. Mesmo dependendo deles, em virtude das características predominantemente paternalistas imprimidas pelas relações de produção aos processos de produção e de trabalho.(15)

NOTAS

1 - O auxiliar, dias antes descreverá uma cena comum daque-

les dias: "Era uma tristeza! Ver a mulher e os filhos chegarem no portão, e pedir pelos maridos, para eles ficarem no trabalho!"

- 2 - Certa vez, o agiota estava com um grupo na padaria. Um operador de tesoura pegou-o pelo braço, e se afastaram. Conversaram isoladamente na calçada durante algum tempo. Trocaram palavras num tom baixo e ininteligível. Depois, enquanto voltavam ao grupo, o agiota dizia bem alto para que todos ouvissem: "Pode deixar. Vou pensar no teu caso. Depois falo contigo."
- 3 - Vejamos alguns trechos de uma conversa informal com ele: "Trabalhei 22 anos no laminador. Ai, juntei tudo (períodos anteriores de trabalho) e me aposentei com 48 anos. Agora, estão me procurando para eu voltar. Eu não! (Afinal, para quê? Os que voltam, em condições de insegurança e desvalorizações de seus trabalhos garantem que, para você, é melhor ficar ai fora!) Na época que eu trabalhava lá, aquela diretoria não gostava de mim. Agora não. A diretoria mudou né?! Eles tinham raiva de mim porque eu emprestava dinheiro ai para o pessoal, sabe! E, eu vivia bem né?!"
- 4 - HORAES NETO. 1989. Pág. 23. Em suma, a colocação de tais telhas não difere, essencialmente, de melhorias no ambiente de trabalho norteadas por exigências do processo de produção. É o que vem ocorrendo, por exemplo, com o processo de automação industrial: "As condições gerais de trabalho nas fábricas sofreram relativas mel-

lhoras quanto à insalubridade, mesmo porque as novas máquinas exigem ambiente adequado ao seu funcionamento..." BICALHO DE SOUZA. In. "Automação e movimento sindical no Brasil." 1988. 131. Neste sentido, é esclarecedor um pequeno artigo publicado pelo Jornal do Brasil em 4/12/88 intitulado: "'reas limpas' a serviço da tecnologia se multiplicam." Onde lemos: "Zonas onde inimagináveis requintes de higiene são exigidos para a produção de computadores, equipamentos esterilizados, produtos médico-hospitalares e até carros resistentes à corrosão. Existem no Brasil 22 áreas limpas... Para garantir a limpeza destas áreas, as empresas lancam mão de recursos... Mas, não gastam mais do que perderiam com defeitos nos equipamentos produzidos... a sofisticação das salas limpas varia... é definida pelo número de partículas em suspensão aceitáveis em cada litro de ar."

- 5 - Tal como temos hoje significativamente, com a introdução da automação industrial. Neste caso, "os novos equipamentos automatizados... este tipo de tarefa de vigilância e controle conduzirá a um aumento de tensão nervosa entre os trabalhadores." FELDMANN. 1988. 112. Nestes casos, "em vez de melhorias, pode haver piora das condições de trabalho como o aumento do ritmo, da tensão psicológica, da desqualificação... As melhorias podem, por outro lado, transformar-se em privilégios de determinados grupos de trabalhadores." ABRAMO. In

- "Automação e movimento sindical no Brasil." Op.cit.175.
- 6 - DIC PAOLI. Op.cit. Páginas 22 e 23. A linguagem estabelece, portanto, uma correlação entre aspectos do espaço e do imaginário que, aparentemente, não teriam quaisquer relações entre si. Assim, "na sua unidade com o pensamento, a linguagem formou-se, com efeito, no decorrer da evolução filogenética da humanidade, constituindo um produto e um elemento da atividade prática do homem, que transforma o mundo. Por outras palavras e mais concisamente, a criadora da imagem do mundo é, também ela, uma 'criação' desse mundo." SCHAF. 1974. Página 219.
- 7 - Certo dia, em meio a tal processo, o empilhadeirista comentou com um operador de laminador grande: "Como é? Vai tirar só dois rolos hoje? Olha que essa diretoria não é como a antiga."
- 8 - Segundo o montador de navalhas: "O sistema dos antigos era o seguinte: eles lá no escritório e a gente na seção. Não procuravam a gente para ter uma palestra com a gente! Para perguntar uma coisa nem nada! Então, quando conversava, era chefe com chefe, encarregado com encarregado... E agora, a direção de agora é diferente pelo seguinte: porque êles vêm onde a gente está! Pergunta uma coisa! Pergunta outra! conversa com a gente! e vêzes, até cacos com a gente! Brincal! E a direção antiga não fazia isso não! Era eles para lá e a gente para cá. O Br.... é uma boa pessoa não tenho nada contra êle.

Mas, ele muito mal cumprimentava a gente. Olhava lá as máquinas. Corria lá, e ia embora."

- 9 - O encarregado dos fornos estava há vinte e dois anos na mesma seção. Sobre tais alterações, ele comentou: "às vezes eles mudam um determinado regulamento que eu não sei. A guia está controlando há uma mês. Ai, eu não estou sabendo: 'Isso ai acabou!? Por que acabou?! Quando que acabou?! Eu não sei que acabou. Não me falam nada!' Então, quando uma pessoa muda uma determinada coisa, tem que fazer uma circular. Avisar o encarregado para pregar num quadro, e todo mundo estar sabendo. A gente tem que receber! O caso, por exemplo, de um serviço. Eu estou fazendo. Eu tenho que saber o que está fazendo. Acompanhar a programação. Porque sem comunicação a gente não se pronuncia de qualquer forma."

- 10 - KAWAMURA. 1986. 40, 44 e 45. Se abordarmos desta perspectiva comunicacional as relações de trabalho e de produção, teríamos que, segundo De Paoli, "O ponto central da organização por sistema não é a oficina (como para Taylor), nem a moral dos trabalhadores (como para Mayo), mas o fluxo das 'informações' visto como elemento conectivo de todo o sistema fabril, e como fonte última do poder gerencial" DE PAOLI. Op.cit. 14.

- 11 - Assim, por exemplo, numa conversa informal o encarregado dos fornos resumiu como esse processo o atingia, comparando a diferença de tratamento dispensada a ele, entre os antigos e os novos patrões: "... esses patrões

que estão ai são diferentes. Os antigos me respeitavam, e muito. Eles gostavam do meu trabalho. Esses são diferentes. Os patrões estão ai. Estão arrochando. Outro dia ficaram ai até nove horas da noite. Os antigos patrões eram diferentes. Sabiam agradar a gente. Não tinha 13º mas todo final de ano eles davam uns 'mil réis' a mais. Sabiam cativar a gente. Davam um premio no final do ano, ao operário que havia trabalhado mais e melhor. Davam um relógio. Um agrado. A gente ficava contente. Trabalhava com gosto e com vergonha. Vergonha porque eles respeitavam a gente, e a gente tinha que corresponder. Eles vinham aqui, davam uma voltinha e iam embora lá para o escritório. Esses patrões novos, quando chegaram aqui eram legais. Cumprimentavam a gente. Agora não. Nem vê a gente! Eu acho que depois dessa greve, então, eles mudaram muito. Botaram mais tres homens ai, para ficar tomando conta da gente. Lá na porta tem uma campainha. Qualquer coisa, e eles tocam ela. E eu que passei 22 anos aqui! Ajudei a construir isso aqui, considero isso uma humilhação!"

12 - Vejamos o depoimento da chefe do D.P., há algum tempo aposentada mas contemporânea daquele processo: "Então, outras pessoas que vieram falar comigo. Que geralmente eles vem sempre na minha casa, e vezes. Eu digo: 'Olha, eu não sou mais da usina. Não quero mais nem saber.' Mas, reclamam: 'Pôxa Dona...eu tenho meu pai, e não consegui nem fazer uma inscrição!'... 'Mas por que teu

pai não te avisou?!"... "Ah, meu pai não soube!"... Então, houve muita reclamação sobre isso! Porque não foi dito ao pessoal de dentro da usina. Porque às vezes nós fazíamos assim: "Avisamos que precisamos de 30 homens. Queiram comparecer ao D.P." Então o empregado ... "Ah Dona... toma nota, o meu filho vem, olha, o meu cunhado também vem." Eu já tomava nota do nome do empregado, e quem ele estava me apresentando. Entende?? Ai facilitava muito."

13 - Outras crises, nestas quatro décadas, foram lembradas. E, em todas, o traço comum era a presença constante da usina e a preocupação com os seus destinos: "Ai, como se diz, eu que estava lá me sentia apavorada, né! De saber que poderia fechar uma firma daquela! Então eu me sentia... Mas, aquilo era uma crise. Sempre eu acho que toda firma tem. Nós tivemos uma ocasião que a usina mandou quase todo mundo embora. Então foi terrível! Isto tem muitos anos. Então nós demitimos muito empregado. Aquilo, foi aquela coisa: 'Vai fechar! Vai fechar!' Mas não fechava! Ai, lá vinha um bocadinho, e começava de novo, né! Então, eu nunca acreditei que a usina fechasse. Porque eu já tinha visto crises também. Não como agora, que quase que fecha mesmo, né! Mas, viu como apareceram novas pessoas... que..." (Chefe do D.P. aposentada)

14 - Segundo a ex-chefe do D.P. e o enfermeiro, ambos já aposentados: "Porque ai, quando entra a turma nova, o

antigo está ali para segurar aquela turma nova que entra né!... Porque o empregado antigo já conhece tudo aquilo lá, e tem capacidade de orientar."

15 - Segundo a ex-chefe do D.P.: "O empregado mais antigo, por exemplo, vamos mandar o empregado que tem cinco anos embora?! E deixar um com dois, ou com hum ano?! Que ele não tem aquela experiência que o de cinco anos tem!! Então manda aquele de hum ano. Porque, quando vier um novo, se ele não voltar, aquele que tá lá, de cinco anos, tem experiência suficiente para tocar aquela máquina. Ou talvez até sózinho, né!"

2 - Em quarenta anos: crescimento e destruição das condições de trabalho e do ambiente de posto de trabalho.

O pequeno galpão da usina, em 1941, tinha uma área coberta de 3.000 metros quadrados. Em 1985, eram 19.238, dos quais mais de 80% de área coberta. Em 44 anos, a usina passou de, 22 metros de frente e 133 de fundo para, 63 metros de frente e 205 de fundo. O espaço aumentou mais de seis vezes. Na época do "milagre econômico" houve uma tentativa de expansão, com uma usina de tubos em terreno ao lado. Faliu, mas seriam 60% adicionais ao espaço atual.

No decorrer desses anos, enquanto o espaço interno aumentava, um maquinário novo e pesado era acrescentado às linhas de produção existentes: novas tesouras e laminadores.

Algumas seções desapareceram - a galvânica - e outras surgiram: as formadoras de tubos.

A cada transformação física na usina, redefinia-se seu espaço interno. É um processo presente na memória dos operários. Todos os postos eram, direta ou indiretamente, atingidos pela introdução das novas máquinas. Por meio delas os trabalhadores redelimitavam espaços, e redemarcavam o tempo. Elas estão presentes, mediando nos momentos mais significativos de suas vidas na usina, e fora dela.

As transformações desse maquinário - com a transferência de valor - são parte do conjunto de alterações das condições físicas da usina. Sua obsolescência é a marca da riqueza criada pelos operários. (Cf. MARX, 1984, 18 e 31) Tal relação homem "vs" máquina, medeia a trajetória de conservações e mudanças na estrutura da memória dos operários.

As condições das máquinas são roteiros. Como referenciais, tais condições estão presentes até nas considerações aparentemente informais, revelando as diferenças entre elas para os trabalhadores.

Tomemos, a instalação de dois laminadores pesados no início da década de cinquenta. Eram tecnologicamente avançados. Trouxeram grandes alterações no processo de produção, pois permitiram o trabalho com matérias-primas mais pesadas, mais rapidamente e com maior precisão. Os pequenos laminadores da época, funcionavam desde 1941. Eram menores e com muitas operações manuais. Havia limites no trabalho com matérias-primas pesadas. Aqueles laminadores pesados seriam

um marco na memória dos operários. No conjunto do processo de produção, introduziram alterações significativas na produtividade entre os operários.

Os laminadores pesados contribuiram para destacar como os operadores dos pequenos e velhos laminadores influiam no processo de produção. No decorrer dos anos, isso se acentuou. Em 1984, na mudança de patrões, essa dependência do ritmo de trabalho imprimido pelos operários deixava os engenheiros, principalmente, irritados.⁽¹⁾

E, realmente, pouco eles poderiam "fazer" frente o trabalho do velho operador com o laminador pequeno. Esse domínio possibilitava a sabotagem da matéria-prima. Assim, certo dia, quando a máquina "passava" a fita, o velho operador da máquina comentou:

"Nesta máquina, tem material que entra ruim e sai bom."

Em seguida, fez uma pausa e olhando para seu auxiliar com um meio sorriso, complementou:

"E, também, tem material que entra bom... e sai ruim!"

Segundo Dubois, "as sabotagens aparecem sempre num momento determinado na história das lutas de cada empresa... Os que sabotam procuram essencialmente a satisfação de objetivos reivindicativos imediatos, que se alteram às vezes, incidentalmente, de uma dimensão política... trata-se sobretudo de sabotar a máquina situada num ponto nevrálgico do processo de produção... destruição seletiva... ao mal pagar-

mento, mal trabalho." (DUBOIS. 1976. 15, 17, 23 e 45) Ao mesmo tempo, para aquele autor, haveria responsabilidade patronal na sabotagem quando há: "introdução de mudanças técnicas... a separação entre a concepção e a execução das tarefas... modos e níveis de remuneração decididos pelo patronato... recusa em reconhecer que os operários tem interesses comuns, donde recusa de aceitar uma representação operária organizada... resposta a uma violência patronal." (Idem. 181, 182, 183 e 184)

Esse último aspecto é abordado por Amélia Maroni. Segundo a autora, "as 'normas disciplinares' prevêem também a possibilidade de resistência do trabalhador à organização do processo de trabalho... Detectadas essas formas de resistências, procura-se impor 'normas de comportamento' para contê-las." (MARONI. 1982. 34) No mais, o movimento das greves de maio de 78 no ABC contém os mesmos aspectos motivacionais, também detectados por Dubois, e que visavam a preservação da identidade operária por meio de uma resistência a partir de práticas coletivas. (Cf. Idem. 45 e 46) A autora chama atenção ainda como, no caso daquelas greves, ficou evidente o motor da estratégia e organização/reorganização capitalista do processo de trabalho, que era voltado para aniquilar a iniciativa operária. (Cf. Idem. 50)

Com o tempo, os pequenos e antigos laminadores foram perdendo suas características tecnológico-ídilicas. E, gradualmente, seus operadores adotavam uma postura de saber subjetivo e empírico na relação de trabalho com tais máqui-

nas. Denominaremos este último de endo-técnico, pois, pelo conteúdo do trabalho, distingue-se do tecnológico-idílico. (2) No endo-técnico, é grande o nível de interferência do indivíduo no ritmo imprimido ao trabalho com o produto. Assim, enquanto "passava" um rolo de fita, o velho operador nos dizia:

"Dá mais trabalho também... Tem que ter mais 'carrinho' com ele."

Ou seja, o cuidado com o material dependia de uma avaliação inteiramente subjetiva do operador. Ao mesmo tempo, atrás desta atitude na relação de trabalho com a máquina havia sempre a tentativa de mostrar um maior controle qualitativo e quantitativo sobre a produção.(3) Junto do laminador pequeno, o auxiliar do velho operador disse-nos:

"Agora está tirando (espessura) e botando (em comprimento) Entra com 0.75 e sai com 0.65. Sai mais fino e mais comprido. Sai valendo mais."

No decorrer dos anos, diminuiram as diferenças tecnológicas entre pequenos e grandes laminadores. Mas, permaneciam algumas identidades. Algumas características tecnológicas ainda existentes, como a velocidade - tanto nos pequenos quanto nos grandes laminadores - mantinha a importância delas como máquinas-referenciais da usina. Até 1985, a velocidade destas máquinas balizava noções de tempo e distância para os operários da usina.(4)

Quando foram instalados, os laminadores pesados eram um avanço tecnológico. Comparados aos laminadores pe-

queños, encurtaram as distâncias. E, também, diminuiram as noções de tempo prevalecentes. Ou seja, aumentaram os espaços "percorridos" em menos tempo pela matéria-prima, durante o processo de trabalho. Na mente dos trabalhadores, Mesquita ficou próxima de Nova Iguaçú. No devaneio dos trabalhadores, se fôssem estirados aqueles rolos, dos laminadores pesados, se projetariam bem mais longe que os dos antigos e pequenos laminadores. E mais rapidamente também. (5)

Mas, com o tempo só a velocidade manteve a diferença entre as máquinas. Foi surgindo uma única identidade: o mesmo desgaste atingiu as máquinas. Alguns detalhes técnicos de uma ou outra não tem, hoje, a mesma importância. Veremos mais à frente que, o peso dessas diferenças entre as máquinas, foi maior no momento de sua instalação. Cabe ressaltar aqui como, na medida que desapareciam as diferenças tecnológicas, a desvalorização e desqualificação se ampliava entre os operários. A interrelação destes dois aspectos contribuiu para deteriorar as condições de trabalho na usina. São o produto dessa história. Abordaremos as formas de estruturação deste produto, por meio da memória dos operários. Antes, vejamos como está hoje, no posto e no ambiente de trabalho.

Muitas máquinas funcionam com pedaços de madeira, no meio das engrenagens de ferro e aço. São peças importantes. Uns servem de calços. Outros são base, que amortecem as partes das máquinas quando elas são desmontadas para manutenção. (6) Os laminadores pequenos puderam alguns recursos

técnicos originais, que não foram substituídos. Continuaram funcionando, mas exigindo maiores esforços físicos e mentais do trabalho do operador.

Em 44 anos de usina, o velho operador passou 32 anos no laminador. O trabalho com a máquina antecipou o processo de envelhecimento natural. Além disso, deu-lhe uma visível deformação: seus dedos perderam o formato oval nas pontas. Estão achatados, como uma cunha. Nestes anos, teve seu tato apropriado para sentir a asperezza do material, e a temperatura da máquina. O dorso do polegar passou a ser um termômetro. Usou a ponta dos dedos sobre a fita e nas laterais dela, à procura de asperezas. Assim, ele detectou – ou não! – por mais de três décadas, as eventuais marcas deixadas pelo cilindro do laminador no material. Nestes casos, deveria passar uma lixa no cilindro. Senão, o material saia ruim. Em suma, seu corpo de 75 anos não sofreu um processo de envelhecimento unicamente natural.

O processo técnico-industrial deve liberar e direcionar a energia contida na natureza. O processo tecnológico faz isso num ritmo muito veloz, por intermédio da maquinário. Este último deveria, em princípio, reduzir o tempo desse processo, controlando e direcionando a resistência do material. O contato do homem com o material é mediado pelas máquinas, pela tecnologia. O nível de utilização dos recursos tecnológicos depende, entretanto, das condições sociais, econômicas e políticas onde ele se insere.

Há uma série de mediações entre o homem e a tecnolo-

logia. Nesses processos de síntese, elas são uma representação que se apresenta para as consciências como um movimento de categorias concretas. E, quanto menos tais sínteses ou categorias não são vistas como abstrações da presença da sociedade nelas, tanto mais tender-se a ficar circunscrito ao caráter subjetivo delas. (Cf. MARX, 1978, 116 e 117) Algumas de suas expressões são:

- 1 - desvinculação da tecnologia enquanto instrumento do roubo do tempo de trabalho de uma classe por outra (Cf. MORAES NETO, Op. cit. iii e 115);
- 2 - formalização do isolamento físico, mental e social no lugar de trabalho (Cf. FERRAROTTI, 1976, 98);
- 3 - a já citada tecnização da saúde e da doença (Cf. JURVIS, Op.cit. 36, 37 e 98).

O caminho crítico é, portanto, considerar que toda produção científica e tecnológica é mediada pela sociedade, e tal entendimento deve nortear a sua atuação. (Cf. KNELLER, 1980, 267, 280, 288, 292, 293 e 294) E acrescente-se que, sem qualquer privilégio, na nossa formação econômico-social a vinculação com a modernidade é uma forte particularidade do tecnicismo. (Cf. ORTIZ, Op.cit. 31 e 32)

Na usina, os recursos tecnológicos não são totalmente aproveitados, seja por desconhecimento ou desgaste. Então, aqueles recursos, enquanto instrumentos usados sobre a resistência do material, devem ser compensados por um esforço do homem, nos casos em que isso for possível. Neste ponto, as exigências de tal compensação aumentam as margens

de riscos. O grau de exposição a situações perigosas se dilata. As sequelas a longo prazo - deformações e doenças - e a curto prazo - acidentes de trabalho - vão se tornando uma constante. Cada vez mais presentes no posto ou seção, ameaçando o trabalhador.

Neste sentido, o quadro da usina, produto destes 40 anos, tem muitos pontos de semelhança com aquele descrito por Renzo Ricchi para a Itália: "O exame dos acidentes e do aumento das enfermidades profissionais depois da guerra, demonstram que a classe empresarial pôs sempre acima de todos os seus interesses a maximização dos ganhos: máxima produção e máximo ganho, sem ter em conta o aspecto humano, os problemas, as necessidades de quem trabalha. O trágico acentuamento dos acidentes e da morbidade testemunham que, o aumento da produtividade dissociado de uma organização do trabalho que tenha presente os problemas do homem como trabalhador, produz um aumento dos fatores de agressão da saúde."(7) E mais adiante acrescenta: "Os empregadores têm limitado, e limitam ao máximo, todo gasto útil à redução dos fatores de dano à saúde qualificando-os de 'não produtivos'." (RICCHI, 1981, 282)

Para lidar com tais fatores de agressão à saúde, o capital prefere uma outra estratégia: "os caracteres biológicos permitirão a persistência de um enfoque que dissolve as qualidades do conjunto ao convertê-lo em um conjunto 'natural' (biológico), que exclui os caracteres sociais... quando o 'social' surge nos períodos de crise do modelo, o

'psicológico' emergiria como fator explicativo, funcionando então como 'envólucro' do social."(8)

O capital intervém na natureza, investindo nela de uma forma, ao mesmo tempo, anti-natural e irracional, pela forma como expõe o homem nesse processo de transformação.

É anti-natural quando, na sua atividade o trabalhador se torna predatório de si mesmo. Vê-se colocado diante da tecnologia de um modo irracional. Na usina, o desgaste das máquinas não teve a manutenção requerida.(9) Com o tempo, a resistência do material das máquinas estreitou-se. Aumentaram as condições perigosas sobre o corpo e a mente do trabalhador. O maior ou menor adensamento de tais condições, trouxe um mesmo produto: redução do tempo de vida do operário, para aumentar o tempo de vida da máquina. (10)

Vimos que, no laminador pequeno, o "carinho" com o material significa atenção e cuidado com a máquina. Mas, não há um instrumento nela indicador, por exemplo, da temperatura dos cilindros. É o dorso do dedo indicador do operador, encostado no metal, que "diz" isso. Ele "informa" ao operador quanto o cilindro está esquentando.

Com o mesmo "instrumento" - o dorso de seu dedo indicador - ele controla a temperatura da água que circula dentro do cilindro para resfriá-lo, há mais de trinta anos. Ele "informa" o operador se é hora de acrescentar óleo à água, que já não mantém os cilindros na temperatura adequada. A temperatura das partes móveis e ócas aumenta com o atrito com os cilindros. Tocando nelas, elas "dizem" ao ver-

lho operador para colocar mais óleo nos cilindros, para baixar a temperatura.(11) Chegando a tal ponto as condições do cilindro estão bem ruins. É quando a fita:

"Faz a 'cama' no cilindro."

Essa "cama" é uma marca, mais ou menos forte, feita na fita pelos cilindros. Marca, também, a monotonia sonora, capaz de fazer o operador fechar os olhos e dormir de pé, do lado da máquina!

Essa situação, em geral, atingiu todos os postos. Os dois laminadores pesados funcionam por meio de um painel de botões. No entanto, perdeu muitas funções e não consegue acompanhar o ritmo da produção. Os operadores tem a atenção absorvida no cuidado com os limites operacionais destas máquinas. Foi o que nos disse um deles, junto do painel:

"Quando cheguei aqui, em 58, essa máquina tirava até 0,2. Agora não! O máximo que chega é 0,5. E mesmo assim, tem que ser devagar! Com cuidado!

A extensão - esticar a chapa - falha muito. A fita começa a ficar 'bamba' - solta - e aí ela pode arrebentar no 'colaps' - parte da máquina, como um grande carretel onde a fita, ou rolo, é enrolado - Só nessa máquina, tenho 14 anos."

A máquina perdeu recursos tecnológicos. Estes não eram substituídos. O operador acompanha o movimento dela com atenção redobrada. Pois, aumentaram as áreas de sua intervenção, na medida que o laminador perdeu operações do painel. Ele deve complementar a operação.(12)

A relação com a máquina é, então, um processo de produção muito pessoal. Há uma convivência com os desgastes e perigos, que se transformam em lições de como lidar com as máquinas. E, ao mesmo tempo, reforçam a posição do operador no processo de trabalho.(13)

As máquinas mais antigas perderam quase totalmente o caráter tecnológico-idílico que teve, no passado, o trabalho com elas. Uma tarde, o antigo e pequeno laminador sete estava em manutenção. Seu operador, o mais velho operário da usina, trabalhava ao lado de seu auxiliar. Os dois desmontavam a máquina, para trocarem os cilindros. Certo momento, o velho operador resmungou:

"Serviço chato! Serviço nojento!"

O trabalho no pequeno laminador, com materiais com grandes diferenças de medidas – espessura e largura – aumentava o desgaste dos cilindros da máquina. O operador teria de fazer o "serviço nojento" mais vezes. O tempo de manutenção é menos valorizado do que o tempo de produção. No tempo de produção ele transforma, produz. No tempo de manutenção, aparentemente, isso não acontece. E como o tempo de manutenção invade a produtividade do tempo de produção, a expressão de "serviço chato" designa, ao mesmo tempo, algo pejorativo e desqualificante. De fato, nada mais parece existir, no trabalho com as laminadoras pequenas, capaz de transmitir quaisquer componentes tecnológico-idílicos.

Expressando isso, há um fato. Numa tarde estavam instalando o forníinho novo, em frente ao laminador sete. As

atenções, de engenheiros até serventes, eram atraídas para essa nova máquina. Nenhum deles se interessou pelo trabalho daqueles dois operários que desmontavam, no mesmo instante, o antigo laminador etc. Um deles, passou 45 de seus 70 anos arriando bobinas de ferro deste laminador. Estas tem 300 quilos, em média. São tiradas da máquina pelos dois homens. No solo, as bobinas são roladas. A calibração da espessura das lâminas é feita com a máquina em movimento. Muitas operações foram feitas "no braço", durante anos. Para calibrar a espessura, ele dizia que tinha de "socar" a matéria-prima. Daí, segundo Ele mesmo:

"Agora você vê: 45 anos 'socando' aquilo ali!!
é mole?!"

Para outros operadores, o trabalho com estas máquinas já não contém nenhuma novidade. Há muitos anos eles desapareceram. O processo de produção vira um vício e acomodação. (14)

Nos antigos laminadores, mas também com outras máquinas, prevalecem as incontroláveis variações nas medidas do material. Um burburinho de números imponderáveis circula entre os operários na usina. Eles criam novos números, com uma série de composições numéricas. Das dezenas - 10, 20, 30, etc. - surgem centenas - 102, 203, etc. - ou milhares - 1020, 2030, etc. Estabelece-se uma relação deles com o jogo. Muitos montam "palpites" de jogo do bicho com tais números. Operadores de máquinas, encarregados ou peões costumam voltar do almoço com os pequenos papéis, conferindo as escritas

das centenas, ou milhares. Em geral, esses jogos começavam com algum número surgido em meio ao trabalho com algum material. Os números eram montados a partir da imponderabilidade das máquinas.⁽¹⁵⁾ O trabalho com estas máquinas foge ao controle de uma previsibilidade técnica. Se transformou num "jogo" de sorte.

Há desgaste dos eixos e transmissões das máquinas. Isso dificulta o trabalho dos operadores. As especificações do material sofrem variações durante a produção. Além do mais, a mesma matéria-prima tem alterações na resistência. Os tipos de matéria-prima também apresentam diferenças, como entre o ferro e o aço para os laminadores. Quando um grande laminador está "tirando" espessura de uma chapa de aço, os "passos" de um para outro lado devem ser lentos. Exige muita atenção, porque as chapas são mais duras. As de ferro são macias. O laminador funciona mais rápido.⁽¹⁶⁾

Uma manhã o primeiro "passo" do laminador começou às 9.10 horas. O último - quando a bobina foi retirada do laminador - foi dado às 9.45 horas. A bobina foi e voltou, de um para outro lado, nove vezes em 35 minutos. A chapa da bobina entrou na máquina com 3,5 mm, e saiu com 1,8 mm. Segundo um dos operadores:

"Esse material é 'fileé-mignon'. Mas, tem uns ai que é 'carne de pescoco'! É duro! Tem uns que é que nem delegado! Querem bater na gente!"

Estas avaliações não fazem parte, de fato, de quaisquer manuais de procedimento com as máquinas. Daí o

aparente descontrôle, quase demente, do processo de produção e de trabalho. Algumas considerações, expressas pelos operários diante de certas situações de trabalho, induzem a tal conclusão. Vejamos uma delas.

Estávamos junto à tesoura número 1. Uma chapa de aço de 3,0 mm. de espessura era cortada em sete partes. A bobina era de um palmo de largura. Produziam outras sete com, mais ou menos, dois dedos de largura cada. Trabalhar com aço na tesoura, é pesado e perigoso. É uma máquina antiga. Vendo o material duro e resistente, o responsável pelo controle de qualidade comentou, irônicamente:

"Está vendo o freio da máquina?! É aquele pedaço de madeira que o Zé botou ali... Isso é que é máquina moderna!"

Depois, com um sorriso descrente, continuou:

"Essas máquinas não aguentam. Acaba com o eixo e com as navalhas. O eixo fica todo bambo."

O operador da tesoura ao lado, que acompanhava a conversa, comentou:

"Isso é loucura!"

A "loucura" está presente em muitas operações. Há gestos que se assemelham a uma encenação! No pesado laminador 12, um dos operadores desentortava a ponta da chapa. Sustendo nela, segurava-a pelas laterais. E pulando, com o peso de seu corpo, buscava deixar a ponta da chapa reta, sem a curvatura inicial do rolo. Isso facilitaria a entrada no "colape", onde seria presa. Observávamos atônitos aquela

operação, enquanto ele dizia-nos:

"Aqui, a gente tem que bancar o forte... sem ser!"

Máquinas antiguidades e mudanças frequentes de materiais com resistências distintas, desgastam os operadores física e mentalmente. As exigências de atenção trazem um esgotamento psicológico.(17)

As condições das máquinas atingem o trabalhador fora da usina. Segundo um deles, quando tudo está bem lá na usina, as coisas do lado de fora:

"Tudo bem! A pessoa dorme legal em casa, porque deixou tudo bem lá! Agora, quando larga lá ruim, que às vezes trabalhou ruim e deixou ruim... Ele fica pensando no outro dia que vai estar ruim, então, ele não dorme direito também. Fica preocupado pensando: 'Pôxa! Amanhã eu chego lá, a máquina tá a mesma coisa! E a produção vai cair. Porque a pessoa preocupa, né! Então, isso tudo faz a gente ficar maluco!' (operador de formadora de tubos)

O desgaste é sentido tanto por velhos operadores, quanto pelos mais novos. Estes também sofrem as consequências físicas e psicológicas do processo de trabalho e de produção. Mesmo com máquinas mais novas. Uma delas é o "tesourão". Instalada há menos de dez anos, essa máquina dá o primeiro corte longitudinal na chapa dos rolos mais pesados. Segundo o operador, trabalhando com ela há uns sete anos:

"Cansa tudo, sabe! Cansa a mente. Cansa o braço.

Porque na hora de pegar, tem que pegar firme com

ele - ajudante - também, porque de maneira nenhuma pode deixar eles fazerem força sózinhos. Porque chega na hora de puxar a ponta para trás, ou para frente, tem que pegar firme mesmo, que botar força mesmo. Então, cansa os braços, sem dúvida. Cansa a mente e cansa a vista. Porque tem está de olho, um no padre e um na missa. Como diz o ditado: Está olhando um, olhando outro. Olhar a máquina é material. Olhar para se está acabando. Se está tudo bem. Muitas vezes a gente olha para um lado que está, e o cara está chamando de outro lado que não está. Cansa até o pescoço. Porque tu fica igual a coruja. De um lado para o outro." (18)

Em meio a tantos personagens, - padres e corujas - a matéria-prima se destaca como uma das grandes fontes inspiradoras. Misturado aos diferentes sons do interior da usina, o ruído do corte das chapas nas tesouras maiores se projeta em todo o ambiente. Com os demais sons provenientes de outras seções da produção, formam uma sinfonia de aço e ferro. Nela não faltam, inclusive, cânticos e lamentos. E, para o ajudante da tesoura, o barulho do aço ao ser cortado:

"Chega até a chorar!"

Enquanto o encarregado de montar e regular as navalhas nos eixos das tesouras ouve um:

"Aço brabo! Chega até a cantar!"

Os que trabalham no posto, com a máquina, fazem a metamorfose da matéria-prima "chorar". Outros, na regulagem

das máquinas, preparam o seu "canto"! Essas descrições, aparentemente delirantes, encontram-se justapostas com outras onde, a fantasia do "choro" - ou da dor - se encarna num personagem: o próprio operário. Junto a um velho laminador há anos desativado, um velho operador viu um dia uma chapa de mais de 10 quilos "voar" sobre ele, quase atingindo-o na cabeça.(19)

Na usina, é curto o trajeto entre a ameaça e acontecimento dos acidentes. A metamorfose é causadora de lesões irreparáveis. Apesar do conhecimento que os "veteranos" de produção possam ter. Dentre estes, tais infortúnios geram constrangimentos e traumas. Eles procuram escondê-las. Um experiente operador do antigo e pesado laminador 12 perdeu a falangeta do dedo médio da mão esquerda. Ficou imprensado entre a chapa e uma roldana da máquina. No seu posto, no painel eletrônico do laminador, ele só mexe nos botões e alavancas com a mão direita. Busca trabalhar sem a mão esquerda, procurando mantê-la sempre no bolso da calça.(20)

Outro operador trabalha junto à máquina. Ele confere as medidas da chapa, a cada "passe", com a máquina em movimento. é um trabalho muito arriscado. Ele teria escapado de ser "engolido" pela máquina diversas vezes!

Portanto, prevalece o risco de acidente "em toda parte do galpão. Trabalhou com ferro, uma hora lá vai levar um arranhão." (operador da fabricação de tubos) Em algumas descrições os cortes se assemelham a uma navalha.(21) Outras descrições, nos remetem à idéia de um abridor de latas.(22)

Essas agressões das máquinas e matérias-primas sempre ocorreram porque, nestes quarenta anos de funcionamento da usina, prevaleceu a produção em detrimento de proteção ou prevenção nos postos de trabalho.(23)

As consequências destas condições de trabalho não se restringem ao posto. O acidente ocorre ali. Mas, pode extravassar a usina, invadindo a casa do operário. Por isso, para rememorá-lo, ele conta com a colaboração dos parentes que, eventualmente, foram indiretamente atingidos. Pois, colaboraram na sua recuperação.(24)

Internamente, prevalecem estas condições de trabalho agressoras no posto de trabalho. É o trabalhador que, vindo de fora, deve adaptar-se a elas !(25)

O mais antigo operador é sabedor, em parte, deste conjunto de perigos e agressões. Então, põe o velho laminador pequeno para funcionar lentamente. Maneja a alavanca cuidadosamente, para encaixar o eixo do motor no eixo do "colape" que enrola a lâmina. Segundo él:

"Tem que ser davarar. Senão ela - a máquina - fica doida!"

Além da obsolescência, a dilapidação do maquinário atingiu todas as seções, em qualquer fase da produção. Segundo o engenheiro recém admitido: "Os caras (ex-donos) 'peraram' essa máquinas. Estragava uma peça e, em vez de trocar elas recomendavam."

Isto ocorreu com os dois laminadores grandes e pesados. Junto de um deles há um trilho, com uma bitola de

aproximadamente um metro. Ele leva a um desvio. Há muitos anos, dois carrinhos trafegavam ali, transportando dois pesosados conjuntos de peças. Cada conjunto é um "coração" do laminador. Enquanto um conjunto funcionava no laminador, o outro estava na manutenção. A substituição dos conjuntos - pesados cilindros que ficam no meio do laminador - era feita rapidamente. Os carrinhos eram empurrados e encostavam em pontos de encaixe no laminador. O trabalho dos operadores era mais simples, menos perigoso, e faziam menos força. Em muito menos tempo, e menor esforço, o laminador voltava a funcionar. A substituição dos conjuntos também era rápida. Enquanto um carrinho levava, outro trazia um conjunto da manutenção. Os dois carrinhos duraram até 1961.

Segundo um operador, um dos conjuntos: "Se quebrou com o tempo. Os pedacos dele estão lá atrás." O mesmo destino teve um dos carrinhos: "O outro carrinho sumiu. Está jogado por ai... Acabou. Foi sumindo... as peças também."

Há mais de vinte anos, os operadores de um dos dois laminadores retiraram todo o conjunto "no braço". Com muito mais esforço físico e riscos. Utilizando-se de grandes e pesados pés-de-cabra. Cada cilindro pesa entre 80 e 100 quilos. O conjunto compõe-se de quatro cilindros superpostos, além da estrutura que os sustenta.

O desgaste das máquinas, nas seções mais antigas, levou à retirada de algumas delas do processo de produção. Isso alterou o espaço interno da usina. Só isso. (26) Prevenções foram tomadas só em situações extremas. Ou seja, onde a

produção fosse atingida, como na decapagem. Ali, produtos químicos corrosivos exigiam a instalação de algumas proteções... no maquinário!

A decapagem antecede a laminacão. É onde os rolos de ferro são lavados, depois de cortados na tesoura. As lâminas das bobinas são estiradas longitudinalmente, e, puxadas pela bobina presa ao máquinário, passam por três banhos químicos sucessivos, em grandes tanques. Cada um tem uns dez metros de comprimento. Os tanques ficam num salão, com mais de trinta metros de extensão. Dois frágeis tapumes de madeira, um de cada lado da decapagem, isolam a seção. Mas, não impedem a propagação do forte odor do ácido - a "catinga" - por toda usina.(27) Não só os operadores da seção estavam expostos ao ácido dos banhos químicos. A ventilação interna espalhava-o para quase todo interior da usina.(28)

O odor do ácido impregna os operadores na decapagem. Em pouco tempo, o amarelo tinge suas roupas e adere ao suor do corpo. Mas, embora a "catinga" do ácido se espalhe por toda usina, o amarelo não é a cor predominante.

Penduradas nas vigas, a uns cinco metros do chão, e em diferentes pontos da usina há seis placas com aproximadamente 1 m²., onde se lê:

"Colabore com a CIPA. Ela garante sua integridade."

As letras amarelas estão embaçadas. Uma poeira cinzenta recobre o fundo preto. A placa tem um ton marrom claro, sem a diferença cromática. E se confundem com as paredes, o teto e as vigas dos galpões, debaixo da fuligem

acinzentada que recobre tudo. A cromática preponderante no interior da usina, é a cor cinzenta dos rolos de matéria-prima de ferro ou aço. Ela recobre todas as cores com uma fina camada. Depois dela, há o negro do óleo e da graxa no piso. Não há "zebras" - listras amarelas e pretas - em máquinas, cantos, ou áreas de trajeto e circulação. E muito menos listras vermelhas e brancas para os locais perigosos.

Trabalhando, em média, mais de oito horas diárias os operadores de máquinas tem sua atenção e cuidados já excessivamente exigidos no posto. Depois, a circulação e o trajeto internos, são cheios de ciladas entre as seções. Esgotado em sua capacidade de discernimento sensorial no posto, ao sair dele o operador está mais vulnerável às ameaças do ambiente interno da usina. Após ter diminuída sua capacidade de percepção, no ritmo cinzentamente monótono do posto de trabalho, não vê uma mudança cromática contrastante em qualquer trajeto fora dele.

As placas são, portanto, duplamente inúteis: não se vêm e, o que está escrito nelas não serve para nada! Na verdade os cartazes, ou placas, contribuem para a "produção da consciência culposa". (Cf. COHN. Op.cit. 144, 145, 146 e 147)

O "continuum" de cinzentos e negros entre postos, máquinas e seções, só foi quebrado pela vermelhidão do sangue dos acidentados. Um deles é do operador da tesoura, que saiu no fim de um dia de trabalho. No seu caminho havia no ar a fita cinzenta de uma formadora de tubos. Ie esbarrou

cortando o rosto embaixo do olho direito.

Ocasional, mas significativamente, o vermelho aparece na usina. Esse cor o trabalhador vê, - e sente! - se opor ao torpor cinzento. Nestes momentos, sua expressão adota um misto de espanto e dor. O sangue tinge de gotas ou manchas vermelhas, o negro de óleo e graxa do solo, e o esverdeado das máquinas ou o cinza das paredes. E seus companheiros devem fazer a pintura de advertência às avessas: limpar e enxugar com estopas e panos as áreas manchadas!

Durante mais de dois anos de observação de campo na usina, vimos frequentes cortes nas mãos, braços e pernas. Além dos cortes profundos, e perda de membros. A cor vermelha, como aviso universal de perigo, só era vista pelos operários quando saia de seus próprios corpos. Essa cor reconhecida e propalada como símbolo para evitar a dor cumpre, na usina, função exatamente oposta: ela traz a dor!

O ruido das máquinas complementa a monotonia visual no interior da usina.(29) Além do desgaste psico-físico, o ruido das máquinas teria contribuído, também, para a perda da memória. Segundo a esposa do empilhadeirista:

"A idade vai chegando, e a pessoa vai ficando um pouco esquecida. Também, sabe porque? Muito barulho, lá daquelas máquinas da laminacão na cabeça dele, então... a pessoa fica, assim, um pouco meio esquecida... devido muito barulho que ele teve na cabeça dele!"

Com isso vemos que a explicação biológica - envol-

lhecimento - não pode ser a única, nem muito menos a preventiva forma de explicação da questão da memória. Ao fazer isto, estamos caindo na armadilha reducionista de "transformar uma lacuna do nosso conhecimento dos processos cognitivos numa lacuna da realidade." (NOSCOVICI, 1978, 249) A memória abordada dessa forma "lacunar", visa atender uma "objetividade" e produção de efeitos sociais", de modo a "incluir no real as manifestações para manipular as imagens mentais". (BOURDIEU, 1982, 135 e 136) Atrás dessa abordagem encerra-se "a resistência... em conhecer suas próprias determinações e reduções". (BOURDIEU, 1968, 39) Em última instância, é desconhecer o quanto "é toda uma teoria da estratificação social que está presente, consciente ou inconscientemente, na codificação dos indicadores da posição social, ou no recorte das categorias." (Idem, 74)

O deterioramento das condições do ambiente de trabalho, são complementares daquelas já vistas para os postos. Há um impasse, portanto, na produção, com a perda de recursos tecnológicos da usina. (36)

Desde a instalação, máquinas e matérias-primas são uma ameaça aos trabalhadores da usina. Nestes quarenta anos, a deterioração das condições de trabalho contribuiu para o processo de desvalorização da força-de-trabalho, influindo nas condições de vida fora da fábrica.

Vimos como os contatos de suas famílias com a usina se intensificaram. O envolvimento das famílias aprofundava e extendia aquele processo de desvalorização. Seus mem-

bros eram atingidos pela exploração do capital.

Nos primeiros anos de sua existência, a usina era uma alternativa de trabalho diante da sazonalidade dos laranjais. Gradualmente, os trabalhadores, e suas famílias, passaram a viver a nova expressão da submissão do trabalho ao capital. As famílias contribuem para a manutenção de um ou mais de seus membros, no trabalho da usina. Os baixos salários recebidos, exigiam o trabalho complementar de subsistência de outros componentes familiares.(31)

Muitos começaram jovens na usina. O processo de produção era extremamente desgastante. E o processo de trabalho era permeado de relações tensas e agressivas. Em meio a jornadas de trabalho muito longas e extenuantes.(32)

Segundo um engenheiro na usina há mais de vinte anos: "A usina em si, desse período... muito pouca coisa mudou aqui dentro. Uma firma que, inclusive, não evoluiu muito."

Entretanto, mesmo não tendo sofrido grandes modificações, os donos participaram dos delírios do capitalismo no Brasil. Na fase do "milagre", as máquinas já exigiam substituições, recuperações e manutenção. O capital, contudo, lancou-se numa orgia expansionista construindo uma outra usina ao lado da antiga.(33) A esse respeito, para o século XIX na Inglaterra, Hobsbawm tem alguns comentários bem adequados: "Como de hábito acontece em tempos de excesso de capital, grande parte desse dinheiro foi investido de maneira temerária, estúpida e até insana... Grande parte talvez ten-

ha sido atraído menos por cálculos racionais de lucro e prejuízo do que pela atração romântica da revolução tecnológica." (HOBBSBAUM, 1978, 103)

A ampliação da usina foi num outro momento da divisão internacional do trabalho. As características e as condições da região, no início da década de setenta, eram diversas daquelas encontradas pelo capital nos anos quarenta. O processo de produção e de trabalho era distinto.

O mais antigo operário da usina começou num laminador de médio porte desativado. Segundo ele, era assim a relação entre capital e trabalho naqueles primeiros anos:

"Aprendemos por nós mesmos, e o patrão. Não tinha 'pé-duro'! Não tinha ninguém que ensinasse! Era o gerente, o patrão! Eu... um cunhado meu, que já morreu. E outros colegas mais."

O patrão na produção era uma presença constante. A memória guarda essa figura no interior do antigo galpão, ao lado das máquinas. E, junto disso, aqueles detalhes relativos ao trabalho no campo.

Vimos que as relações com a terra não se romperam com a chegada da usina. Deu-se uma reestruturação. Não uma ruptura. Vieram novas formas de entrosamento entre processos de produção e de trabalho tecnicamente distintos, mas não economicamente excludentes. É um quadro bastante parecido com aquele encontrado por Gérard Noiriel em Longwy, embora fosse no final do século XIX. Ali ocorria a "sazonalidade do trabalho agrícola em meio ao trabalho industrial". (NOIRIEL,

Op.cit. 43) E, também, "o desenvolvimento industrial não conduziu a uma verdadeira ruptura com o meio ambiente rural... os campos asseguram uma boa parte da subsistência das populações operárias." (Idem)

Algumas palavras do vocabulário empregado por antigos empregados, conservam a matriz do seu significado original nesta fase anterior à usina. E foram incorporadas ao processo de trabalho e de produção industrial. Mas, ao seu significado pretérito, algo foi adicionado adequando-o às relações de produção na usina.

Términos com conotações pejorativas, se transferiram para o novo trabalho. É o caso do termo "pé-duro". Era aplicado profusamente aos técnicos - engenheiros, chefes de seções, etc. - principalmente pelos operários antigos. Mas, seu significado é conhecido entre os mais novos: caipira; boi improdutivo; sujeito mal educado, casca grossa; gado que não é de raça. (Cf. HOLANDA, 1986) Os operadores de máquina se utilizam dele com maior frequência, para designar a presença do técnico, de pé e imóvel, ao lado da máquina olhando o trabalho! E, outra vez, encontramos uma identidade com o campo de estudo de Noiriel que observou, nas usinas de Longwy, locais onde o trabalho "repousa sobre o saber-fazer... o engenheiro é considerado frequentemente como inútil." (34)

Aquela terminologia - "pé-duro" - migrou do período que antecede a chegada da usina. Retransmitiu-se entre os trabalhadores nestas quatro décadas. Sua presença expressa

como a vitalidade de seu significado permanece inalterado, e adequado. As mudanças - novas máquinas e seções - não impediram a permanência e divulgação destes termos, entre novos ou velhos trabalhadores. As relações de trabalho e de produção mantiveram o significado desta, e de outras terminologias. São elos, que resgatam as ligações entre as diferentes fases dos processos de produção e de trabalho. Indicam, em linhas gerais, a presença das mesmas características dos primeiros anos de funcionamento da usina.(35)

Contudo, há um detalhe. Inicialmente, tais expressões eram respaldadas pelo patrão, como instrumentos de sustentação das relações de produção paternalistas. Eram veículos eficazes para o capital mediar as insatisfações dos operários com o processo de trabalho.

O objetivo do patrão, com essa mediação, era desviar as insatisfações dos operários para os níveis médios e superiores da hierarquia. Ao mesmo tempo, reforçava sua imagem entre eles.

O paternalismo preservou-se por décadas. Mais ou menos forte, numas e noutras seções. Certos momentos, como veremos, ocorreram choques com a introdução de novas tecnologias e organizações de trabalho. Mas, não alteraram o papel do paternalismo como viga mestra.

Com proselitismo, o patrão mediava sempre, colo- cando-se "ao lado" do operário contra as "injustiças" dos chefes de seções.(36) Sua postura proselitista tinha, por trás dela, uma questão concreta.

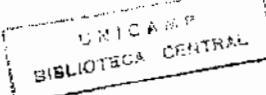
Vimos que o capital metalúrgico teve dificuldades em conseguir mão-de-obra para se instalar. O paternalismo foi o instrumento usado no processo de trabalho, para atrair trabalhadores. Colocou-se proselitisticamente contra as formas de trabalho - ali eram as olarias e laranjais - que, nas relações de produção, não "respeitassem" o valor do trabalhador. (37)

Veremos agora, como se estruturaram o processo de produção e de trabalho na usina. Comecaremos pelas características do valor da força-de-trabalho, na instalação na década de quarenta. Tomaremos por pano-de-fundo estas relações de produção. A partir de suas transformações, traçaremos alguns balizamentos das mudanças operadas na visão de mundo dos operários, na usina e na relação dela com o externo.

Abordaremos de que forma a memória é afetada por esse processo. Suas alterações de conteúdo e significado, tem sua matriz e ponto de partida, na mediação composta por essa estrutura e suas transformações.

NOTAS

i - "Esse pessoal daqui é boa gente. Mas, são muito lentos. Muito devagar. Dá vontade de pegar pelo colarinho e dar uma 'chocoalhada'. Também, há 35 anos num ritmo! E de repente muda! O que é que eu vou fazer?... Fazer nada!" (um engenheiro) Por detrás dessa "lentidão" estão os "pequenos segredos de fabricação e de trabalho, os



"truques"..." a que se refere Gramsci. Cf. GRAMSCI, 1968, 407. Tais "truques" se inscrevem como parte, ou expressão, dos "obstáculos... hábitos irregulares dos próprios trabalhadores... Embora essa irregularidade no dispêndio da força de trabalho seja uma reação primitiva e natural contra o enfado de uma labuta monótona e macante, ela se origina, no entanto, em grau incomparavelmente mais elevado, da anarquia da própria produção que, por sua vez, pressupõe novamente exploração desenfreada da força de trabalho pelo capital." MARX, 1984, 63.

- 2 - O conceito de "tecnológico-idílico" está em Panzieri: "se representa todo o processo de industrialização como dominado pela fatalidade tecnológica... a 'racionalização administrativa'... aceita em uma forma 'técnica', 'pura'... e as contradições do capitalismo contemporâneo... ficam completamente ignoradas em prol de uma representação tecnológico-idílica." PANZIERI, 1977, 46.
- Como conceito oposto usaremos o termo "endo-técnico", a partir de uma definição de Simondon: "Os conjuntos técnicos se caracterizam pelo fato que uma relação entre os objetos técnicos se institui ao nível da margem de indeterminação de funcionamento de cada objeto técnico. Esta relação entre os objetos técnicos, na medida em que ela coloca indeterminações em correlação, é de tipo problemático e não pode, por esta razão, ser assumida pelos próprios objetos: ela não pode ser o objeto ou o

resultado de um cálculo; deve ser pensada, colocada como problema por um ser vivo e para um ser vivo."

SIMONDON. 1969. 145. Embora haja nuances entre tais conceitos nas relações de produção concretas, eles podem ser tomados como opostos; pelo caráter "subjetivo" da relação com a máquina do "endo-técnico", distinto da forma "objetiva" que se propõe a relação tecnológico-ideílica com a máquina. De qualquer forma, são duas relações de trabalho distintas e conflituais, como veremos no próximo capítulo. Nele, abordamos como a relação endo-técnica com a máquina influí no campo da memória, por meio das relações de trabalho e de produção, como base da estrutura paternalista. Essa relação é apontada por NOIRIEL, em trabalho de pesquisa cujo objeto tinha características semelhantes: "Longa familiaridade com a matéria em fusão... um conhecimento íntimo do produto... explica o termo 'saber fisiológico' forjado por um inspetor do trabalho... a transmissão do saber se faz também de uma maneira quase física, por um mecanismo reenviando a mimesis como reativação prática, mais inscrita no corpo que no discurso... assegurar um aprendizado ao jovem que o sucederá... a importância da endotecnia e do aprendizado familiar... o corpo a corpo com a matéria, de onde provém seu saber, é também um longo sofrimento... intoxicações por gás... e explosões." NOIRIEL, Op.cit. 51 e 52.

3 - Nessa visão subjetiva e idealizada do trabalho, o oper-

rário vê a sua sensibilidade como uma contraposição à frieza da técnica. Ela não é, óbviamente, privilégio dos trabalhadores metalúrgicos. Renato Ortiz aponta processo semelhante na área da comunicação, com a televisão na década de cinquenta: "O advento da televisão demandava dos antigos homens do rádio uma criatividade que não encontrava normas estabelecidas... O quadro evocativo é certamente romântico... Os profissionais do rádio, quando se referem ao ambiente de trabalho da época, o qualificam como "gostoso", "criativo", em contraposição à nova tecnologia que surge na década de 50, a televisão." ORTIZ. 1989. 97, 99 e 100.

- 4 - Um operador de laminador pesado relacionou tempo, velocidade e distância: "Se é duzentos metros por minuto (indicado num mostrador do painel) e a gente leva 10 minutos tirando um 'passo' (a lámina é prensada pelos cilindros, no meio de laminador: ao 'passar' de um para outro lado, cada vez é um 'passo'), esse rolo estirado vai até Nova Iguaçú."
- 5 - Segundo Naville, "A mudança de um elemento da série sincrônica pode introduzir diacrônicamente um remanejamento do sistema." NAVILLE. Op.cit. Página 90. A dimensão dessa transformação alcança, com as mudanças tecnológicas trazidas pela usina, um efeito que se projeta na economia da vida humana, onde: "o tempo como força e matéria da existência costumeira é afastado sob a influência da indústria, adotando o aspecto de um

poder soberano." DEBOUZY. Op.cit. 219.

- 6 - O carpinteiro conserta portas, faz armários, e o seguinte material para as máquinas na produção: - cavalete: bases de madeira para amparar o material e facilitar o transporte da empilhadeira; - rampa: para subir ou descer o rolo da máquina; - coletes: aumentam a pressão no "colaps" dos laminadores já muito largos ou soltos; - calços: cunhas de madeira que prendem ou fixam as chapas, quando são cortadas nas tesouras. Em suma, a colocação - e o estado - destas peças de madeira feitos pelo carpinteiro, são fundamentais no funcionamento da maioria das máquinas da usina. Todo esse material tem a ver, de alguma forma, com o grau de desgaste das máquinas. Um dia, o carpinteiro faltou. Durante um corte de lâmina na tesoura 2, a chapa começou a "pipocar". Ou seja, o calço de madeira não estava muito justo entre o eixo da navalha e a chapa. Cada vez que a madeira tocava na chapa, fazia o ruído de uma batida seca e curta. Quando o ruído começou, o ajudante chamou o inspetor de qualidade que se dirigiu ao engenheiro. A folga afetava as medidas de largura da chapa. A chapa não estando bem presa, ficava "batendo", donde o ruído. E, com isso, o excesso ou "rebarba" no corte da chapa ficava mais alto. Esse defeito da matéria-prima iria afetar, posteriormente, o trabalho com o laminador.
- 7 - RICCHI. 1981. 282. No Brasil, a quantidade de aciden-

tes de trabalho, seu efeitos sobre o indivíduo, a família, e o processo de perda de cidadania que lhe é correlato, são denunciados de uma forma descriptiva e crítica em: "Acidentes de trabalho, uma forma de violência" COHN, KARSCH, HIRANO, SATO, 1985.

- 8 - MACHEMEZ. In BASAGLIA, 1978, 16. O biologicismo e o psicologismo não se restringem às questões ligadas às condições de trabalho agressivas à saúde. Eles alcançam, como veremos, as concepções em torno da memória, como caracteres que se expressarão, também, "através de um enfoque teórico e técnico individual, que os conjuntos sociais adotam e avalizam contraditóriamente." Idem. Página 17.
- 9 - É na manutenção que a anarquia da produção capitalista torna-se, particularmente, um transtorno para o trabalhador. Neste sentido, é bem expressiva essa descrição feita pela comissão de manutenção do metrô do Rio Grande do Sul:

Manutenção. É isto:

Quando tudo vai bem,

Ninguém lembra que existe,

Quando algo vai mal,

Dizem que não existe.

Quando é para gastar,

Achar-se que não é preciso existir.

Porém, quando não existe,

Todos concordam que,

Deveria existir.

- 10 - A maior ou menor valorização que é dada, ora ao trabalho vivo ora ao trabalho morto, servem de pano-de-fundo para o entendimento das formas de atuação, ou tendências, da medicina do trabalho. Cf. LAINO. 1984. 99.
- 11 - Noutro momento, junto da formadora de tubos um operador trabalhava na manutenção da máquina. Conferia o ajuste de uma conjunto de ferramentas com a ponta do dedo indicador. Rodava manualmente as roldanas com a mão esquerda enquanto, com o dedo indicador da mão direita, tentava sentir possíveis asperezas nas roldanas. Ou, também, possíveis desajustes entre elas, capazes de marcar os canos. Enquanto conferia o ajuste das ferramentas do castelo do jogo de calibração - sua regulagem é que mantém os canos nas especificações - eu disse para ele: "é o paquímetro substituído pelo 'dedímetro'!?" Ele parou, olhou para o seu dedo indicador e deu um sorriso.
- 12 - Os operários que estão na usina desde a década de 50, "as máquinas tão meia ruins, né! Quase tudo velho. Sempre quebra... eu acho que as máquinas atualmente estão muito cansadas. Não está tendo o rendimento conforme dava!" (encarregado dos fornos e operador da decapagem) "Quanto mais corre, mais os cilindros pesam. Antigamente, quando chegava aqui (indicando uma marca vermelha no mostrador) ela cortava automática. Agora, isso é muito difícil." (operador de laminador mais pesado)

13 - "Eu comecei trabalhar lá com macarico. Tenho 30 e poucos anos que eu trabalho com o macarico. Quando eu falo o perigo que pode acontecer lá com o macarico... eu digo: 'rapaz, o manômetro tá enguiçado... eu trabalho com manômetro enguiçado, eu sei o que está ocorrendo. Mas, eu sei. Eu conheço que ele tá enguiçado. Eu sei como é que eu faço. Você não sabe. Você pode ser maçriquero, mas você não saber mexer nisso quando tá enguiçado. Você chega para se mostrar... você não trabalha com aquele macarico, eu que trabalho, eu sei como é que ele está' Então, eu sei como é que eu vou abrir. Como é que eu vou regular. E trabalho tranquilo. E não acontece nada. E pode acontecer. Mas, eu já estou prevenido... A mangueira, estouraram. Mangueira velha, ruim. Estoura à tóal! Pode estourar e pegar fogo. Queimou o Mário.... O manômetro tava ruim, e eu falei: 'Esse manômetro tá ruim! Vocês tem cuidado! O Mário bobeou, estourou na mão dele. Estourou! Queimou o braço do Mário todinho. Eu falei: 'Mas, eu não falei prá você que tava ruim!? Você tem que ter cuidado!' Mas, cochilou, o cachimbo caiu! A gente não pode bobear não!"

14 - "Olha, a gente não nota a diferença. Porque eu vou dizer uma coisa ao sr., a gente trabalhando,... e trabalhando, o tempo passa e ninguém nem vê. Pra gente é tudo uma coisa só... tá todo dia ali, naquele movimento. Você faz vinte anos! Faz trinta! Faz quarenta!

ta! Aí não nota não! Porque você aprende a trabalhar. Vai arrumando daqui. Arruma dali. Que você não nota nada não!" (operador da decapagem)

15 - Uma tarde, o controlador de qualidade do material estava ao lado do laminador maior e mais pesado. Na primeira medição que fez, disse a um dos operadores: "Está com 30." Aí, mediu de novo: "Agora está com 20!" E comentou: "é loteria. Afina e engrossa de uma hora para outra."

16 - Certa vez, os dois operadores haviam terminado de laminar uma bobina, ou rolo, de aço. Quando terminaram de colocar outra bobina no "colaps" - espécie de pino que funciona como carretel enrolando a lâmina - perguntamos: "é aço também?" Um dos operadores respondeu: "Não, isso aí é ferro." O outro operador, junto do painel, acrescentou: "é filé-mignon!"

17 - Segundo um dos operadores do laminador pesado: "Aí, está vendendo! Agora vão botar uma chapa mais estreita. Depois que ela fizer a 'cama' vão botar uma mais larga. Assim, acaba com a paciência da gente." Segundo Amélia Cohn et alii, "as enfermidades mais frequentes são as de origem neuropsiquiátricas... Embora nestes casos a origem vinculada ao trabalho possa não ser direta, observa-se que as doenças psiquiátricas... têm muito a ver com as tensões inerentes às relações sociais de produção que se estabelecem no próprio processo de trabalho." COHN, et alii. Op.cit. Página 96.

18 - Um depoimento muito semelhante é o que foi dado a Alessandro Portelli por um operário das usina de Terni: "Eu me recordo disso: um pouco dos dias que estava na oficina mecânica, ali cada um na sua bancada, o chefe que tinha o escritório um pouco no alto, de onde via toda a oficina. Todos que trabalhavam nesta bancada, cuidavam de ter um olho no trabalho a ser feito, e com o outro olhava o chefe. Ele se virava, você parava; ele se voltava, remomecava a trabalhar." PORTELLI. Op.cit. 87/88.

19 - "Faltando vinte minutos para as quatro, para eu largar o laminador quatro... Eu tava passando material de 3 e 10 pra 1.90. Era só um passo só. Era material crú ainda. Não era queimado... 'Ah, falta vinte minutos para as quatro! Bom, ainda dá pra tirar esse rolo.' Ai, a máquina... o material corre pra caramba! Quando chegou no final, a ponta de dentro era dura... ela era parece que torta, virou assim, pegou a tampa, aquela chapa da caixa, aquela chapa de ferro, pegou assim, aquilo foi igual uma mola! Pô! Jogou aquela chapa no alto... eu vi aquilo em cima e levei o braço... para não bater na testa! Mas, ainda passou riscando aqui ó! Levei quatro pontos... Vou!... jogou ela lá no alto, ela veio... Aquilo era pra me matar!" Mas, se ele escapou desta há muitos anos, no laminador, não conseguiu evitar de perder uma unha há pouco numa rebarbadeira. (tira as rebarbas ou excessos das lâminas) Isso, apesar de ser

considerado um "veterano" entre os demais! "O acidente de trabalho propriamente dito prevalece em todas as profissões, independentemente de o trabalhador ser não-qualificado, semiqualificado ou qualificado...Na indústria mecânica, metalúrgica e siderúrgica, outro ramo com alta incidência de acidentes graves, este fenômeno é mais evidente: 29% de trabalhadores semiqualificados e 47% de trabalhadores qualificados." COHN, Op.cit. 84 e 91.

20 - Segundo Éle: "Não tem um veterano aqui da laminacão que não tem uma marca. Eu mesmo tenho duas para o resto da vida. Essa aqui, na testa, e esse dedo." Nesse momento, o outro operador do laminador lhe perguntou: "Você guardou o dedo em casa?!" Ao que Éle respondeu: "Guardai! Tá lá em casa!" Cf. "O acidente pelo acidentado (depoimentos)" In, COHN, Idem. 102 a 117.

21 - "Aquela cortadeira... às vezes dá alguma rebarba... aquilo vai cortando o cano. Às vezes, o tubo pegou um problema nele ali, às vezes acontece de cortar a luva, e corta a mão também. Acontece isso. Você vê lá nos 'armados' (amarrados de tubos)... é perigoso se você pega eles todos com a mão... Às vezes esquece, bota a mão na ponta dele ali, ali onde a cortadeira corta. Fica igual uma navalha! Cortando!" (operador de conifidadora) Cf. COHN, Idem. 102 a 117.

22 - "... porque às vezes o tubo sai, a máquina corta e fica uma rebarba... fui pegar pra botar na cesta lá... Agar-

rou! Agarrou e puxou isso aí... quando eu botei o dedo!
Ai agarrou na luva. Cortou a luva e abriu o dedo!"

(Operador de laminador) Cf. COHN. Idem. 102 a 117.

23 - "Havia sempre se pedido essas coisas. Mas, a oficina mecânica nunca tinha possibilidade de fazer isso. Porque, a mecânica andou fazendo algumas máquinas novas, de tubo, e tudo. Eles davam mais preferência à fabricação... aquelas máquinas de fabricar tubo quadrado lá, foi feitas todas na usina. A quadratura. A dobradeira. Foi feitas na usina. Que é para melhorar a produção lá. Para poder vender mais. Depois, na medida do possível, eles iam fazendo as proteções lá..." (enfermeiro aposentado)

24 - Os parentes ajudam a fornecer marcos referenciais: "Da cabeça tem uns 21 anos. Eu lembro porque eu praticamente perdi uma criança por causa dessa queimadura dele... é, foi! Porque eu me assustei. Eu me assustei. Não perdi logo. Mas, ele nasceu prematuro. Nasceu com oito meses. Foi um parto difícil... Vai fazer 22 anos agora em janeiro. Dia 2 de janeiro faz 22 anos." (esposa de operador da decapagem)

25 - Tal inversão veio ocorrendo durante todos esses anos. Ela foi tão forte - e tão quotidiana - que, no processo de trabalho, o que era da máquina passou a ser atribuído ao homem: "O N., esse aprendeu comigo. Entrou como ajudante, também. Direto. Seu J., que era o ancarregado, botou ele pra trabalhar comigo. Ainda chei ruim

com ele: "Pôxa, o Sr. só manda ajudante aqui pra mim amansar! Chega lá de fora pra mim amansar!" (operador de taminador e limpeza)

26 - "Então, só modificou lá negócio de espaço. Porque teve lá umas duas máquinas que eles venderam há uns tempos atrás, porque não estavam sendo mais usadas... Eu acho que, sobre o perigo que elas ofereciam antes, elas oferecem agora. Dependendo do equipamento que a pessoa está usando, e da atenção que a pessoa tem." (encarregado da matéria-prima)

27 - Estes ácidos sempre foram altamente corrosivos. Segundo um operador: "... aquele motor ali da decapagem... queimava quase que diário. Ai, ele fez uma caixa e botou ele. Não queimou mais. Aquela fumaça do ácido penetrava dentro do cobre, do fio de cobre e ai comia. O ácido fazia aquela crosta, e o motor queimava. Ai, ele fez aquela caixa e botou o motor ali dentro." (operador da decapagem)

28 - "A mesma coisa. Tudo uma coisa só. Só amarela muito. Esse ácido amarela tudo, né. Ele amarela tudo. Tudo fica amarelo. Até a roupa da gente fica tudo amarela... é, amarela tudo. Aquilo penetra no salão todo... fica tudo amarelo... A parede fica amarela. Se você botar uma roupa lá, fica toda amarela... O vento dá. O vento vai para lá, vai para cá. Está ventando ali, você está aqui, e você não está aguentando o ácido aqui. Vem para cá, que está bom. Mas, depois, começa a atacar aqui. E

para lá já está bom!... por isso é que eu não sei..."

(operador da decapagem)

29 - O empilhadeirista, que trabalhou mais de vinte e cinco anos rodando com a máquina ali dentro, sentiu os efeitos: "é muito barulho na cabeça... (a esposa) Ele não aguentava mais aquela barulhada do maquinário. Aquilo incomodou muito ele também. (o empilhadeirista, complementando) Fiquei nervoso! Fiquei nervoso, que o chefe me respondia qualquer coisa, eu respondia também na cara."

30 - Os trabalhadores encontraram algumas formas muito claras de dizer, como a tecnologia tinha esgotado o seu ciclo. Ou, como a máquina não tinha mais nada - ou quase nada! - para transferir: "Seu D. falava para mim assim: 'P. quantos rolos você lava aí por dia?' Eu falei: 'Seu D., isso aqui a gente não pode dar produção, porque a gente, quanto menos a gente trabalha, quanto menos trabalha, mais produção nós damos. E, quanto mais a gente trabalha menos produção nós damos... A gente, quando a gente está... a máquina está parada, nós estamos trabalhando. Não estamos produzindo... E quando a gente está sentado... estamos produzindo e não estamos trabalhando.' É esse negócio. A gente não pode dar produção. Ele Falou: 'P. você em oito horas, me lavando vinte bobinas dessas, estou satisfeito!' Eu disse: 'Mas não dá seu D. De jeito nenhum. Nem correndo bem, nem correndo mal... umas 16 bobinas dá para a gente lavar.'

Correndo bem! Correndo bem! Porque você botar uma bobina na máquina e correr normal, é uma beleza! Você trabalha pouco e rende a produção! Agora, se enguiçar, você se dana todinho trabalhando! Suar do pé à cabeça... Então, você trabalha 2 ou 3 horas, e não fez nada. Só trabalhou! Não deu produção!... Agora, no dia que você nada faz, você dá produção." (operador da decapagem)

31 - "Lá em casa todo mundo trabalha. Até minha mulher. Tenho oito filhos. Todo mundo ganha mais do que eu. Só eu ganho para o feijão com arroz." (operador de laminador grande, com mais de vinte e cinco anos de usina)

32 - "... o homem era de judiar!... não soube aproveitar. Porque ele encontrou um osso para ele roer! Porque se ele soubesse me levar, nós fomos combinar: '... O senhor é duro?! Eu também sou!' Então o seu T., que era o encarregado, pegava quatro homens. Ele tirou dois de lá... E nós vínhamos buscar ferro ali quase na frente da laminação pra lavar lá nos fundos!... Não tinha quem levava lá para gente não! Tinha o carrinho. Botava oito rolos e um puxava na frente, e o outro ia empurrando! Mas, não precisava aquela ignorância dele comigo! Não! Ele queria era me botar de qualquer maneira para fora! Mas, não deu não! Eu chegava em casa morto. A mulher falou comigo: 'Larga essa porcaria. Vai embora. Larga esse serviço. Isso te mata de trabalhar!' E eu: 'Não largo!'... Ai eu continuei. Aquela dureza! Chegava em casa quase morto!... De sete da manhã até as seis da

tarde. Quando não ia até as dez da noite." (vigia)

- 33 - "A usina foi criada numa época em que o Brasil...na época do milagre brasileiro! A finalidade de produzir cada vez mais, e tentar exportar. Mas,...foi um empreendimento muito grande, e para um mercado que não comportava o tamanho do equipamento...De mais a mais, na mesma época que era fabricada essa máquina aqui, a P. Iá em São Paulo estava montando uma máquina exatamente igual a essa. Então, as duas entraram em funcionamento juntas. O mercado poderia ser abastecido com uma máquina...e ainda sobraria capacidade. E recebeu, de uma pancada só, o funcionamento de duas máquinas! Então, foi realmente um período muito difícil. A única saída era a exportação. E nós começamos a exportar muito...para os E.U.A. Mas, depois a situação começou a se agravar muito. Porque a usina nova exigia um investimento muito grande, para poder continuar se desenvolvendo."(engenheiro)

- 34 - NOIRIEL, G. Op. cit. Página 48. Noiriell apresenta o termo empregado pelos operários de Longuiz para se referirem aos engenheiros que, em termos de conteúdo irônico, guarda semelhanças com o "pé-duro". Eles denominavam aqueles técnicos de "o senhor sabia". NOIRIEL, G. Op. cit. Página 150.

- 35 - Uma terminologia própria, no âmbito de relações sociais concretas e delimitadas, tem uma dimensão política e psicológica. A vitalidade de termos velhos em situações

aparentemente novas, e vice-versa, contém uma combinação variável de equilíbrio momentâneo das relações sociais. Conceitos teóricos não estão, óbviamente, imunes das reduções que podem advir desse processo. É a dimensão política que subsiste em tais distorções. Cf. GRAMSCI, A. Op. cit. Página 109. FERRAROTTI, 1976, 110. Neste sentido, segundo Naville, "... é preciso que eu saiba sobre que eu me fundamento para afirmar que um elemento tomado de uma época... é a mesma coisa que um elemento tomado de uma outra época... Não é fácil dizer o que subsiste numa série diacrônica" NAVILLE, Op.cit. 94. O termo "pé-duro" tem, também, uma dimensão psicológica próxima da abordagem da representação social da psicanálise de Moscovici: "Os conceitos psicanalíticos não mais aparecem como imagens estáveis, transformando-se em categorias da linguagem (categorias sociais) próprias para diferenciar os indivíduos, as aparências e os acontecimentos, e para serem confirmadas por eles... A categorização não é uma operação neutra em nossa sociedade. O julgamento de alguém é contaminado pelo julgamento sobre alguém... O indivíduo é observado e compreendido através de traços próprios da tipologia dominante, exercendo-se por vezes uma pressão coletiva para fazer coincidir o comportamento real com as categorias geralmente admitidas." MOSCOVICI, Op.cit. 130, 132 e 142.

dassem um empregado embora... (ele) queria saber porque foi: 'O que você fez? Filho! Porque tu vai embora filho? Porque fulano mandou você embora?'... 'Ah, porque eu fiz isso e isso.' Se você tivesse razão, é certo, então ele dizia: 'Então, quem vai embora é quem mandou você. É quem vai.' Ele dizia assim: 'Chefe aqui não me dá dinheiro não! Quem me dá dinheiro, é vocês que trabalham para mim. Os chefes aí dentro são uns parasitas. Ficam só olhando vocês trabalharem. Agora, é vocês que me dão dinheiro. É vocês!' " (operador da decapagem)

37 - "... os empresários são os chefes do tempo industrial. Não há legislação do Estado... A disciplina é a razão de ser do regulamento da usina... é a apropriação do tempo do outro, é despersonalizar o tempo individual... coloca rígidamente o tempo dos indivíduos no tempo dos patrões. O regulamento é redigido num presente, que impede que haja nele um futuro. Uniformizam e sincronizam o tempo para todos... ritmando a vida de comunidades inteiras." DEBOZY, M. Op.cit. Páginas 205/206.

3 - História da usina e a memória dos trabalhadores.

Os antigos proprietários venderam a usina em 1983. Não sómente as máquinas foram negociadas. Desde 1941, os operários mais velhos acumularam um conhecimento empírico no trabalho com as máquinas e as matérias-primas. Esse produto do trabalho nada custou ao capital. (Cf. MARX, 1983, 264)

Os cuidados requeridos desgastaram física e mentalmente. As condições de trabalho eram extenuantes. Cresceram as ameaças das máquinas e matérias-primas no processo de produção e de trabalho. De seus físicos, as marcas se incorporavam às suas memórias. Daí transmutavam-se em exigências de adaptação de seus movimentos a tais condições. (1)

No estudo feito sobre a saúde nas fábricas, Berlinguer considerou relevante a questão do desequilíbrio entre partes automatizadas e não automatizadas, surgido na industrialização italiana a partir da década de 60. Entre as intervenções conseguidas entre os trabalhadores, duas são significativas: "onde não se deu a automação, (o capital) procura intensificar os ritmos com métodos coercitivos e paternalísticos"; "existem fortes desequilíbrios entre as várias partes que estimulam os maiores ou menores salários, à maior ou menor periculosidade, e onde se insere o fator demagógico e paternalístico do patrão." (BERLINGUER, 1977, 93) O paternalismo da usina em Mesquita, tem os mesmos marcos.

Acompanhando os surtos de industrialização no Bra-

sil, nas décadas de 50 e 60, a fábrica introduziu novas máquinas. Estas não foram seguidas de mudanças na estrutura da produção. Aqui também surgiu o paternalismo, decorrente de uma convivência coercitiva com as ameaças e perigos do processo de produção. Diante deles, os trabalhadores produziram conhecimentos e defesas, pelos quais o capital não pagou. Mas, deixou "heranças" nos corpos dos operários. Todo trabalhador da usina tem sua marca. Da mais simples às lesões irreparáveis, dos mais velhos aos mais novos, todos receberam sua cota. Os acidentes estiveram permanentemente presentes nas relações de produção na usina.

As máquinas tornavam-se obsoletas. Não eram substituídas. A manutenção, quando era feita, voltava-se para a produtividade. Diante do acúmulo de desgastes material e moral das máquinas(CF. MARX, 1983, 89), os trabalhadores se viam envolvidos no processo de valorização, por meio de um processo de produção cada vez mais imprevisível e imprevedível.

Os fundamentos de tal processo de produção são, portanto, que: 1º) não livrando o trabalhador do trabalho, as máquinas privam seu trabalho de conteúdo, e; 2º) "não é o trabalhador quem usa as condições de trabalho mas... são as condições de trabalho que usam o trabalhador."(Idem, 43)

Sobre tais características, as condições produzem um temor de fragmentação do ego, com regressões e cisões introspectivas, capazes de conduzir o sujeito a recorrer a uma solução adaptativa representada pela despersonalização.(2)

Para De Paoli, a despersonalização é "um trabalho de negação, tendente a tranquilizar o sujeito de que ele não é um ser inanimado ou sub-humano... Tal resultado é obtido através de uma cisão do Eu, na qual a parte ruim nele das representações internas de Si é isolada... enquanto o sujeito se identifica só com a parte boa de Si... Com esta cisão se obtém dois resultados: se nega que tenha ocorrido uma degradação da personalidade, e se evita que ulteriores ataques possam diminuir a própria dignidade. A despersonalização, de fato, tem também uma finalidade defensiva: sendo 'não humano' o sujeito adquire o caráter de invulnerabilidade." (DE PAOLI. Op.cit. 267) É uma tênue expressão da perda do que Giovanni Jervis denomina de "contratualidade social". (GERVIS. Op.cit. 31)

Em termos de metodologia de História oral, é preciso considerar que, "consecutivo ao desenvolvimento do salariado, um número cada vez maior de pessoas vive vidas paralelas... totalidade da existência... é... saber como cada qual procura contar a história de uma série de contingências como resultante de um desenvolvimento unitário.. compreender como fazem os seres humanos para construir uma unidade de sentido da qual sua vida real foi desprovista... se esforçar em dar um sentido ao passado." (BERTAUX. 1980. 213) Ou, outros termos, "podemos perguntar em que medida atitudes particulares, em relação ao tempo, podem incidir sobre o êxito social, notadamente porque elas permitem a elaboração de estratégias temporais adaptadas a uma situação... multiplici-

dade de tempos sociais... as concepções de tempo subjacentes aos campos de atividades." (MERCURE, op.cit., 272) O objetivo é de atenuar os riscos do historicismo em História Oral que, segundo Ferrarotti, seria um " 'compreender' sem primeiro 'escutar'" (FERRAROTTI, 1986, 104). Mais à frente voltaremos ao problema. Queremos registrar, neste ponto, a importância desta questão metodológica no decorrer de toda abordagem da memória em História Oral, devido às próprias características - depoimentos pessoais - do material empírico da pesquisa.

Para conviver, portanto, com tais agressões do ambiente de trabalho, veio surgindo a "anulação" de uma parte de Si como refúgio. A alternativa, diante do medo das máquinas e matérias-primas, era tentar um virtual "desaparecimento". A intropção-alienação dos perigos, foi a forma adotada da luta pela preservação da vida, frente à imposição da produtividade, em detrimento da melhoria das condições de trabalho. O sistema de defesa elaborado visou anular, ou amortecer, tais ameaças pela alienação da presença deles no processo de trabalho e de produção. É uma expressão da "ideologia defensiva" identificada por Dejours (DEJOURS, 1980, 23 a 33).

Segundo este autor: "De uma relação desarmoniosa entre o conteúdo ergonômico do trabalho (coação física, química, biológica) e a estrutura da personalidade, pode emergir uma insatisfação e, correlativamente, um sofrimento, que é de natureza mental e não física... Este... componente da insatisfação do trabalho não é de ordem 'significativa' mas

'econômica'... O vivido de forma ansiosa existe efetivamente, mas ele aparece excepcionalmente na superfície. é que ele é contido... pelos sistemas de defesa... se a ansiedade não fosse neutralizada dessa maneira, se ela pudesse surgir a qualquer momento durante o trabalho, então os operários não poderiam continuar suas tarefas por muito tempo... as atitudes de recusa e de desdém frente ao perigo são uma simples inversão da proposição em relação ao risco... os operários às vezes adicionam ao risco de trabalho, performances pessoais e verdadeiros concursos de habilidade e bravura."

(Idem, 56, 70 e 71)

Esse constante esforço psicológico dos operários, foi direcionado no sentido de reequilibrar as relações de produção e de trabalho, de modo a atenuar os perigos existentes, e gerados pela mediação anárquica do capital. Foi em meio a esse processo - de grandes os danos físicos e psicológicos aos quais suas existências eram obrigadas a conviver - que suas memórias se forjaram. Assim, o que é permanente por trás de suas recordações é que:

"Qualquer máquina é perigosa... O perigo é invisível. A gente não vê o perigo, o perigo do acidente é invisível. Porque se fosse uma coisa que a gente soubesse onde ia acontecer o acidente, o cara naquela hora não dormia ali. É invisível... eu já acostumei com a máquina toda, que eu não sinto perigo com a máquina... O acidente é invisível! Porque o cara acostuma a trabalhar. A maneira que a

gente acostumou com a máquina, a gente perde o medo da máquina.... O perigo é invisível. Sabe como é, o cara está trabalhando, Ele esquece... Nós começá a transpirar o corpo. Então, no transpirar do corpo, nós esquecemos do perigo."(operador de máquina, há mais de 20 anos na usina)

Neste depoimento há duas questões. A primeira refere-se ao perigo da máquina. A segunda visa delimitar se, o acidente ou o perigo era invisível. Ele destaca, inicialmente, que era o perigo e não o acidente, que era invisível. Mas, quando a máquina se torna mais presente no enunciado, o acidente também vai se tornando invisível. O termo "invisível" é empregado cinco vezes na pequena descrição. Fora as expressões sinônimas, como "a gente não vê". Por fim, as distinções entre perigo e acidente desapareceram. Ambos se encontram, e identificam, na necessidade de estarem devidamente envolvidos na... invisibilidade!

Os trabalhadores elaboraram, portanto, um sistema para que essas marcas desaparecessem de suas mentes, porque estavam presentes em seus corpos. Neles, elas representavam a lembrança da rapacidade das máquinas, sob o processo de produção e de trabalho capitalistas. Consideramos estes aspectos - despersonalização e "invisibilidade" sustentada pela neutralização da ansiedade diante dos riscos pela "bravura" - como componentes fundamentais, presentes na formação, e conformação, da memória dos trabalhadores. Neste sentido, "quando se opera uma translacão, há uma regressão das fun-

ções do eu e um enfraquecimento do exame da realidade, ainda que de forma momentânea... Além do mais, se verifica um bloqueio parcial de algumas áreas da memória, o que explica como a transferência pode ser considerada um repetir quase mecânico, ou um reviver sem recordar." (DEJOURS. Op.cit. 27)

Mas, em dados momentos, o "esforço de enfraquecimento do exame da realidade" - que se expressa nos "concursos de habilidade e bravura" - falha. O invisível súbitamente reaparece. E, mais uma vez corporificar-se no trabalhador. Então, é:

"Desagradável pra caramba! As vezes a gente está com uma atenção boa... Ai acontece um negócio desse é ruim pra xuxú!" (operador de formadora de tubos)

Nestes momentos, "o fantasma adquire uma força incontrolável por ter sido substituído por uma violência real, mortal, sem perdão... A angústia dilacerante exprime-se... em ausências em que o inconsciente fala sua linguagem crua (sua aparente loucura): um teatro... os corpos, que revelam a infelicidade, passam inteiramente, porque moldados por um erro que se lhes atribui, para o lado da patologia. Assim, retomados pela violência, de novo condenados, uma segunda vez executados". (REVEL. PETER. In, LC GOFF. NORA. 1976. 151)

O sustentáculo desse ciclo são as características empiricistas e paternalistas, predominantes nos processos de produção e de trabalho na usina. Tais relações de produção e de trabalho, atingiram a auto-estima e auto-identidade. Os

acidentes, além de traumáticos, provocam danos e perdas irreparáveis na identidade dos trabalhadores. É o que veremos mais à frente. Abordaremos, também, como a estigmatização tem sua matriz na mesma estrutura.

O conjunto de "esquecimentos" e "desaparecimentos" forma parte dos conhecimentos dos trabalhadores aplicados às máquinas. Tais conhecimentos - dos perigos do trabalho, principalmente - sob relações de produção paternalistas, contribuiram para forjar os heróis-aristocratas das relações de trabalho.(3)

Os pioneiros e jovens operários, se iniciaram nestas relações de produção. Enquanto envelheciaam, mantinham e reproduziam aquela estrutura. Ao mesmo tempo, guardavam para si os segredos e perigos das máquinas, que eram tanto mais impenetráveis quanto mais obsoletas elas fossem. Envelheciaam elaborando o saber lidar com as ameaças das máquinas, configurando suas relações de trabalho na usina. Nos primeiros anos, o trabalho desmistificava as máquinas no processo de produção. Mas, paralelamente, mistificava a participação destes velhos trabalhadores.(4)

O capital usou estes pioneiros, por meio do "turn-over", para formar, e disseminar, as relações paternalistas de produção entre os trabalhadores. Por meio deles, controlava o interesse, a capacidade de adaptação a diferentes setores da produção e, também, a produtividade.

Dos primeiros anos de funcionamento da usina, os antigos operários destacam, significativamente, dois aspectos

tos. Primeiro, a facilidade de encontrarem emprego na época. Segundo, o alto salário pago pela usina.(5) Na descrição de uma cena simbólica, um operário reproduz aquele passado e, irônicamente, a diferença com o presente:

"Antigamente era diferente. Dizem que na década de 40 os encarregados e os patrões ficavam no portão, chamando as pessoas para trabalhar na fábrica:

"- Vem cá, que eu te pago mais!" Dizem que, aqui na usina mesmo era assim. Os patrões só faltavam beijar os pés dos operários. Hoje, os operários beijam os pés dos patrões..."(encarregado das tesouras)

O simbolismo da imaginação é confirmado pela diferença do salário pago, na época, entre uma das olarias e a usina. O velho operador de laminador, veio de uma delas e:

"Lá (na olaria) eu ganhava 5.400... Vim pra cá... pra S. A entrada foi 8 mesmo."

Mesmo assim, para os pioneiros a usina foi um trabalho ocasional, entre a sazonalidade da grande lavoura e a olaria. Para fixá-los, a usina chega pagando mais, aproveitando-se da situação de estagnação e decadência daquelas. (6) Neste sentido, há muitas semelhanças com a introdução do F.D.R., ou "five dollar day" do fordismo. Segundo Huu Beynon, "Em janeiro de 1914, Detroit, e quase todos os Estados Unidos, foram atordoados com a novidade de que Ford tensionava co-participar seus lucros com os trabalhadores. As médias salariais da Ford Motor Company sofreram um aumento

de 2.30 para 5 dólares por dia... negociação de pacotes salariais que ficaram conhecidos como Five Dollar Day. O acordo não era um contínuo incremento salarial. Um de seus objetivos era incrementar o controle da Companhia sobre a circulação do trabalho. Baseava-se numa rationalização em larga escala do trabalho, através de um esquema de avaliação detalhada, uma reestruturação gradual dos salários das categorias, e uma série de cláusulas desqualificantes. Isso produziu um rápido declínio do absenteísmo, atrasos e turnover, acompanhado de um forte incremento no rendimento e um corte no custo médio de cada carro produzido na linha." (BEYNON, 1980, 20 e 21)

Condições salariais muito parecidas com essa, perduraram na usina até a primeira metade da década de cinquenta. Para os pioneiros, pelo menos, o salário tinha uma capacidade aquisitiva bastante razoável.(7) Mas, o valor da força-de-trabalho decaiu. O espaço da usina aumentou, horizontal e verticalmente, e a força-de-trabalho se desvalorizou e desqualificou. E, as diversas formas de mediação da fábrica com a sociedade – D.P e assistência médica – acompanhavam a tendência.

Essa tendência se manteve em todas as fases da expansão da usina, e que foram as seguintes:

"... o galpão pequeno. Depois a renovação do escritório novo... Aquela parte toda nova. E depois a parte da fabricação de tubo... Isso é antigo. Decapagem, forno, os laminadores, as tesouras e a

expedição." (ex-chefe do D.P., aposentada)

A expansão mais recente foi, a instalação da galvânica e a nova usina para a fabricação de tubos. A galvânica foi desativada. Seu espaço é um depósito de tubos. A nova usina, já vimos, surgiu com o "milagre" e falou logo após. Genéricamente, a usina se ampliou em quatro fases, com as seguintes seções:

- antiga, anos 40: decapagem, laminadores pequenos e tesourinhas;
- nova, anos 50: enroladeiras, laminadores pesados e fornos;
- mais nova, anos 60: formadoras de tubos e galvânica;
- novíssima, anos 70: a nova usina falida.

Das quatro, abordaremos sómente as três primeiras. A nova usina não deixou na memória dos trabalhadores nenhuma lembrança significativa. Sua história se dilui na estrutura paternalista da velha usina. (8)

Essas três fases da usina correspondem, grosso modo, às linhas gerais da industrialização brasileira. As mudanças tecnológicas na metalúrgica de Mesquita não fogem ao paradigma da industrialização, sem destoarem de suas características para os anos 40, 50 e 60. Segundo Pereira, "a expansão das forças produtivas foi grandemente estimulada pela 2a. Grande Guerra. Esta não só favoreceu, como até mesmo forçou o crescimento de algumas indústrias tradicionais e a instalação de novas, relativamente mais complexas, em setor-

res como o mecânico, o metalúrgico, etc... uma vez iniciado ... o processo tendeu a seguir adiante, exigindo a produção interna de bens cada vez mais complexos, inclusive de equipamentos... para que o processo não acabasse reconstituindo o estrangulamento externo... foi preciso que se passasse a produzir internamente outros itens... sobretudo na segunda metade da década de 50... No final da década de 50, o Brasil tinha tido fundamentalmente alteradas suas características anteriores... No começo dos anos 60 não se podia mais pensar nossa realidade de modo semelhante, por exemplo, ao das décadas de 40 e 50." (PEREIRA, 1984, 61, 64 e 95)

Neste sentido, guardando-se as especificidades dos processos de trabalho e de produção, outras categorias de trabalhadores industriais brasileiros devem ter tido, também, uma história recente semelhante àquele grupo que estamos abordando. As etapas do desenvolvimento industrial descritas acima correspondem, na usina, às suas principais fases de investimentos tecnológicos. Neste processo, as velhas máquinas continuaram a ser utilizadas ao lado de tecnologias mais novas. Neste sentido, é provável que outras categorias de trabalhadores, em outros setores industriais, tenham também uma memória do processo de trabalho e de produção bastante semelhante daquele que abordaremos agora.

NOTAS

1 - "... a seção mais perigosa era a nosca. Porque o rolo

era botado na mão no 'colaps'... porque aquilo tinha que rolar ele ali por cima. Costumava chegar lá em cima, e querer voltar... para trás... às vezes pegava assim no braço da gente. Eu tenho uma marca... é nesse braço aqui ó... Eu fui escorar! Que a gente apavorado, com medo de perder o emprego!... segurei com esse braço... para o rolo não voltar... não voltou... Machucou aqui... estou trabalhando esses dias, que não tem botina. Estou trabalhando de chinela... Pois bem... eu estou trabalhando de chinela, mas estou com mais atenção do que calcado de botinal... O ferro está pingando para todo o lado, e eu estou ali olhando meus pés!... Tem uns dois ou três meses que não tem botina. Acabou... e eu trabalho assim, de chinela... e eu trabalho com atenção... trabalho com muita atenção." (operador de formadora de tubos)

- 2 - Cf. DE PAOLI. Op.cit. Página 28. Neste sentido, acrescentamos que Thompson considera a "despersonalização como relação clássica de relação da Revolução Industrial", sendo, mesmo, uma base para "a formação de novas formas de paternalismo". THOMPSON, E.P. "A formação da classe operária inglesa". Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1987. Volume 2. Página 28. O paternalismo não é, necessariamente extemporâneo. Sua contemporaneidade, como técnica gerencial que tem por base a despersonalização-apropriação, foi resgatada, por exemplo, em 1989 pela G.M. de São Paulo: "Mais de 23.000 parentes

de empregados da G.M. do Brasil visitaram, durante dois dias, as instalações da fábrica... A iniciativa, batizada de open-house, permitiu que mulher e filhos dos operários conhecessem seu local de trabalho." Jornal do Brasil. 9/12/89.

- 3 - Pelo depoimento do mais antigo trabalhador da usina, um operador de laminador: "Só nesta máquina tenho 35 anos. Essa máquina é danada. Põe qualquer um no 'buraco'. Não tem encarregado, nem ninguém." Essa situação remete ao contexto do estudo de Noiriel, nas usinas de Longwy: "As jornadas são longas... mas... são também porosas... o absenteísmo... textos anônimos ilustram o lado aristocrático da oficina... a autonomia operária se percebe igualmente pela imposição das normas de produção adequadas à moral do grupo." NOIRIEL, G. Op.cit. Páginas 54 e 55.
- 4 - Segundo um deles: "Eu achei que estava melhor... porque a pessoa já tinha acostumado... eu, principalmente, no meu setor, lá onde eu trabalhava, tudo para mim era fácil. Pegava na máquina, ia para a cortadeira, ia para a trefila. Dentro do setor, lá onde eu trabalhava, na minha seção, toda parte que eu entrava para trabalhar eu achava fácil. Mas, no princípio, quando eu entrei, achava difícil." (encarregado do depósito de matéria-prima)
- 5 - Segundo um operador de laminador: "Fácil! Naquela época era fácil! Emprego ali, a gente chegava, assim, dizia

- que estava precisando de dinheiro, pegava na carteira.
- 6 - "Quando acabasse as férias eu voltava. Mas, eu fui ganhando mais. Aí, eu digo: 'Não! Então eu vou ficar aqui. E o patrão me aceitou... não queria que eu fosse embora pra lá.'"
- 7 - "Eu casei em 55. Sabe qual era o meu salário? Era um conto e cem... Com trezentos mil réis, eu ia no armazém, eu trazia meio saco de compra: carne-seca, tombo, toucinho, sal, açúcar, feijão. Gastava trezentos e poucos mil réis... Pagava aluguel de casa. Eu não tinha isso aqui (casa). Pagava 650 mil réis de prestação."
- Segundo o DIEESE, em 1959 o trabalhador gastava 65 horas e cinco minutos de tempo de trabalho para adquirir a cesta básica. Do salário, ele gastava um percentual de 27,12% na aquisição dos produtos. Já em 1988 esses números eram: 187 horas e 48 minutos, e 71, 53% de percentual do salário. Jornal do Brasil. 26/5/89.
- 8 - A terminologia empregada pela ex-chefe do D.P. mostra como a nova usina está contida na história do antigo espaço da velha fábrica: "é, é a parte mais nova. Tanto que a gente falava que a (nova usina) é filha da (velha usina)."

1 - A primeira fase... os anos 40... O salpãozinho... a seleção... e o paternalismo externo.

Dois operários trabalharam nesta fase. Um no pri-

meiro ano e outro alguns anos depois. Para eles, a fábrica:

"Era pequena, ... era um galpãozinho pequeno. Madeira. Velho. Era madeira... telha... pequenininho. Aquilo ali era baixinho... Era um galpão pequeno, com quatro metros de altura, mais ou menos. E estreito também. E não tinha aquela parte de lá. E não tinha essa parte daqui. Tinha só o do meio. Tinha só um barracão no meio, com trilho. Com uns trilhos que vinham pegando, quase até lá embaixo, perto do rio. Tem trilho até hoje, atravessando lá na rua. Porque a E.F.C.B. entrava para apanhar não sei o que aí. Não sei se era betuve, ou era negócio de boi. Era um barracão comprido! Só."

As dimensões deste antigo barracão eram modestas, comparando com a expansão posterior da usina. O galpão pequeno, com uns três metros de altura, tinha entre 1.500 e 2.000 m². Ou, aproximadamente, a metade do espaço de um dos grandes galpões atuais, com 3.000 m². A área atual são cinco galpões com 14.183 m², com mais de seis metros de altura cada. Não estamos considerando a parte da usina que faliu. No caso, a área construída seria de mais de 25.000 m².

Esse crescimento absoluto foi acompanhado de um aumento relativo. Os grandes galpões da usina projetam-se, destacadamente, na topografia urbana. Seus telhados de um marron escuro, sobressaem-se, como área, entre os demais prédios. O amarelo desbotado de suas altas paredes, se ressalta na linha do horizonte. Seu reservatório de água, si-

tuado nos fundos da usina, é ainda a construção mais alta da região. Lá em cima, seu contorno arredondado parece deixar pendurado no céu o logotipo da usina.

A visão do prédio da usina é a imagem urbana dominante na retina dos trabalhadores, há mais de trinta anos. Ela contribuiu para dificultar as lembranças sobre a ocupação do espaço, anterior à sua construção. As versões sobre o galpãozinho, antes da usina, não são claras. Alguns trabalhadores lembram incertamente os detalhes do espaço interno, confundidos com a instalação da usina.(1) Nenhum operário trabalhou ali antes dela. Não há segurança para eles alcançarem este período. São difíceis as lembranças conectivas.

Neste sentido, os monumentos, como pontos de referência que estruturam a nossa memória e a inserem na memória da coletividade, segundo Halbwachs,(2) como podemos ver, não tem o mesmo peso e significado em todas as sociedades. No caso desses trabalhadores, a construção do monumento-usina serviu, exatamente, para o oposto disso. Ou seja, privá-los da conexão com o passado imediato. E se, posteriormente, ele contribuiu para a memória comum, reforçando a coesão social o fez mediado pelos valores de classe do capital, proprietário do espaço, donde direcionador hegemônico de sua forma e modo de ocupação. Essa mediação pode ter sofrido algumas mudanças. Mas, neste caso, devemos ver a memória como expressão da descrição das relações de classe "falseada, porque ela é obliterada pela imagem das relações de classe atuais". (PAPY, 1980, 101) Neste sentido, as lembranças não são um

"reflexo fiel do clima da época... mascara um dos mecanismos pelos quais a memória coletiva rejeita antigas tensões". (Idem, 103) E, no limite, diante dessas mediações aliadas às incertezas das lembranças, devemos considerar a construção dos depoimentos como delineada pelo "don da oralidade: a presença, o suor, o timbre de voz, o significado do silêncio. O paradoxo da história oral... Para ser conservada e comunicada... há que ser escrita... para a escrita, a entrada no mercado aberto com a consequente subordinação às 'leis' da relação utilitária de troca, ou seja, com a aceitação de uma certa comercialização da cultura." (FERRAROTTI, 1986, 11)

O solo do velho "monumento" – o galpãozinho – não foi preparado. E, também, não mudou seu aspecto, externa ou internamente. Para abrigar as primeiras máquinas, nada se alterou.(3) A usina não era separada da rua. Não havia controle na entrada ou saída da fábrica. Sem muros e portão, na sua área interna transitavam animais.(4) Outra vez, encontramos identidade entre a usina de Mesquita e aquelas de Longwy. Nestas também, "onde começa e acaba a usina?... a confusão 'trabalho' e 'fora do trabalho'... persiste então... nestas condições, os muros não estão ainda nas preocupações patronais." (NOIRIEL, 1984, 42)

Essa imagem singela se dissipava ao entrarem na usina. Ali, o processo de produção não deixava margens para bucolismos. Uma manhã ou uma tarde de trabalho bastava para dissipar equívocos. E muitos não voltavam ao serviço.(5)

Além das já vistas dificuldades em conseguir mão-de-obra na região, o capital da usina trazia, também, um processo de produção desconhecido e tido como perigoso. A pouca atração pelo tipo de trabalho era reforçada pelo medo que ele despertava.(6)

Muitos operários, jovens na época, começaram a montar a usina. Transportaram as máquinas para tirá-las da chuva. Mas, o galpãozinho não era adequado para abrigá-las. Quando chovia, os postos de trabalho eram invadidos pela água.(7)

A inadequação do barracãozinho para abrigar uma metalúrgica, é lembrada por outros operários. Na chuva, goteras empoçavam o interior da usina. Se a chuva era forte, o riacho atrás da fábrica enchia, e suas águas entravam na usina.(8)

Nos primeiros anos, o trabalho se tornava mais perigoso e pesado com uma chuva. Mas depois, as ameaças ainda permaneceram. Na década de cinquenta, o solo foi aterrado e ficou um metro mais alto. Um galpão mais alto foi construído para abrigar dois grandes laminadores. Daqueles tempos, os pioneiros da usina guardam a presença das mesmas condições de trabalho, conhecidas anos antes no barracãozinho.(9)

O novo galpão iria conter as mesmas situações e condições físicas no ambiente de trabalho. Ressurgiriam as ameaças e perigos de acidentes, parecidas com aquelas existentes no barracãozinho. As descrições também trazem imagens tragicônicas, como arregacar a calça no ambiente de tra-

Ilo. Mas revelam, igualmente, a permanência de situações perigosas, capazes de produzir acidentes de trabalho mais ou menos graves.(10)

No galpãozinho havia dois tipos de máquinas: as tesourinhas e os laminadores pequenos. A decapagem ficava ao ar livre, num terreno ao lado. Nas tesourinhas e laminadores produziam fitas de embalagens de madeira: caixotes e barris.

Os rolos de fitas chegavam com largura e espessura maiores. Primeiro, nos laminadores pequenos os trabalhadores "tiravam" alguns milímetros da espessura. Depois, cortavam as fitas em larguras menores, nas medidas requeridas para os tipos de embalagens. Antes dessas duas operações, a matéria-prima era submetida a uma limpeza química na decapagem. Embora na época a seção ficasse na parte externa, os trabalhadores se referem à "catinga" exalada pela química utilizada naqueles banhos das lâminas. Seu odor forte, invadia o baracãozinho, e se espalhava nas redondezas.

A usina era vista entre os habitantes de Mesquita como um local de "serviço bruto", onde o trabalho era feito com máquinas pesadas.(11)

As lembranças desses anos, entre os trabalhadores são de como eles tinham seus corpos permanentemente expostos às intempéries, externamente, e às ameaças das máquinas e matérias-primas, internamente.(12)

Na época do galpãozinho, a usina não tinha separações de sua área interna e externa, delimitando a relação da fábrica com a sociedade. O corpo do trabalhador já era o

delimitador dos dois espaços. Sua mente – a atenção e o cuidado com os acidentes – já carregava as exigências de reestruturar, e reequilibrar, os efeitos da instalação da fábrica na sociedade.

Neste sentido, as condições de vida dos operários, na fábrica e fora dela, reproduziam um dilema muito próximo da descrição de Gramsci para a classe trabalhadora italiana, colocada diante do fordismo. A introdução da "modernidade" fordista produziu, "uma situação de duplo fundo, um conflito íntimo entre a ideologia 'verbal' que reconhece as novas necessidades, e a prática real 'animalesca' que impede aos corpos físicos a absorção efetiva das novas atitudes." (GRAMSCI, 1968, 395)

No processo de recrutamento e seleção da usina, já estava antecipado e reservado o "conflito íntimo" para os trabalhadores.

Até aqui, chamamos a atenção para o fato de que a memória deve ser abordada em duas dimensões. Como representação social (cf. MOSCOVICI, Op.cit. 130, 132 e 142) e ideologia (13), de um lado e, ao mesmo tempo, por outro lado, não se sustenta sem provocar um conflito íntimo. (GRAMSCI, 1968, 395) Tais dimensões já se delineavam no processo de seleção, clevado de uma mesclagem de biologicismo, sociologicismo e psicologicismo (Cfs. DEJOURS, OP.cit. 27; JERVIS, Op.cit. 32, 36, 37 e 38), que se sintetizavam no subjetivismo, presente desde os primeiros momentos de existência da usina.

Nestes primeiros anos, podia-se andar nas imediações do galpãozinho e ou no interior do terreno circundante. Era fácil, também, encontrar trabalho ali dentro. O processo de seleção, norteador do recrutamento, era totalmente subjetivo. A atitude patronal era desqualificadora e inibidora da auto-estima. E carregada de perversidade. Na descrição de um destes momentos, encontramos:

"... naquele tempo era fácil! As vezes juntava assim: 'Tem vaga aí?'... Ficava assim, ó! (de pessoas) no portão! Aí, mandavam entrar. Aí, eles (os patrões) ficavam olhando assim, aquele monte de homem... aí, o cara (o patrão) escolhia. Era a mesma coisa que estar escolhendo boi no meio do rebanho. Ele agradava a cara do sujeito e... ia lá via que o cara tava legal né! Tinha tudo! 'Agora, fica aí!' (...imitando o que seria a voz ranzinza do patrão!) Ficavam aqueles montinhos!... 'Agora, você vai, se apresenta a fulano.'... Aí, ele (para designar que tinham acabado as vagas até ali): 'Agora acabou! Agora espera!'..." (...a próxima vez!)

Este velho operário começou a trabalhar no segundo ano de funcionamento da usina, em 1942. Como outros, ele residia nas proximidades. Ele foi trabalhar ali aproveitando as necessidades de força-de-trabalho da usina. Assim, sua escolha tinha uma margem de negociação, pois aproveitava-se destas condições momentâneas.(14) Para esse fato significativo em sua vida, - quando o valor de sua força-de-trabalho

se impôs - sua memória não titubeou:

"Aí, deu baixa lá. Vim em casa. Almocei e, meio-dia fui para lá. Aí, me levou direto para decapagem. Cheguei meio dia. Dia 27 de junho de 42."

Poucos operários lembraram, com tanta precisão e detalhes, quando começaram a trabalhar na usina. Pois, a maioria não dispôs, como ele, de tal da possibilidade de negociação do valor de sua força-de-trabalho. Apesar da idade avançada, o fator biológico não impediu a lembrança dessa data. Pois, ela tinha para ele, peso e significado relevantes. No decorrer de uma conversa cursiva, e informal, ele não hesitou em lembrar-se desse raro dia que ele barganhou seu valor com o capital!

Vincular "idade" com "memória" precipitadamente, incorre no risco de uma redução biologicista da memória.⁽¹⁵⁾ Ié, portanto, uma forma de objetificação do mundo social. Ou seja, reduzindo ou ampliando arbitrariamente o objeto.⁽¹⁶⁾ Atrás de tais objetificações há uma perda das variações dos tempos sociais⁽¹⁷⁾ onde o biologicismo é uma distorção, para mais ou para menos, em relação aos demais componentes do objeto memória, que podem ser o social, o psicológico, o econômico e o político. Ou seja, há que se preservar as contribuições da Biologia para a memória⁽¹⁸⁾, evitando reduções ou ampliações, na forma de relevâncias, de suas conclusões. Essas relevâncias contribuiriam para que, "certas instâncias sociais supõem ou condicionam modalidades específicas de tempo coletivo. O tempo social nada mais seria que o local

de encontro dessas durações individuais, com conteúdo distintos... encontrando-se num 'tempo universal'... abstrato." (MERCURE. Op.cit. 264)

O reducionismo biologicista é uma representação social da Biologia.(Cf. MOSCOVICI. Op.cit. 49, 50 e 51) Entre os operários, sua difusão contribui para a despersonalização.(Cf. DE PAOLI. Op.cit. 28, 267 e 268) Inscreve-se, portanto, no conjunto mais amplo que contribui para a perda das contratualidade dos trabalhadores.(Cf. GERVIS. Op.cit. 51) Em suma, o reducionismo biologicista não considera, por exemplo, as condições de trabalho dos operários na usina. Nessa mediação política associada à estrutura de dominação do capital, o reducionismo biologicista esconde que, se não há memória não é por questões únicamente biológicas, embora estas possam estar presentes. Mas, obscurece, desvia ou apaga o que possa associar a memória às condições de vida, dentro e fora da fábrica, e aos valores, preconceitos e estereótipos decorrentes de tais condições. Ou seja, a redução da memória a um biologicismo, segue as mesmas características daquela descrita por Giovanni Jervis para a doença mental.

(19)

Neste sentido, pode-se considerar a lembrança daquele operário como um caso individual e isolado. A tendência era que, o recrutamento e a seleção já se delineassesem, desde o inicio, nos parâmetros da estrutura paternalista. Esta última medeia a sua reprodução, como um dos instrumentos fundamentais do capital instalado nas relações entre os

operários. Esse processo corporifica-se desde os primeiros anos. A cooptação foi mais forte entre os operários mais antigos. Estando presentes na instalação da usina, seriam eles que propagariam o paternalismo, na fábrica e fora dela.

O encarregado dos fornos era um destes "antigos", com 36 anos de usina. Certo dia, às nove horas da manhã havia uma longa fila de moças no portão. Vieram pegar formulários para preencher, e se candidataram a uma vaga numa parte da usina que os novos proprietários tencionavam abrir num galpão em frente, do outro lado da rua. Relatamos o fato para o encarregado dos fornos, que comentou:

"É! Está um 'enchame' lá na porta. Fica tudo 'zureta' (doido) atrás de vaga. Se não me engano, teve mais de cem. E, eles vão aproveitar quantas?! Umas 30 ou 40! Acho que não tinha necessidade disso! Ai que eu vejo... Antigamente, com a outra diretoria (antigos proprietários) a gente sabia das coisas! Agora, a gente não sabe de nada! Eles não avisam nada! Tenho, para mim, que eles deviam começar chamando meia dúzia. E essa meia dúzia ia chamando os outros, aos poucos. Ia convocando os irmãos, parentes. Os primos."

Para o encarregado, tão envolvido na estrutura paternalista a ponto de ter "colocado" seus dois filhos na usina - era inadmissível a postura dos novos patrões. Principalmente porque eles não reconheciam os seus contatos externos e, tampouco, delegavam espaço para sua influência na

seleção. Havia, portanto, um choque entre os instrumentos de controle da usina; "de um lado, divisão entre os operários, diferenças nas licenças... de outro, a fachada protetora que faz dos dependentes da grande indústria uma camada privilegiada, dos espaços da usina à transmissão do posto de trabalho de pai para filho que cria dinastia de fidelidade à usina." (PORTELLI, Op.cit., 87)

No anos 50, a estrutura paternalista estava instalada. Trabalhar na usina, "era através de conhecidos". A base de sustentação desse argumento era dupla. De um lado, um trabalho pesado e bruto, que exigia pessoas acostumadas a esse tipo de serviço. Ou seja, também "pesadas" e "brutas". De outro lado, essas características deveriam ser atendidas por pessoas de confiança, ou conhecidas. Assim, controlariam os trabalhadores, por meio de um grupo de conhecidos. Segundo a ex-chefe do Departamento de Pessoal:

"... eu digo assim, problema de desentendimento às vezes dentro da fábrica. Por exemplo, problema de comida. Um roubar comida do outro... botar a marmita lá e, quando ia procurar, não tinha... Essas coisas assim. Então, nós achávamos que isso era porque era gente muito desconhecida! Nós não sabíamos quem nós estávamos botando ali dentro... quando eu entrei na usina, era um ambiente meio ruído... Mas eu acho que era por isso: porque nós pegávamos qualquer um que passava na rua, e dava-se emprego. E, depois, nós modificamos isso."

No processo de produção, o encarregado era importante no preenchimento e na manutenção dos postos. Na produção, a qualificação ficava em segundo plano. O fundamental era que fossem pessoas conhecidas do encarregado, donde, controláveis. Para atender estes objetivos, o processo de trabalho tinha riscos e tensões. Segundo um dos encarregados, este era o preço que eles deveriam pagar para manter o peso de sua influência na estrutura paternalista. Possivelmente há exageros na sua valorização. Mas, mesmo estes fazem parte do processo.(20)

Tais histórias, a respeito de atitudes mais ou menos "corajosas", "autoritárias" ou "violentas", circulavam na usina. Sua propagação independia da veracidade, ou maiores e menores exageros nas suas versões. Elas delineavam e reforçavam o papel do encarregado, e de outros níveis da hierarquia, na reprodução da estrutura paternalista. São formas que expressam a ideologia defensiva, como atitudes de recusa e desdém frente ao perigo, como fundamentos da bravura. (Cf. DEJOURS. Op.cit. 20 e 21) Ela reaparece no depoimento como, "mediação altamente valorizada da individualidade na descrição do passado, como se o indivíduo fosse demiurgo dos acontecimentos." (ORTIZ. Op.cit. 78 e 79) Neste sentido, deve-se delimitar no depoimento oral o subjetivismo como revelador da coletividade (QUEIROZ. In, VON SIMSON org. 1988. 37) mas, também, da visão dessa coletividade presente na auto-avaliação do indivíduo. Trata-se, enfim, de procurar a "palavra dentro da palavra" (FERRAROTTI, 1987, 149), ou a

"constelação dos valores cognitivos presentes" num depoimento. (FERRAROTTI, 1983, 36)

A origem da estrutura paternalista remonta, como vimos, à relação com a terra, precedendo a instalação da usina. Nos primeiros anos, ela existiu informalmente. Institucionalizou-se em 1950, quando o B.P. ganhou um espaço definitivo dentro da fábrica, junto do patrão. (21)

Então, o B.P. organiza e incorpora a estrutura paternalista, como política institucional de relação de trabalho, fundamental no seu processo de intervenção e controle da produção. Elabora gradualmente um arquivo, apropriando-se da grade de relações que, até então, existiam informalmente entre os trabalhadores. (22)

O uso formal das relações ou "conhecimentos" dos operários fora da fábrica, como instrumento de coerção e controle dentro da fábrica, reapareceu, frequentemente nas entrevistas com a ex-chefe do B.P. (23)

Nem todos contaram com indicações pela via da estrutura paternalista. Mas, não desconheciam os critérios que influiam na seleção. Quando surgia alguma oportunidade de chamarem a atenção para si, procuravam mostrar sua capacidade de adaptação a um posto, ou qualquer lugar. Esforçavam-se, demonstrando conhecimento do funcionamento dos aspectos subjetivos de tais critérios. Como fez o empilhadeirista.

Ele trabalha na usina desde 1947. Tem um defeito congênito nos dois braços. Este, à primeira vista parece impossibilitá-lo para uma atividade produtiva. Mas, a atrofia

Física serviu de veículo para ele provar sua persistência. Assim, ele mesmo construiu uma alavanca adaptada para passar as marchas da empilhadeira. Para ser recrutado pela usina em 47, participou de jogos de futebol. Neles, procurou demonstrar como o defeito físico não o impedia de trabalhar. Aproveitou os jogos para mostrar como, "com conhecimento na manipulação dos valores subjetivos norteadores dos critérios de seleção" - poderia exercer um trabalho qualquer:

"Eu jogava futebol. Muito bom de bola! Um dia eles foram lá em casa... que o time era fraco... passou lá na porta de casa: 'Vamos, Seu J. tá chamando... vamos lá. É preciso enxertar o time, que o time lá é bom'. Af, eu fui. Eu estava desempregado. Eu fui. Nósapanhamos. Mas, eu joguei muita bola! Mas depois, fomos no Maria C... eu abafei! Fiz logo 3 gols! Perguntava ao goleiro onde é que ele queria que eu botasse a bola... e correu tudo bem para mim! No fim, eu pedi a vaga.... Na fábrica!... 'Eu pego em carrinho de mão. Faço o que quizer aí. Varro. Pego enxada. Faço aí qualquer coisa que precisar, eu faço'."

As relações de trabalho e de produção na usina, reproduziam os elementos sócio-psicológicos que sistematizam a estrutura da personalidade do trabalhador sob o populismo. Ali, aquelas relações estimulavam nele um sentimento de indefeso, e de recompensa pela bravura no trabalho.

Neste caso, há dois aspectos a serem ressaltados.

De um lado, essas mediações contribuiam para uma recomposição da "memória coletiva", através da manipulação da história, e como uma forma de inculcação dos valores dominantes entre os trabalhadores. (Cf. NOIRIEL, Op. cit. 199) De outro lado, articulava-se com o caráter geral do populismo vigente na época no Brasil. Ou seja, passava uma mensagem de proteção contra a prepotência dos mestres. Dessa forma eram relações que, do interior da usina, articulavam-na com as linhas gerais do populismo do Estado nas décadas de 30 e 40. (24)

As festas e passeios eram as grandes ocasiões onde o patrão reproduzia, e reforçava, essas relações e valores. Elas formariam a estrutura da despersonalização, enquanto um suporte adequado ao paternalismo da usina, e segundo as necessidades do processo de exploração da força-de-trabalho.

Os trabalhadores mais antigos na usina, do escritório ou da produção, se lembram das festas e passeios organizados entre os anos 40 e 50. A lembrança norteia-se pela relação entre, inserção no processo de trabalho e forma de participação no evento. Eram meios de controle e difusão da ideologia patronal entre os trabalhadores. Pois, por maior que fosse o peso da ideologia dominante, a submissão ao tempo industrial não se fazia sem danos nem conflitos. (Cf. DEBOUZY, Op.cit. 217) Fazem parte, portanto, do conjunto de vigilância e coerção externas. (Cf. NOIRIEL, Op.cit., 45)

Os trabalhadores e suas famílias eram envolvidos em rituais e simbolismos, com os quais se identificavam, pois tinham uma característica rural. Os patrões mediavam,

exatamente, essa origem deles. E geravam todo um clima de expectativa que sempre antecedia tais festividades.

Desde a sua instalação, o capital da usina era envolvido pelos efeitos, entre os trabalhadores, da decadência do setor rural na região. Embora fosse dali a origem dos operários pioneiros, o declínio contribuiria, de roldão, para uma queda relativa da importância das áreas arrendadas na subsistência dos trabalhadores. A ampliação do salariatismo trouxe consigo uma crise de cidadania.(25) Ao mesmo tempo, o capital encontrava, ao lado da dificuldade numérica de trabalhadores, aquela de caráter qualitativo.

Este último subdividia-se em, uma especialização e um comportamento adequado. O primeiro problema foi resolvido com o empiricismo que trouxe, com o tempo, o predominio da relação endo-técnica de trabalho. É na questão dos comportamentos e atitudes, onde aparece a importância das festas e passeios organizados pela usina.

Tais eventos eram instrumentos para o patrão interferir nos aspectos marcantes e significativos de suas vidas, visando resgatar a relação entre o mundo "exterior" e "interior" e, assim, diminuir a tensão entre eles. Era preciso alinhavar os dois polos da retórica moral: a tranquilidade dos gestos e movimentos do campo, movidos por um certo ócio, com a ligeireza e esperteza na usina, baseados na permanente atenção ao trabalho.(26) O capital da usina precisava superar, ou amortecer, o conflito entre, uma "economia moral" de um passado recente rural e, a racionalidade

econômica de um presente capitalista. O objetivo era influir de modo a atenuar, naquilo que Daniel Mercure denomina de "descontinuidades temporais da vida quotidiana." (27)

Essa mediação não se restringia ao processo de produção e de trabalho na usina. As festas eram complementos articulados ao processo. Envolvendo todos os trabalhadores na participação delas, os patrões elaboravam um tento processo de intervenção em suas memórias. As festividades, eram instrumentos do patrão amortecer, desviar ou diluir, a existência dos trabalhadores, seu conteúdo e suas formas, na perspectiva dos patrões.

As festas foram descritas pelos mais velhos com muita alegria, e expressões de nostalgia e saudade. Mas, vinham sempre associadas ao agradecimento do patrão, pelo compromisso e responsabilidade que os operários haviam tido com a usina. (28) Eram distrações "sãs" (CF. NOIRIEL. Op.cit. 182), em sua quase totalidade organizadas pelos patrões. Ne-las, o paternalismo exercitava a sua habilidade em dar sentido à existência, e reforçar os laços pessoais. (Idem. 209 e 210) Segundo Thompson, as festas eram veículos de "satisfação psíquica" dos trabalhadores. (THOMPSON. 1979. 266) Mas, acrescente-se que tal "satisfação" era associada ao bem do patrão.

Nessas ocasiões, os mais antigos eram cooptados pelo paternalismo. O operador de laminador, e a ex-chefe do D.P., começaram na década de quarenta. Nas festas, recebiam presentes diferentes dos demais. (29)

As festas transformavam-se, portanto, em cerimoniais paternalistas. Eram frequentadas, então, por todos os membros de quase todas as famílias, transformando-se em ocasiões para um "culto à família".(30) Até mesmo conhecidos eram convidados dos trabalhadores.(31)

A presença das famílias tinha uma duplo objetivo para o capital. De um lado, reforçar a importância da fábrica entre os habitantes da região. De outro, reforçar entre êles a expectativa de um trabalho na usina.

Isto era feito indiretamente. Nas festas, montava-se uma estratégia verdadeiramente teatral, para alcançar tais objetivos. O capital colocava em prática o melhor de si em termos de proselitismo e, neste dia, invertia toda sua atuação durante o ano. Despojava-se de algumas formas de mediação. As separações físicas dos espaços desapareciam.(32) Como, também, as diferenças de classe entre patrões e empregados diluiam-se entre bebidas e salgadinhos. Até as máquinas - ainda que por um dia - seriam dos operários. O espaço interno da usina desaparecia, misturando-se com as ruas, praças e casas dos operários. E a família? Neste dia, ela não ficaria lá fora! Entrava para ver o posto, a máquina... circular na usina! Era o grande dia de negação-affirmação do capital, assim descrito:

"Aqui lo ali na frente, donde é a mangueira ali... tudo aberto... era tudo capim... a gente limpava, fazia a festa, embandeirava tudo! Até no portão! A gente trazia bandeira até cá na esquina, na rua,

o portão ficava aberto... muita bebida, cerveja... tinha uma bandeja de salgadinhos! (O pessoal de Mesquita falava desta festa?) Falava! Tá gente lá. Entrava gente lá... a família... podia correr as oficinas todinha, mostrar, mostrar aos parentes como é que ele trabalha. Podia chegar lá e dizer assim: 'Essa máquina aqui é para laminar. Isso faz assim e assim.' As ferramentas ficavam em cima da prateleira da máquina!... Ai então o patrão avisou a gente: 'Olha, esse dia a casa é de vocês. Pode trazer papai, titia, irmão, um vizinho, conhecido de confiança. Agora, vocês são responsáveis pela firma!'... Ficava cheio de gente lá dentro! Eu levei meus pais lá! Eles andaram lá tudo, lá dentro... conheceram tudo!... E ia todo mundo lá dentro."

Em suma, o capital "negava-se" por uma tarde e uma parte da noite, para reforçar sua presença entre os trabalhadores nos demais dias do ano.

Para os que trabalhavam no escritório, a descrição destas festas tem um ton apoteótico! Envolvidos com os patrões na sua organização, participavam no clima de intimidação que precedia a festa. Ao mesmo tempo, eram o ponto de articulação entre os patrões e aqueles operários que, na usina reproduziram e expandiram a estrutura de dominação paternalista. Segundo a ex-chefe do D.P.:

"Brinquedo para os filhos dos empregados. Nós

fizemos tres anos seguidos, ou quatro. Nós fizemos festas para os empregados e familiares lá dentro. Festas de natal. Muito boas festas mesmo! Depois juntavam as senhoras! Esposas do Dr. ... e do Dr. ... porque minha parte era conhecer o pessoal pra fazer a festa! ... elas lá não tinham conhecimento... eu conhecia um por um... ajudava muito... Montava aquele esquema todo."

Essa senhora começou a trabalhar na usina em 1948, quando algumas mulheres foram contratadas. Entretanto, a estrutura paternalista não absorveu o trabalho feminino. Ela permaneceu na fábrica. Inicialmente em trabalhos burocráticos. Nessa fase, antes da criação de um departamento pessoal, ela foi acumulando uma forte ascendência entre os operários por meio de um atendimento curativo. Entre 1948 e os primeiros anos da década de cinquenta, os operários sempre a procuravam quando sofriam acidentes de trabalho, ou quaisquer outros problemas médicos.(33)

Enquanto depositária da confiança dos operários, ela ia, paralelamente, servindo de elo entre eles e o capital. Sua participação na organização das festas e passeios, era uma forma de mediação do capital, que se aproveitava do assistencialismo médico dela no B.P.

Havia uma festa no meio do ano, e outra no final. Nelas, o capital exercia mediação paternalista sobre o salário. De tal forma que, na lembrança dos antigos operários a instituição do 13º. salário está diretamente ligada àquele

período. Ou seja, quando os patrões exerciam seu poder de influência, manipulando diretamente com a subsistência dos trabalhadores. (34)

Além das festas, havia os passeios ou excursões. Complementavam a mediação idilizadora da dominação interna do capital. Seus objetivos eram os mesmos das festas: influir no processo de recomposição do equilíbrio físico e mental, visando imprimir as marcas da presença do capital nos esforços dos trabalhadores voltados para esse fim. Essa forma de lazer tinha sempre, direta ou indiretamente, em maior ou menor escala, a presença da organização e da disciplina fabril. (35)

Nestas ocasiões, a presença da usina era reforçada entre as famílias dos trabalhadores. Por meio, sempre, da mesma estratégia: inversão da relação predominante entre externo e interno, e despojamento proselitista. Tentando fugir ao processo de mediação, algumas vezes a iniciativa partiu dos trabalhadores:

"Nós fomos para Itacuruçá... um piquenique... foi dois caminhões... E tinha chopp, leitão assado. E muita coisa para comer... fomos para Paquetá...

Foi um piquenique que nós fizemos por fora... Foi uma barca alugada... só para nós. Tinha show. E até violão... o pessoal trabalhava lá. Mas, nós que fizemos aquilo. Era vinte mil réis cada um... Os dirigentes... alugaram." (operador do laminador)

NOTAS

- 1 - Os depoimentos não tem muita segurança: "Mudou. E muito. Tanto em altura, como em largura, como em comprimento... Um matadouro... pequeno... de boi... Peraí! Foi matadouro... e depois, quando eles compraram... já era negócio de betuve. Sabe que eu não tenho certeza! Porque o tanque aqui, era para lavar não sei o que... Não sei se era tripas."(mecânico da retífica)
- 2 - Cf. POLLAK, 1989, 3 e 4. Ver também; LAINO, 1986.
- 3 - De fora, os trabalhadores imaginavam algo completamente diferente do que encontrariam no seu interior: "Passando por aqui, eu vi aquelas madeiradas aqui de obras. Aí... eu disse: 'Vou trabalhar naquela obra ali'. Quando eu entrei aqui, era a fábrica... era a metalúrgica... Aí, eu vim assim: 'Eu vou naquela obra lá.' Chegamos aqui dentro, era tudo diferente. Era uma industriação. Um galpãozinho. Mas, tudo pequenininho."(encarregado dos fornos)
- 4 - "Ali era tudo à vontade. Quando eu entrei ali, não tinha portão. Ali entrava vaca, entrava cavalo. Entrava gente a qualquer hora... Quando eu vim para aqui, não tinha portão, não tinha muro. Não tinha nada... era um galpãozinho... O portão daqui nosso era uma cancela de sarrafo. Tudo caído pelo chão. E você podia entrar. Não tinha porteiro... as casas eram só na rua... eram quatro

casas que tinham ali."(encarregado dos fornos e operador de decapagem)

- 5 - "Muita gente chegava lá e pedia serviço, pensando uma coisa, e era outra. E saia logo. Não aguentava o trabalho, e ia embora... olhavam a fábrica, pensavam uma coisa, e chegava lá dentro era outra... O serviço era bruto! Era pesado! Quando a pessoa entrava, e quando era na hora do almoço não voltava mais! Entrava na parte da tarde, quando eram seis horas, hora da janta, ele ia embora e não voltava mais."(operador da decapagem)
- 6 - "Ninguém queria trabalho não! Ninguém queria, porque tinha medo de ir prá lá... Tinha medo... porque esse negócio de ferro..."(operador de laminador pequeno)
- 7 - "Não tinha nada. Só tinha mesmo um barracão. Um barracãozinho. Aí, começamos a arrastar as máquinas lá prá dentro, prá tirar da chuva... qual Muita chuva! Então chovia... a água entrava. Porque era baixo."(operador de laminador pequeno)
- 8 - "Quando chovia, a água entrava lá nos fundos. Era cerca de arame farpado, e fixa. Não dava para fechar... Aí, quando chovia a água entrava e a gente tinha que levar aquelas bobinas do chão, botar em cima de umas mesas de madeira que tinha... E a gente arregacava a calça. Ficava com água pelo joelho lá dentro." (operador de laminador pequeno)
- 9 - "... quando eu saí de lá... ficava ali cheio de água. Caía água lá prá todo lado!"(aposentado)

- 10 - "Quando chovia, molhava a gente tudo. Quando era no lugar que a gente ia trabalhar, tinha que ficar trabalhando no molhado. Descia do guindaste, só faltava escorregar... aquela terra que entrava no pé, então juntava o óleo e a água. Ficava igual a um quiabot! Escorregava muito." (guindasteiro aposentado)
- 11 - "Antigamente... o pessoal dizia: 'Eu, trabalhar na...! Deus me livre! Ali, o trabalho é pesado. Só tem máquina pesada'." (controle qualidade)
- 12 - "Aquele ferro, quando corta, ele vem com a rebarba. Cortava muito as mãos, os braços. Tem as tesouras pequenas... machucou muita gente... antigamente... Não tinha nada. Não tinha luvas. Não tinha roupas. Andava sem camisa. Andava de camiseta. Ninguém tinha nada!" (mechanico de retífica)
- 13 - Entendemos que a definição de ideologia, tal como proposta por Georges Duby, dá conta do problema que tratamos. Segundo ele, a ideologia se apresenta com cinco traços: 1 - sistemas globalizantes; 2 - deformantes da organização social, construída a partir de inflexões e distorções; 3 - numa sociedade coexistem sistemas de representações concorrentes; 4 - estabilizadoras no sentido dos sistemas de representações visarem a preservação das vantagens adquiridas das camadas sociais dominantes e; 5 - a partir de uma memória de tempos passados, objetiva ou mítica, estabelece o projeto de um futuro de uma sociedade perfeita. DUBY. In, LE GOFF

NORA (org.) 1976, 132, 133 e 134.

14 - " 'Seu... tem vaga aí?' (perguntando na usina) 'Tem! Quer pegar?!" (resposta do encarregado) Ai, eu disse: 'Ah, não posso pegar agora porque eu estou trabalhando. Ainda tenho a carteira assinada. E ele: 'Você que sabe!...' 'Quer dizer que se eu for lá agora e mandar dar baixa, eu posso vir pegar!?'... 'Bom, se você quiser, pode vir. Vem meio dia, depois do almoço'. Ai, eu cheguei lá (no outro trabalho) fui logo no escritório e disse a eles: 'Ná baixa aí. (Com que expressão de contentamento ele relatou esse fugaz desvincilhar-se do capital!) Arranjei um serviço lá ganhando mais. Pertinho de casa! Aqui eu pago passagem de ônibus'."

15 - Cf. DORAY. In. Org. DORAY. SILVEIRA. 1989. 81. No caso, o autor critica a dimensão subjetivada presente nas pesquisas ergonômicas concluindo que, "se uma disciplina não pode ser contestada globalmente, é porque este conteúdo não é da ordem do saber verdadeiro mas do imaginário sábio."

16 - Cf. SEVE. Idem. 154, 155 e 156. O autor preocupa-se em demonstrar apropriações, usos e abusos da noção de personalidade em Psicologia, concluindo instigantemente que, "investigar na personalidade unicamente a variância psíquica das condutas, excluindo-se a variabilidade histórica e biográfica dos atos, não passa de uma conduta científica motivada, é o ato político de um conservadorismo no mínimo implícito."

- 17 - Seguindo as indicações de G. Gurvith, Pierre Naville nos diz que, "os tempos sociais seriam tão variados como os grupos analiticamente e empíricamente indicados, e é sua sincronização e des-sincronização que explicaria a dinâmica própria aos diferentes meios sociais." NAVILLE, Pierre. Op.cit. Página 97. Para uma melhor compreensão da noção de "tempo social", que Gurvith elabora a partir de M. Halbwachs, ver: GURVITH. 1987.
- 18 - É o caso, por exemplo, de "L'anatomia della memoria" de Mishkin e Appenzeller. Eles advertem para tais processos de apropriação, concluindo com uma exposição das diferentes tendências que, agindo de forma imediata e superficial, não consideram certas características do cérebro presentes na memória. Neste sentido, eles concluem que, "o ponto de vista comportamentalista exclui termos como 'mente', 'conhecimento', e até 'memória', como são habitualmente entendidos. É em contraposição com a psicologia cognitiva, que se baseia por sua vez em tais conceitos para explicar grande parte dos comportamentos." 1987. 43.
- 19 - "Nas culturas 'secularizadas', sobretudo se prevalece a ideologia da ciência, a ordem social tende a encontrar a sua justificação ideológica na objetividade das leis naturais... Estes conceitos, científicamente inconsistentes, podem ser considerados como exemplos da transformação de uma ideologia social reacionária em disciplina acadêmica... Uma contraposição entre os posicio-

namentos populares ou 'vulgares' em relação à loucura, e os posicionamentos 'técnicos' e cultos não é sempre justificada. Entre os dois existem relações e afinidades." JERVIS, G. Op.cit. Páginas 68, 69 e 71.

- 20 - Segundo um deles: "... era uma luta! Muita luta mesmo! E vou te dizer uma coisa, eu,... até hoje... tive muita coragem! Muita coragem! Eu trabalhei com pessoas aqui 'brabas'!... tinha um cara que... andava armado. Um dia dei uma decisão nele aí danada... E tal... aí mandei ele embora. Tudo bem!... Era muito ignorante. E o serviço também, era um serviço que esquentava a cabeça."
- 21 - "Era um prédio pequeno, e a minha mesa era dentro da usina. Lá dentro mesmo, no meio dos operários eu tinha um cantinho... E o falecido (patrão)... tinha o escritório dele... mas, um dia ele me chamou e disse: 'Olha, eu vou te ensinar um 'slogan': ver, ouvir e calar. A partir de hoje, manda botar sua mesa dentro do meu escritório.' E assim, eu passei prá dentro do escritório. E trabalhei 33 anos ali."
- 22 - "Então, o velho dono... ele achou: 'Olha, vamos empregar parente, prá ver se dá mais certo. Você, a partir de hoje só me coloque com indicação. O empregado, aqui dentro, é que vai indicar quem ele está colocando'. Então, aí nós colocávamos: empregado 'fulano' foi apresentado por 'fulano'. Na ficha que se fazia para ele, e deu... até hoje, eu acho que usam esse sistema... Eu achei que o ambiente de trabalho, prá se lidar com o

pessoal, foi muito melhor!" (Ex-chefe do B.P.)

- 23 - Como neste trecho: "... no inicio colocava-se um aviso... Então, quem aparecesse, nós empregávamos... Mas, trazia muitos problemas... brigas... desentendimentos... Então... adotamos... colocar sómente quem fosse indicado. Um empregado... indica um companheiro, um filho, um compadre... então, tornou-se uma família."
- 24 - "Populismo... técnica política implementada... em 1930 às classes subalternas... decapitação de suas lideranças... desmonte de suas organizações... imposição da estrutura corporativa e o esforço... para aproximar a massa dos assalariados da política do Estado... Os direitos elementares do trabalho... correspondiam à contraprestação 'outorgada' pelo Estado à contenção sindical. Em razão disso, o ente responsável pela coerção política do proletariado se transfigurava na figura de um benefactor... o 'pai dos pobres'." WERNECK VIANNA. Op.cit. 235 e 241.
- 25 - Esse processo já é parte da História da acumulação do capital. Segundo Thompson, em princípios do século XIX, na Inglaterra: "A perda das terras comunais acarretou uma profunda sensação de destituição para os pobres." THOMPSON. Op.cit. Tomo I, 47.
- 26 - A retórica moral da Revolução Industrial sempre esteve dividida entre dois polos, devido às características intrínsecas das matrizes culturais dos trabalhadores não terem, de imediato, pontos de conexão com a tecnolo-

logia introduzida. O tempo é, neste sentido, o mais potarizado pela retórica moral. Assim, ao mesmo tempo que se acentua nele a sua brevidade, exigir-se um comportamento que demonstre o reconhecimento da importância dessa preciosa mercadoria. Cf. THOMPSON, E.P. "Tradición, revuelta y conciencia de clase". Editorial Crítica. Espanha. 1979. Página 281.

- 27 - "Distorção entre o ritmo das inovações técnicas... perdas de sustentação temporal importantes podem surgir desde o momento em que grupos entrem sucessivamente em relação com diferentes instâncias sociais, conhecendo modalidades de tempo dessemelhantes, de um lado e, de outro lado, porque estes grupos participam quotidianamente em atividades de natureza diferente, que supõem condutas temporais distintas. Assim, observamos... ajustamentos difíceis às descontinuidades temporais da vida quotidiana, entre, por exemplo, o tempo prescrito do trabalho e o tempo mais distendido da vida privada." MERCURE, B. Op. cit. Página 274.
- 28 - Nos termos de um deles: "Nós tínhamos duas festas no ano. Mas, festa mesmo! Festa de arromba... era muita comida, muita bebida! E dava para nós também um dinheirinho... naquela época... Ele dava 300 mil réis de cooperação... o salário acho que era 140... Dava de festa... A velha dele também... arrumava lá também um bocado de 'quebra' e botava no envelope. E dava prá nós também... A festa era... 'pau-de-sebo', lá em cima com nota grande lá, de

- com mil... era legal... muito legal... No meio do ano. E a outra era no natal... Ia melhorando pra ele, e então ele também fazia pra nós." (operador de laminador)
- 29 - "Quando era época de natal... Tinha brinquedos para todo mundo. Dava presentes. Não a todo mundo. Mas àqueles mais chegados. O pessoal mais antigo. Todos eles ganhavam mais coisas... quando eu cheguei aqui... já passou pelo sorteio... E outros sempre eram aqueles presentes melhores. Acho que já vinha diretamente para eles. J. (operador de laminador) ganhou geladeira, fogão novo! Dona (ex-chefe do D.P.) também ganhou. Não sei se foi fogão, televisão ou geladeira... Aquele pessoal mais antigo. Já vinha diretamente pra eles... outros... era no sorteio." (operador da decapagem)
- 30 - "O culto à família se explica inicialmente porque esta é o único meio... de esperar uma renovação a longo prazo da mão-de-obra necessária. Entretanto, é também uma forma de encarregar seus membros de uma parte dos custos da reprodução... a família... tema ideológico... nos quadros, nos discursos, nas festas... A família é toda uma concepção de mundo." NOIRIEL, G. Op.cit. Páginas 191 e 200.
- 31 - "Meus filhos iam todos! Ia mulher. Ia filho. Ia todo mundo... a festa da gente, do operário... a família ia, bebia, comia! Ia tudo!"(operador do laminador e limpeza do salão: dois dos mais antigos operários da usina) A "empresa-família" reaparece, nos mais diversos momentos

e circunstâncias da industrialização brasileira.

- 32 - "Festas, cerimônias... são também uma certa maneira de ocupar o espaço... o recorte dos espaços físicos tem por função legitimar as divisões do espaço social." NOIRIEL, G. Op.cit. Página 206.

- 33 - "... eu fiz curativo muitos anos mesmo. Eu tomei conta dessa parte. E gostava daquele serviço...eu acho que uns dez anos. Porque depois é que foi formando a enfermaria... Eu trabalhei com seu P.(enfermeiro) na enfermaria. Mas, depois não dava tempo porque muito serviço no departamento pessoal. Então não dava tempo de eu ficar na enfermaria. Mas, quando era um caso assim mais grave, que seu P. queria um ajudante, eu trabalhava na enfermaria... E trabalhei muitos anos..."

- 34 - "... a gente ganhava no Natal. Dinheiro. Um mês. Um salário... Ganhava em Junho e ganhava no Natal. Ganhava duas vezes... tanto que quando ele morreu, o falecido, morreu. Morreu. Aí ficou ela. Aí continuou. Só que a de Junho ela cortou! Morreu! Mas ela era viva. A do Natal ficou. Aí, quando ela morreu... antes dela morrer! Um ano antes! Saíu essa lei do 13o. Mas, ela ainda dava uma gratificação. A gente recebia o 13o. e ela ainda dava uma gratificação da parte dela. Aí, depois que ela morreu, aquela gratificação também ó... sumiu! Aí, ficou o 13o. E foi onde nós tivemos sorte. Saíu o 13o. antes dela morrer!"

- 35 - "... houve uma época que nós fazíamos excursões... com o

pessoal de dentro da usina! Então, vê que ambiente nós tínhamos. Encostava o caminhão: 'Vamos embora'. Fomos duas vezes a Itaguaí, à Sepetiba. E nunca teve problema. Nunca teve briga! Nunca teve nada!" (ex-chefe do I.P.)

2 - Empiricismo com as máquinas e subjetivismo com os homens: paternalismo e reprodução.

Em 12 de janeiro de 1941, o velho operador de laminador preparou o terreno para colocar as máquinas. Limpar o interior do barracãozinho e "assentar" as máquinas, eram trabalhos feitos juntos com a produção. Em oito meses, foram colocadas as máquinas. E, também, as bases de toda a estrutura paternalista: empiricismo e subjetivismo. Desde então, estes seriam componentes presentes na história da usina.(1)

Segundo aquele pioneiro, o trabalho na usina começou com seis homens. Gradualmente esse número aumentou. Até alcançar, aproximadamente, uns cem operários. O trabalho deles foi fundamental. Tanto na instalação das máquinas, quanto na formação e reprodução da força-de-trabalho. Foram as pessoas mais importantes da usina. Com a liberdade de intervenção, e o saber empírico no trabalho com as máquinas, eles instalaram os primórdios da estrutura paternalista:

"Eles mesmos mandavam a gente arrumar. Ai, você arrumava um colega. Um parente. Era assim. Ia colocando lá... Eu aprendia. Eles ficavam trabalhando comigo. Aprendiam. Ai... eu falava: 'O fulano já pode tocar essa máquina.' Ai, você ia para lá tocar essa máquina. Porque você ai já tinha aprendido alguma coisa comigo. Quer dizer que, ai você ia para lá. Ia fazendo. Qualquer coisa, eu já ia lá... porque eu sabia mais do que você mesmo, né?"

E o outro, que aprendeu comigo também, junto comigo, na mesma hora ia para lá explicava a você: 'é assim, assim e assim.' Ai, você ia fazendo... fazendo, fazendo e ensinando aos outros. Até que completou a rede todinha... Nós fomos ensinando. Nas tesourinhas, nos laminadores. Nós fizemos, eu e o J., muitos operadores ali dentro." (operador de laminador)

A autonomia no trabalho com as primeiras máquinas, é o ponto de partida das relações de produção paternalistas. Mediando as relações de produção, os processos de produção e de trabalho se configuraram na memória dos trabalhadores através do paternalismo. Tal relação é um fio condutor importante em suas lembranças, orientando e apoiando suas reconstruções do passado. Os contemporâneos daquele período, quando se reportam a ele, trazem uma profusão de nomes. Surgem, em detalhes, pessoas, espaços e máquinas, conduzidos pelo fio empíricista da relação paternalista.(2)

A introdução da força-de-trabalho se deu, portanto neste parâmetro: um aprendizado empírico de trabalho com as máquinas.(3)

A base da reprodução do paternalismo na usina eram as máquinas. Com o tempo, mesmo antigas e obsoletas, amparariam o saber dos velhos trabalhadores, e a importância deles naquela estrutura. Então, seus segredos iriam lhes conferir um certo poder. O acesso às "manhas" das máquinas, aos seus defeitos e à intimidade com êles e, também, as ameaças das

matérias-primas, seriam os instrumentos de participação deles na estrutura de poder do paternalismo.(4)

O empiricismo reproduz uma perspectiva subjetiva de avaliação, no ensino e aprendizado da tarefa. Mesmo nos postos onde o trabalho não exige contato com as máquinas.(5) Com estas, o empiricismo é mais forte. Segurança e tranquilidade no trabalho, são garantidos só através de uma experiência subjetiva.(6) A seleção e o recrutamento são puro subjetivismo. é o que vemos através de certas expressões, utilizadas para designar esse processo:

"Eu tinha 14 anos, quando eu entrei. No almoxarifado. Ai, no almoxarifado, eles descobriram que eu tinha uma 'tendenciazinha' para mudar esse negócio destas navalhas. Ai, eles me chamaram e me colocaram para mudar as navalhas... A rebarbadeira eu comecei e era coisa fácil. Serviço fácil. o cara me deu uma explicação lá, e eu cheguei e peguei na máquina. Naquela época eu tinha 'inclinação' para mecânico. Eu era novo e tinha 'inclinação' para trabalhar de mecânico." (mecânico e montador de navalhas)

O subjetivismo, contudo, não garantia proteção ao trabalhador frente aos perigos objetivos das máquinas. As navalhas da tesoura e a rebarbadeira - enrola rebarbas ou restos de matéria-prima - estão entre as mais perigosas no processo de produção. A primeira ocasiona pequenos, mas profundos talhos, principalmente nas mãos. A segunda é capaz de

decepar um membro superior. Sobre isso, a subjetividade da "tendenciazinha" ou da "inclinação" não tinham nada, objetivamente, a dizer! Aliás, para isso tais palavras serviam. Não dizer nada, ou esconder - dizendo - o que não deveria ser sentido e expresso!

Pequenos acidentes e cortes, principalmente nos membros superiores, eram frequentes. Apesar disso, os operários evitavam serem afastados da produção por causa deles. Principalmente entre os operários cujo saber fosse importante para a produção.

Estes se esforçavam mais para suportar o trabalho sob tais condições. Pois, se o patrão não visse tal esforço e notasse que Ele se "entregava" ao acidente, poderia afastá-lo da produção, mesmo que fosse necessário. Aliás, por isso, deveria esforçar-se. Pois, como veremos mais à frente, nestas ocasiões o comportamento destes trabalhadores era fundamental para instalar e propagar a estrutura paternalista. Para estes, a margem de dor objetiva era mais estreita. O capital não lhes permitia, nestes momentos, o mais leve espaço para um comportamento "subjetivo" com a dor! Tal atitude contribuiria para esvaziar, ou enfraquecer, um aspecto importante - a bravura - da reprodução do paternalismo. (7)

Desta forma, o paternalismo apropriou-se das formas de "neutralização da ansiedade" e das "atitudes de pouco caso no perigo". Estes consubstanciaram-se naquelas que, como vimos, são as "performances pessoais e verdadeiros concursos de habilidade e bravura" (DEJOURS, Op.cit. 70 e 71).

Os operadores de máquinas também elaboravam algum saber empírico. Ios necessitavam, igualmente, da aplicação de conhecimentos objetivos e subjetivos nos postos. Qualquer trabalho com as máquinas ou matérias-primas, exigia algum tipo de conhecimento. Ainda que o posto não tivesse muita importância na reprodução da estrutura paternalista.

Mesmo que as exigências objetivas e subjetivas fossem menores, estas sempre existiriam. Eram os elos de ligação entre os níveis hierárquicos. Funcionavam, portanto, como pontos de reprodução da estrutura paternalista. Mesmo em menor escala, os operadores deveriam preencher a sua quota de esforço pessoal. Para justificarem sua presença no posto de trabalho, superando todas as dificuldades e ameaças existentes.

O processo de reprodução da estrutura paternalista não poderia depender sómente, dos que ocupavam os postos mais qualificados: mecânicos, montadores ou chefes de seções mestres e encarregados. De certa forma, os operadores eram discriminados neste processo. Para compensar, construíam as exigências, objetivas e subjetivas, visando a sua inserção no processo de produção e de trabalho que os inserissem em tais procedimentos.

Para algunes, a quota foi grande. Mas, quando preenchida, respaldava a ocupação e permanência no posto. A superação de limitações físicas era um forte argumento, lembrado e utilizado por alguns operários, formal ou informalmente. Nestes casos, a inventividade confundia-se com "ini-

ciativa" e "destemor". E, juntas, eram as bases de suas exigências e da luta pela manutenção no posto de trabalho. Foi o caso do operador da empilhadeira.

Ele inventou uma alavancas, que permitia-lhe passar as marchas da máquina, apesar da atrofia nos dois braços. Surgindo uma ocasião, ele lembrava à estrutura paternalista o seu esforço e iniciativa. Elas respaldavam seu destemor no enfrentamento da hierarquia do processo de trabalho. Ele construiu uma auto-imagem de importância, que lhe conferia tal coragem. Segundo ele:

"Eu trabalhei em três empilhadeiras... Eles me botaram no portão. Eu disse que no portão não queria. No meu serviço eu era suficiente. Melhor que eu, ninguém! E saí do portão por minha conta! Briguei... com o chefe. Eu já tinha autoridade! Briguei com ele: 'Olhe, seu Dino, no portão não fico! Eu, na minha empilhadeira, melhor do que eu ninguém! Eu quero é a minha empilhadeira mesmo'." (operador de empilhadeira)

A estrutura paternalista medeia a reprodução do processo de produção e de trabalho dentro da usina. Em torno desse eixo giram a maioria dos os demais aspectos da vida dos trabalhadores.

Para o encarregado da manutenção elétrica, o que o deixava mais ansioso, eram problemas de relacionamento com os colegas. Mais do que os riscos no trabalho.(8) Os sete anos na usina já mostravam a ele o peso desta "segunda famí-

"lia", invadindo sua família. As relações de produção na usina eram a matriz desse processo.

Os mais novos não estavam imunes à reprodução da estrutura paternalista. O contato dava-se por meio das relações quotidianas no processo de trabalho e de produção. A introdução e participação deles, era de uma forma velada. A vivência diária com a estrutura era o veículo de sua própria reprodução. Embora, paradoxalmente, os argumentos buscassem negar a sua presença neste processo.(9)

A eficácia é a diluição do controle e da coercitividade. Cristalizados num modelo, ao mesmo tempo extremo - "ditador" - e impessoal - "não tem um mandão" - que abre espaço para o capital agir operativamente, porque indefinido, entre os operários. A intervenção do paternalismo é atenuada. A percepção é mediada inicialmente por essa expressão fluída e fugidia em suas existências. Imagem indeterminável que atinge, preponderantemente, os operários e está instalada nas suas percepções. Com ela, constroem suas vivências quotidianas da usina. É a matriz com a qual elaboram a visão de si, e norteia seu relacionamento com o capital. Sob esse véu nas relações interpessoais, direcionam suas histórias de vida pessoais.

O paternalismo não é a única forma de reprodução do capital a se metamorfosear. O racionalismo tem um processo equivalente. A diferença está nos instrumentos adotados, e na maneira como eles se distribuem na estrutura.

Tanto no paternalismo quanto no racionalismo, não

desaparecem os controles da força-de-trabalho. Gramsci chama atenção para a rápida atualização das formas modernas do industrialismo capitalista. Muito cedo aprenderam que o "gorila domesticado" é apenas uma frase, que o operário continua 'infelizmente' homem... que ele, durante o trabalho pensa... principalmente depois de ter superado a crise de adaptação. Ele não só pensa, mas o fato de que o trabalho não lhe dá satisfações imediatas... pode levá-lo a um curso de pensamentos pouco conformistas". (GRAMSCI, 1968, 404)

Essa reversão foi detectada por Maroni, nas greves de 78 no ABC: "é neste processo de apropriação da racionalidade do capital que se lança a contra-ofensiva operária. Ao lutar com as mesmas armas que os controlam, os trabalhadores imprimem a elas um novo sentido... Estes artis põem a nu o desafio que a luta interna na fábrica, para se efetivar, é obrigada a enfrentar. Questionar a atomização e o isolamento do produtor em seu posto de trabalho... busca preservar, e, nesse movimento, desafiam e resistem à vigilância e controle exercidos pela hierarquia do capital." (MARONI, Op.cit., 54 e 55)

Os esforços empreendidos pelo capital nas duas últimas décadas, vem confirmando que os empreendimentos racionais de organização do trabalho não conseguem fugir do "pecado original". Sejam os grupos semi-autônomos de trabalho (10) ou os C.C.Q. - Círculos de Controle de Qualidade - eles refletem que a crise é movida mais pela contestação dos trabalhadores, do que pela busca de soluções alternativas geran-

das pela competição tecnológica entre capitais. O núcleo de tais programas organizacionais e tecnológicos é ainda aquele de, controlar e direcionar o fluxo de "pensamentos pouco conformistas" destes que permanecem "infelizmente homens". Assim, segundo Coriat, "no plano da classe operária, a natureza das suas formas de resistência constitui o outro determinante. A partir de numerosos estudos disponíveis (cf. Braverman, 1974; Coriat, 1979; Pastre-Montmollin, 1984) constata-se que as recomendações tayloristas do Scientific Management assumem sentido ao serem direcionadas para quebrar a eficácia da 'resistência operária' ao ritmo e aos tempos num momento em que o processo de trabalho ainda estava baseado no conhecimento do operário de ofício... O Scientific Management teve por objetivo romper essa situação ao transferir a organização do trabalho para as mãos de seções especializadas subordinadas à direção da empresa." E, continuando, acrescenta Coriat: "Analogamente, pode-se demonstrar que no tocante ao período contemporâneo, as formas inovadoras - organizacionais e tecnológicas - nascem da exigência de renovar as técnicas de controle do trabalho vivo, numa época em que o paradigma do trabalho parcelizado e repetitivo mergulha em crise de eficácia. Tanto no caso das soluções organizacionais (grupos autônomos, círculos de qualidade, Kanban) quanto nas tecnologias, trata-se de aprofundar as técnicas de organização, visando a renovar os métodos tradicionais de controle sobre o trabalho." (CRIAT. In SCHMITZ e CARVALHO, 1988, 58 e 59)

Em suma, o motor da organização do trabalho está no trabalho, e não no capital. Na essência, a organização do trabalho é movida pelo conflito instalado no processo de valorização. Embora, superficialmente, se expresse no processo de trabalho, nas formas paternal ou racional.(ii)

Sob o paternalismo, a antiguidade dos operários na produção, é fundamental na reprodução do processo de valorização. Daí, a importância dos mais velhos na formação da força-de-trabalho. A atuação deles visa reduzir as interferências na extração da mais-valia. Como, por exemplo, os acidentes de trabalho. Assim, segundo o encarregado da embalagem, o tempo de trabalho na usina e a convivência com os companheiros, influiriam nos acidentes:

"Muito! Muito importante! Para tudo!... para Ele.

Para a firma... Seu conhecimento do trabalho. O conhecimento do patrão com você. A confiança... Você passa a conviver mais com seu patrão. Sabe quem é seu patrão... Com os colegas de trabalho mais ainda. O elemento que trabalha contigo, você passa a conhecer... é um fator muito importante o tempo de trabalho. Para o elemento e para o patrão. O patrão leva vantagem. Porque, a experiência sua, mesmo que você trabalhe meia hora, representa quarenta minutos... O cara que é novo, Ele está pensando o que vai fazer. Você já entra fazendo!"

O modelo de transmissão de saber se instalou na usina com os operários mais velhos. Nos postos dos pioneiros

ros, encontramos as mais expressivas relações paternalistas de base empiricista. Um deles era o operador de laminador pequeno. O aprendizado ali era com o mais antigo operário da usina. Ie transmitia o seu saber e, por meio dele, se expressava o controle paternalista do trabalho.(12)

A história de vida de alguns operários, temos sinais expressivos do processo de enraizamento do paternalismo nas relações de produção. Surgem detalhes significativos das relações de trabalho. De um lado, a capacidade dos "antigos" de manipularem seus mecanismos e valores e, de outro, as dificuldades dos adventícios em se adequarem às regras. Como o encarregado da matéria-prima, trabalhando na usina desde 1956. Dos anos iniciais, sua lembrança guardou que:

"A gente, quando entra numa firma, a gente entra 'apagado'. 'Apagado' quer dizer assim, a gente não conhece nada. Entendeu?! Então, até os próprios companheiros que a gente encontra ali, às vezes eles procuram baguncar o corêto da gente. Então, na medida em que a gente vai apanhando conhecimento, então tudo passa a ser às mil maravilhas. A gente já passa a ter colegas cem por cento! Aquelas que sacaneavam a gente, já não sacaneiam."

No decorrer dos anos ele adotaria o mesmo comportamento discriminatório com os demais. Afinal, como encarregado, isso era um pressuposto.

Nos primeiros anos de funcionamento da usina, temos a matriz do paternalismo na relação do patrão com os

operários. Frequentemente, ele propagava uma imagem. Passando pelo interior do galpão, procurava construir um clima de intimidade e informalidade. A convivência com os problemas das máquinas e matérias-primas, completava o ambiente de proximidade, alimentando uma "identidade" envolvida por atitudes de liberalidade. Tais iniciativas visavam difundir sua imagem na usina, confundindo-se no próprio ambiente de trabalho, e com o objetivo de diluir sua presença controladora entre os operários. Nestes "passeios" o patrão lhes dirigia a palavra num "ton" grave, em meio a gestos solenes.

Destas encenações, o mais antigo operário guardou três aspectos. Eles formam um conjunto de idéias, norteadoras da construção da noção de patrão entre os operários. A primeira delas era que:

"... o patrão era pobre. Ele não era rico, rico..."

No começo ele era pobre. Ie falava para nós que era pobre! E era mesmo!... Ele foi fazendo assim, de pouco a pouco, e pouco... quando ele morreu, ele já deixou... Tudo arrumadinho."

As duas outras eram:

"... ele chegava assim, e ia procurar. Ie chegava assim e conversava com a gente. Tudo, sabel... A gente soltava a máquina. Ele chegava assim, e metia os peitos!... e metia os peitos mesmo lá!"

"Pagava!. Sempre pagava mais!"

Estas eram, em resumo, as "três graças" fundamentais das relações de produção paternalistas. Nelas o patrão

aparecia entre os operários por intermédio de:

- 1 - igualdade social e perseverança;
- 2 - despojamento diante das condições adversas de trabalho, e;
- 3 - desprendimento econômico.

A partir daí, "pobreza" como identidade, "trabalho" como coragem e "pagamento" como retribuição, seriam o tripé básico da estrutura paternalista erigida na usina.

Assim, o patrão fundia austeridade e abnegação, como respaldos da sua ingerência e controle no trabalho. É o produto dos passeios do patrão pela usina, presente na lembrança de alguns trabalhadores. O trabalho estava diretamente relacionado à possibilidade, e capacidade, de atitudes de gratidão. A gratidão do patrão expressaria seu reconhecimento, diante do esforço dos trabalhadores junto às máquinas.

O patrão relacionava, esforços dos operários com suas atitudes de benesse, complacência e reconhecimentos. aos trabalhadores restava "ver" isto dedicando-se abnegadamente ao trabalho e, assim, garantindo a existência do "bom patrão". O patrão criava um círculo onde, sua capacidade de atender economicamente os trabalhadores estava nas "mãos" deles mesmos. No trabalho objetivo das mãos dos operários, o patrão depositava a sua sensibilidade subjetiva. Segundo o operador da decapagem, na usina desde 1952:

"... Ele chegava e encontrava o pessoal parado. Ai ele vinha e dizia: 'Filho, vamos trabalhar que o Natal vem ai, e vocês querem dinheiro! E vocês pa-

rados, vocês não me dão dinheiro não! E eu não vou tirar do meu bolso para dar a vocês não! Vocês tem que trabalhar para mim, para mim ganhar dinheiro para dar a vocês!"."

Contudo, eram os corpos dos operários que pagavam um alto preço para sustentar a "sensibilidade" do patrão. Para a "sensibilidade" desse último existir duas ou três vezes por ano, o corpo do trabalhador sustentava-o o ano todo! A curta existência da sensibilidade subjetiva do patrão, mediava a longa apropriação da sensibilidade objetiva do operário. A diferença era coberta, indiretamente, pela família do trabalhador. O trabalho de seus membros mantinha o valor, garantindo o funcionamento da sensibilidade do corpo do trabalhador, tão necessária à absorção da "sensibilidade" do patrão! (13)

A proximidade da usina também era exigida. Principalmente dos operários detentores de algum conhecimento subjetivo no trabalho com as máquinas. Eram objeto de um tratamento diferenciado. O capital buscava atrelar a vida deles aos seus próprios interesses, diluindo estes últimos nas relações paternalistas. (14)

A presença frequente do patrão entre os trabalhadores, elaborava o conjunto de comportamentos, atitudes e valores adequados à estrutura de controle do paternalismo. Ela era o veículo "moral" da integração de todos e, por meio dela, da participação nas relações de produção na usina. (15)

Cada trabalhador deveria introjetar uma "vergonha"

comum, que agia como instrumento de controle de seus gestos e movimentos. Esse comportamento respaldava suas atitudes de desrespeito diante das ameaças no ambiente de trabalho. Entre os mais antigos, a assimilação foi mais forte e eficaz.(16)

O domínio dos movimentos do corpo, nos padrões impostos pelo capital paternalista, marcou profundamente os trabalhadores mais velhos. Em dezenas de anos de trabalho na usina, eles assimilaram todo o subjetivismo contido na forma de conhecimento paternalista, usando-o diariamente.(17) O "olhar" subjetivo do capital, partilhado pela visão dos mais velhos, é o mesmo que a direção da usina, usa como instrumento de política interna na seleção de pessoal para postos e cargos.(18)

Os critérios da "seleção natural" norteiam-se pelo conjunto de elementos que compõem a estrutura paternalista, mantidos e reproduzidos pelo capital dentro da usina. Eles visavam estimular, entre os trabalhadores, uma mutação "natural", atendendo os interesses do capital. Então, a "seleção" completava-se! Apesar de todos serem dominados por uma estranha "natureza", obstáculo dessa transformação (Cf. GRAMSCI, 1968, 393), alguns venceram a resistência desta "barreira" e... conseguiram ser encarregados!(19)

Na usina, mediando a relação entre semelhantes, o capital conseguiu, em algumas décadas, produzir "seres" de uma nova espécie! Entretanto, como veremos mais à frente, a natureza de alguns se rebelou diante desta "seleção"!

A "seleção" envolveu todos, indiretamente, na elas-

boração, e transmissão dos valores fundamentais. Dentre estes valores, dois se destacam.

Em primeiro lugar, a perseverança e insistência no aprendizado empírico. Estes, conjuntamente, conferiam aos velhos trabalhadores a influência no processo de trabalho. Eram o meio e a base da incorporação deles ao processo. (20)

No decorrer dos anos, esta fundamentaria a influência dos mais velhos na estrutura. Mas, a estratégia paternalista sempre expunha de forma velada suas preferências. Principalmente aquelas visando reforçar sua presença entre os trabalhadores. O patrão evitava referência direta ao trabalho deste ou daquele operário. Utilizava-se de terceiros, para transmitir seu reconhecimento pela perseverança de um ou outro. Dissolvia nas relações paternalistas a exploração da força-de-trabalho. (21)

Em segundo lugar, a seleção tinha outro aspecto. (Que garantia o bom funcionamento do "coração" do patrão!) Em dezenas de anos, os trabalhadores acumularam pequenos segredos no trabalho com as máquinas. Com tais segredos preservavam sua mercadoria, a força-de-trabalho, no ambiente hostil e agressivo do processo de produção na usina. E onde isso não foi possível, sua saúde ia sendo roubada. (22)

Essa fusão entre paternalismo e produção, é expressiva num relato da ex-chefe do D.P. Nele um operário exerce na usina o papel de pai, de maneira arbitrária e violenta. A aparente discordância da atitude, não esconde a rememoração do fato como expressão das relações "familiares" predominan-

tes na usina:

"Nunca mais nós perdemos... esse fio da meada (recrutar conhecidos e parentes) Tanto que houve numa época um fato interessante. Nós tivemos um Oswaldo F. e um Joraisil F., pai e filho. E esse Joraisil trabalhava com o Manoel N., que era um encarregado boníssimo! E ele fez uma malcriação para o Manoel. Ai o pai, de lá, não conversou: enfiou o 'sarrabó' nele! Dentro da usina! Ai, ele disse que ele tinha que respeitar o Manoel... mandamos o menino embora. Porque não era possível ficar pai e filho nessas condições. Mas, foi interessante... ele achava que o menino tinha que ser igual a ele. Já estava ali há anos. Se aposentou ali dentro."

Este fato não destoava da toponímia local. A usina fica numa esquina, a uma quadra do centro de Mesquita. Na década de cinquenta, as duas ruas receberam denominações significativas. Uma delas tem o nome do "bom patrão" que inaugurou a usina em 1941. A outra, recebeu o nome da sua esposa. No pátio interno da usina, depois do portão por onde hoje entram os caminhões, há uma hermida com o busto do "bom patrão". A hermida é coberta pela sombra de uma mangueira, plantada ali por um dos mais velhos operários da usina. É o que restou do período das agriculturas de subsistência. Até hoje, seus frutos são aguardados por muitos operários, velhos ou novos. Próximos daquele marco e da árvore, olhando para ambos, velhos operários elaboraram muitas de suas re-

cordaões.

Mesmo não sendo muitas, as poucas imagens do paternalismo na usina, eram fortes e eficazes. A mediação deles nos pontos de conexão da memória dos velhos trabalhadores, podia se dar pela via da história do grupo familiar ou, perhaps aspectos mais significativos da sociedade brasileira, principalmente na década de 50.

No primeiro caso, temos a ex-chefe do B.P. Ela conviveu diretamente com os velhos patrões, na instalação e propagação daquela estrutura. Para se recordar do dia exato do falecimento do antigo patrão, - 21 de agosto de 52 - ela buscou conexões nas datas de nascimento de suas filhas.

Outros velhos trabalhadores misturaram essa data, com o ano, dia e mês da morte de Getúlio Vargas:

"O ano eu não me lembro. Eu sei que ele morreu no dia 20 de agosto. No mesmo mês que morreu o Getúlio. Acho que foi um ano depois do Getúlio. E quando o Getúlio morreu, parece que ele era vivo ainda." (velho operário, que faz limpeza do interior da usina)

NOTAS

- A - "Não tinha o que você ver ali. Não tinha operador. Foi assim: o patrão, o gerente, o encarregado e eu e mais os colegas meus. Então, fomos lá para a máquina dia de domingo. Começamos a ver como é que era. Como é que ela

trabalhava. Essa coisas. Como é que dava certo. Como é que não dava certo, e tal. O patrão também pegava na alavanca. Um ensinando o outro, sem saber o que fazia. Aí, faz daí, faz daqui... acabou dando tudo certo. Nós fomos ajeitando, ajeitando, e continuamos a trabalhar."

- 2 - Esse operário foi entrevistado em sua residência. A descrição, não tem interrupção. Ele reconstrói, no espaço da usina, a posição de antigas máquinas e de companheiros que trabalhavam com elas: "O 'Chichica' era baixinho. Quando eu entrei lá, eu encontrei eles já trabalhando com as máquinas. O 'Chichica', o Esteves, que era um alemão. E o seu Jorge. Um americano e o Adelino. Eram os que trabalhavam lá. Tanto que, foi eles que foram ensinando a gente. O primeiro operador que eu trabalhei com ele foi o Jovelino. Eu trabalhava na decapagem, quando eu entrei lá. Aí, um dia lá... Tinha o seu Santos, que era o caixa lá. Tomava conta do cofre. Era o empregador. Ele já morreu até. E então, ele foi lá na decapagem e falou com o encarregado de lá, que era o Xavier: 'Xavier, tem um homem que possa me emprestar?! Até cinco horas! O Jovelino vai fazer serão, e os ajudantes vão embora.' Aí, eu estava ali do lado. Aí, me mandou para lá. Eu fui. O primeiro operador que eu trabalhei de ajudante. Aí, fui olhando! Vendo como o Jovelino trabalhava na máquina! Já laminava! Aí, fui trabalhando também de ajudante com os outros, o 'Chichica', o Esteves. Apanhei prática. Passei a oper-

rador também, né! Aí, me jogaram naquele laminador que estão montando lá! Aí, ficou eu e o Jovetino. Ele num é eu noutro. Trabalhando. Depois jogaram a gente lá para as máquinas pequenas. Aí, botaram já os novos, que já estavam práticos. A gente já tinha ensinado. Ficaram lá, nesse laminador."

3 - "A antiguidade ajuda muito. Cada dia que a gente faz uma coisa, a gente toma mais prática. Vivência com as coisas, para saber que a coisa não é assim. Mas, é assim! Não é tanto assim, como se pensa. Mas é assim. Chega um dia que a pessoa vai aprender direito." (operador de quadratura, há sete anos na usina)

4 - "Chegou dois elementos, e ficaram. Num lugar que podia ficar à vontade ali. Era meu setor. Ele eu ficar assim olhando o cara trabalhar. Eu sabia quando o tubo ia estourar. Então, cheguei perto dele e falei: 'vocês não marcam bobeara ai, que podem receber uma carga de zinco'... 'Ah, tá legal!' Eu não dei tres passos! ... Quando o tubo não cai legal na estrela, você tem que reverter a marcha. Aquele tubo foi, mas aqui caiu outro para jogar. O cabo da estrela veio e pegou aquele tubo. Bateu aqui, e levantou. Ele veio! Fininho! O cara estava assim em pé. Veio certinho aqui, ó (na cabeça) Do jeito que ele estava, em pé, ele deitou." (encarregado do setor de embalagem, há 19 anos na usina)

5 - "Ele fez aquilo para mim ver como é que é o serviço. Para aprender... A gente ensina. A gente vai ensinar:

'Você vai trabalhar com fulano de tal, na seção de tubos. Vai trabalhar comigo. Vamos amarrar tubos. Presta atenção como é que eu amarro... Ele viu. Ele está aí olhando, como eu amarrei. Então, quando for botar outra vez, ele já vai fazer aquilo daí. Se não sair legal, quando chegar lá eu digo: "Rate mais um bocadinho que está fora do olha, aqui está certo." Então, em pouco tempo ele sabe fazer. Agora, quando o cara não quer, sabe como é que é! Quando não quer, não quer.' (Operador de laminador pequeno)

6 - "Aí, depois que a gente passava uns três meses trabalhando na máquina, aí, pronto! Está tudo bom! Trabalho tranquilo, tranquilo! Já sabe! Ele apanha mais experiência. Tem mais experiência. Ele começa hoje, por exemplo, ele não entende quase nada. Daí mais ou menos um mês e pouco, ele começa a entender uma porção de coisa. Quase tudo!" (operadores de formadoras de tubos)

7 - Assim, segundo um deles: "... eu me acidentava muito. Eu tenho a mão toda cortada... Mas, era coisas pequenas... Eu nem ia para o seguro. Porque uma lá fazia o curativo daí a dois, três dias, já estava... cicatrizando. Ficando bom. Ficava aí dentro mesmo. Se havia um problema de ir para o seguro... O meu serviço é quase que um serviço que eu mesmo sempre fiz. Nunca tinha um outro para fazer. Eu já tinha notado que, também, ia para o seguro e os chefes aí, os patrões não gostam." (mecânico de retífica)

- 8 - "Mais é o relacionamento com os colegas de trabalho. Porque, eu acho que os colegas é a nossa segunda Família. Nós convivemos mais com êles do que com a nossa própria família. O que mais me preocupa, é manter o bom relacionamento com todos"
- 9 - Segundo um deles: "Lá, com os colegas, a gente demandava as coisas. Discutia o problema. Dava opinião. Omitia e emitia. Aqui é a mesma coisa. É um coleguismo. É importante. Porque ai não se trata de um regime. Não tem um ditador. Não tem um mandão. E a gente fica mais à vontade. Trabalha como se fosse da gente." (operador de quadratura)
- 10 - Instalados inicialmente na Volvo sueca, na década de 60 e de inspiração neo-fordista. Cf. PALLOIX. 1976.
- 11 - A falta de um aprofundamento nesta perspectiva é a crítica que, em geral, dirige-se ao denso trabalho de Braverman. Apesar de ter-se aproximado do cerne da questão ("A gerência científica... significa um empenho no sentido de aplicar os métodos da ciência aos problemas complexos e crescentes do controle do trabalho... Ela parte... do ponto de vista da gerência de uma força de trabalho retratária no quadro de relações sociais antagônicas." BRAVERMAN. 1977. 82/83) Ele não teria aprofundado a análise no sentido de indicar a correlação entre o que ocorre na gerência científica e tal quadro de relações sociais antagônicas. Talvez por isso aquelas permanecam autonomizadas. Crítica de mesmo teor

é feita por Maria Valéria Junho Pena, quanto à forma como aquele autor trata a questão da família neste processo. (Cf. PENA, 1981, 78 e 79)

- 12 - Segundo um operador, que foi ensinado por Ele a trabalhar naquele laminador: "O pessoal mais velho chega e diz. Faça tudo direitinho com a gente: 'Você vai fazer isso, isso e isso. Seu serviço é esse.' Tem que... acompanhar o 'lance' dele. Você vai trabalhar aqui, junto com Ele... eu estou olhando... que depois, quem vai fazer aquilo sou eu!"
- 13 - Segundo a esposa do chofer da empilhadeira: "Eu levei janta quatro anos à noite! Quatro anos! Trabalhou de noite, e eu levava janta para Ele."
- 14 - "Eles nunca diziam que era deles: 'É de vocês!' Ele abraçava todos nós, na maneira de dizer. Porque Ele achava que nós tínhamos muito valor. Valor para Ele! Tinha! Um valor imenso! E eu, como morava aqui perto... naquela época, parece que era pior o serviço, por causa do maçarico que tinha aí enguiçava, me chamavam em casa de noite. Tinha que vir aí, de madrugada... iam me chamar... lá em casa. Sempre procurei morar perto do serviço." (encarregado dos fornos)
- 15 - "... o patrão empregava a gente muito bem... ninguém parado. Se parou uma máquina para trocar navalha, tem que estar com a estopa, passando, limpando. Não podia ver ninguém ficar parado... Não precisava ficar 'em cima'. Isso é regulamento dele. Do patrão. Da firma.

Quando eu vim para aí, não ficava 'em cima', insistindo. Cada qual trabalhava por vergonha." (encarregado dos fornos)

16 - Assim, segundo o velho operador de laminador pequeno: "Qualquer calçado escorrega! Agora, depende também de você. Se você estiver acostumado, você pouco escorregia lá. Já anda já no jeito daquilo mesmo. O corpo já tem o jeito mesmo. Agora, se você não está, já leva um escorregão danado. A gente rola aqueles rolos, e é o mesmo que nadar! Porque já está acostumado."

17 - "Conheço todo mundo. Só não sei o nome. Porque uns é apelido. Outros, a gente olha assim... Mas, eu olho assim e conheço." (operador de laminador)

18 - Segundo um engenheiro, que começou a trabalhar na empresa em 1961: "... aqui... nós sempre procuramos uma espécie de... carreira. O indivíduo entra geralmente como ajudante, como servente. Ele vai trabalhando como servente, e há um selecionamento natural... Então, ele não se sente bem na condição de servente. Automáticamente, ele já procura aprender a tocar uma máquina... E assim, ele vai progredindo. Automaticamente. Numa seleção natural!" (engenheiro)

19 - "Tem aqueles que entram como servente. E, trinta anos depois, ainda são serventes. Porque nunca tiveram interesse em melhorar. Existem outros que chegam até a posição de chefia. Você vê que, todos os nossos encarregados de seção, foram feitos aqui dentro." (Idem)

20 - "... eu aprendi foi por mim mesmo... aprendi foi fazendo o serviço... os 'homens' mandavam de um jeito, eu nunca fazia do jeito que eles mandavam. Fazia do jeito que eu sei! Tinha muita experiência e, antes de fazer eu já sabia como é que ia fazer... Eu tinha mais experiência. Eu mandava nos outros." (operador de empiladeira)

21 - Mas, alguns comentários, emanados da estrutura daquelas relações, deixavam transparecer o processo: "... o velho nunca falou com a gente... tinha um encarregado lá que chamava Araújo. O velho dizia para o Araújo: 'Eu, com meia dúzia de homens desse... Eu estava era feito! Porque esse homem é trabalhador!' Falando de mim para o Araújo... Mas, nunca falou comigo. Era um homem nervoso. Mas bom! De bom coração."

22 - "Naquela época, eu não tinha a 'malícia' do trabalho que eu tenho hoje. Porque tudo é 'malícia'. Tudo é 'macete'. Talvez hoje eu não faria... eu ia evitar o acidente. E, também, evitar o meu problema de saúde para o futuro... tinha que me apoiar direito para pegar o amarrado de tubo... Em vez de pegar de uma vez só, ia pegar em duas... isso é 'malícia' de trabalho." (encarregado de embalagem)

3 - As máquinas e as condições de trabalho no
salgãozinho.

Na usina, a memória dos operários da usina tem dois eixos: tecnológico e topológico. O primeiro são introduzidas na produção: laminadores pequenos, laminadores grandes, formadoras de tubos e, finalmente, a nova fábrica desativada. O segundo são as mudanças horizontais e verticais no espaço interno da usina, e o efeito da instalação dela na região. Segundo Cavallaro, "as fábricas que fracionam e penalizam o espaço rural com um corte rígido... impõem ao meio rural a complexidade de uma organização e de um saber tecnológicos... E todo espaço da cidade é entrelacado por uma rede densa e complexa de símbolos, que assinalam os pontos de referência que devem ser atravessados pelos indivíduos nos itinerários da cotidianeidade." (CAVALLARO, In, Org. MACIOTTI, 1985, 68)

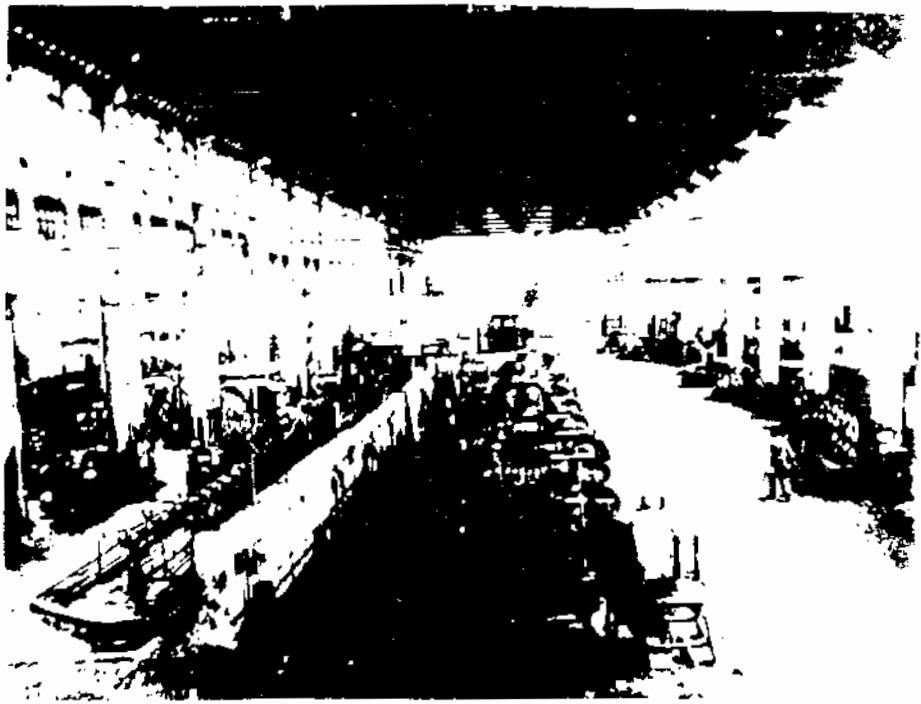
Os dois eixos são interconexos. As novas tecnologias exigiam um redimensionamento do espaço físico da fábrica. Os laminadores grandes exigiram obras de infraestrutura, alterando a noção de espaço. O mesmo ocorreria na instalação das formadoras de tubos e com a nova fábrica. Dividiremos essa história topo-tecnológica da usina em quatro fases:

ia. fase - de 1941 até os primeiros anos da década de 50:
decapagem, laminadores pequenos e tesourinhas.

Produção de fitas de embalagem para caixotes e barris.

- 2a. fase - primeira metade da década de 50: laminadores passados, tesourões e grandes fornos. Produção de fitas para estamparia e rolos para fabricação de tubos.
- 3a. fase - segunda metade da década de 50 até a primeira da década de 70: formadoras de tubos e galvanização. Novas exigências no controle de qualidade. Da fabricação de tubos industriais passa para os tubos de condução galvanizados. Os tubos de PVC, no início dos anos 70, exigem grandes investimentos nas linhas de tubos industriais: novas tecnologias de soldas, novas ferramentas e sistemas semi-automáticos alimentador. Na primeira metade da década de 60, a produção chega a 1.300 toneladas por mês, com 400 operários. Em 1972 é o recorde da produção, com 2.600 toneladas por mês e o mesmo número de operários.
- 4a. fase - segunda metade da década de 70: fechamento das linhas de galvanização e fitas industriais. Construção da "nova" usina, e produção de 1300 toneladas por mês, com 250/300 operários.
- Da primeira fase, os velhos operários guardam o medo dos habitantes da região em trabalhar com as máquinas da usina. Esse temor poderia ser, sómente, uma "nostalgia" frente às transformações tecnológicas trazidas pela usina. Entretanto, apesar dos vínculos com valores rurais, o medo tinha fundamentos.

1 - Interior do grande galpão construído na década de 50. No primeiro lado, junto ao muro branco, os laminadores pequenos e tesourinhas, onde estava o galpãozinho. Depois de aterrado e cimentado, o solo foi coberto com placas de ferro. Ao fundo, grande laminador americano e os fornos. No lado direito, depois das pilastras, estão as tesouras médias a decapagem e, no fundo, o outro laminador pesado alemão. Esquerda, junto ao muro, a formadora 40. Nesse mesmo lado, depois das pilastras, o galpão construído na década de 60. Nele estão as formadoras 20, 30 e 60 - a mais pesada - a ferramentaria, o laboratório e a elétrica.



2 - Lado oposto - frente - do galpão construído na década de 60. Esquerda, dobradeiras, rosqueadeiras internas, pinturas de tubos e embalagens, cireita, quadratura e, depois das pilastras de ferro - adornadas por 3 caixas de incêndio sem mangueiras - ficam as conifcadeiras. Vê-se a cobertura inacabada do solo com as placas de ferro. Sua superfície lisa provocando acidentes e prejudicando a produção - principalmente - vez que os antigos donos abandonaram o projeto de colocar tais placas em toda usina.



Até certo ponto, as referências da época quanto ao mundo rural, eram um refúgio diante dos perigos existentes na fábrica. A presença desses aspectos eram contrastes na memória dos trabalhadores, ressaltando o impacto que a usina trouxe para a região.

O tratamento da empresa aos operários ficariam, também, presentes na memória coletiva dos trabalhadores. As marcas dos acidentes nos seus corpos, seriam roteiros de sua memória individual. Os dois planos da memória – individual e coletivo – se encontram nos depoimentos, quando eles falam das condições de trabalho no galpão, e nos postos, junto das máquinas. Juntos, compõem o quadro ou pano-de-fundo, onde se movem suas memórias daqueles anos. Ou, nos termos de Ferrarotti, "...a memória é uma faculdade que esquece. O homem é uma animal que recorda, mas a memória é seletiva. O que recorda? O que esquece? Por que?...a memória recorda os momentos cruciais sobre os quais se construiu a pessoa, as experiências vividas em profundidade pela pessoa; mais precisamente, pela personalidade da pessoa...A recordação não é nunca, só e completamente voluntária, não cai sólamente no âmbito do subjetivo. Exige e se refaz, necessariamente, no contexto. Imagens, fragmentos da experiência, visões e odores do ambiente...A recordação, neste sentido, não é só uma questão individual. Tem uma base, uma ligação com a comunidade. Comporta o grupo, o inconsciente coletivo...que alcança todos e viaja na interioridade de cada um e com imagens próprias sem, portanto, pertencer exclusivamente a ninguém".

...A complexidade da memória, e de suas operações, deriva essencialmente do fato que a memória é na realidade duas coisas, tem dois níveis: a corporeidade e a consciência... A memória salva, então, como consciência e corporeidade conjunta, aquela precariedade flutuante, que por uma longa tradição chamamos de sujeito, da narcisística atemporalidade do princípio do prazer. Ao mesmo tempo, reforça o conhecimento, constrói o eu, ossifica a personalidade." (FERRAROTTI, 1987, 42, 44 e 45)

Debaixo da liberalidade e desprendimento, o paternalismo escondia um conjunto de atitudes extremamente coercitivas e desconcertantes. Entre os trabalhadores geravam comportamentos e posturas inseguras no posto de trabalho. Não se sentiam à vontade com a presença do patrão na usina. Muitos perdiam a calma e se atrapalhavam com a máquina. Nesses momentos os patrões aproveitavam para, de um lado,propriarem-se dos conhecimentos subjetivos e, de outro lado, reforçar um compromisso com a estrutura paternalista. Para isso, se utilizavam de um trabalhador que se aproveitasse da circunstância de inibição de um companheiro. O estímulo desse comportamento era utilizado como meio de incorporação dos operários àquela estrutura. Numa destas situações um ajudante se transformou em operador da decapagem. (1)

Na presença dos patrões, o recém contratado ajudante da decapagem mostrou que, por meio de uma intervenção na máquina, assimilara os critérios subjetivos de avaliação de trabalho. Num momento onde a imponderabilidade de tais

critérios pesavam, gerando um descontrole num companheiro de trabalho, ele viu o canal para ocupar o seu posto.

Logo de início, os recém chegados eram introduzidos na subjetividade do "saber" no trabalho. O saber subjetivo e empírico poderia, inclusive, "protegê-lo" de acidentes. Para o operador de laminador pequeno, há 13 anos na fábrica, as ameaças concretas colaboravam para submeter os mais novos a essa iniciação no paternalismo.(2)

O saber empírico, transmitido pelos mais velhos era um instrumento de controle do capital. O "saber" guiava os mais novos, diante das ameaças das máquinas e matérias-primas nos postos de trabalho. Caso contrário, estas surgiriam inevitavelmente como acidentes. A ambiguidade da tecnologia sob a estrutura paternalista, com a imponderabilidade do empirismo e subjetivismo, faziam do medo um instrumento da dominação do capital. Neste sentido, é significativo o depoimento do enfermeiro aposentado:

"... tinha muitos empregados antigos ali, que nunca se accidentaram. Uma das causas, também, que ocorriam acidentes lá, era a falta de preparação de empregados novos. Quando entravam para trabalhar, não tinham uma orientação perfeita do serviço que ele ia fazer. O empregado ia para a seção e botavam logo para fazer aqueles trabalhos. Ele se orientava mais pelos antigos. Mas, não tinham aquela orientação direita. Ai, eles se accidentavam. A maioria dos acidentes ocorria lá por empre-

gados admitidos novos, que não eram orientados pelos encarregados."(3)

O enfermeiro enfatiza aquelas condições de trabalho como pretéritas, contrastando-as com aquelas surgidas desde a instalação da CIPA na usina. Distingue a fase anterior, sem a CIPA, com o período da sua instalação:

"... muita coisa foi feita ali, depois que foi criada a CIPA".

Como veremos, a CIPA seria, também, apropriada e deslocada pelo capital no seu processo de mediação da força-de-trabalho na usina.

A característica delineadora destes marcos - com ou sem CIPA - não é a sua existência. Mas, a fase tecnológica em que foram instalados. As formadoras de tubos, na segunda metade da década de 50, seria uma delas.(4)

Mas, quando estas foram colocadas, o barracãozinho desaparecera. Com ele desapareceria uma forma de atendimento da força-de-trabalho dentro da usina. Noite, os trabalhadores ficavam sabendo de algum acidente, quando ouviam um som ecoando por toda a usina como um sino:

"Quando era tarde da noite, tinha que bater no ferro, que era para o vigia vim. Procurava (o vigia), procurava, e não encontrava! Bate o ferro que ele aparece! Aparecia logo!... Ali, se você se machucasse e quizesse chamar o vigia, sabe o que fazia? Você ia no forno com uma marreta, ai você dava uma pancada lá no forno com a marreta: têem!"

O vigia vinha correndo. Já sabia: Alguém se machucou..." (empilhadeirista e operador da decapagem)

O sino informava a ocorrência do acidente e, paralelamente, controlava a repercussão de sua gravidade. O barracãozinho não tinha enfermaria. Mas, o capital não se desculdava. Nos acidentes diurnos, a chefe do D.P. era chamada. Noite, o vigia atendia os acidentados.(5)

O critério de gravidade do acidente ficava, portanto, por conta de um leigo. Os vigias tinham as responsabilidades dos diagnósticos. Além do atendimento nosológico inadequado, o instrumental de tratamento dos acidentes era limitado. Nos primeiros anos de trabalho na usina, apesar de acrescentar alguns medicamentos, o enfermeiro encontrou essas práticas já instaladas.(6)

Os acidentes, usados com mediadores da estrutura de controle paternalista, surgiu em muitas entrevistas. Em alguns casos, a memória indica diferentes pessoas tratando. Os acidentes estabeleciam ligações entre departamentos que, aparentemente, eram distintos.(7)

Muitas vezes, a direção estava presente. Então, exercia o seu poder despótico, vizando reduzir a gravidade do acidente. Nestas ocasiões o trabalhador se opunha, sem qualquer respaldo objetivo, aos argumentos subjetivos usados coercitivamente pelo capital. Eram situações onde os operários se viam desfavorecidos e intimidados. Pois, o argumento utilizado era tão frágil como aquele do patrão:

"Não posso calcular assim não. Mas, tem bem uns 40

anos. Muito tempo! Foi logo no começo, quando eu entrei aqui... Eu fui ao escritório. Eles me 'embrulharam'. Me olharam... Eu ainda falei: 'Não precisa me mandar para o seguro não.' ... Era gerente... sei que era nosso gerente aí. Ai ele disse: 'Não Oswaldo, é no pé. Isso aí é perigoso. Você vai ter que tomar injeção. Você vai ficar uns dias em casa.' Ele disse que tinha que levar ponto... eu não queria ir para o seguro... Fiquei vinte e poucos dias em casa." (mecânico de retífica)

Em 1985, haviam 17 seções na usina. Eram fases de transformação da matéria-prima seguida ou paralelamente em duas ou mais seções. Esse processo é:

- 1 - "tesourão" ou tesoura 15: onde os rolos de mais de um metro e meio de largura, e entre 6 e 12 toneladas, são cortados longitudinalmente, e novamente enrolados com larguras menores que variam entre 20 e 40 centímetros e pesos de 600 a mil quilos.
- 2 - decapagem: os rolos menores passam por uma série de banhos químicos em grandes tanques, para limpar e retirar as impurezas no material, preparando-o para a próxima fase.
- 3 - laminacão de grande porte: dois grandes laminadores pressados prensam as chapas ou lâminas, para diminuir a espessura do material, passando de 3mm para 1.8mm, por exemplo.
- 4 - fornos: onde os rolos são recocidos para recompor a ma-

- leabilidade da matéria-prima, e ela não trincar ou rachar ao ser dobrada.
- 5 - tesouras médias: como o "tesourão", corta os rolos maiores em outros de menor espessura. Funciona com matéria-prima já recozida. Ou seja, é uma matéria-prima mais fina, e que vai direta para as fases posteriores, sem passar pelos fornos.
- 6 - formadoras de tubos: com estas quatro grandes máquinas - a 20, a 30, a 40 e a 60 - os operários produzem tubos de diferentes diâmetros e com lâminas de distintas espessuras.
- 7 - quadratura e dobradeira: a primeira onde os tubos redondos passam a quadrados, e a segunda para dobrar tubos.
- 8 - faceamento: para fazer as roscas externas dos tubos.
- 9 - rosqueamento: os tubos, alguns com até cinco metros, são cortados em pedacos de 5 a 10 centímetros e depois rosqueados internamente.
- 10 - trefilação: prendendo o tubo pelas suas pontas em máquinas apropriadas, os operários aumentam o seu comprimento.
- 11 - conificação: cortam os tubos longos em pedacos de 70 cms, aproximadamente, e depois nas conificadeiras fazem uma das pontas mais finas, como um pé de mesa.
- 12 - pintura.
- 13 - laminadores de pequeno porte: são máquinas de menores dimensões, com as quais os operários fazem o mesmo tipo

de trabalho que os de grande porte. Os rolos de matérias-primas são mais leves - 300 a 400 quilos - pois são mais estreitas e de menor espessura.

14 - tesouras pequenas: nesta seção, como na anterior, os rolos são denominados pelos operários de bobinas, por serem mais leves. Depois dos "laminadorezinhos", as bobinas são cortadas nestas "tesourinhas" em lâminas ainda mais estreitas, com poucos centímetros de largura.

15 - sucata: onde está a enroladeira de sucata. Com ela, um trabalhador enrola as rebarbas, ou excessos de rolos ou bobinas, como se fosse um carretel de linha.

16 - embalagem.

17 - expedição.

Além destas seções haviam: transporte, manutenção, elétrica, retífica. O controle de qualidade, era um posto para teste da resistência da soldagem dos tubos. E um pequeno laboratório químico.

Em 1941 estavam no interior do galpãozinho: três laminadores de pequeno porte, quatro tesourinhas, rebarbadeiras e dois laminadores de médio porte. Estes seriam desativados na década de 60. A decapagem ficava do lado de fora, ao ar livre.

As bobinas, entre 300 e 600 quilos, chegavam na usina por ferrovia. Os vagões eram estacionados no pátio interno. E começava um grande esforço físico. (8)

Os ajudantes rolavam as bobinas até os laminadores médios ou pequenos. Dali, com as alavancas, levavam as bobi-

nas rolando até as tesourinhas e rebarbadeiras. Também envolviam as bobinas mais finas e acabadas, em pedaços de pano umedecidos em óleo, para proteger da ferrugem. Depois, rolamavam essas bobinas mais leves, e as amontoavam uma sobre as outras. O esforço muscular era menor nessa fase, pois as bobinas eram menores. Mas, o trabalho era penoso porque feito de forma curvada.

Muitas operações eram braçais. A coluna, com os anos, começou a apresentar as sequelas. Ou do esforço físico muscular ou da curvatura. Os operadores dos laminadores, tesourinhas e rebarbaderias, também sofreram consequências de posicionamentos físicos inadequados, requeridos nos postos de trabalho. Mas, eram os ajudantes, transportando as matérias-primas para as seções e entre elas, que mais sofriam problemas de coluna.(9)

Como já vimos, selecionamos 148 questionários do total aplicado entre os operários da usina, pelo grupo de estudo interdisciplinar da Escola Nacional de Saúde Pública - E.N.S.P. Neles, com relação à coluna, encontramos os seguintes dados. Na revisão dos sistemas - muscular, nervoso, etc. - 37.8%, ou 56 trabalhadores, apresentaram dor lombar. No levantamento do histórico, ou ficha da enfermaria, foram encontradas 35 idas àquele local de trabalhadores dos mais diferentes postos, por causa de dor lombar.

Rolar bobinas com a alavanca ou as mãos era, também, uma tarefa arriscada. O solo do galpãozinho estava no nível da rua. As frequentes cheias do riacho, nos fundos da

fábrica, deixavam-no enlameado. Qualquer esforço físico estava sujeito a escorregões, tombos ou mau jeito. Dentre os 148 operários, encontramos 29 quedas e escorregões. Alguns mais de duas vezes. Muitas delas ocasionaram cortes, contusões, torções e fraturas de membros.

Mesmo depois, quando o chão da usina elevou-se mais de um metro com os novos galpões, aquelas condições ambientais de trabalho permaneceram. O solo continuou liso e sem firmeza para o trabalho. Muitos acidentes ocorriam:

"Uma torçãozinha de coluna. Fui pegar um material e dei um jeito de coluna. Foi um peso que eu paguei de mal jeito. Eu estava mal colocado. Se eu estou bem colocado, na posição, eu não teria sofrido esse acidente. Fui pegar um amarrado de tubos, e minha perna escorregou. Se eu estivesse bem colocado, eu não escorregava... Deve ter uns 12 anos mais ou menos, que eu sofri esse acidente. Inclusive eu tenho esse problema... E sinto da coluna." (encarregado da embalagem)

Esse acidente ocorreu recentemente. Entretanto, o corpo viciado em movimentos costumeiros era um legado dos primeiros anos da usina. A subjetividade se mantinha, como única defesa frente às mesmas situações perigosas do ambiente de trabalho hostil e agressivo. Sequelas da coluna, definitivamente instaladas, seriam marcos de algumas memórias. Dentre os 148 questionários, encontramos 46 torções. Estas atingiram: ombro (uma), pés (duas), punhos e pernas (cinco

cada ou 10,8% do total) e a coluna, com 33 casos ou 71%.

Quando aquele encarregado da embalagem se remete a "antigamente", lembra-se do futebol das quartas-feiras após o trabalho na usina. Ele sempre jogava. Atualmente, "não tem condição de correr 500 metros". Há anos, uma incômoda dor na coluna o acompanha. A usina minou sua existência e reduziu-lhe as condições de aproveitar o tempo fora dela.

Estas condições de trabalho estiveram produzindo, portanto, os mesmos aleijões encontrados na primeira metade do século XIX na Inglaterra. Nela, "Um operário, de acordo com o relato de um trabalhador aleijado: pode ser facilmente reconhecido quando caminha pelas ruas. Algumas das suas juntas muito provavelmente estarão afetadas. Se suas pernas não forem tortas, terá os tornozelos inchados, ou um ombro mais baixo que o outro, ou os ombros projetados para a frente, ou peito-de-pombo, ou qualquer outra deformação." (THOMPSON, 1987, 197 e 198)

Na década de 50, o aumento do peso das matérias-primas exigiu a instalação de uma viga e uma ponte. A viga colocada sobre a tesoura média, está ali até hoje. Suspensa num trilho de ferro, preso a trilhos apoiados nas pilastras do grande galpão construído nessa época. Na ponta está o gancho. Nele os ajudantes colocam a corda que envolve o rolo. Depois, com uma cremalheira, levantavam o rolo e empurram até a tesoura. Em seguida, os rolos eram arriados e presos no "colaps", com o formato de um carrete).

A ponte foi colocada nos fornos. Inicialmente fun-

cionou igualmente com cremalheira. Mas, tinha mais mobilidade que a viga. Esta, fixa a um trilho, só ia para frente e para trás. A ponte permitia deslocamentos de um para outro lado. E levantava mais peso.

Antes da ponte, empilhavam os rolos nos fornos com talhas. Cada forno tinha uma talha: um guindaste giratório de base fixa. Com ele, os ajudantes colocavam também a cuba, ou tampa, de cada forno.

Na década de 60, o aumento da tonelagem das matérias-primas requereu mudanças tecnológicas, para agilizar o transporte e manuseio delas em algumas seções. Principalmente onde os rolos fossem mais pesados, e as limitações físicas dos ajudantes prejudicassem a produtividade. A energia humana, que movia as cremalheiras da viga e da ponte, foi substituída por energia elétrica. No princípio desta década, com o mesmo objetivo, instalou-se a primeira ponte rolante com operador, no galpão das formadoras de tubos e da decapagem. No final da década veio a segunda ponte rolante.⁽¹⁰⁾

Paralelamente, chegavam empilhadeiras mais pesadas e potentes. Apesar disso, muitos deslocamentos de matérias-primas ainda dependiam do esforço físico. Permaneceram tarefas pesadas e arriscadas. Como colocar "no braço" bobinas de 600 quilos, em média, nas "rodas" das formadoras. Para "facilitar" aquele trabalho, equiparando-o ao ritmo das mudanças de tonelagens inseridas na usina, o encarregado das formadoras inventou e mandou instalar uma "rampazinha" em cada formadora de tubos:

"Para encher a roda, eles pegavam e botavam a bobina no 'colaps'. Metiam a alavanca no buraco (orifício central da bobina) e levantavam. Era uma estupidez! Então, eu sugerí uma rampa para rolar o rolo e cair no 'colaps'. Tinha local para colocar uma talha, mas nunca conseguimos... Antes da rampa... encostava ali e pegava um pedaço de cano grande. Enfiava, e dois homens levantavam... hoje tem uma gradinha de tubo que é de rota. Aquilo foi 'ideado' por mim. É a rampazinha. Uma cerquinha de cada lado... Antes, a pessoa botava rolo de 600 quilos na mão. Era horrível!"

Apesar de "horrível", as talhas só foram colocadas nas seções que o peso da matéria-prima não permitia os operários seguirem o ritmo imprimido à produção. Ou, onde seus limites fisicomusculares não permitissem o deslocamento dos rolos. Se isso era possível, a colocação de talhas era sempre protelada.

Portanto, "ideações" como esta do encarregado das formadoras, eram norteadas pelas necessidades de atendimento da produtividade. Eram soluções arranjadas para esse objetivo. As "rampazinhas" não eliminaram as causas dos acidentes e sequelas. Substituiram umas por outras. Antes delas, um ajudante teve a perna atingida por um rolo que virou. Outro teve o pé ferido. E, os que trabalhavam ali já traziam sequelas da coluna. Com as "rampazinhas" as sequelas na coluna permaneceram. Empurrar os rolos rampa acima, trocando de mão

em meio às suas grades, exigia esforço, destreza e atenção. A coluna continuou exigida, e os acidentes - como um rolo descer pela rampa, ou cair mal lá de cima ao jogarem ele no pino - permaneceram uma ameaça constante.

As limitações da capacidade físico-muscular eram o parâmetro das modificações nas condições de trabalho. As posições inadequadas permaneciam, como puxar rebarbas para a enroladeira. Ou enrolar fitas mais finas em panos protetores e empilhá-las. Na primeira, o operador da rebarbadeira puxa com um gancho de ferro os restos - rebarbas - dos rolos das tesouras. Ele joga o corpo para a frente, usando a coluna como uma alavanca para mover o gancho. A força muscular é feita numa posição arriscada: pode escorregar com o chão cheio de óleo e graxa. Para enrolar os pequenos rolos de bobinas em fitas de pano, fica curvado, numa posição desconfortável para coluna e os rins.

A prática indiscriminada do "turn-over" para atender a produtividade, também gerou problemas físicos irreparráveis. A súbita troca de postos sujeitava todos a sequelas, além daquelas causadas pelo transporte de matérias-primas. A frenética necessidade de atender a produção, trazia graves consequências em tarefas aparentemente simples, porém desconhecidas.(11)

Da dilapidação física, não escapavam mesmo aqueles cujas tarefas não tinham, em princípio, qualquer relação com esforço muscular. A ceifadeira do "turn-over" atingiu todos indiscriminadamente, igualando-os nas heranças reservadas

pela usina aos seus corpos e mentes. Até aos mais novos, as condições de trabalho já tinham reservado o quinhão de sequelas físicas. Como no caso do operário da manutenção elétrica. Tinha 33 anos. Nos sete de usina, ela já fora entronizado nesta empatia com seus companheiros de trabalho. Sua coluna e audição se transformaram, pelas condições de trabalho, nos veículos desse processo:

"Hoje em dia, se eu pegar um determinado peso eu sinto dor nos 'pés' da coluna. E isso veio através de uma série de serviços pesados que eu fiz. Outra coisa é a surdez. Sinto deficiência da audição. Duas pessoas conversando normalmente, para mim ouvir eu tenho que estar prestando atenção."

Numa reportagem sobre ruído industrial, o doutor Moacir Tabashnik confirma como apesar da "convicção generalizada" de que os velhos perdem "progressivamente a audição, porém um operário jovem, submetido a ruído intenso, pode acabar mais prejudicado". (JORNAL DO BRASIL, 9/1/89)

Em certas áreas, o ruído da usina alcança níveis insuportáveis. Máquinas barulhentas, como as coníferadoras, não possuem qualquer aparelhamento de diminuição de ruídos, como abafadores, etc. Essas condições prevalecem para a maioria dos trabalhadores das indústrias metalmúrgicas. Segundo a fonoaudióloga Ana Maria Joly Cappelli, "em cada 100 metalúrgicos da Grande São Paulo, pelo menos 60 correm o risco de ficar surdos por causa de ambientes de trabalho com nível de ruído acima do suportável." E continuando detalha

mais precisamente que, "num levantamento... com 420 trabalhadores encontrou apenas 88 com audição considerada normal - 171 estavam com deficiência por infecção e 161 eram deficientes em graus variados por lesões irrecuperáveis de células nervosas da parte interna do ouvido. Quarenta dos 161 eram casos graves, ocorridos com caldeireiros, serralheiros, prensistas e ferramenteiros, com média de dez anos de profissão." (Idem, 18/12/86)

Mas, os ruídos não se espalham pelo interior da usina provocando sómente surdez. Não afetam únicamente a audição. A imprensa cita, ocasionalmente, alguns efeitos colaterais dos ruídos para o organismo humano. Apesar da maioria destas informações se diluirem num escândalo inocuo, (12) "as mudanças fisiológicas podem ser variadas, atingindo áreas cardiovascular, respiratória, neurológica e psicológica." (JORNAL DO BRASIL, 9/1/89) Os trabalhadores da usina compartilham de muitos aspectos indicados em tais informações: 44 entre os 148 - ou 29.7% - consideraram em primeiro o ruído, como o maior causador de doenças profissionais. O ruído é associado, ainda, aos seguintes problemas: nervosismo (14 deles ou 9.4%), dor de cabeça (9 deles ou 6%), vertigem, esquecimento, irritação tensão, zumbido no ouvido (14 ou 9.4%), problema psicológico perda de audição (50 deles ou 33.7%), insônia, corpo abalado e ansiedade. Tais associações não são impressões subjetivas. A medicina do trabalho confirma muitas delas. (13)

Por outro lado, a revisão dos sistemas levantado

pela pesquisa da E.N.S.P. acusou os seguintes problemas, entre os 148 trabalhadores que selecionamos:

- ouvidos - zumbidos: 87 ou 60.2%;
- " - inflamação: 1;
- " - surdez: 42 ou 28.3%

Sistema nervoso:

- distúrbios memória: 11 ou 7.4%;
- " sono: 11 ou 7.4%;
- não aguenta barulho: 1;
- ansiedade: 7 ou 4.7%;
- agressivo ou irritado: 8 ou 5.4%;
- tremores: 6;
- apatia: 1.

Cabeça:

- cefaléias e tonteiras: 54 deles, ou 36.4%

O barulho das máquinas, num mesmo ton durante horas seguidas, produz uma cadência de sons infernalmente monótonos. A monotonia é preenchida, ou entrecortada, por altos níveis de decibéis. A intermitência deles é causadora de lesões pois, "à medida que aumentam os decibéis, diminui a capacidade do ouvido humano de suportá-los. Se o ruído de 85 decibéis pode ser aceito durante oito horas, sem lesão, o tempo diminui para quatro horas com 90 decibéis; para uma hora com 100 decibéis; e para apenas sete minutos para 115 decibéis." (JORNAL DO BRASIL, 9/1/89)

Submetidos seguidamente durante dias, semanas, meses e anos, a essa sinfonia ininterruptamente repetitiva,

muitos trabalhadores começam a sentir os efeitos disso na mente. Ela começa a falhar, e o esquecimento toma o lugar das lembranças:

"... me sinto assim, meio...meio esquecido... eu acho que o problema é por causa daquela "zoeira" Barulho... que é demais." (operador de formadora de tubo, com 25 anos de usina)

E o esquecimento, por sua vez, está associado a um quadro sintomatológico mais amplo: "também há interferência do ruído no perfil psicológico dos trabalhadores... alguns dos sintomas são inquietação, fadiga, mal-estar, irritação, intolerância, configurando aquela personalidade que está prestes a explodir diante de qualquer contrariedade." (Idem)

O produto de tais condições de trabalho, não apareceu sómente nas entrevistas, confirmando-se em reportagens de jornais. A pesquisa da E.N.S.P., por meio de um dos operários, levaram a esse caminho. Ele relatou que não gostava da sua saúde por sentir insônia, cansaço e barulheiras nos ouvidos. E, no seu histórico apresenta, ao lado de impotência, uma queixa de ordem sexual: em março de 83, após 22 anos de usina, descobriu que sua mulher era "fria e feia!"

E, como os trabalhadores se expressavam, quando sentiam tais problemas? Simplesmente não demonstravam! Vivendo sob condições de trabalho discriminatórias, a única via diante deles era: fugirem da dor. Conviviam com ela da única forma psicológica possível: colocando-se como "fortes" pois ali não havia lugar para "fracos". Por meio da aliena-

ção, eles elaboraram as suas possibilidades de existência física e mental, para lidarem com as adversidades das condições de trabalho na usina. Foi a alternativa de convivência com elas. Segundo o motorista da empilhadeira, sobre problemas de coluna os operários:

"Não se queixavam! Não! 'Nêgo' forte! Não se queixavam não!"

Essa opinião ocorria em meio a uma tentativa de suicídio e aos 13, dentre os 148 selecionados, que não sofreram qualquer acidente de trabalho. Ou melhor, não tiveram registro nas fichas. Muitos dentre estes 13 se disseram "expostos a tudo, e não sofrer nada!" Um destes "fortes", declarou ao médico na revisão dos sistemas que, "cefaleia para ele é um estado normal." Mas, se não se queixavam, não era por falta. Mas, por excesso. Este, de fato, sustentava a "bravura" e "destemor" que propalava-se entre eles. (Cf. DEJOURS. Op.cit. 70 e 71) E o que, concretamente, a construia? Vejamos.

Entre os 148 questionários encontramos:

- acidentes de trabalho, entre os 148 trabalhadores:

nenhum: 13 ou 8.7%

1: 19 ou 12.8%	2: 29 ou 19.5%	3: 30 ou 20.2%
----------------	----------------	----------------

4: 24 ou 16.2%	5: 18 ou 12.1%	6: 8 ou 5.4%
----------------	----------------	--------------

7: 5 ou 3.3%	8: 2 ou 1.3%
--------------	--------------

- fraturas, total de 32:

tornozelo: 2 ou 6.2%

mão: 12 ou 37.5%

braço: 9 ou 9.3%

pés: 12 ou 37.5%

perna: 3 ou 9.3%.

- queimaduras, total de 31:

cabeca: 9 ou 29%

mãos: 4 ou 12.9%

tronco: 4 ou 12.9%

braco: 13 ou 41.9%

pés: 1.

Dois deles foram acometidos de érnia inguinal, por excesso de força feito no serviço. Quatro perderam dedos e houve duas mortes.

Mas, os números mais altos são aqueles que estão entre os acidentes mais constantes entre os trabalhadores. São as feridas contusas, impactos ou contusões. De um total de 284 (insistimos, registrados!) temos:

- mãos e punhos: 118 ou 41.5% (aqui incluem-se dezenas de unhas arrancadas)

- rosto: 41 ou 14.4% (inclusive mais de uma dezena de olhos atingidos por fagulhas ou rebarbas)

- pé e calcânhar: 42 ou 14.7% (incluídos 8 perfurações por prego e 10 tendões de Aquiles atingidos por rebarbas)

- perna: 19 ou 6.6%

- torax: 10 ou 3.5%

- braço: 54 ou 19%.

Os membros inferiores somaram 61 acidentes, ou 21.4%. Os membros superiores receberam, em conjunto, cerca de 172 impactos e agressões, ou 60.5% do total. Os dois juntos, inferiores e superiores, somam 233 acidentes ou 82% dos 284 levantados. Talvez por isso, os pés e as mãos tenham sido

os mais lembrados como as partes mais ameaçadas e desprotegidas do corpo.

Mas, antes de abordarmos isso, esses dados nos remetem a certos trechos de "Maquinaria e grande indústria" de "O capital" de Marx. E, também, estabelecer uma conexão, justamente, com a abordagem psico-social proposta por C. Bejouys para a análise dos efeitos das condições de trabalho na personalidade.

Aí, Marx indica como: "Na manufatura e no artesanal, o trabalhador se serve da ferramenta; na fábrica ele serve à máquina. Lá, é dele que parte o movimento do meio de trabalho; aqui, ele precisa acompanhar o movimento. Na manufatura, os trabalhadores constituem membros de um mecanismo vivo. Na fábrica, há um mecanismo morto, independente deles, ao qual são incorporados como um apêndice vivo... Enquanto o trabalho em máquinas agride o sistema nervoso ao máximo, ele reprime o jogo polivalente dos músculos e confisca toda atividade corpórea e espiritual. Mesmo a facilitação do trabalho torna-se um meio de tortura, já que a máquina não livra o trabalhador do trabalho, mas seu trabalho de conteúdo... produção capitalista... processo de trabalho ao mesmo tempo processo de valorização do capital... não é o trabalhador quem usa as condições de trabalho, mas que, pelo contrário, são as condições de trabalho que usam o trabalhador... Todos os órgãos dos sentidos são igualmente lesados pela temperatura artificialmente elevada, pela atmosfera impregnada de resíduos de matéria-prima, pelo ruído ensurcedor etc, para

não falar do perigo de vida... roubo sistemático das condições de vida do operário durante o trabalho, roubo de espaço, de ar, de luz e de meios de protecção de sua pessoa física contra condições que oferecessem perigos de vida ou são nocivas à sua saúde." (MARX, 1983, 43, 45 e 46)

Desde o galpãozinho, nos anos quarenta, os operários nunca trabalharam adequadamente calçados. Esporadicamente a empresa fornecia botas de borracha. Na maioria das vezes usavam sandálias ou sapatos velhos, deles mesmos ou que alguém lhes dera. Presentes muito bem recebidos pois, se não ofereciam proteção eram mais confortáveis. Mesmo porque, com os riscos (rebarbas ou restos de matéria-prima) e ameaças do solo (escorregões e tombos) a proteção dos pés eram reduzidas com qualquer tipo de calcado.

Os critérios para proteção eram os mesmos: a providência tomada visava, sempre, um efeito imediato e dissociado das condições gerais. E como estas permaneciam intocadas, a individuação dos cuidados era uma exigência adicional feita aos operários. Assim, paradoxalmente, os poucos equipamentos de proteção individual – quando fornecidos – eram subsumidos nos cuidados dos trabalhadores com os movimentos de seus corpos. Os pés e as mãos eram os mais atingidos.

Um calcado fornecido pela empresa, ficou inesquecível entre os velhos operários:

"Aquilo era um perigo! A botina de madeira era... tristeza!... era a 'chanca'... era perigoso, porque derrapante. Quando ia gastando o salto, ficava muito liso. Chegou até causar um acidente uma ocasião. O cara escorregou e bateu com as costas no chão. Foi para o seguro... Duro. Era muito duro. A botina (de borracha) tem 'queda' (dobra). Aquilo é certo. É duro. Pisava, e pisava duro. Pisava numa

ponta de pedra, assim, o cara... (demonstrando que o pé dobrava todo, pela falta de maleabilidade do calcado)... não é? Nós não tínhamos proteção nenhuma. Inventaram a 'chanca'. Mas aquilo, em lugar de óleo não presta... qualquer coisa faz assim... escorrega!... Escorregava, que não fazia 'curva' nos pés para a gente andar! Um pedaço de pau duro" (encarregado da embalagem, chefe do controle de qualidade, operador de máquina de fabricação de tubos, mecânico da retífica e operador da decapagem, todos com mais de 30 anos de usina)

Esse calcado, adotado na fase do galpãozinho, foi distribuído no período de construção do novo galpão, nos anos 50. Assim, além dos riscos e ameaças normalmente existentes na usina, caminhavam mal em meio a terra e cascalhos do aterro, e de material da construção civil. Posteriormente, no novo galpão, a "chanca" continuou usada mais alguns anos, apesar de inadequada.

A "chanca" fazia calos e cravos dolorosos na planta dos pés. Para o capital, era uma questão de adaptação! Caberia a seus pés, óvia e naturalmente, acostumarem-se. Não bastava a criação da riqueza com a sua fôrçade-trabalho. Para isso, se necessário, deveriam transformar o próprio corpo:

"... era o único calcado que eles resistiam mais.

Eram aqueles 'tamanções'. Mas, tinha esse problema de escorregar muito!... Mas, fora disso não. E de-

Pois, eu acho que era no inicio. Porque depois que ele acostuma com aquela chanca no pé, até ela tomar aquela forma do pé. Depois, não tinha mais problema não." (ex chefe do D.F.)

Com este tipo de argumento, o capital exigia do trabalhador uma capacidade de adaptação calcada numa nova "visão" da relação entre as partes de seu corpo e o cortex cerebral. Esta relação está no "homunculus": "representação topográfica de movimentos provocados no homem pela estimulação elétrica do cortex motor. A dimensão das partes do corpo do 'homunculus' corresponde à parte implicada do cortex. Nele destaca-se a importância relativa responsáveis pelos músculos da mão e da face..." (JEANNEROD, 1983, 86) No "homunculus" do capital, os movimentos dos pés parecem ter mais importância relativa do que aquele das mãos e da face! Ele inverte: o cortex é solicitado na sua relação com o movimento dos pés, ao invés de ser com as mãos!

Segundo o ex-enfermeiro, a área de trânsito mais perigosa no interior da usina era o "salão" das tesouras. Havia muitas "rebarbas", mais finas ou mais grossas. Espalhados pelo chão, esse pedacos de ferro costumavam atingir os que passassesem. Pisar num deles era um risco: um de seus lados virava para cima. O solado duro da madeira da "chanca" contribuia para isso. Nem o duro couro crú daquele calçado conseguia evitar o pior.(14)

Para os trabalhadores mais antigos, a impossibilidade de se tornarem o "homunculus" do capital, exigiu deles

um outro tipo de adaptação: a convivência com um tratamento adverso, em meio a condições perigosas. Reclaboraram o comportamento de enfrentamento, distanciando-se dos perigos reais pela anulação. Ressurgia a estratégia de alienação, como instrumento de preservação psicológica diante dos limites de intervenção impostos entre eles e as ameaças concretas aos seus corpos.(15) Para conviverem com as imponderabilidades dos riscos, a alternativa que lhes restava era "não verem", "desconhecerem". Alienarem-se, enfim, das condições concretas que os continham.

Nas mãos dos trabalhadores o paradoxo: nelas estavam muitas marcas dessa alienação.

Há 44 anos o velho operador ajudou a montar, instalar e colocar em funcionamento os laminadores e tesourinhas. Nos primeiros anos, trabalhou com laminadores médios. Depois, foi transferido para os pequenos, trabalhando com um ajudante durante quase quarenta anos. Ali, as bobinas pesam, em média, 80 quilos. Chegam até ele depois de terem sido cortadas pela tesoura média. Ele vai "tirar" a espessura da lâmina. Ou seja, vai afiná-la. Depois, as bobinas vão para as tesourinhas, onde são cortadas em lâminas ainda mais estreitas. Seu trabalho no laminador tem 4 operações.(16)

A primeira e a última operação - colocar e tirar a matéria-prima da máquina - exigem esforço físico aliado a uma extrema destreza manual. A bobina pode virar ao ser colocada na "caixa". Ou quando é retirada do "colapse". A segunda e terceira operações requerem outros cuidados, que o

operador chama de "carinho" com a lâmina. Com a ponta dos dedos, cuidadosamente ele passa a ponta da lâmina entre os cilindros. Depois, prende essa ponta numa cavidade do "colaps". Depois, este é apertado com uma manivela. O "passe" - tirar a espessura da lâmina - inicia-se com a máquina em velocidade lenta. Para possibilitar conferir o posicionamento dela no "colaps", e se está bem esticada, para não dar folga na bobina. Gradualmente, aumenta a velocidade. Diminui duas ou três vezes, durante o "passe", para conferir as medidas da espessura da lâmina com o micrômetro. Se for preciso, move na "roda" para aumentar ou diminuir a pressão dos cilindros na lâmina. Assim, mantém ou muda a espessura "tirada" da lâmina. Isso ele chama de "socar" a máquina. Periodicamente, com a máquina funcionando, ele pega uma chave de boca e deixa um de seus lados tocar na lâmina retezada entre os cilindros e o "colaps". Pelo tinar da lâmina, ele sente se ela está sendo enrolada mais ou menos frouxa.

Nestes mais de 40 anos de trabalho, muitas operações com a máquina perderam recursos tecnológicos. A única manutenção, feita periodicamente pelo próprio operador e seu ajudante, é voltada para atender a produção: trocar os pesos dos cilindros quando estão gastos, e já não "tiram" mais nada das lâminas.

O velho operador do laminador concentrou todo o seu cuidado e atenção no trabalho com aquela máquina numa parte, em especial, de seu corpo: as mãos.

Apesar disso, elas tem os sinais da superexplora-

cão do trabalho. Para compensar os desgastes da máquina, as pontas de seus dedos são finas, como a ponta de uma cunha. Deformadas por mais de 40 anos naquele trabalho de "carrinhosamente" - pegar aquelas lâminas estreitas. Nesses anos, as pontas de seus dedos ficaram quase tão finas como as lâminas que eles produziram!

Em cada seção as máquinas requerem cuidados específicos. Com algumas, os operários temem serem atingidos nos braços. Outras, nas pernas ou nos olhos. Mas, em todas elas a maior preocupação, e a mais constante, é com as mãos.

As tesourinhas e a tesoura média também estão na usina desde o início. A diferença entre elas está nas suas dimensões. Técnicamente têm operações idênticas. Inclusive quanto às áreas de intervenção do operador, do ajudante e do montador de navalhas. Este último, não existe para os laminadores pequenos e médios. Nos laminadores a montagem se resume, praticamente, às mudanças dos cilindros. Isto é feito com uma periodicidade, que varia com o ritmo da produção. Não é um trabalho que requeira o uso de medidas muito precisas. Fica muito próximo de uma manutenção. Embora, devido ao desgaste das peças que prendem os cilindros nos laminadores, o conhecimento tecnológico de fundo empírico do operador esteja sempre presente. Principalmente com a máquina funcionando. Na tesoura média e nas tesourinhas - e no tesourão instalado na década de 60 - pelo contrário, o corte longitudinal das lâminas exige medidas precisas. A presença do montador de "navalha" é importante.(17)

O montador de navalhas devia montar todo o conjunto de "anéis" e "fendas" com medidas precisas. Do seu trabalho de regulagem depende a largura do corte das lâminas sair nas medidas exatas. Mas, a única máquina que ele faz esse trabalho com certa tranquilidade é o tesourão, por ser mais nova. Nas tesourinhas e na tesoura média, seu trabalho tem uma margem de segurança nas medidas bem menor. Pois, sendo máquinas muito antigas, seus eixos e transmissões têm desgastes que afetam as regulagens. Com estas máquinas, o montador de navalhas está, portanto, mais vulnerável às intervenções e sabotagens dos operadores e ajudantes. Por isso, mais velho operário da usina, — que trabalhava no laminadorzinho, mas ajudou a instalar e formar operadores para as tesourinhas — tinha uma relação razoavelmente tensa com o encarregado e montador das tesourinhas. Segundo ele, aquele encarregado era um "puxa-saco dos patrões, o que ele faz, eu sei".(18)

Nos primeiros anos, o trabalho com as tesourinhas tinha uma diferença técnica. O "colaps" não era um só. Ou seja, as lâminas não eram enroladas num mesmo "pião". Eram quatro "piões" ou "colaps" sucessivos, sendo mais difícil a regulagem dos cilindros de corte. Devido às distâncias diferentes entre eles e cada "pião" que enrolava uma chapa. Este conhecimento, guardado na memória do velho operador de laminador — se tornou inútil quando um único "pião" alinhou todas as chapas — era um argumento-lembraça para o comentário depreciativo — "puxa-saco" — dedicado por ele ao jovem encarregado e montador das tesourinhas.

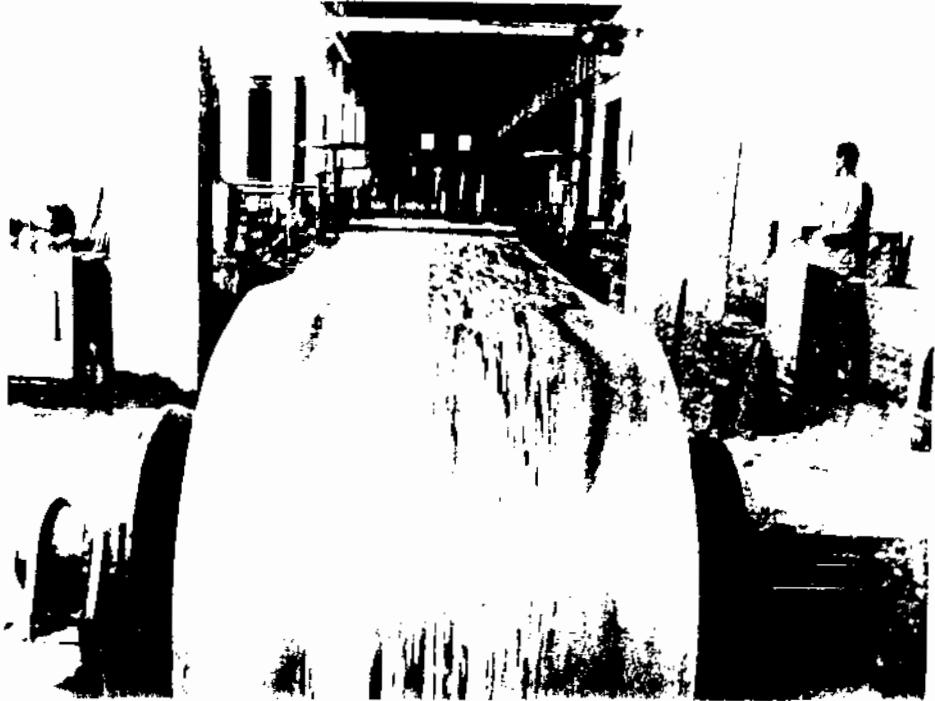
3 - Antes de começar o corte, a ponta da lâmina deve ser desentortada. Um dos ajudantes golpeia, então, a ponta da chapa apoiada numa mesa de aço com uma marreta de 8 quilos. São oito a dez bobilhas por dia. Cada uma recebe de oito a doze marteladas. Ou, entre 80 e 120 marretadas por dia. Ao cabo de quatro anos, um jovem ajudante estava com "coração de boi", ou dilatação do órgão. Quando esse diagnóstico chegou ao conhecimento dos trabalhadores, a marreta sumiu.



4 - Depois de desentortada, a ponta do "rolão" é introduzida entre os dois cilindros de corte do tesourão. No cilindro superior podem ser vistas algumas "navalhas". São as argolas maiores que, entrecruzadas com as do cilindro inferior, cortam a chapa. O montador de navalhas é quem monta e regula os dois cilindros, alterando as larguras. A roda grande, sobre os cilindros, é para prendê-los e regular a pressão entre os cilindros. Ela é uma das "torres" do "castelo". Note-se a mesa de aço sobre a qual são dadas as marteladas.



5 - O corte do "rolão" em bobinas ou rolos menores. No primeiro plano, o "rolão" preso, como um carrinho, ao "pião" hidráulico. No segundo plano, o cilindro superior da tesoura com as navalhas, e as duas "torres" com suas grandes rodas que, uma de cada lado, fixam a chapa entre os dois cilindros, o superior e o inferior. De seu posto, o operador controla a velocidade da tesoura e do "colaps" que, do outro lado, está enrolando as bobinas já cortadas. Segundo ele, para atender a produção é preciso: "Um olho no padre, e outro na coruja".



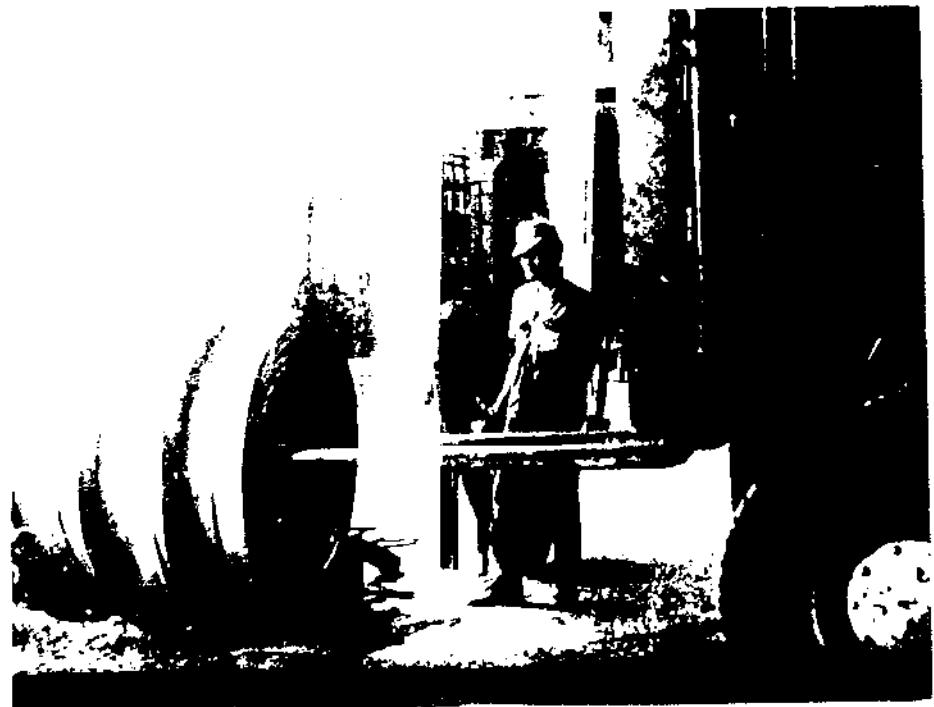
6 - Um dos ajudantes prende a ponta da lâmina num orifício do "colaps", usando uma manivela para apertá-lo. Vê-se a lâmina, já cortada, encaixada entre os dois discos. A velocidade desse "colaps", que enrola a lâmina, sendo igual aquela do "cavetô" da tesoura propriamente dita. Controlar as duas velocidades - dos cilindros da tesoura e do "colaps" de enrolar - é o que exige a maior atenção no trabalho do operador da máquina. Ou seja, a rotação do pião, dos discos da navalha e do "colaps" devem ser as mesmas, ou bem próximas.



7 - Terminado o corte, as fibras não são separadas do resto - sucata - dos acetileno. Essa operação é feita por um operador de acetileno. Ou, quando ele esteja ocioso, um dos ajudantes da tesoura faz o serviço. Muitas operações não têm operadores definidos. Assim tanto operadores faziam o trabalho de ajudantes, e vice-versa. E muitos eram deslocados de uma seção para outra, com características de trabalho bem distintas. Esse "turn-over" indiscriminado atingia a todos. Esse mesmo operador de acetileno, veremos mais à frente trabalhando na seção de decapagem, tanto fora, quanto no seu interior junto aos tanques.



8 - As bobinas, cortadas em larguras mais estreitas começam a ser retiradas do "colapse". Os ajudantes prendem-nas com uma fita mais fina e numeram cada uma delas. Depois, o operador da tesoura com um "macaco" hidráulico horizontal empurra e uma a uma vão caindo na haste da empiladeira. O ajudante acompanha a operação, sinalizando para o motorista da empiladeira e retirando cada um dos discos que separam cada uma das bobinas.





9 - O trabalho do ajudante, de orientar o motorista da empilhadeira e retirar cada disco, é bastante arriscado e perigoso. Os rolos de matéria-prima - pesando entre 1,5 e 3 mil quilos - devem cair de forma exata na base da empilha-deira. Qualquer erro na sinalização do ajudante para o motorista, e o rolo pode tombar. E o local da operação tem espaço reduzido.

De fato, o trabalho do velho operador do laminadorzinho com as tesourinhas, montando, ajustando e operando aquelas máquinas, era tecnicamente mais complicado. Além dos quatro "colaps" ou "piões", os movimentos circulares dos dois cilindros ao mesmo tempo cortavam e puxavam as chapas. As operações de montar e operar as tesourinhas, feitas por aquele velho operário nos primórdios do "galpãozinho", continham um conjunto de conhecimentos tecnológico-ídilicos mais amplo. Estes, instalados em sua memória, embasavam e delineavam os argumentos de suas lembranças, do seu papel no passado do processo de trabalho e de produção da fábrica.

De qualquer forma, o âmbito dessa intervenção nas tesourinhas - montagem, regulagem e operação - não durou muito tempo. Aproximadamente 3 anos depois, esse velho operário já havia "feito" um montador de navalha.(19)

Assim, o privilégio daquele saber empírico de um dos pioneiros da usina, já começava a ser atingido. Primeiramente pela divisão do trabalho. Posteriormente, por algumas mudanças tecnológicas.

Independente disso, trabalhando naquelas máquinas todos ganharam marcas de uma identidade entre eles: os cortes das tesouras e das matérias-primas em suas mãos.

Matérias-primas e máquinas se tornavam ainda mais perigosas, devido ao alto "turn-over". Com excessão dos montadores de navalhas, todos os operadores e ajudantes eram constante, e permanentemente, trocados de postos.(20)

Entre as tesourinhas e as duas tesouras médias,

havia diferenças na escala hierárquica para os operários que trabalhassem numas ou noutras. Nas tesourinhas eram os ajudantes e maquinistas. Estes últimos correspondiam aos operadores nas tesouras médias. Para ambas havia o posto de montador de navalhas. Mas, nas tesourinhas essa função era exercida, também, pelo próprio maquinista. Enquanto na tesoura média, passava a ser uma função específica. Nessa escala tecnológica, o "turn-over" interno na seção que afetasse o montador tendia a desaparecer na seção das tesouras médias. Ali era mais rígida a divisão do trabalho. (21)

Naquele "barracãozinho" de 3 e 4 metros de altura, o valor da matéria-prima - maior nos rolos de chapas da tesoura média e menor para as bobinas menores das tesourinhas - já era parâmetro de diferenças significativas da divisão do trabalho nas seções, e entre elas. Paralelamente, o bucolismo do térmo - "barracãozinho" - desaparece, quando levantamos, nas lembranças dos trabalhadores, o que as condições de trabalho naquele local reservavam às suas mãos:

"Aquilo ali era uma coisinha. Era três barracãozinhos compridos. Daquela frente que tem lá, era só dois barracãozinhos, baixinhos. Duas cumieirinhas baixinhas! Dava um duro ali, desesperado! Tudo era na base da ignorância! Tudo na base da força! Não tinha guindaste! Não tinha nada! A gente pegava naqueles ferros quentes com a mão! E pegava numas estopas de saco, segurando para não queimar a mão, nem cortar! Era um desespero!" (vigia)

A matéria-prima - quente nos laminadores ou cheia de rebarbas nas tesouras médias e tesourinhas - só ser re-memorada, contribuiu para caracterizar certos depoimentos. Em conjunto, há neles um misto de saga e epopéia daqueles primeiros anos da usina:

"Mais perigosa era... aquelas três tesouras, lá dentro do salão. Porque, na época que eu entrei ali não se usava luvas... Apanhava sacos (de pano) cortava os pedacos. A nossa luva era aquilo... A gente dobrava aquele saco, e fazia um negócio assim, feito uma bolsa. Um quadrado de estopa. E em cada mão usava-se um quadrado, para se trabalhar com um rolo de ferro... não usava nada. A gente entrava e ia trabalhar. Não tinha 'chanca', nem luva." (controle de qualidade, com 32 anos de fábrica; operador da decapagem, há mais de 35 anos e encarregado da matéria-prima, com mais de 30 anos de usina)

As famílias dos velhos operários compartilhavam com eles, da perspectiva de despojamento e coragem diante dos riscos na usina. O diálogo abaixo é retirado da entrevista feita com o chofer da empilhadeira em sua residência. Sua esposa esteve presente. Durante a conversa ela frequentemente se referia a uma fotografia de seu esposo, tirada por um dos componentes da pesquisa. Volta e meia, surgia na sala e dizia:

"Fui procurar o retrato para mostrar ao senhor.

Mas não acho."

Até que, finalmente conseguiu encontrar a foto. E trouxe, orgulhosa, para vermos. Neste momento, travaram entre si o seguinte diálogo:

Ela: "Ele ficou todo bobo, quando recebeu esse retrato."

Ele: "É que eu queria tirar o retrato lá, e não pude tirar."

Ela: "Mas o senhor tinha que ver o entusiasmo dele! Ficou bobo mesmo!"

Ele: "Eu queria tirar um retrato lá. Nunca pude tirar!"

O entusiasmo não era empatia. Na foto, sua expressão tranquila, recostado no banco da empiladeira não demonstra preocupação de esconder os braços atrofiados. Afinal apesar do defeito congênito, ele dirigiu e manobrou empiladeiras por mais de trinta anos. Transportou cuidadosamente pesados rolos e bobinas, transitando pelos perigosos interiores da usina. Da mesma forma, ao trazer a foto sua esposa procurou demonstrar, com orgulho, o esforço como ele trabalhou, suportando anos de condições adversas de vida, dentro e fora da fábrica. Na foto estava o registro daquele esforço. Ali estava uma imagem significativa, resguardando para sua lembrança a transcrição de uma vida marcada pela resistência. Sua esposa participou desse processo. A busca da foto, demonstrava o comprometimento e divisão com ele daqueles momentos. Segundo Ferrarotti, a entrevista gravada era, na-

quele momento, um ponto de chegada. O importante era a contextualização, onde o material biográfico – objetos e cultura material contida na foto – funcionou como pano-de-fundo, orientando o caráter seletivo da memória. (Cf. FERRAROTTI, 1986, 175, 180 e 181)

Por outro lado, a expressão de simplicidade e um leve sorriso de alegria daquele rosto na foto, contrastava com a sizudez esculpida no busto do capitalista fundador da usina, e colocada pelos seus familiares no pátio interno após sua morte, em 1952. Entre eles havia duas formas de produção cultural, expressando os contrastes das formas de produção material familiares. Segundo Bertaux, "o processo de produção dos seres viventes é sempre duplo: de um lado é material, e de outro, cultural... a produção material consiste em produzir o corpo... a produção cultural visa a produzir o que chamamos de 'espírito'... como parte do corpo... dá forma à energia da qual é portador." E mais à frente, citando Guy Sibon, acrescenta: "No seio da burguesia, a família burguesa marcha pela herança e pela mais-valia... O detentor, ascético ou equilibrado, o capitalista, ao chamar a atenção para a sua família, desvia os olhos do essencial: a origem de sua riqueza, a extorsão da mais-valia." (BERTUAUX, 1979, 66 e 77)

A estratégia de sobrevivência direcionou o tom da narrativa, e os momentos significativos da entrevista. Essa contrasta, também, com a descrição "contabilística", da ex-chefe do D.P.. Para o que aquelas mesmas condições de tra-

Isto reservavam para as mãos dos operários, ela disse:

"É! Mais nas mãos! Mais nas mãos. Por causa da fita, né! Porque era fita laminada, né! Quer dizer que, então, era sempre problema de corte. Sempre era esse problema de corte. Dificilmente tinha outro tipo..."

Como os calçados - chancas - a distribuição de luvas seguia o mesmo critério. Ou seja, a proteção do trabalhador só ocorria nos casos extremos, onde as condições de trabalho pudessem afetar a produtividade. (22)

Nas mãos do capital esteve sempre, portanto, o controle das condições de trabalho para as mãos e os pés dos trabalhadores. Ele demarcou os critérios de perigos e ameaças das matérias-primas, e das máquinas. As rebarbas para as mãos e o pé, e as chapas quentes para as mãos, foram a única continuidade - "Como não é hoje também!" - das condições de trabalho, que os corpos dos operários conheceram, e viveram, em todos esses anos. Os parâmetros de tais critérios eram, por exemplo, que no forno e na embalagem os perigos - temperatura e rebarbas - eram permanentes. E no laminador, ao contrário, eram intermitentes pelas características do processo de produção com aquelas máquinas. Em ambas seções os perigos existiam. Mas, a questão era atenuar os perigos naqueles postos de trabalho onde, pelo seu adensamento, eles pudessem afetar a produtividade.

Em suma, as lembranças de muitos trabalhadores são reconstruções feitas, muitas vezes em roteiros deixados por

pequenos talhos em partes de seus corpos. Principalmente nas mãos. Os cuidados e assepcias nos curativos eram praticamente inexistentes. Os cortes eram cobertos com pedaços de pano. Na produção, em pouco tempo viravam chagas doloridas em papadas de óleo. Uma descrição detalha a inadequação destas proteções. E como contribuiam, sómente, para deixar impresso em suas memórias o pouco caso dispensado aos seus corpos:

"Muita gente achava perigoso! Porque cortava muito a mão. Não dava luva. Dava... os sacos! E, então, a mão ficava toda cortadinha. Mas, não era talho de ir fundo não. Vinha só aqueles talhinhos, rasinhos. Assim, de óleo. A pessoa não podia lavar direito, que o talho doia! Ficava quase na carne e doia. Então, a pessoa não podia lavar direito e ficava com a mão encardida. Os curativos, o camarada queimava, passava aquele mercúrio e amarrava um paninho. A pessoa ia trabalhar. Quando chegava na hora, mais tarde, tinha que fazer outro."

(empilhadeirista)

Enquanto estas condições concretas mutilavam corpos, o semblante do busto do capitalista fundador remetia à ideologia burguesa de que, era preciso trabalhar, para deixar de trabalhar! Afinal, naquele momento - primeira metade da década de cinquenta - são fortes os dois aspectos que exaltam a imagem do patrão paternalista: empreendedor, e representante do esforço pessoal e do empirismo. A ideologia dominante tentava agrupar articuladamente, as virtudes de um

metodismo da classe operária com o utilitarismo da classe média.

Na industrialização brasileira, o capitalista paternalista soube como estimular e tirar proveito dessa ideologia. Ela é um instrumento de divulgação de como ele, como empregado de ontem soube, por meio de seu esforço e trabalho transformar-se num verdadeiro pai! (GOMES, 1979, 193)

Não foram sómente a coluna, as mãos e os pés, dos corpos dos antigos operários que foram marcados pela existência deles na usina. Além do ruído, há outras fontes de sequelas na produção.

Hoje, depois de cortadas no "tesourão", as chapas passam pelo banho químico da decapagem. Com 49 metros de comprimento e 5 de largura, no novo galpão a seção foi construída isolada, devido ao odor exalado pelos produtos químicos na usina e área externa. Antes, a matéria-prima continha mais resíduos. A limpeza denominava-se "lavagem". Era feita num "barracãozinho" aberto, ao ar livre. Os produtos químicos usados eram mais fortes. O cheiro era mais ativo. Causava tonteiras, vômitos e desarranjos intestinais frequentes, a qualquer exposição mais prolongada. Atualmente, a química é mais fraca e há distribuição de leite. Mas, os problemas permaneceram.

Quando abordamos os efeitos dos ruídos, fizemos referência a diversos casos de impotência, problemas de ordem emocional e sexual. Deste último, encontramos dez entre os 148 operários. Em geral associado a ejaculação precoce -

tres - e impotência - sete. Muitos dentre estes se queixavam de períodos de intensa atividade sexual, imediatamente seguidos por outros de quase total desinteresse. Esses, e outros problemas - cefaléias, vertigens, insônias, perda de memória - não se circunscrevem numa única causa.

Sendo uma indústria associada ao processo siderúrgico de produção, a metalurgia tem elementos tóxicos provenientes do manganês. Esse componente da matéria-prima utilizada na usina, é reativado em quatro seções: decapagem, laminadores, fornos e formadoras de tubos. Nelas, a composição nuclear da matéria-prima é atingida, liberando os componentes tóxicos do manganês nela contidos. Assim, as queixas e sequelas confirmadas pelos exames médicos, não podem ser creditadas a uma única fonte.

Segundo Rafael A. Penalver, "na indústria metalúrgica... as aplicações do manganês devem-se a suas aplicações físico-químicas, podendo atuar como dissulfurante, desoxidante, oxidante ou elemento de liga... a principal via de penetração do manganês na exposição ocupacional é o trato respiratório... Os primeiros aspectos da intoxicação pelo manganês são subjetivos. Os trabalhadores apresentam impulsos psíquicos estranhos e desejos anormais... irritabilidade psicomotora, levando o paciente a atos impulsivos ou a depressão... conscientes de seu comportamento anormal mas não conseguem controlá-lo. Ainda, distúrbios de memória, euforia alucinacões, gosto metálico, pesadelos, distúrbios do ritmo do sono,... astenia, dor muscular, anorexia, cefaléia, mal-

estar geral. Grande número de pacientes desenvolvem no inicio da doença um aumento do impulso sexual e maior necessidade de satisfazerm-se sexualmente, mas a maioria torna-se impotente em curto periodo de tempo. Aparecem psicoses... Alguns apresentam choro espontâneo imotivado... tom de voz monótono e incapacidade de falar em um tom de voz mais intenso... A hipomímica facial devida ao envolvimento dos gânglios da base tem sido descrita com os nomes de face-em-máscara (alegre ou triste), face marmórea, face inexpressiva. É uma manifestação precoce da doença." (PENALVER. In, MENDES. Op.cit. 462, 463, 464, 466 e 467)

Diversos destes sintomas se manifestaram, principalmente entre os trabalhadores daquelas quatro seções: decapagem, fornos, laminadores e formadoras de tubos. Segundo diferentes médicos que passaram pelo ambulatório da usina, em épocas as mais diversas. Por isso, apesar das mudanças, a terminologia "lavagem" ainda é usada para designar a decapagem. Apesar disso, não perderam o senso crítico. Assim, em algumas entrevistas, os trabalhadores empregaram o termo metafóricamente!

Trabalhadores de outras seções sentem, ainda que em menor escala, o cheiro dos banhos químicos. Mas, aqueles da decapagem tem marcas mais visíveis:

"Na decapagem trabalhava com ácido quente, cido sulfúrico e a caldeira. 90 graus de temperatura nos tanques. O aço era tirado na mão. Você tinha que encher. O Roque se queimou com ácido. Eu me

queimei com ácido. Eu tenho queimadura na cabeça.
Isso foi ácido, ó! Na cabeça. Escorregou por aqui,
ó" (operador de decapagem)

A memória desse operador se remete ao passado da usina com os mesmos elementos que orientam aquela dos velhos operários. Assim, num contraponto com o presente, emerge do passado o "herói" individual que soube enfrentar, suportar e atravessar tantos perigos:

"Eu acho que hoje ninguém faz força nenhuma. Porque mesmo ali, na decapagem, ali você fazia uma força danada! Aquele rolo ali... aquele rolo era todo empurrado na alavanca! Na alavanca!"

Aqueles que trabalharam na "lavagem" há muitos anos, recordam detalhadamente do processo de produção dali:

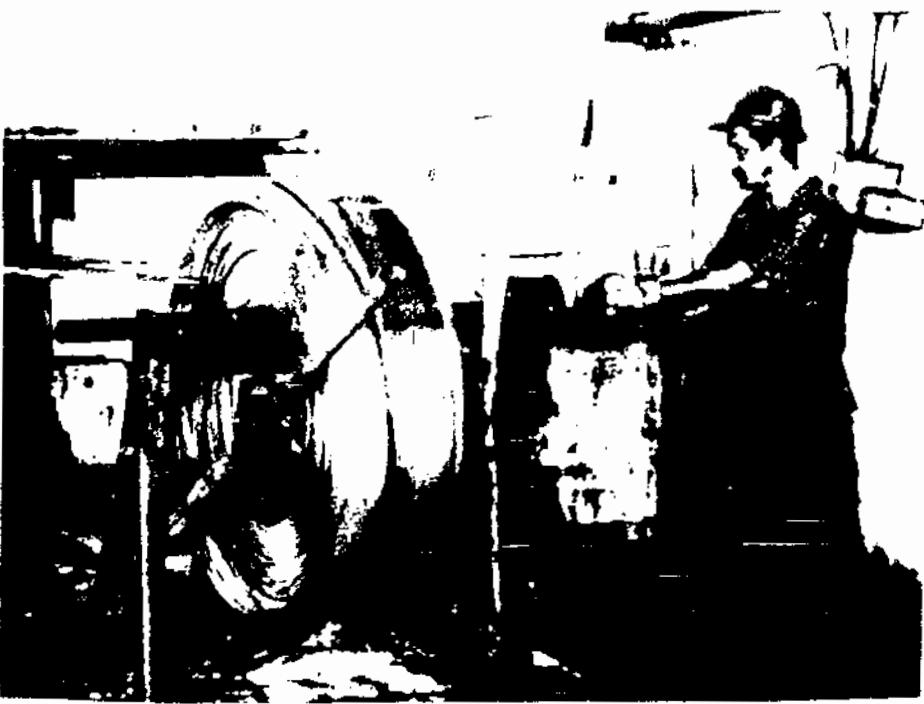
"Antigamente, lavar... agora me lembrei! Lavar ferro com a mão. Não gostava de ir pra lá de jeito nenhum! Por causa da posição, também. Ficava meio de 'côcoras'. Eu ouvia falar mal. (ficava) onde é a lavagem mesmo. Só que era um barracãozinho, uns tres metros. Passava dentro de um, ou dois tanques de madeira. E o resto do pessoal ia com uma escova que ia escovando. Abria ele assim, num lugar largo e ia escovando. Ia jogando água e escovando com a mão. Vinha de dentro do ácido. Ai, o pessoal que jogava água ia tirando aquele ácido, para não dar ferrugem. (Usava luvas?) Nada!" (mecânico de retífica)

Nos primeiros anos, o processo de produção na "lavagem" tinha uma tecnologia rudimentar. Apesar dos perigos de um trabalho feito com produtos químicos, a intervenção manual era frequente em diversas etapas. (23)

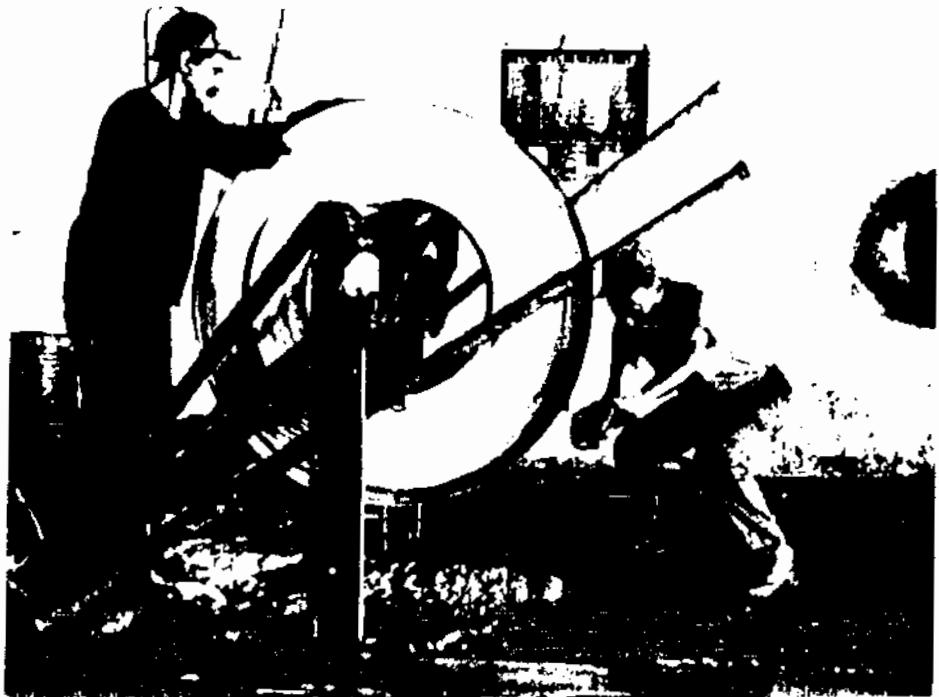
De um lado, a produção da usina era pequena. De outro, nem todas as seções justificavam investimentos na questão de riscos. A ameaça que eles representavam à produtividade – privilegiando o investimento em maquinário – não era igual em toda a fábrica. Na "lavagem", tal investimento era baixíssimo. Donde, não havia qualquer preocupação com as condições de trabalho naquela seção. Os perigos da "lavagem" não eram um obstáculo significativo ao ritmo de produção da usina. Não havia, portanto, interesse do capital em investir na segurança dos operários, pois a produção e os investimentos não justificavam.

Só em 1954 surgiu uma diferença tecnológica entre "lavagem" e decapagem. Até então, os tanques e as máquinas da "lavagem" eram pequenas, exigindo muitas intervenções manuais. (24) Os cuidados individuais estavam em segundo plano. Os trabalhadores não recebiam luvas. Em 1954, com as novas máquinas mais pesadas e mais rápidas, a usina começou a dar luvas. Pois a química dos banhos também se modificou, e a produção aumentava. A distribuição de luvas visava eliminar as sequelas a curto prazo, que os banhos químicos pudessem causar na produtividade do trabalhador. Mas, se com as luvas ele não estava exposto diretamente aos efeitos da "lavagem", os danos e sequelas, ainda que lentos e não imediatamente

10 - Depois de cortadas, as bobinas são levadas pelo empilhadeira para a decapagem. A empilhadeira levanta a bobina por meio de uma haste no seu centro, e coloca sobre dois trilhos que a sustentam. O rolo é empurrado de modo a ficar ajustado para ser puxado para o interior da decapagem. O homem que aparece aqui é o mesmo operador de acetileno visto no "tesourão". Aqui, nesta operação, ele é ajudante.



11 - Antes, é preciso soltar o rolo das fitas que o seguram. Enquanto um ajudante segura o rolo, para ele não soltar "dando lambada", o outro acerta a fita que o prende, com uma machadinha. Fica a certa distância, e pronto para pular, se necessário.



12 - Aqui, os dois ajudantes procuram esticar a porta da lâmina para prendê-la a uma outra que já está terminando de passar pelos banhos químicos nos tanques da decapagem. A operação exige força muscular e muito cuidado. Qualquer movimento brusco e a lâmina corta a mão. A luva neste caso, de pouco serve como proteção. Algumas vezes chegamos a ver um desses ajudantes pulando sobre a lâmina, num esforço quase cômico de desentortar aquela ponta.



13 - Interior da decapagem, também denominada pelos operários de "catinga". É um compartimento com, aproximadamente, 30 metros de comprimento por 4 de largura e todo fechado. A ventilação das janelas superiores era insuficiente. Ao invés de sair, a "catinga" espalhava-se pelo interior da usina. As lâminas passavam lentamente pelos seus 3 tanques com produtos químicos diferentes, altamente corrosivos para retirar as impurezas do material. O trabalho ali dentro, deixava esse operador com os olhos avermelhados e uma tosse seca. Além de sequelas a longo prazo, havia o perigo imediato de uma daquelas químicas poder atingi-lo e queimá-lo.



14 - Do outro lado da decapagem, na saída das lâminas, fica esse senhor. Ele joga óleo, vagarosamente, sobre o ferro que está sendo enrolado novamente para, dali ser remetido para os laminadores pesados. Nesse dia, ele estava com calça e jaqueta novas. A usina providenciou isso para muitos, sabendo que seriam tiradas fotos. Normalmente, eles trabalhavam com roupas velhas que traziam de suas casas. Nesta seção, depois de algum tempo, qualquer tecido fica com uma tonalidade amarelhada.

perceptíveis, permaneceram tão irreversíveis quanto antes. Por isso, o termo "lavagem" - no seu duplo sentido - e "catinga" se manteve.

Esta e outras alterações já anteriormente citadas, muito além do aspecto aparente paternalista como, inicialmente, são apresentadas, fazem parte, na sua essência, da estrutura do salariado da empresa. Inserem-se no conjunto de variações dos métodos de remuneração na própria firma. São partes do processo de divisão e recomposição do trabalho. Este último, já préviamente esvaziado de significado e separado da coletividade, sofre alterações na sua divisão. São novas divisões do homem, de seu corpo em outros gestos que também o deformam, como os anteriores. (Cf. ROLLE, Op.cit., 229, 123 e 124)

Desde a década de quarenta, os mais velhos vivem uma relação cotidiana na usina com marcas profundas em suas vidas. A convivência diária com mutilações de corpos, e os perigos e ameaças permanentes.

Diariamente, suas percepções acumulavam dados sobre tais condições de trabalho. Depois, muitos desses dados retornavam aos gestos e movimentos na forma de medo e, portanto, controle. Esse equilíbrio do terror se mantinha, desde que permanecessem aquelas condições de trabalho conhecidas. Mas, aí, um paradoxo. De um lado, a rotina amortecia a percepção. De outro, a atenção era submetida a permanentes oscilações no ritmo dos processos de produção e de trabalho, desestruturantes da percepção inicial. E então, quando esta

reaparecia, era inadequada. Ai estaria caracterizada, segundo Friedmann, "a situação de impotência que é característica do operário em nossa sociedade industrial. Não é um destino social, mas o resultado de um processo historicamente registrável." (ROLLE, Op.cit., 132) Para este autor, no operariado se encontrariam "as mesmas aspirações fundamentais do artesano, combinadas numa estrutura psicológica voltada para dirigir o organismo e para preservar sua integridade." (Idem, 133) Assim, apesar das barreiras, inadequações e dificuldades, segundo os velhos operários, tais conhecimentos eram fundamentais. (25)

Na usina, o equilíbrio psico-físico era paradoxal. Cada tarefa era, ao mesmo tempo a sua manutenção e ruptura. Diante das situações de trabalho desgastantes, os operários elaboraram uma estratégia de enfrentamento. Adotaram comportamentos para escamotear as ameaças que levavam ao rompimento daquele equilíbrio. Segundo o operador da decapagem:

"Naquela época, trabalhavam à moda vamos'imbora...
moda vamos'imbora! Não pensa na malícia."

O trabalho à "moda vamos'imbora" foi, inicialmente adotado entre os mais antigos de usina. Era o produto da exigência da fábrica. A usina sempre mediou a existência do trabalhador de maneira total e autoritária. Seu corpo, na usina não lhe pertencia. Dónde, era submetido ao ritmo de trabalho nas péssimas condições predominantes. Em meio a elas, todo esforço neuro-muscular individual era exigido, e não poderia ser desviado para qualquer cuidado e atenção com

o corpo, por mais que fosse evidente ou necessário. (26)

A perda do controle sobre o corpo fora da usina, continuava dentro dela. E como as péssimas condições prevaleciam, o trabalho era associado à dor e ao constrangimento. Ao mesmo tempo, as imponderabilidades daquelas condições de trabalho sobrecarregam a individualidade. Então, a individualidade ("natureza da pessoa") passa a ser considerada:

"Mas ninguém se acidenta por querer... há também uma pessoa mais atirada do que outra... ele se atira mais no trabalho. Outro se reserva mais um pouquinho... Há pessoas que trabalham na fábrica faz muito, e nunca se machucou. Mas, é pessoas que não faz tudo. Ele às vezes não se atira. Vai muito da natureza da pessoa."

Segundo este operador da decapagem, caberá ao indivíduo - "pessoa" - tirar de si todos os recursos psicofísicos, para manter o equilíbrio entre a "casa" e "lá", ou a usina. Como a exploração de tais recursos durante décadas foi maior do que a capacidade de repô-los, seu custo recaiu sobre o trabalhador. E se expressa na forma de uma falta de perspectiva. A todo instante o equilíbrio se rompe, e sua inserção na crença de um futuro se dissipia. As condições permanentemente idênticas de um presente estático, que se projeta hegemônicoamente a cada momento, contribuem, portanto, para gerar - e alimentar - uma incógnita quanto à sua participação num porvir que sequer lhe pertence. Seus "horizontes de temporalidade" (cf. MERCURE, Op.cit. 270) se não

inexistentes são pelo menos, estreitos. Neste sentido, aquelas condições contém um modelo de destino que não é seu. Elas atuam, portanto, minando ou mesmo erradicando, a participação de sua memória na construção desse tempo. (27)

Por que, as condições de trabalho permaneceram praticamente as mesmas? Por meio delas, os velhos trabalhadores embasavam a relação hierárquica com os demais, principalmente os mais novos. O saber corporativo preservado entre os mais velhos delegava a eles um instrumento de controle, inserção, e cooptação. Por meio dele, direcionavam o comportamento dos mais novos no processo de trabalho e de produção e, também, transferiam responsabilidades. Neste sentido, a estratégia de preservação psico-física desenvolvida por eles foi se transformando, paralelamente, num instrumento de manutenção do poder. Para isso, como podemos ver, o capital usou das próprias condições de trabalho. Sem modificá-las fundamentalmente, usou-as para inserir os trabalhadores na estrutura de produção. Aquelas condições se transformaram, portanto, num dos instrumentos básicos de reprodução das relações de produção capitalistas. (28)

Na manutenção da estrutura paternalista, o papel dos mais antigos veio se configurando como fundamental. A reprodução dos valores daquela estrutura se sustentava na sua influência. Ou seja, nela os neófitos da usina colhiam os parâmetros empiricistas e subjetivos.

Paralelamente foram surgindo resistências. Como as atitudes "intempestivas" dos mais novos, diante da "prudê-

cia" dos mais velhos. As condições de trabalho, como pano-de-fundo, sustentavam a forma de intervenção dos mais velhos na reprodução da estrutura paternalista.(29)

Mas, os mais velhos nos seus primeiros anos de usina, também não fugiram à regra: ontem também o equilíbrio psico-físico era um encargo recomposto individualmente por cada trabalhador. O esforço era feito no sentido de isolar a vida na usina daquela fora dela. A mediação das relações de produção capitalistas, exigia um esforço de separação entre as realidades profundamente idênticas. (30)

Tudo sempre feito para preservar um dos lados do paradoxo: a usina. A família era exaustivamente requerida na tarefa de manutenção do equilíbrio psico-físico. O grupo familiar, quando solicitado deveria compensar essa reconstrução. Pôssee de forma direta e imediata, (medicina caseira ou popular) ou indireta, (cuidados e atenções) desde o "gal-pãozinho" ele era demandado na reprodução física e mental dos operários. Frente à compartmentalização paradoxal entre interno e externo, a família sempre teve, em toda a história da usina, um papel fundamental na reestruturação e reconstrução da auto-estima e auto-identidade dos trabalhadores. Dela provinham muitos conhecimentos de medicina popular ensinados na usina para os demais companheiros:

"A gente ensinava. Às vezes, eu mesmo ensinava: '... você faz isso...' Quando eles estavam gripados, eu dizia: 'Leva, faz um chá de guare com cideira. Xarope. Folha de Timão.' A gente ensina-

esses remédios da gente." (limpeza do salão e operador de laminador, há mais de 40 anos na usina)

Nos limites deste trabalho, não questionaremos a maior ou menor eficácia, ou rapidez, de tais tratamentos. O importante é que eles envolviam todo o grupo familiar. A cura de um de seus membros, por doença ou acidente de trabalho na empresa, exigia o esforço, cuidado e dedicação de todos seus componentes. As áreas de aplicação eram as mais variadas atingindo, praticamente, todas as principais sequelas causadas pelo trabalho na usina.(31)

Os chazinhos podiam ser encontrados em toda a região de Meaúta. Eram colhidos nos quintais das casas, ou então coletados até mesmo nos terrenos baldios que circundavam o galpãozinho.(32)

A medicina popular é anterior à chegada da usina na região. É um bem cultural e material, trazido da "roça" por muitas famílias de trabalhadores, segundo um velho operador de laminador. Essa afirmação vai de encontro com os resultados da pesquisa feita por Logola na mesma região: "muitas famílias reservam uma pequena área do jardim para o cultivo das ervas medicinais, hábito adquirido na época em que viviam no campo". (LOYOLA, 1984, 139)

Nestas quatro décadas, a medicina popular foi usada com frequência para compensar os desgastes da força-de-trabalho na usina. No seu conjunto de comportamentos nosológicos e terapêuticos, o envolvimento começa na família e se estende à rede de vizinhança. "O estoque de medicamentos

acumulados que constitui a farmácia familiar serve, sobretudo, para os casos de urgência... a farmácia familiar permite também tratar as doenças mais comuns... ela se insere num sistema de ajuda mútua e de troca entre vizinhos, com a qual a circulação de medicamentos permite remediar a falta de oferta médica local... favorecem... a constituição de um 'Fundo comum'... de medicamentos... de experiências e conhecimentos terapêuticos."(33) No tratamento, as mulheres têm um papel fundamental.(34)

Não foi significativo o trabalho de mulheres na produção direta da usina. Houve uma tentativa. Algumas mulheres foram contratadas entre 1948 e 1952.(35) Mas, o lugar reservado a elas nesta estrutura de produção era em casa. Como retaguarda reestruturadora com os seus "sacrifícios" das forças familiares, visando recompor o equilíbrio dos que estavam na usina. "Os membros das famílias... estão juntos, em primeiro lugar, para produzir alguma coisa, suas relações são primeiramente relações de produção... o tipo de trabalho que se exige das mulheres é muito diferente de acordo com o meio, se não em suas formas ou pelo menos em seu conteúdo. A opressão das mulheres não é uma opressão comum, mas uma opressão diferente que toma formas específicas segundo o meio social... o papel de esposa e o papel de marido já não são concebidos como 'papéis familiares'... mas sim como lugares de trabalho num processo de produção... a maior parte do trabalho antropônômico é incumbência das mulheres: quer para o trabalho necessário à reprodução da energia do marido

(compras, cozinha, louça, arrumação da casa, costura), quer para o trabalho de produção dos novos suportes da energia operária (a criação dos filhos)... no seio dos lares operários e nos bairros, uma enorme massa de trabalho é realizando... essa enorme massa de trabalho apresenta uma característica: não custa um centavo ao capital." (BERTAUX, 1979, 73, 74, 91 e 92)

Neste momento, quando tinha inicio a segunda fase da história da usina - com a chegada de dois laminadores pesados e, posteriormente, das formadoras de tubos - o trabalho das mulheres era mais interessante ao capital fora da fábrica, do que dentro dela. (36) O mesmo papel das mulheres é descrito por Noiriel, para a região também siderúrgica de Longue: "São sobretudo as mulheres que... trazem uma contribuição decisiva ao equilíbrio financeiro... Fazer a cozinha, cuidar das louças, arrumar: servir o pai, o marido, o irmão ou os filhos que trabalham na usina... frequentemente se privando para que o homem reconstitua corretamente sua força-de-trabalho... uma luta desesperada para salvaguardar sua dignidade... o verdadeiro escravismo sofrido por estas mulheres... moderno e discreto, não deixou traços, salvo em algumas memórias." (NOIRIEL, Op. cit. 187 e 188)

NOTAS

1 - "... o velho Oswaldo era meio... nervoso. Quando ele via os 'homens' (patrão) ele 'malucava'. Ficava doido

... nesse dia nós estávamos decapando... chegou o chefão... a embreagem da máquina estava ruim... Ele puxava e a porta 'pou', 'pou', 'pou'... não parava mais!! E os 'homens' parados! De braços cruzados, olhando... o Oswaldo pegava a máquina... e não conseguia parar para amarrar o rolo. Eu, olhando... ia fazer hui ano de casa ... e falei: 'Pôxa, isso é muita burrice do Oswaldo. Está nervoso só por causa dos 'homens' que estão ai olhando.' Ai falei: 'Oswaldo, apanha a chave e bota ai na ponta da chapa e puxa que a chave prende e ela para' ai, o Oswaldo foi na minha idéia... no outro dia, os 'homens' me chamaram lá. Eu disse: 'E agora, vão me mandar embora!' Ai, eu fui lá: 'Não! Para você ficar no lugar do velho Oswaldo'."

- 2 - "... os novos chegando, tem que suar para aprender. Porque está arriscado a... tem que ensaiar mesmo legal, que é para ele não se machucar. Porque está arriscado a se machucar."
- 3 - O enfermeiro relembra como, eram as partes de transmissão de energia das máquinas que mais ameaçavam os trabalhadores: "... nada disso tinha prevenção. Aquelas engrenagens, tudo era à mostra! Aquelas polias. Aquelas correias daqueles motores. De virar aquelas máquinas. Eram abertas!"
- 4 - "As próprias máquinas lá da fabricação de tubos, andaram fazendo uma série de modificações lá para evitar acidente." (enfermeiro aposentado)

- 5 - "Antes de ter enfermaria, era o vigia. E quando o vigia não estava, a Vicélia fazia... o vigia fazia curativos. Depende do machucado. Coisa pouca, né." (operador de decapagem)
- 6 - "Os acidentes à noite, depois que eu cheguei lá eu preparei uma caixa com material próprio. Uns tambores com gaze, algodão. E botei na portaria, para os vigias atenderem. Mas, os vigias passaram uma semana cada um, na enfermaria, treinando curativo. É que a maioria dos vigias já sabiam trabalhar, fazer os curativos direitinho." (enfermeiro aposentado)
- 7 - "Então, a gente comandava aquela turma. Um bocado de mulheres e um bocado de homens. Seu Jorge dentro da usina. Eu e seu Santos na parte do escritório: 'Machucou fulanot!' Eu mesma fazia o curativo. Eu estava com 18 anos. Aquilo, com dois ou três dias estava bom. Porque a gente tinha medicamentos." (ex-chefe do D.P. aposentada)
- 8 - "O ferro vinha da América do Norte. Rolos em pé. Os homens entravam dentro do vagão, botavam uma prancha e tocavam de alavanca. Para descer. Descia a plataforma e continuava. E de alavanca ia ia até a máquina, quando não tinha guindaste." (operador de empilhadeira)
- 9 - "O que mais havia era problema de coluna. Havia muitos acidentes, porque essas bobinas que a gente tirava do caminhão era puxada no guindastinho. E aquelas bobinas eram pesadas. Depois que lavava, ia para o laminador e

cortava (na tesoura) Ai que ia carregar nos carrinhos. Depois delas cortadas. Era tudo bruto." (operador de decapagem, referindo-se ao período em que era ajudante na mesma seção)

- 10 - "Como maquinaria, o meio de trabalho adquire um modo de existência material que pressupõe a substituição da força humana por forças naturais e da rotina empírica pela aplicação consciente das ciências da natureza."
- MARX. 1983. 17.

- 11 - Como, por exemplo, ir ocupar o posto de ajudante de manutenção de máquina: "... estava meio folgada a nossa parte. Pouco serviço. Seu Artur pediu para carregar umas navalhas (da tesoura) do almoxarifado lá para a seção dele. Eram muitas navalhas... pegamos carrinho... colocávamos seis... pesa uns 12 quilos cada uma... Na última viagem, eu falei com o companheiro: 'está sombrando uma navalha... vou pegar ela e colocar em cima da pilha de lá'... Eu abaixei e peguei... quando eu conduzi, deu um estalo aqui na coluna. Ai me acabou! Vim para casa e passei muito mal de noite. No outro dia não fui trabalhar... como é que dói! Como é que eu sofri!" (ajudante de quadratura)

- 12 - Neste sentido, não devemos nos esquecer que, as informações veiculadas pelos diferentes meios de comunicação a respeito das condições de trabalho e dos acidentes, entre os operários, são mediadas por interesses muito parecidos com os mesmos que dão às questões político-

eleitorias e seu contorno de "escândalo". Segundo Battisti, "se de um lado, a apresentação, na sociedade de massa, constitui o canal oficial para a denúncia de situações que contrastam com a moral pública... de outro, faz parte de seu papel de crônica o poder e dever representar e definir, com palavras e imagens, uma situação que se criou no exterior do circuito informativo e que passa a fazer parte como 'questão nacional'... A apresentação não completa o seu trabalho asépticamente mas representa, mais ou menos explicitamente, a opinião das forças políticas e dos grupos intelectuais que a apóiam, razão pela qual a notícia é permeada de conteúdo político... A participação ativa nos escândalos... é condicionada... a) razões de interesse pessoal e de categoria; b) compreensibilidade dos eventos...; c) a possibilidade de uma expressão de discordância legítima.

BATTISTI, 1982, 53 e 124.

- 13 - "é da observação comum, notarmos uma pulsacão mais rápida e mais forte acompanhada de sudorese, após ouvir um barulho forte e repentino... A surdez profissional é o efeito mais conhecido do barulho excessivo... Sua ocorrência... depende de características ligadas ao Homem (hospedeiro), ao meio e ao agente (barulho). As perdas... podem ser divididas em tres tipos: a) trauma acústico; b) surdez temporária; c) surdez permanente. Efeitos sobre o sistema extra-acústico... traduzem-se em stress, tendo sido descritas alterações psíquicas,

fisiológicas e até anatômicas... Sobre os vasos, nota-se a vasoconstricção, e, sobre o coração, taquicardia... como reação à vasoconstricção e à taquicardia aparece a hipertensão arterial... alterações dos processos digestivos... músculos mais tensos... fadiga somática... Alterações mentais e emocionais... podem manifestar-se através de irritabilidade, ansiedade, excitabilidade, desconforto, etc... as queixas de desconforto, náusea, céfaléia e tontura são frequentes entre os trabalhadores que operam máquinas em altas rotacões." WELLS ASTETE e KITAMURA. In, Org. MENDES. 1980. 420, 421, 422 e 423.

14 - "Aquele vigia que está lá... Ele anda assim, né?(imita o jeito manco do vigia andar) Então! Ie estava de 'chanca'! Uma lâmina cortou aqui (aponta o tendão) nele. Cortou!. Com chanca e tudo!"

15 - "Eu nunca gostei de usar 'chanca' não! Nunca! Eu nunca deixei eles comprarem calcado para mim. Botas, e isso tudo, eles dão... Nunca usei mesmo! Eu compro um sapato ou tênis. Trabalho lá dentro, e graças a Deus, nunca me machuquei. Nunca! Porque dizem que, as chances para ferir os pés é grave... quando tem que machucar!!... a gente não liga não. Isso, quando tem que acontecer!..."
(Operador de laminador pequeno e médio)

16 - Elas são: - colocar a bobina na "caixa", tendo o cuidado de soltar a ponta da lâmina para inseri-la entre os cilindros, onde é prensada; - depois de passar a ponta

- da lâmina entre os cilindros ela é presa ao "colaps", do outro lado da máquina, de onde é puxada e enrolada;
- com uma alavanca, põe a máquina em funcionamento "tirando" a espessura da lâmina que vai passando de um para outro lado da máquina, da "caixa" para o "colaps";
 - soltar e descer a bobina, já mais fina, do "colaps".
- 17 - A "navalha" são dois cilindros rodando em sentido inverso, e entre os quais passa a lâmina que vai sendo cortada em largura mais estreitas. Esses cilindros são compostos por um conjunto de anéis, de diferentes tamanhos. Estes servem para regular as distâncias entre os cortes. Entre eles ficam as "facas": são anéis de circunferências maiores que cortam as lâminas. As bordas das "facas" do cilindro superior devem se encontrar sem se tocarem, com aquelas do cilindro inferior.
- 18 - O funcionamento das tesouras é muito parecido com aquele do laminador. Mas, ao invés de prensar ele corta a lâmina. A bobina é levantada - no "braco" nas tesourinhas, e com a empilhadeira ou a ponte na tesoura média e no tesourão - e colocada no "pião". Se a "navalha" está montada, com os "anéis" e "facas" regulados, o operador passa a lâmina entre os cilindros. Estes formam o "castelo" da máquina. Isso é feito com a chapa, ou lâmina, sendo cortada. Depois, as chapas nas diferentes larguras são presas ao "colaps". Durante o corte, todo esse conjunto que compõe a tesoura - "pião", eixo de navalhas ou "castelo" onde ficam os cilindros e "colaps"

"devem funcionar na mesma velocidade.

19 - "Eu tive um prazo de sete anos, fazendo esse trabalho que eu estou falando. Nas tesourinhas. Trabalhava mudando as navalhas. Mudando as medidas. Calibrava. Apanhava os pedidos com o encarregado e ia lá. Botava a navalhinha. Arriava a máquina, fechava e entregava ao operador. Logo assim que eu entrei. Foi no princípio!" (mecânico da retífica, na usina desde 1943)

20 - "Nós tínhamos fabricação de fitas. Conforme tem lá material para fazer palha de aço, feita de chapa. Tinha uma máquina na fábrica para desfiar chapa... passei para as tesourinhas. Ai, o dia que não tinha tesourinha me botavam na enroladeira, para enrolar... Eu fazia tudo ali. Enrolava. Tirava rebarba. Cortava na tesourinha... de fazer fita estreitinha, daquela de sombrinha. Trabalhava de 2 (da tarde) às 11 (da noite). De 4 (da tarde) às 6 (da manhã). Noutra semana, pegava de 5 (da manhã) às 4 (da tarde). Isso tudo eu trabalhei." (encarregado dos fornos e montador de navalha)

21 - "A gente cortava material de todo tipo. Mais largo e mais estreito. Lá tinha a tesoura 3, 4, 5. Eu trabalhava com todas elas. Tesoura 6! O dia que não tinha serviço numa, eu ia para outra. Naquela época tinha muita gente. Então, a gente quando ficava num lugar, era num lugar só. Dificilmente ia para outro. Porque tinha muito serviço, e muita gente! Cada máquina tinha o seu operador. Então, lá eu não era operador. Lá eu era ma-

quinista. Depois que eu passei a operador é que eu fui lá para as tesouras grandes para montar. Lá, eu não trabalhei em máquinas não. Lá eu só montava. Fui classificado como operador, mas não trabalhava nas máquinas nos tesourões. Não trabalhava 'tocando' máquinas. Trabalhava só para montar." (montador de navalhas)

22 - "Tinha seções que tinham luvas. Não eram todas as seções! Como não é hoje também! Alguns empregados usavam luvas. Principalmente naquela parte onde tinha o forno, que é quente, né! Aquele material quente, aquele pessoal usava luvas... Para pegar o material, usar o material, eles tinham que trabalhar com luvas. Algumas máquinas... A embalagem trabalhava com luvas! O pessoal que embalava aqueles rolos, eles trabalhavam com luvas. Porque não dava condição!... O Taminador não."

23 - "A decapagem... não era bem aperfeiçoada. Era tanque e ela tinha uma 'maromba' giratória. Aí nós mergulhávamos o material, e depois tirávamos. Mergulhava ali, e deixava um tempo. Depois mergulhava dentro da água. Na mão na lavagem era braco! Negava aqui e um batia o rolo daqui. Um batia de lá. O rolo desvirando. Era um 'T' de pau. Aí a alavanca... suspendia aquela 'maromba', para despejar no pau. Já tinha uma alavanca de freio. Arriava o rolo no pau. Depois, fazia outro pau. Eram tres tanques de aço." (encarregado dos fornos e operador de empilhadeira)

24 - "Olha, a máquina era pequena. Você engatava a ponta

aqui, e aqui também. Aqui, aquelas mudanças. Porque o cilindro aqui arriava, senão quebrava ele. Então, ligava no 'colaps'."(operador de decapagem)

- 25 - "Estourar! Engolir fogo. Macarico engole fogo. Pode acontecer comigo, não é? Porque a gente saber, e dizer : comigo não acontece! Negativo! Acontece com qualquer um! Mas, é mais difícil acontecer comigo e é mais fácil acontecer com você. Porque você não sabe. Você não entende do negócio. A gente vê o perigo... e já vê! Que o macarico, quando ele engole fogo, ele chia 'chiiiu'." (operador de decapagem)

- 26 - "Eu falei agorinha mesmo aqui em casa, antes do Sr chegar: 'Eu estou assim, com uma dor na coluna, e estou com essa mão assim (havia perdido os dedos mínimo e anular da mão direita)... tudo isso porque eu trabalho. Se eu não trabalhasse, talvez não teria nada disso.' Então, desde que você pega para fazer, é perigoso de se acidentar. Porque, são tantas coisas, tantas coisas que provocam, que ele às vezes se vigia muito, mas uma hora ele tem que esquecer de um! Tem que pegar, e colocar a mão... bota o corpo... Ele leva... Ele vai todo ali! Não é?! Em busca do trabalho! Fazer aquela coisa. Então ele se entrega todo ali." (operador da decapagem)

- 27 - "Uma coisa puxa a outra. Estando tudo bem lá, o clima é muito melhor. É claro! Porque três coisas funcionam nesse círculo aí. A gente tem tranquilidade no espírito, em casa. Porque o problema de casa ou de lá, não afetam um

ao outro. Mas, sempre dê um jeito de afetar a própria pessoa. Então, a gente não tem esse tipo de problema. Nem para lá. Nem para cá. E vê que está tudo bem. Tudo serenado. E a gente tem a garantia do pão. Mais certa, do pão. A gente, quando está serenado assim, está calmo. Está tudo bem. A gente alcança mais lá na frente, do futuro! E quando está assim, tão cheio de problema, já não pensa tão alto mais."(operador da decapagem)

- 28 - Aquele mesmo operador da decapagem nos disse: "Olha, eu penso assim, que os perigos são iguais. Só depende da pessoa trabalhar. Porque tem muita gente que trabalha calma. Tem alguns que trabalham com muita atenção. Outros, trabalham à moda vamos'imbora! Não previne o acidente. Eu tenho um medo de me machucar e de machucar os outros! Eu falo... Eu grito!... Eu falo para o meu ajudante: 'Olha rapaz, vocês tem cuidado... Meu filho, nunca aconteceu nada antes, mas tem que prevenir antes de acontecer. Depois de acontecer, não adianta. Se acontecer, você vai ficar aleijado. Você vai machucar. Você vai morrer! Vamos pedir para nunca acontecer. Você prevenido, nunca acontece!' Fulano pode ser bom demais! Mas, se acontecer alguma coisa, não adianta nada!"

- 29 - Segundo aquele mesmo antigo operador da decapagem: "Tem muitos companheiros que o senhor fala as coisas. Mas, eles só acreditam se ver. Se ver! Esse pessoal de hoje em dia, tem muitos companheiros que você fala, ele atende. São bonzinhos. Mas, tem outros que eu vou te

contar! É duro! Eles não pensam! Não pensam! Só acham que é desse jeito! Se não vêm as coisas, não acreditam"

- 30 - Como isso é um paradoxo, em certos momentos elas se tocam: "Ontem, eu cheguei em casa satisfeita! Porque ontem foi meu plantão. Pôxa, a firma ficou ontem sob minha responsabilidade. Então, correu tudo bem! Não houve problema. Pelo menos até o horário que eu saí. Quer dizer, eu vim para casa satisfeita. A gente chega preocupado, às vezes. Quando eu estou preocupado, eu não comento nada em casa não. E também não vou levar problema de casa... Levar daqui para... Por exemplo, chega uma pessoa para mim lá no serviço e vem me perguntar alguma coisa, e eu estou com problema daqui de fora. Ai, vou descarregar em cima do companheiro de serviço? Não! Nada disso!" (encarregado do controle de qualidade, com 32 anos de usina)

- 31 - "Chá de saída.... E carregava muito peso lá, força... Era isso. No outro dia não tinha mais nada.... isso ai não é chá não. Isso ai é socado, e a gente toma o sumo. O chá é para uma gripe, uma tosse. É um guapo. Com cideira e essa alfavaca misturada... Eu escorreguei ali no guindaste. Levei uma pancada. Fassei um mal desgracado! Ninguém sabe! Levei um tombo lá do guindaste. Escorreguei. Falei assim: 'Quebrei o raio da costela.' Uma dor danada! Não perdi dia! Não fui a médico! Pergunte a ela (esposa)! Chegava em casa à noite, deitava e não aguentava! Trabalhando a pulso! Quando foi agora, eu

bati a chapa: 'O senhor tem uma costela quebrada, não tem?' Eu falei: 'Tenho' E eu não fui no médico não! Vomitei até sangue. Machucou lá por dentro. A nêga (esposa) fez chá de saíão. Eu tomei, e sarou!... A maioria era tudo braçal. Tinha esse guindaste. Mas todo mundo já estava acostumado. Todo mundo pegava no braço mesmo. (Problema de dor nas costas?) Tinha!... mas nêgo pegava firme mesmo. Tomava o chazinho, e no outro dia, voltava ao serviço e castigava o corpo." (limpeza de salão e operador de laminador, operador de decapagem e operador de empilhadeira, todos com mais de 35 anos de usina)

- 32 - "Existia isso lá. Isso aqui dá muito lá. Sempre deu. Isso também tinha. Saíão. (Se o pessoal precisava fazer um chá, ia ali fora e pagava ali mesmo?) É. Pegava!... Chego em casa, tenho ali. Pego ali Tenho aqui em cima. Ontem eu tomei. Amanhã de manhã vou tomar." (limpeza do salão e operador de laminador, 40 anos na usina)

- 33 - LDYOLA, 1984, 137 e 138. A autora chama a atenção para as plantas medicinais utilizadas entre os habitantes de Nova Iguaçú. Muitas delas encontradas, também, entre os operários da usina. São: jurubeba, arnica, carqueja e erva cidreira, avenca, agoniada, crva-doce, arruda, catuaba, hortelã, carambola, quebra-pedra, malva, capim-limão.

- 34 - "Aí tinha muito era chá de arnica. É bom para dores. Dor na costela dele, quebrada. O sangue pisado que fica o saíão tira todinho. O saíão e a arnica. Dá o sumo.

Outra coisa. A pessoa caiu, levou um tombo. A gente em casa... eu por exemplo, fui criada na roça. Quando a gente caia, a primeira coisa quer minha mãe fazia: tirava o sumo do saíño com arnica e dava para a gente. A costela dele quebrada, deu um trabalho medonho para ficar bom. Passou bastante tempo. Ele trabalhando. As vezes ele nem aguentava se virar de noite... um tumor que saiu nas costas dele... ele mandou, que estava perturbando ele, e falou assim: 'Estoura isso aí!' Lá na companhia aquilo estava perturbando ele. Era uma espécie de um furúnculo. Ai, estourou e pronto. Ai, com uns curativozinhos em casa ele ficou bom num instante... Ele se queixava muito! Fazia muito chá para os rins dele. Chá de casca de milho, de quebra-pedra. Para poder descarregar. Melhorar. Ele melhorava. Mas depois, no outro dia se queixava outra vez. Se queixava muito de dor nos rins. Por causa de ficar ali assim (agachado) Ele carregava muitos rolos. Muitos anos. Fiz muitos chás para ele. Saíño eu dei foi muito sumo para ele beber. Para poder ajudar por dentro, limpar por dentro. Sumo de saíño com arnica da horta. Muito bom! Socava tudo. Tirava aquele sumo e dava para ele beber. Tomou muito! Muito mesmo! Era preciso! Para ajudar, eu fiz muita massagem nele também. Para poder aliviar as dores. Eu dei muita massagem, de álcool canforado. Fiz de tudo que eu pude. Ai, no que ele enjoou, mandou eu parar. De tanto eu ficar ali fazendo fricção. Porque cansa!

mais para homem! Mulher cansa! Embora seja devagar.
Mas, dói o braço. Faz muito!" (duas esposas: do operário
dor da decapagem e do empilhadeira)

35 - Como foi aquele da ex-chefe do D.P.: "Na expedição.
Elas trabalhavam na expedição. Enroladeiras. Ali na
frente. Que faz umas rodas. Nós tivemos bastante mulhe-
res ali. Depois que eu entrei, elas trabalharam ainda
uns quatro anos. Eu entrei em 48. Mais ou menos até 52,
53. Parou porque o serviço foi aumentando muito. Come-
çaram a chegar caminhões para carregar. E tornava-se
muito sacrifício para elas. Então, entrou um chefe, e
ele achava que o serviço da mulher demorava muito. En-
quanto um homem carregava dez rolos, elas carregavam
cinco. Então, foi substituindo as mulheres. O serviço
das mulheres pelo serviço dos homens."

36 - Para esse trabalho, Daniel Bertaux indica o mesmo ca-
minho já feito pelos homens: reivindicação. "Se atual-
mente o trabalho 'doméstico' das mulheres de operários
não é pago, nem reconhecido como trabalho, isso não se
deve a nenhuma lógica imanente do capitalismo, mas sim-
plesmente ao fato de que nenhuma remuneração, até ago-
ra, foi reivindicada para esse trabalho." BERTAUX.

1984. 94.

4 - A segunda fase...12 Anos. 50: a...primeira
expansão...e...os...grandes...laminadores

MEMORIA DE METALURGICOS
(2o. volume)

Este exemplar corresponde à
edição final da dissertação defendida
pelo interessado e aprovada pela
Comissão Julgadora.

15/05/91

André Laino.

L139m
v.2
14224/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Três aspectos marcaram a história da usina nesta fase:

- mudanças na relação entre espaço vertical e horizontal, na fábrica e na área urbana;
- mudanças tecnológicas introduzidas com a chegada dos laminadores grandes e das formadoras, e o produto da inserção destas máquinas nas relações de trabalho, destacando-se o choque entre tecno-empiricismo e tecno-racionalismo;
- os efeitos da colocação destas tecnologias sobre as demais seções, atingindo as mais novas e mais antigas nos seus processos de trabalho e de produção, alterando a forma estrutural anteriormente instalada de exploração da força-de-trabalho.

A descrição feita por Noirieli, para as transformações ocorridas em Longwy, resgata alguns detalhes já abordados sobre as mudanças na usina em Mesquita e, ao mesmo tempo, mostra semelhanças com os três aspectos supra citados.

Assim, segundo Noirieli, em Longwy "as usinas desenvolveram-se sem plano pré-concebido, ao acaso dos locais disponíveis... Da mesma forma que expulsavam-se do mundo do trabalho os tempos indutivos para o capital, também o espaço não produtivo é colocado fora dos muros... a usina ocupa os terrenos planos... Cada vez mais é um espaço fechado e circular, onde a unidade se define pela interdependência de suas partes... não sómente a superfície aumenta... mas todo o volume agora torna-se 'produtivo'... estas transformações têm por

objetivo: "realizar a continuidade de modo a suprir os tempos mortos"... Desenvolvimento tecnológico e racionalização do espaço são dois elementos decisivos para chegar a esse resultado." (NOIRIEL. Op.cit. 136, 137, 138 e 139)

As novas seções foram introduzidas em duas etapas: nos primeiros anos da década de 50, e nos inícios dos anos 60. Nas duas, como veremos, destacam-se as reações dos trabalhadores habituados a um processo de trabalho endo-técnico característico da fase inicial e anterior, diante das transformações tecnológico-idílicas, trazidas ao processo de trabalho e de produção com o novo maquinário.

Mais uma vez, é um processo semelhante daquele encontrado por Noirieli em Longwy: "O saber empírico recua ainda mais, na medida em que as condições de sua aquisição não estão mais reunidas de vez que o operário não está mais verdadeiramente em contato com a matéria... suprime-se no trabalho dos profissionais do laminador, esta parte da intuição, esta compreensão instintiva... os antigos saberes herdados do 'sistema técnico' precedente, são por vezes rearticulados nas novas atividades... Igualmente, toda uma série de gestos, posturas do corpo, maneira de se colocar diante do fogo, conservam toda sua importância."

O chão da usina tem um registro da década de 40: trilhos ferroviários semi encobertos no pátio interno onde estacionam os caminhões. Olhando para eles, o encarregado dos fornos descreve como, há mais de trinta anos, os rolos de material menores chegavam em transporte ferroviário. A

locomotiva empurrava e estacionava os três ou quatro vagões. Os rolos mais leves eram empurrados e tirados dos vagões "na mão". Os rolos pesados eram retirados com o auxílio de um guindaste giratório movido a carvão, que transitava fixo entre a entrada da usina e as tesouras.

Para esse encarregado, o mais significativo nestas quatro décadas foi a mudança nas formas de comunicação entre as seções. Principalmente armazenamento, transporte e trânsito das matérias-primas. O material era descarregado dos vagões e ficava "tudo bagunçado, amuntuado".

Os trilhos conduzem sua memória à reconstituição de uma parte do espaço da usina. Sustentam certos aspectos de suas descrições, apesar de algumas transformações do processo de produção que ocorriam em 1985.(1)

Outros operários reconstituem as mudanças no espaço da usina, seguindo um roteiro de alterações na localização das máquinas e das seções. Ou, uma interrelação entre elas.(2) A exiguidade no espaço de trabalho - no posto, com a máquina, ou transportando matéria-prima - são referências de outros.(3) Além do processo de produção, o passado surge através do processo de trabalho pela via das diferenças salariais. Nos primeiros anos da década de 50, o salariado já havia incorporado a antiguidade como um critério de avaliação e diferenciação.(4)

O galpãozinho tinha uns três metros de altura, e uma área entre 1500 e 2000 m². O novo galpão teria sete metros de altura e, aproximadamente, 6500 m². Antes dessa

grande mudança nas dimensões da usina, o fato marcante era o desnível do solo no interior do antigo galpãozinho.(5) Muitos operários subiam e desciam rampas há mais de dez anos, rolando bobinas de matérias-primas de uma para outra seção. As bobinas mais leves pesavam entre 30 e 60 quilos. As mais pesadas 150 quilos. O espaço do barracãozinho era dividido entre, serviço mais leve na parte baixa, e serviço mais pesado na parte alta.

O peso das matérias-primas das novas máquinas, colocadas na década de 50, exigiu uma nivelação do solo, para facilitar o transporte de bobinas mais pesadas, sem aquelas subidas e descidas.(6) Nessa fase, alguns operários passaram por um novo tipo de seleção. Para garantirem uma vaga na nova fábrica que surgia, submetiam-se ao trabalho extenuante do aterro para a construção dos novos galpões:

"Vim na 2a. feira. Me botaram no caminhão. Carregando terra. Um duro! Eu largava às quatro da tarde. Eu era forte. Garoto novo. Aí, eu ficava sentado, para passar a dor da perna, do braço. Para tomar banho e vir para casa. Aí, me botaram na decapagem. Lá dentro. É muita diferença! A gente trabalha tranquilo, comparado com o caminhão, que você carregava aqui para descarregar ali. Era 5 minutos. Você não parava. Matava!" (operador de decapagem)

O ritmo de trabalho no aterro norteava-se pelo andamento na construção dos novos galpões. O nivelamento do

solo e o levantamento dos grandes galpões, deviam ser feitos em conjunto e rapidamente.

Além disso, durante as construções o trabalho na usina não era suspenso. O levantamento dos novos galpões trazia aos mais velhos trabalhadores as mesmas condições vividas dez anos antes, quando as primeiras máquinas foram montadas no velho barracãozinho. Os perigos e ameaças daqueles tempos, pareciam ter retornado durante aqueles meses. O trabalho no posto, com as máquinas, era reviver um quadro de condições conhecido. Ao instalar novas máquinas e novos galpões, o capital reconduziu os trabalhadores a situações de um passado próximo, já vivido.(7) A descrição do empilhadeiro contém algo próximo do caos vivido pelos trabalhadores nos inícios dos anos 40. Retrata uma forma de ocupação do solo e colocação das máquinas, que resgata algo praticamente idêntico daquele ocorrido dez anos antes:

"O galpão... Conforme eles iam tirando, iam botando máquina... Ia passando... Uma máquina ia chegando, ia colocando no lugar. Ai, depois, quando começasse, estava tudo... Ai, começava a virar... (funcionar) Ai, inaugurava a máquina... Inaugurava Ia a máquina... ia suspendendo o galpão, ia suspendendo as máquinas... Eu também ajudei a botar as máquinas dentro do galpão."

Os dois trabalhadores mais antigos na usina, descrevem de forma muito parecida os perigos a que foram expostos nos seus postos de trabalho:

"Áquilo foi subindo, subindo. Ai então foi que ele (o patrão) fez o prédio. Aquela pavilhão que nós trabalhamos ali. Nós estávamos trabalhando embaixo! Não machucou um! Para você vê, heim!... O homem cismou de levantar aquele galpão. Levantou aquele galpão, e a gente trabalhando! Não parou não! Fizeram andaime, de tábua. De forra-a-fora. Embaixo daquele pequeno (galpão). E a gente trabalhando, no meio daqueles paus..." (operadores de laminadores pequenos)

O descasso com as condições de trabalho, como já vimos, seria a herança reservada pelo capital aos trabalhadores. Nos momentos de transformação, e expansão, do espaço interno ela aumentava.

Durante a construção, o novo galpão vem surgindo abrigando no seu interior as antigas condições de trabalho e de produção que, por tantos anos, estiveram presentes no velho barracãozinho. Segundo a ex-chefe do D.P. teriam sido a causa de um incêndio, razão imediata da construção dos novos prédios.(8) Essa foi a única referência que tivemos de tal incêndio. De resto, as descrições da construção do novo galpão encerram detalhes e coincidências.(9)

Os envolvidos nos trabalhos burocráticos da usina são detalhistas de outros aspectos. Lembram-se da forma de construção por empreitada, e recordam-se do nome da empresa. Sem esquecer, entretanto, de um detalhe: o acabamento dos novos galpões foi feito pelos operários da usina.(10)

Durante a construção dos galpões, acentuou-se a exploração da força-de-trabalho. Criaram-se condições para uma indistinção de funções e tarefas entre, operadores de máquinas da usina e os operários de construção civil. Os que viveram esse processo não se esqueceram. Mesmo que a experiência tenha sido curta e temporária. A descrição ganha outro relêvo. Momentaneamente, a classe operária se apropriou da epopeia da construção, que o capital quis para si:

"Aquila veio companhia de fora. Empreiteiro de obra de fora. Continuava trabalhando. Não parava. Aquila ali era um duro desesperado! Nós é que botamos, a classe operária é que botou aquilo naquele altura." (vigia)

Os galpões foram acabados, em grande parte, pelos próprios operários da usina. Mas, a construção não era voltada para os que viveriam dentro dela. Os interesses e opiniões destes não foram, absolutamente, considerados. Assim, o emprego de materiais e a própria construção, - no que dizia respeito às condições de trabalho dos operários - não considerou a avaliação dos principais interessados. Há dois casos extremos.

Em primeiro lugar, as lajotas de ferro colocadas numa grande área interna conhecida como "sala". Segundo o chefe do controle de qualidade, esses quadrados de ferro foram colocados com o objetivo de facilitar o transporte de material. Assim, o chão das seções dos laminadores pequenos, tesouras médias e pequenas, foi coberto por estas placas de

ferro. Inicialmente, a idéia era colocá-las em todo o solo da usina. Mas, os operários começaram a sofrer acidentes. Frequentemente escorregavam com as bobinas, ao rolarem elas naquela superfície lisa. Eram acidentes 'improdutivos'. Não serviam, portanto, como os demais, de instrumentos de controle, pressão e definição de gestos produtivos. (11) O projeto foi abandonado. Mas, permaneceu naquelas seções. Continuaram ali os riscos de escorregões no transporte interno das pesadas bobinas. Rolar bobinas naquela área, colocar e tirá-las dos laminadores pequenos e tesourinhas, continuou sendo uma operação arriscada. As placas de ferro diminuem a aderência dos calçados ao solo. Além disso, segundo o encarregado das formadoras, são excelente condutores de energia elétrica. (12)

Em segundo lugar, o sterro. Ele visava solucionar o problema das enchentes. Impedir que a água do pequeno riacho invadisse o interior da usina nas chuvas fortes. Mas, não foi feito com os cuidados necessários. Principalmente o assentamento e drenagem do solo. Em consequência, segundo o encarregado do controle de qualidade, o solo já cedeu:

"Ali onde estão aquelas bobinas, uma vez unhas 12 delas caíram todas num buraco. A tampa de um poço que tinha ali cedeu. O terreno era aterrado e a água foi minando. Caiu uma. E, depois, veio caindo uma atrás das outras. As bobinas, do outro lado, começaram a cair. O escritório (sala onde os encarregados e engenheiros controlam a produção) foi

destruído. O 'Zé' estava lá dentro. Ele saiu correndo. Ele ouviu o barulhão e saiu rápido."(13)

Esse acidente marcou na memória de alguns como o capital, de fato, considerava os perigos que rondavam suas condições de trabalho. A construção do novo galpão não teve qualquer preocupação de clíminar a exposição deles a velhas situações agressivas. Assim, o operador da decapagem dá uma descrição detalhada daquele acidente, recortando o relato de jocosidade, e ironia, ao se referir à principal providência tomada depois da ocorrência:

"Aquilo foi excesso de peso. Era aterro. Embaixo passava umas manilhas. Com o peso as manilhas quebraram, e aquilo arriou. Eram bobinas de 12 toneladas, de 13, de 10, de 9 toneladas. Tinha muito material. Uma em cima da outra. O terreno não aguentou e cedeu... Tinha o escritório. Não tem agora lá em cima? Era cá embaixo, o escritório. Ali era só para os engenheiros e encarregados... É, está lá no alto. Ali, as bobinas não pegam eles não!! (risos)

Ou seja, quem estivesse ao nível do solo, no plano inferior, continuava sob o risco de ser atingido pelas bobinas de mais de 8 toneladas cada uma, caso elas rolassem. O perigo não desapareceu quando o buraco daquele aterro mal feito foi coberto. A área continuou reservada para as bobinas serem empilhadas, umas sobre as outras. Para segurá-las, eram colocados pequenos calços de madeira, sob o pressuposto

que êles bastariam para evitar que elas não rolassem sob o peso das de cima.

As condições internas não sofreram, portanto, quaisquer modificações. A construção do novo galpão não alterou, também, as características paternalistas, onde ela ainda fosse preponderante. Principalmente naquelas seções oriundas do antigo barracãozinho. As novas máquinas, com novos processos de produção e de trabalho, foram sendo absorvidos, gradualmente, naquela forma de dominação do capital. Isso é mais claro quando tomamos por eixo da abordagem a mediação usina "versus" sociedade, por meio do salário. Há, então, um detalhismo na descrição de alguns operários. A memória incursiona no passado e reconstrói cenas cotidianas, inesquecíveis para êles e suas famílias. Ressurgem condições de vida, formas de lazer e de consumo alimentar. Alguns, hoje raramente partilhados. Reaparecem regiões do Rio de Janeiro que passaram a ser distantes, apesar de estarem ligadas à Mesquita pelo trem. São detalhes deste trecho do depoimento do antigo operador da decarágem:

"De seis em seis meses ele (o patrão) dava gratificação. Um salário para todo mundo. Entrei dia 10 de março. Em julho, ele me deu 500 cruzeiros. Fiquei até bôbot ira novo de casa. Um dia de domingo. Seu Manoel: 'Vamos lá Pernambuco'. Eu disse: 'Mas eu sou novo de casa. Vou não.'... 'Então eu vou.' Me deu um envelope. Rasguei o envelope. Uma cédula de 500 cruzeiros. Mas, não pode ser! Eu

nunca vi tanto dinheiro! 'Vou chegar em Paracambi, tomar uma cerveja, comprar um maço de cigarro, comer um tira-gosto, para trocar esse dinheiro.' Não era qualquer um que trocava não! O cara me deu aquela monteira! Eu pensava que eles tinham se enganado. Nós ganhávamos, por mês, não chegava a mil cruzeiros. Em 52, era 32 por dia. Nós recebíamos 220 ou 200 por semana. Mas, o dinheiro davam! Aqui não tinha feira. Feira boa era em Engenho de Dentro. Eu ia com 120. Comprava café, açúcar, arroz, feijão. Uns quilinhos, para para uma semana. Carne seca. Carne de vaca."

O primeiro laminador pesado, fabricado nos E.U.A., foi instalado durante o aterro de levantamento do solo da usina. O laminador alemão chegou alguns anos depois. Essas máquinas trouxeram uma modificação que atingiu todos os processos de produção e de trabalho, principalmente aqueles com relações de produção predominantemente paternalistas.

Uma primeira mudança neste sentido foi que, a matéria-prima dos laminadores pequenos e tesouras, até então vindas de fora, passou a ser produzida na usina. Ampliou-se a linha de produção:

"Aquele era pescado. Passava o material naquele lá. E já vinha mais fino para nós. Ia para as tesouras cortava e ai já vinha mais fino. Depois foi que o patrão comprou aquele outro laminador, lá no canto." (operador de laminador pequeno)

Segundo esse velho operário, antigamente os laminadores eram todos em "carreira". Diferentemente, os novos laminadores foram colocados um de cada lado do novo galpão, nos fundos dele, e entre os fornos, as tesouras e os laminadores pequenos.

Em segundo lugar, esse mesmo operário guarda, significativamente, a lembrança da formação das equipes de operadores das antigas máquinas. É de como estas foram a base da "equipe" que teria instalado aquele novo maquinário:

"Então, depois que já estava trabalhado, que já estava formando equipe, que já tinha mais prédio. Essas coisas. Ai foi que o patrão comprou aquela

máquina grande."

Na usina, a linha de produção ampliava-se numa estrutura de relações de produção e de trabalho paternalistas. Para levar as novas máquinas ao interior do novo galpão, a descrição lembrava a participação deles na instalação do maquinário do velho barracãozinho. Assim, continuaram trabalhando enquanto o novo galpão "subia". E "ajudaram" na conclusão de seus muros e rebocos. E ainda, muitos "colaboraram" no transporte e colocação dos laminadores na usina. (14) Como anteriormente, todo esse trabalho contou sempre, também com a presença do patrão. (15)

Logo de início, a chegada do laminador americano prenunciava os primeiros choques e conflitos que se configurariam. Estes seriam entre; a estrutura paternalista endo-técnica, - predominante na fase do "barracãozinho" - e aquela tecnológico-ídilica - introduzida, inicialmente, com os novos laminadores.

Os mais velhos, habituados à endo-tecnia, sentiam mais os efeitos das transformações tecnológicas. Estas se acentuariam, mais tarde, com as máquinas formadoras de tubos. Tais transformações atingiriam suas pressuposições de livre individualidade, marcando seus limites e antagonismos. Dessa forma, as biografias destes trabalhadores calcada até aquele momento num modelo de trabalho e saber, recebia um impacto de mudanças que, de imediato, eles não tinham meios de participar. (Cf. SEVE. In, DORAY e SILVEIRA. 1989. 170) Donde, o antagonismo que eles reservam aos novos trabalhado-

res que eram incorporados. Principalmente os técnicos, com cargos de chefia ou não.

É preciso considerar, portanto, segundo Ferrarotti a presença da influência da inovação técnica, nas condições concretas e na segurança psicológica do operário. (Cf. FERRAROTTI, 1976, 90) Na região siderúrgica de Longwy, estudada por Noiriell, teria ocorrido um processo semelhante: "em todos os setores, a racionalização trouxe um golpe nas duas figuras principais... o operário de ofício e o manobrador... o aperfeiçoamento trazido às ferramentas, teve como primeiro resultado suprimir ou alijar certas funções... Para os operários, que conheciam a usina de 'antes', as mudanças são consideráveis. Isolamento, imobilidade, mas também perda da referência que eles haviam adquirido gradualmente, a fim de se apropriarem de seu espaço de trabalho. Não sómente os sentidos são cada vez menos úteis na produção, mas não se pode mais confiar neles para escapar aos perigos do galpão. O odor, por exemplo... não serve mais. Uma verdadeira rede subterrânea... atravessa agora a usina." (NOIRIEL, op. cit. 144 e 150)

Tais conflitos já se percebem na descrição da instalação do segundo laminador. Os operários antigos, naquele trabalho, esperavam a presença do patrão. Essa era a "composição orgânica" da história pessoal tecida até então. A identidade biográfica daqueles trabalhadores, pressupunha a implementação da tecnologia norteada pelas capacidades adquiridas. Ou seja, onde estas seriam direcionadoras das capaci-

dades novas introduzidas.(Cf. SEVE, In, Op. cit. 167.)

Entretanto, no lugar do patrão veio, para a compra e instalação do laminador, um estrangeiro: o "alemão".(16) O espaço para o trabalho tecnológico-idílico daquele operário era reduzido, diante da hegemonia no processo de trabalho da estrutura paternalista endo-técnica. Subjetiva e aprioristicamente, seu trabalho já era visto com descrédito.

A força da estrutura paternalista, e o papel nela dos velhos trabalhadores, alimentava seus estereótipos, fundamentando argumentos e explicações. Assim, por exemplo, a presença do Engenheiro é ligada, e justificada, com a chegada do "alemão" que o antecedeu.(17)

Com o "alemão", começa a nova fase na política de controle de produção.(18)Os critérios para preenchimento de postos e cargos hierárquicos, se norteariam por conhecimentos tecnológicos formais. O espaço da produção da usina, que se abria para essa quebra do predominio das relações de produção empiricistas era, exatamente, aquele gerado pelas mudanças efetuadas na laminação. Estas começaram com o laminador americano. O laminador pesado desencadeou um conjunto de alterações na linha de produção da usina.(19) Desde então, todas as modificações dos novos setores, contavam com a presença de um trabalhador de saber técnico formal.(20)

As intervenções do "alemão" se estendem às demais máquinas e seções, respaldadas na instalação do laminador pesado. O objetivo era adequar o antigo maquinário ao ritmo mais rápido daquele laminador, não deixando espaços na linha

de produção. Atingir, portanto, o conteúdo do trabalho dos mais diversos setores da usina. Fraginals indica um processo análogo na produção dos engenhos acucareiros de Cuba. Ali também, a introdução de máquinas novas visava "romper o velho esquema organizacional dos engenhos... os mestres de açúcar e os misteres... (dos) pós misteriosos... (para) o bom açúcar... (onde) a quantidade de cal, maior ou menor, ou menor lentidão ou acidulação do açúcar... (dependia) do olfato dos mestres."(FRAGINALS, 1987, 165, 166 e 289)

Nas seções onde os trabalhadores eram mais habituados a uma relação empiricista e endo-técnica, a intervenção do "alemão" foi imediata. Como na decapagem, seção anterior ao laminador. Ali, ele buscou afastar uma das possibilidades de controlar o ritmo da produção, elaborada pelos trabalhadores nos anos anteriores. Na colocação para a lavagem, eles deixavam que os rolos, ou bobinas, "agarrassem". Então, a máquina tinha de ser parada. O "alemão" teria acabado com o problema.(21)

O "alemão" questionou a hegemonia do processo de produção empiricista e endo-técnico na estrutura, ancorado nos velhos e pioneiros operários. Suas intervenções se direcionavam sobre as matérias-primas, e para as relações dos trabalhadores com as máquinas. Cooptando os trabalhadores recém incorporados, ele incentiva uma relação de trabalho voltada para a diminuição, ou afastamento, do modelo empiricista. A direção da usina, sensível ao tipo de relação que se instalava, estimulava a vinculação da promoção dos mais

novos ao grau de adaptação à nova forma de controle. Assim, segundo o montador de navalhas dos "tesourões":

"Comecei lá em dezembro de 61... Trabalhar numa máquina e consertar uma coisa, para mim era alegria! Eu mesmo, se pudesse, consertava. Também, era coisa fácil. Quando o material vinha ruim, eu conhecia também. Olhava assim, e separava aquela parte ruim. O cara que trabalha na empilhadeira, pega o ferro e leva de qualquer maneira para lá. Então, chega lá a gente tinha que separar aquela parte boa e aquela ruim. Quando eu via que o rolo não dava quatro cortes, eu fazia três. Separava lá o bom. Tanto é que um dia, o engenheiro passou lá e olhou a bobina que eu estava tirando! E a bobina parecia até um disco! Ele passou e disse: 'Mas que coisa! Como está lisinha! Como é que você pode tirar bobina assim?' Daquele dia em diante, ele me promoveu para a seção das tesouras grandes. O engenheiro me levou para lá! Deu um jeito e me levou para montar navalhas das tesouras."

Nessa descrição, esse trabalhador misturou alegria e orgulho na entonação. Sua expressão reflectia a intenção da avaliação da direção sobre os laminadores. Para ela, significaram um marco no trabalho da fábrica, delimitando a "vida" ali dentro em antes e depois deles. O segundo laminador veio completar o ciclo desta nova fase. Por isso, para a ex-chefe do D.P.:

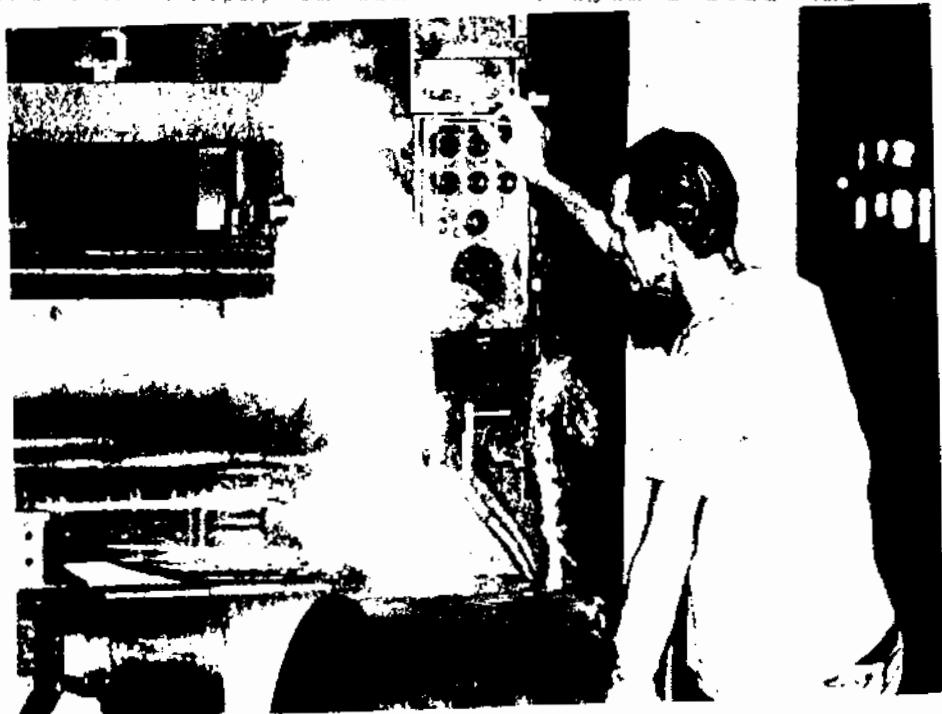
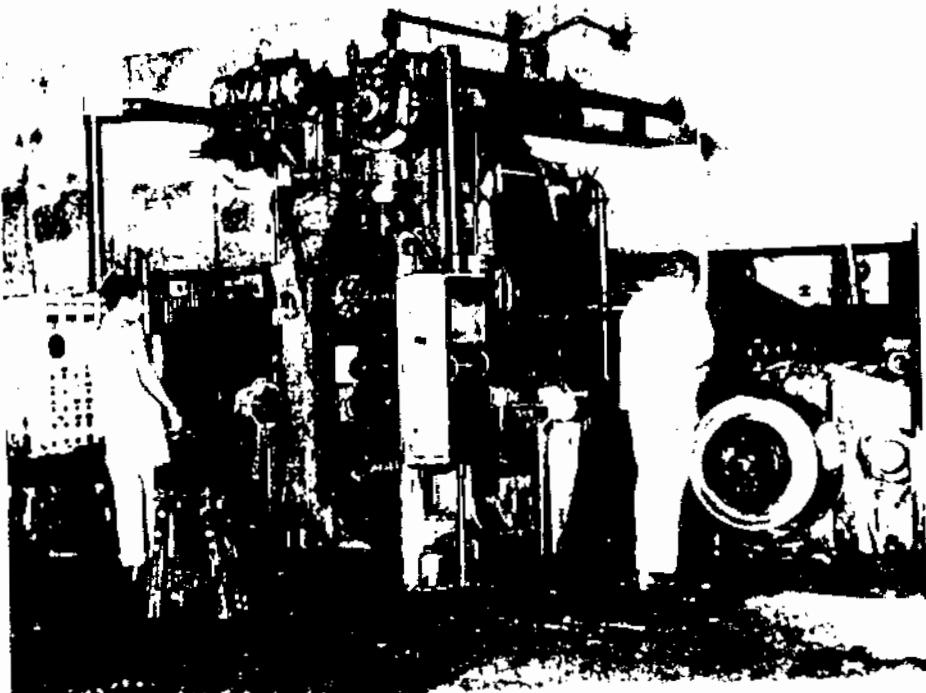
15 - Laminador pesado. No centro, os dois cilindros grandes - superior e inferior - ligados por um eixo ao motor. Estes pressionam os dois cilindros de apoio, que pressionam os cilindros de trabalho, entre os quais passa a lâmina. Todo esse conjunto é o "bicho", retirado uma vez

por mes, em média, para a troca dos cilindros de trabalho e manutenção dos demais. Esquerda, um operador controla a pressão e a velocidade pelo painel. O outro mede da espessura com um micrônomo - quando a máquina era nova, fornecia a medida - para saber se a máquina estava "tirando" a mesma medida em toda extensão da lâmina. Sua frente, um "colaps" enrolando a lâmina. No fundo, os motores do "americano".

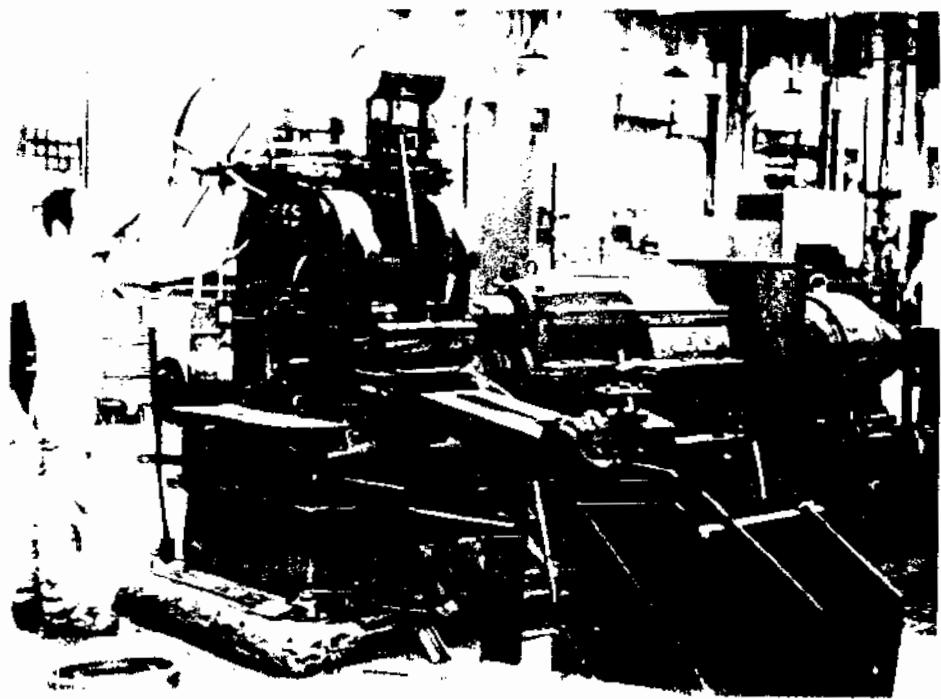
16 - "Na boca da máquina" - Esse é o posto do operador do laminador alemão. Mais antigo que o anterior, a pressão dos cilindros de trabalho na chapa tem de ser controlada pelo quadro de botões. O outro operador, do painel só controla a velocidade. É um posto extremamente perigoso, pois a chapa pode se romper a qualquer instante. Como no "americano", o exaustor já não funciona há anos. A foto marca um segundo, ou terceiro "passe". A fumaça, da mistura de água e óleo que

vê-se sendo aspergida na lâmina, tende a aumentar até que, por volta do sétimo ou oitavo "passe", o homem e a máquina desaparecem encobertos pela nuvem branca.

A garganta fica ressecada. E pra lá insalubridade, a usina dá um litro de leite, e mais 10% no salário!

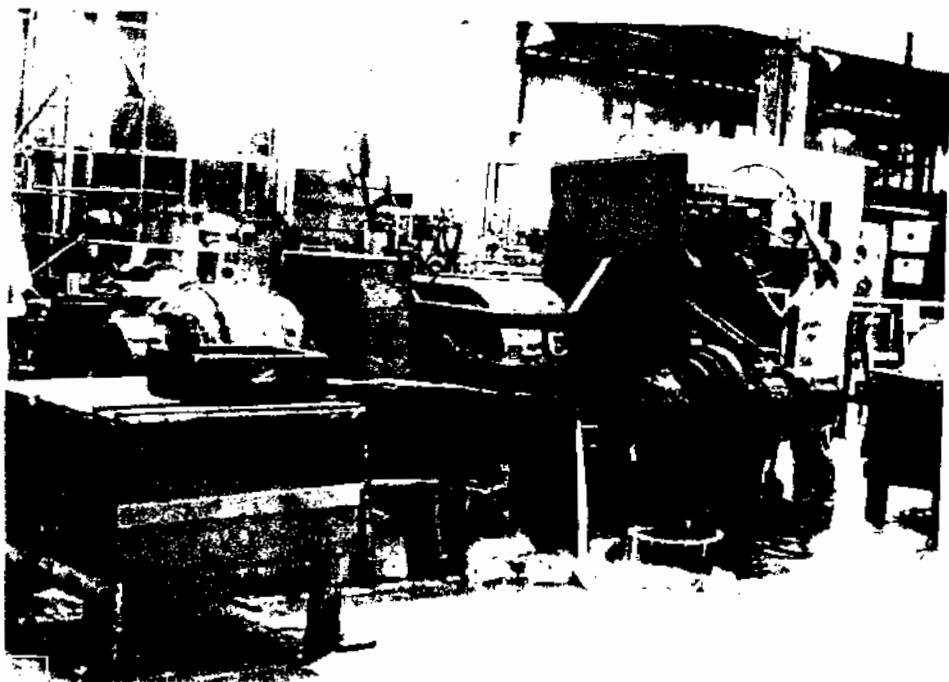


17 - Aqui, o laminador pequeno ou "laminador-zinho". A primeira máquina, junto com as "tesourinhas", instalada no antigo "galpãozinho" no ano de inauguração da usina, em 1941. No primeiro plano, a "caixa" onde as bobinas são colocadas. No fundo, à direita, o motor e entre este e o laminador, os eixos de transmissão. As dimensões desse laminador, embora sejam bem menores do que aquelas dos laminadores "alemão" e "americano", exigem, entretanto, tanto ou mais esforços físicos e mentais quanto daqueles outros dois. Esse operador foi o que aprendeu com o mais velho operário da usina.



18 - Ele "socá" a lâmina com a roda, pressionando os dois cilindros situados no centro. No primeiro plano, à esquerda, o "colaps" onde a ponta da lâmina é presa para ser enrolada. Frente ao operador a manivela: empurrando-o ele pára o movimento dos cilindros e do "colaps", desconnectando-os dos eixos que os ligam ao motor. Fuxando-o, ele traz o giro do motor para os instrumentos. A mancha de óleo, no meio dos cilindros, vai formando a "cama". Essa espécie de acomodação das lâminas vai desgastando os cilindros, até o ponto em que tem que ser substituídos. Essa operação de desmontagem é quase toda feita no braço. É uma manutenção pensada e perigosa, feita pelo próprio operador.





19 - O "laminadorzinho" ainda está na mesma área onde o solo foi levantado para a construção do grande galpão, na década de 50. O chão foi, então coberto com as placas de ferro. Por serem muito lisas, tais placas contribuem para muitos acidentes com as quedas, ou tombos, das bobinas à menor inclinação. No chão, à frente do laminador, vê-se o "colete" de madeira que é colocado entre o "colaps" e a lâmina, e que serve para tensionar a bobina quando ela vai sendo enrolada. Os pedaços de sacos recortados, vistos junto do "colete" são para enroolar as bobinas. Atrás do operador está a mesa onde ele guarda as ferramentas para apertar ou desapertar o "colaps", e desmontagem e retirada dos cilindros.

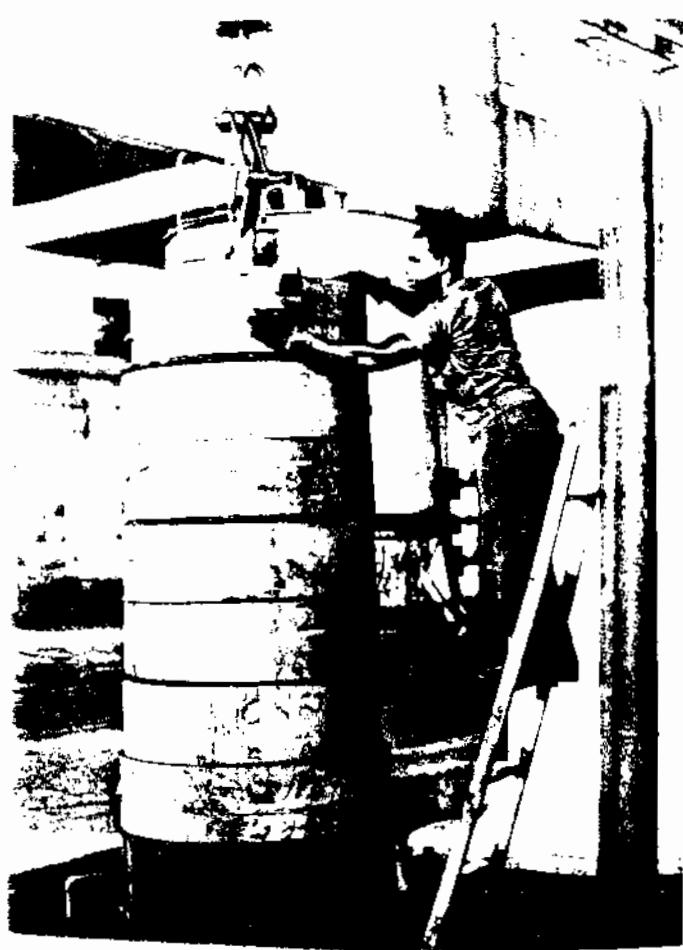
20 - Depois do laminador as bobinas vão para os fornos, onde serão "recozidas" para não "trincarem", ou quebrarem quando forem dobradas nas formadoras de tubos. Com a ponte elétrica, o operador leva uma a uma para o centro de um dos fornos. Para as duas ou três primeiras, o ajudante fica na própria plataforma do forno, empurrando a bobina até ela chegar no lugar.



21 - medida que as bobinas vão sendo empilhadas, o ajudante tem de lançar mão de uma escada, toscamente encostada num dos pinos que prende a base da tampa - ou "panela" - do forno.

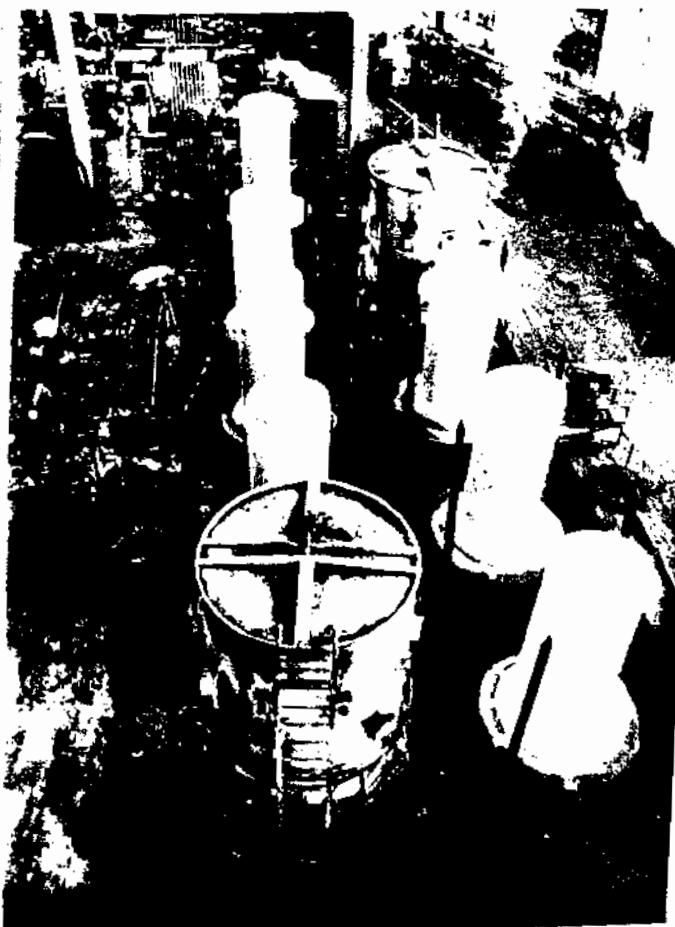
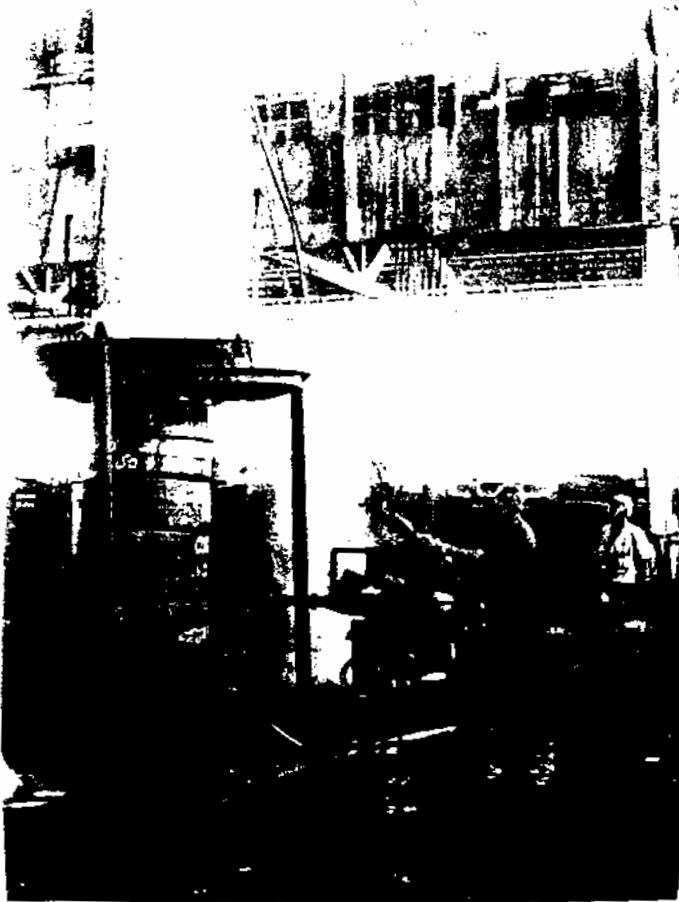


22 - Como noutras seções, o trabalho nos fornos não tem qualquer limite para "turn-over". Aqui, um ajudante está na base dos fornos, fazendo limpeza e manutenção da parte hidráulica que passa por ali, levando óleo e gás.



23 - Aqui, o mesmo ajudante está fazendo a mesma.

24 - Depois de empilhadas, as bobinas são cobertas por uma placa feita de um material capaz de suportar o fogo sem derreter. Ali dentro, os rolos recebem o calor que vai "recozinhar-lhos". O operador da ponte já era outro, e seu trabalho era atentamente vigiado pelo chefe da seção.



25 - No primeiro plano, do lado esquerdo, um dos fornos, já abastecido e preparado. Ou seja, com a tampa ou "panela" colocada. O último forno da fileira da direita estava funcionando. As bobinas levavam, em média, 24 horas para esfriarem totalmente. A seção dos fornos localiza-se nos fundos da usina. Podem ser vistos alguns rolos espalhados pelo chão da seção. E no segundo plano, ao fundo, uma parte da ferramentaria.



26 - A seção dos fornos é outra que veio perdendo recursos técnicos. Para ter uma noção da temperatura no interior dos fornos, o chefe da seção - dos mais antigos operários da usina - abre uma portinhola lateral. Já sofreu queimaduras no rosto, braço e ombro quando teve de forçar a portinha e, ao se abrir ela "cuspiu" uma "língua" de fogo e e vapor. Junto ao forno, ele esquentava sua marmita. Seu conteúdo ele sempre teve atenção de não deixar queimar. Já as bobinas, no interior do forno, às vezes queimavam e se estragavam com as chapas "coladas" umas nas outras. O saber empírico deixa uma boa margem para a sabotagem.

"O laminador alemão é a vida da usina."

No entanto, a "vida" que o laminador alemão trazia para a usina seria, como veremos, a matriz das distorções entre tempos de vida cotidianos. Produziria efeitos perturbadores na vida dos indivíduos. Muitos deles teriam "dificuldades de 'passar' de um tempo para outro". (MERCURE. Op. cit. 274)

Há outra via de demonstrar a importância da colocação do laminador alemão, na linha de produção da usina. Através da descrição das diferenças entre, as operações e a manutenção dos Laminadores grandes, e aquelas feitas com os laminadores pequenos. Como estes antecederam aqueles, vejamos êles primeiramente.

A...Operações_e_manutenção_dos_laminadores_pequenos.

"Seu" Jovelino é um pioneiro na usina. Tem 70 anos e trabalha como operador no laminador 7. É o responsável pelo funcionamento da máquina, quando ela "tira" a espessura de uma fita.

Seu auxiliar tem 34 anos. le trás a bobina - em média com mais de 60 quilos - até a máquina, rolando-a como um pneu e encosta ela na base de uma pequena rampa. Depois, empurra a bobina até a parte plana no topo da rampa, a um palmo de altura do solo. Em seguida, com as mãos na parte superior da bobina, ele a empurra. Ao tombar, ela deve encaixar no disco de ferro - ou "colaps" - que a sustenta.

Começa o trabalho do operador. Ele pega dois calços de ferro, de uma caixa de madeira debaixo da máquina. Coloca-os entre os cilindros, como "trilhos" por onde a fita passa, enquanto é laminada. Antes de encaixá-los na máquina, o "velho" passa a ponta dos dedos na parte interna dos "trilhos", para detectar se há asperezas. Dependendo do tipo de fita - mais fina e menos resistente ou, mais grossa e mais resistente - a aspereza do trilho atingirá, mais ou menos, a qualidade da fita.

Nas demais operações, o processo de produção permanece mediado por outras formas de conhecimento empírico, acumulados pelo velho operador.

Com um movimento lento, puxa a alavanca ligando o eixo do "colaps" ao motor. Começa a operação - ou "passe" - em baixa velocidade, aumentando-a aos poucos. Ao terminar, puxa a alavanca brusca e firmemente, separando o eixo do motor e parando o laminador.

Toda laminação da fita depende dos cuidados na colocação da matéria-prima na máquina. Estes, para o velho operador, diferem. Pois dependem do destino que será dado ao material:

"Quando é para mandar para São Paulo, para frêguês, tem que ter cuidado. Quando é para eles ai para o lado - as tesourinhas - eles que se danem. Eles que resolvam." (operador de laminador pequeno)
O "resolver" é, entender-se com a Direção. O material para fora expõe diretamente a própria seção, por isso:

"Nós temos uma responsabilidade aqui fora de sério! Se o material arranhar, o homem manda chamar lá em cima. Ainda mais esse aqui. Que é material especial."(operador de laminador pequeno)

Duas chaves de parafuso tem o cabo recostado no laminador. A mais leve tem o cabo coberto com um plástico grosso. Com ela, o operador aperta dois parafusos do "colaps": um prende a ponta da fita e outro abre o "colaps". A fita é enrolada tendo um "colete" entre ela e o "colaps". Este é feito com pedacos de madeira pregados numa tira de feltro. Depois de prender a ponta da fita no "colaps", o auxiliar recobre este último com o "colete", que vai ficando apertado ao "colaps" na medida em que a fita vai sendo enrolada. No final da operação, o "velho" pega outra chave recostada com o cabo do outro lado do laminador. Agora, será mais difícil rodar os parafusos. No lugar do plástico, essa chave tem o cabo marcado pelas marteladas, que o operador dá para soltar os parafusos. Então, o arco do "colaps" se estreita, fazendo uma folga entre esse e o "colete". A bobina fica solta, é empurrada e retirada do "colaps".

A colocação do "colete" dá margem a sabotagens da produção. É quando a bobina prende no "colete", e fica agarrrada no "colaps". Neste caso, o "colete" tem que ser arremetido. O operador quebra alguns pedacos da madeira do "colete", até ele afrouxar e permitir a retirada da bobina. Isso leva o mesmo tempo de "passar" uma bobina: meia hora.

Certo dia, um engenheiro veio ao interior da usi-

na. Caminhou paralelamente à instalação do forníinho novo, atração tecnológico-idílica da usina. No final do trajeto, um dos laminadores pequenos era desmontado. Seguiu em frente, sem qualquer atenção com o trabalho endo-técnico dos operários, com o antigo e pequeno laminador.(22)

Com os laminadores pequenos há muitas operações manuais, que dependem da intervenção do saber do operador. Os laminadores grandes e pesados, depois de mais de 20 anos de uso, já perderam muitas operações totalmente automáticas. Apesar disso, ainda mantém alguns aspectos distintivos em relação aos pequenos. E se considerarmos certos detalhes tecnológicos que os pequenos laminadores nunca tiveram, mesmo quando novos, essa diferença aumenta.

B - Operações e manutenção do laminador grande.

A primeira diferença, entre o laminadores pequenos e os grandes, está nas dimensões. Aqueles ocupam um espaço bem menor. O motor, eixo de transmissão e o próprio laminador estão no mesmo plano numa área de, aproximadamente, 12 m². Seus mecanismos são, portanto, de fácil acesso tanto para o operador quanto para o auxiliar.

Os dois laminadores grandes - motor, eixo de transmissão e o laminador propriamente dito - ocupam, cada um, uma área de 60 m². Só o laminador ocupa 12 m². O trabalho dos dois operadores restringe-se a este setor. Cada laminador tem dois planos. O laminador alemão tem um extenso e

estreito corredor no sub-solo. Quando é feita a manutenção, na parte de cima, um dos operadores desce para limpar a graxa, óleo e rebarbas que enchem o corredor.

No decorrer dos anos, sem a substituição das partes gastas, o trabalho com estas máquinas se tornou cada vez mais pesado e perigoso.

Cada grande laminador tem seis cilindros - ao invés de quatro nos pequenos - no seu centro. Dois grandes, mais pesados, conectados ao eixo de transmissão dos motores. Estes - mais de meia dúzia - transferem a energia por meio de um conjunto de roldanas. A energia consumida e o apôio necessário ao seu funcionamento, (23) são muito maiores do que o dos pequenos laminadores. (24)

Os dois cilindros mais pesados - grande e de apôio - são trocados aproximadamente uma vez por mês. Quando é feita a limpeza dos corredores debaixo do laminador. Os cilindros de trabalho trocam-se quase diariamente, a cada cinco ou seis rolos de bobinas tirados.

Um dos operadores trabalha há dois metros do laminador, com dois painéis giratórios sustentados por uma haste. No primeiro, à direita do laminador, com botões e pequenas macanetas manuais ele controla a velocidade dos "colaps" - direito desenrola e esquerdo enrola a chapa - do laminador. E inverte a rotação deles, se for necessário um ajuste da lâmina, caso a chapa não esteja passando direito entre os cilindros do laminador. Eventualmente o operador transfere a energia para o painel à esquerda. Daí, também controla a

velocidade do "passo" de um para outro "colaps".

O outro operador trabalha junto do laminador. De pé, com os quadris recostados na máquina. Com os olhos fixos na chapa, que vai ou vem, no meio dos cilindros. O braço direito estendido na parte superior do laminador. Ali mantém sua mão, recostada num pequeno painel. Os dedos permanentemente apoiados em alguns botões. Pressionando-os a cada "passo", aumenta a pressão dos cilindros sobre a chapa.

Enquanto um operador controla a velocidade do laminador, o outro regula a pressão da máquina para tirar a espessura da chapa. (25)

Não foram só as chapas que se modificaram. Certo dia, o operador do painel chamou o companheiro que trabalhava junto do laminador. E pediu-lhe para me mostrar seu dedo polegar. Com esse dedo, ele pressiona os botões. O operador do painel comentou:

"Está com o dedo chato. De tanto apertar botão!"

O trabalho exige a comunicação entre os operadores. Dependendo do material, o operador junto ao laminador faz alguns sinais com a mão para o operador do painel aumentar ou diminuir a velocidade da máquina.

Outra forma de comunicação são pedaços de estopa colocados no meio do rolo ou bobina. É como o operador junto do laminador demarca os pontos onde há diferenças de espessura no material. Quando aquele ponto se aproxima de passar pelos cilindros, o operador do painel sabe que deve diminuir ou aumentar a velocidade. Essas operações - regular a espe-

sura e controlar a velocidade - eram automáticas. Esses dispositivos não funcionam mais, há muitos anos. (26)

O esforço físico no trabalho varia, portanto, com as diferenças de espessura da matéria-prima. A maior parte do tempo, o trabalho é feito com matérias-primas pesadas, com uma máquina com peças também pesadas. Apesar de parecidas com aquelas do pequeno laminador, as operações requerem muito cuidado e atenção.

Uma delas é a colocação do rolo na máquina:

- empilhadeirista traz o rolo, de aproximadamente 3.000 quilos, até o terceiro "colaps";
- esse "colaps" auxiliar tem um pino central, que abre e fecha hidráulicamente;
- para colocar o rolo neste "colaps", a perícia e atenção do empilhadeirista são fundamentais. Com alguns solavancos na empilhadeira, ele posiciona o rolo na ponta da lâmina da empilhadeira, até ele cair no "colaps". Depois, com a ponta da lâmina, ele empurra o rolo até encaixá-lo no pino do "colaps".

Nessa operação, os operadores do laminador, de uma certa distância, orientam o empilhadeirista. Se houver algum erro, o rolo cai da lança da empilhadeira, e vira ou rola no solo. A área de manobra é reduzida: menos de dois metros a distância entre o "colaps" e uma pilhastra. Além de estreito, o chão do espaço é escorregadio.

Depois de colocar o rolo neste terceiro "colaps" auxiliar, começa o trabalho dos operadores de transferi-lo

para o "colaps" de laminação.(27)

Apesar de algumas operações serem feitas com a máquina, os esforços físicos aumentaram nos últimos anos com a perda de recursos tecnológicos.(28)

O esforço físico não se restringe à colocação dos rolos. A manutenção dos laminadores também é pesada, difícil e perigosa. A peça que mais se desgasta são os cilindros, variando com o tipo de matéria-prima.(29)

A diferença entre os materiais aparece no trabalho que cada um deles requer do operador.(30)

Quando o aço força os cilindros, o laminador costuma parar. Nesse caso, a fita também pode se romper e atingir o operador. Certa dia, dois operadores ficaram "tirando" a espessura de uma chapa, de 9 às 11 da manhã. Os batentes, que sustentam as pontas dos cilindros dentro dos laminadores tinham suas roscas internas gastas. A preocupação com a pressão sobre os batentes atingiu os operadores. Ambos disseram estar cansados, esgotados, depois daquela manhã. A resistência do material antecipou a troca de cilindros para a tarde.

Algumas operações são feitas pelos operadores, com alguns aspectos tecnológico-idílicos. Mas, a força utilizada em certos momentos anula as diferenças.

Para soltar das engrenagens e mover os cilindros, por exemplo, eles usam um pesado pé-de-cabra. Pois, embora a pressão da garra que o prende esteja desligada, ele não solta facilmente. Os operadores afastam a garra, alavancando com o pé-de-cabra. Empurram os cilindros de um lado, e puxam

de outro. Circulam em torno do laminador. Passam por cima dos grandes eixos que transmitem a energia do motor para os cilindros. Sobem em certos pontos do laminador. Põem a mão na "boca da máquina", para retirar os cilindros.

As exigências da produção não respeitaram as características tecnológicas, e os limites de resistência do maquinário dos dois laminadores. Segundo um dos operadores, o laminador alemão é mais apropriado para a matéria-prima ferro, enquanto o americano é para aço. Se essa especificação tecnológica tivesse sido seguida, o trabalho seria diferente. Mas, isso não ocorreu. Indiretamente, a pressão dos encarregados contribuiu para a quebra das máquinas. Esta, por sua vez, fomentou a política de desvalorização dos operadores.(31)

Mas, há uma operação de manutenção mais pesada e demorada: a troca dos cilindros de apôio e dos cilindros grandes.

Os cilindros de trabalho são trocados quase diariamente. Dependendo do desgaste causado pelas matérias-primas. O trabalho de substituição leva entre uma e duas horas. Não é propriamente uma manutenção da máquina. Já a substituição dos cilindros grandes e de apôio, tem essa característica. Enquanto são trocados, os operadores passam o longo tempo na manutenção do laminador.

No meio do laminador está o grande "conjunto". Ali ficam os seis cilindros: dois grandes, dois de apôio e dois de trabalho. O "conjunto" é retirado inteiro, de uma só vez,

da máquina e uma vez por mês em média. Pesa algumas toneladas. É denominado de "bicho" pelos operadores do laminador. Para sair do corpo da máquina o "bicho" — que, com sua "boca" faminta ficou um mês "comendo" homens por meio de lâminas! — dá trabalho. É preciso uma série de operações.(32)

Então, esse único "bicho", é empurrado no único carrinho (33) até um ponto próximo da ferramentaria. Ali o "bicho" fica estacionado uns dois dias em manutenção, enquanto os operadores fazem o mesmo no laminador.

O operador do painel cuida das partes externas e superiores da máquina. Com a estopa seca a água, e tira o excesso de óleo. O outro, que trabalha junto à "boca" do "bicho", cuida das partes internas e inferiores.

Essa parte da limpeza é mais pesada e arriscada. É feita no subsolo da máquina, no estreito corredor com uns vinte metros de comprimento, que leva ao tanque de água e óleo. O local é apertado, incômodo e úmido.(34) Cheio de canos de água e óleo. O chão é coberto de detritos de rebabas e restos de estopa, caídos durante a laminacão das chapas. Depois de varrer o chão, o operador, com uma mangueira de incêndio dirige jatos d'água ao solo e paredes da "sala" subterrânea, e em todo o corredor. As dimensões reduzidas do ambiente contribuem para que, em pouco tempo, sua roupa esteja completamente molhada. A desvalorização e desqualificação do trabalho do operador, continua na parte externa. Muitas vezes, ao sair daquelas "entrañas", trabalha na manutenção da parte superior do laminador.(35)

Para empurrar o "bicho" no carrinho são precisos seis operários. Com a catraca, o conjunto é reintroduzido no laminador. A reinstalação é cuidadosa, vagarosa. Algumas partes do "bicho" devem ser ajustadas, caso contrário o conjunto não entra no laminador. Os dois cilindros maiores, por exemplo, devem ser encaixados diretos nos eixos dos motores. Essas sub-operações, exigem cuidado e esforço físico.(36)

Depois do "bicho" recolocado no laminador, os operadores circulam ao redor dele. Vão e voltam, à frente e atrás da máquina. Sobem nos canos e engrenagens. Agacham-se debaixo delas, para prenderem as partes do "bicho" que ainda estejam soltas. Nessa dança macabra ao redor, acima e abaixo da máquina, seus pés não tem local certo para pisar. Apoiam-se em pontos com pouca sustentação e segurança, cobertos de óleo e graxa.

Os dois grandes e pesados pés-de-cabra aparecem, frequentemente, em diversos momentos do trabalho com os laminadores. Com eles, em meio a grandes esforços físicos, os trabalhadores colocam ou retiram os pesados rolos, ou bobinas, no "colaps" da máquina. Usam, também, para as operações de desmontagem e montagem do laminador. É uma ferramenta pesada, e muito usada no trabalho com os laminadores. Nela estava escrita desta forma uma palavra, a ferro e em alto relevo num de seus lados:

"Lamina-dôr - 12"(37)

Exatamente com a parte final - dôr - acentuada e sublinhada.

Tais "péss-de-cabra" são usados há anos, em operações semelhantes. Durante anos os operários tiveram a mensagem e, enquanto trabalhavam, puderam confirmar seu conteúdo simbólico. Casualmente ou não ele se projetava e, ao ser lido relembraria sempre, a cada momento, o que era trabalhar empunhando aquele instrumento. Esses dois "péss-de-cabra" ocasionam sequelas imediatas - por algum acidente durante uma operação - ou a longo prazo - contracções ou distenções musculares, devido ao grande esforço físico.

Essas pesadas ferramentas foram adotadas gradativamente. Para compensar os recursos técnicos perdidos com a não substituição das peças gastas dos laminadores, ou com a falta de manutenção. Originalmente havia "macacos" hidráulicos, usados na entrada e saída das bobinas. A colocação e retirada do "bicho" era facilitada, pelos recursos hidráulicos e porque as peças eram mais facilmente ajustáveis.

Muitas outras operações com o laminador vieram aumentar as margens de risco dos trabalhadores. Ampliou-se, portanto, o grau de exposição de seus corpos à resistência dos materiais, na medida em que a tecnologia perdeu os seus poucos - quando não, inadequados! - recursos.

Para certas transformações da matéria-prima, as máquinas perderam características de mediação tecnológica. Algumas operações com o laminador tiveram aumentadas as áreas de intervenção direta dos operadores. A perda de recursos tecnológicos - não substituídos quando desgastados - acarretou um aumento das áreas de exposição direta dos oper-

rários às sequelas - imediatas e a longo prazo - no trabalho com as máquinas e matérias-primas.

O uso do "pé-de-cabra" era para compensar tais perdas. Há três outros recursos tecnológicos, perdidos e não substituídos. Nesse último caso, em primeiro lugar, temos os exaustores. Em segundo, a velocidade do laminador: ela se manteve, mas desajustada em relação ao conjunto desgastado da máquina. Daí, em terceiro e consequentemente, tarefas que foram simples e sem qualquer ameaça - como a medição automática da espessura da lâmina - se transformaram numa operação de alto risco. Vejamos o que a perda de cada um deles veio significar para os operadores.

Quando foram instalados, cada um dos dois grandes laminadores tinha um exaustor na sua parte superior, sobre os cilindros. Sugavam a fumaça exalada do contato da "água branca" com as lâminas nas máquinas, durante o "passo". (38) Há mais de vinte anos o exaustor não funciona. O vapor envolve os operadores numa nuvem de água e óleo, na qual passam a maior parte do tempo de trabalho respirando. (39)

Quando chega no quarto "passo", a fumaça encobre o laminador. Ela se adensa na medida em que a velocidade aumenta. Nestes momentos, a água e o óleo acumulados no meio da bobina se evaporam. Por alguns minutos, o operador e o laminador desaparecem, envolvidos na nuvem de fumaça.

Acompanhando esse trabalho infernal, surgem alguns números significativos: o tempo de exposição daqueles operadores à fumaça.

Dando 11 "passos", ou desenrolar e enrolar a bobina 11 vezes, passando de um para outro cilindro do laminador, a chapa começa a ser laminada com 2,5 e sai com 0,5. O operador, junto à "boca" da máquina "toma" fumaça do quarto "passo" em diante. A bobina começa a ser trabalhada às 12 horas. S 12:20, no quarto "passo" a nuvem de fumaça começa a se formar. S 13:40, quando a máquina enrola a chapa no "colaps" pela última vez, o operador esteve, seguramente, uma hora e vinte minutos respirando diretamente aquela fumaça. Tomando por média quatro bobinas diárias, ele respira aquela fumaça, mistura de água e óleo:

- por dia: 5 horas e vinte minutos;
- por semana: (excluído o sábado) 31 hs e 40 m.;
- por mês: 129 hs e 40 m.;
- por ano: 1.560 horas!

O que, o lento e inexorável processo de perda dos recursos tecnológicos, trouxe para os operadores dos laminadores? A resposta está com os operadores. O primeiro, junto ao painel e um pouco mais distante da máquina, nos disse:

"Os companheiros nossos que se aposentaram e estão vivos, são poucos! Aqui no laminador, se aposenta, e morre!"

O outro operador, diretamente envolvido pela fumaça junto à "boca" da máquina, acrescentou:

"Eu já fiquei cinco meses em casa. Por causa dessa fumaça. Tomei 240 injeções!"

Além da fumaça da "água branca", a péssima circu-

tação de ar no interior da usina, contribui para a concentração de dois outros odores nos postos dos operadores do laminador alemão. Um deles é a "catinga" dos banhos químicos da decapagem, situada ao lado e antecedendo a laminação. O outro é a "fumaça ardida" que vem dos fornos, quando a matéria-prima está sendo "recozida". É uma fumaça invisível. Mas é sentida pela ardência e irritação nos olhos.

A perda do exaustor, trouxe sequelas a longo prazo. Outras características técnicas continuaram funcionando, tal como eram originalmente. As diferenças de desgastes entre partes do laminador, não diminuídas pela manutenção, trouxeram novas ameaças. A velocidade é a mais significativa: se manteve praticamente inalterada.

Trabalhadores de outras seções citaram o laminador alemão, pela sua alta velocidade, como uma das máquinas mais perigosas na usina. O maior perigo é a chapa arrebentar, e atingir o operador junto à "boca" da máquina. (40)

A alta velocidade permaneceu. Os demais recursos técnicos da máquina, estruturalmente articulados com aquela velocidade, desapareceram. Um deles foi a medição da espessura das chapas durante os "passes". O operador fazia isso através do painel, automaticamente. Pelo mostrador, ele controlava a espessura e o que era "tirado" em cada "passo". Atualmente, com o micrômetro na mão, o operador na "boca" da máquina mede a espessura das lâminas com ela em funcionamento. O encarregado das formadoras de tubos relembrou aquele recurso da máquina, e a sua perda:

"O que eu acho um absurdo, e tem lá até hoje, é regular a espessura da fita no laminador com o micrômetro manual! Devia ser micrômetro automático. Como era antigamente, quando iniciou lá... Botava a chapa no micrômetro, e o laminador automaticamente relaminava para a espessura certinha. Ficava a lamação mais perfeita! Existia e não funciona mais. Enguiçou, e não consertaram mais."

Nesses 40 anos de funcionamento, o desgaste das peças e a falta de manutenção, de laminadores grandes ou pequenos, adicionaram novas diferenças técnicas aquelas máquinas. Para os operários, a distinção do trabalho com elas foi sendo, cada vez mais, norteada por tais diferenças, e especificidades e diferenças técnicas originais, adicionou-se a falta de manutenção, como um novo parâmetro para os desgastes físicos e mentais.(41)

Comparando o trabalho executado com máquinas mais novas, e aquele com as mais antigas, surgem mais claramente as diferenças nas operações. Estas, no âmbito do processo de produção, - relação homem "versus" máquina - são manuais, semi-automáticas e automáticas. Mas, no caso das máquinas mais antigas é no âmbito do processo de trabalho - relação homem "versus" homem - que as especificações tecnológicas ganham distinção. É diferente a mediação dos níveis técnicos superiores no trabalho do operador, caso a máquina seja mais nova ou mais velha. Nestas últimas, a intervenção deles é menor, ou inexistente, durante as diversas operações.

Tomemos duas máquinas situadas nestes polos: a tesoura 15 com, aproximadamente 15 anos de usina, e o pequeno Laminador 2, instalado na usina em 1941:

Operações	Tesoura_15	Laminador_2
1-manutenção - e montagem	- operador coloca e faz manutenção de anéis; regulagem deles na ferramentaria.	-manutenção cilindros na ferramentaria; limpeza de cilindros pelo auxiliar.
2-regulagem antes de funcionar	- manual: muita interferência do encarregado e até do engenheiro; muita relação com a ferramentaria devido especificação dos anéis.	-manual: nenhuma interferência do encarregado nem do engenheiro; pouca relação com a ferramentaria/especificações ficam por conta do operador.
3-abastecer máquina de material	- automática:auxiliar coloca rolo no "colaps" com guincho rolante elétrico.	-manual:rolos empurrados pelo auxiliar com ajuda do operador; muita empiria.
4-preparo do material para a máquina	- manual:ponta da chapa desentortada com marteladas dadas pelo auxiliar, nos dois lados da chapa; operador controla no	-manual:ponta da chapa é colocada nos cilindros e puxada do outro lado pelo auxiliar; operador controla na alavanca.

- painel.
- 5-início da operação - semi-automática. -semi-automática.
- 6-durante a operação - automática:do posto apertando botões o operador controla a velocidade e oscilações da fita; para tensionar pede ao auxiliar para jogar pedacos de madeira no meio do rolo.
- 7-após a operação - automática;é manual só para tirar os discos entre as bobinas. -manual.

O trabalho no pequeno e antigo laminador tem operações só executadas pelo operador e seu auxiliar. Durante o trabalho não há interferência de um encarregado, e muito menos de um engenheiro. Há décadas aquela máquina não requer que o trabalho com ela dependa de um contato estreito com a ferramentaria. O distanciamento com a seção da usina que detém os aspectos tecnológico-idílicos de trabalho, só é quebrado esporadicamente, quando os cilindros são remetidos à ferramentaria para manutenção. Ainda assim, o contato é superficial. Ou seja, prevalece a relativa autonomia do trabalho do operador com o pequeno laminador.

Apesar disso, o trabalho com a tesoura 15 já apresenta esforços físicos e desgastes mentais parecidos com aqueles feitos com os pequenos laminadores. E, também, com outros trabalhos das demais seções.

As marteladas - com as quais o auxiliar desentorta a ponta da lâmina - são dadas com uma marreta que pesa 8 quilos. Para cada bobina, é uma média de 12 a 15 marteladas. Ao fim de um dia de trabalho, com seis a dez bobinas, ele terá dado entre 72 e 120 marteladas. Quase todos os operários conhecem a marreta pela denominação de: "sexta-feira". Simbolicamente, ela é o último dia da semana, sempre difícil de carregar, depois de dias de trabalho duro, pesado e desgastante. Começar a semana trabalhando com aquela marreta, é ser remetido antecipadamente às condições físicas da sexta-feira. O trabalho com ela diminui a semana. Riada o tempo. Traz, prematuramente, o seu final. Atropela a memória e encurta a vida.

NOTAS

- 1 - Segundo ele: "O dia que começou tinha dois fornos. Depois botaram mais dois aqui. Quando eu vim tinha quatro. Tinha dois novinhos. Conforme estão estes. E tinha dois lá perto dos laminadores, mais antigos... Era lá... trabalhei lá. Esses dois dessa vaga aqui, estavam novos lá... chegamos aqueles de lá para cá. Ali, no meio daqueles rolões ali. Ali, encostado no laminador. Ali era o forno. E tinha um galpãozinho cobrindo os fornos.

Tinha parede e tudo. Porta para entrar."

2 - "A minha máquina ficava onde está até hoje. Mas, a seção de oficina era no centro da laminação. A oficina já andou por uns três lugares. Eu comecei com o laminador e as tesourinhas. Depois, voltou um laminador pesado aqui. Aí mexeu com a oficina, mais para traz." (mecânico de retífica)

3 - "Ali a gente tinha que fazer uma manobra. Carregar quase no braço. A gente pegar, e botar outros cavaletes. Fazer... jogar... botar ali... carregar. Transportar até as bancadas... Ali era pouco espaço... Dava para trabalhar. Mas, aí é aquele... se tivesse que empilhar na sucata, tinha pouco espaço para você passar." (operador de conificação)

4 - "Íramos serventes. Todos! Nessa primeira fase. E tinha três que eram ajudantes. Ganhavam um pouco mais. Diferença mínima! Porque eram mais antigos. E quando entraram, entraram como ajudantes." (operador de conificação)

5 - "Naquela época aquilo ali era igual essa varanda aqui. Desce lá e subia lá, descia lá e subia cá. O terreno que era assim. É que ela foi feita naquelas condições. A parte dos laminadores era baixa. E a outra seção era mais alta. Sei que aquela seção ali era baixa. Ela tinha uma rampa para descer, e outra lá para subir." (encarregado da matéria-prima)

6 - "Foi tudo aterrado. Eles tiraram o nível daqui, e levaram

ram até lá na frente. Ai, nivelaram lá e começaram a aterrarr. Até pegar esse nível da fábrica.. Era baixo. Aqui, quando começou os fornos, andou suspendendo daqui para lá. Conforme fizeram esses fornos ai foi aterrando... Depois é que eles aterraram aquilo ali. Para cimentar. Depois de ter chegado as bobinas pesadas. Começou a chegar bobinas grandes. Antigamente, as bobinas que chegavam eram tudo menor."(mecânico da retífica, encarregado dos fornos e operador de decapagem)

7 - "Tinha gente de construção. Ai, já tinha pedreiro. Já tinha tudo. Ai, eu ficava trabalhando para astejar (levantar) a máquina. Ai, vinha asteando de pouco. Tinha dia que eu asteava essa aqui. Ficava 3 ou 4 cá trabalhando. Ai, quando essa aqui estava asteada, ai essa trabalhava. Já chegava e mudava uma mais para cá. Foi assim."(operador de laminador pequeno)

8 - "Era de madeira! Tanto que uma vez houve um incêndio que também tudo! Queimou tudo! Acabou! Foi aí que começaram a fazer de cimento armado. Porque antigamente era madeira. Até que, foi um domingo. Uma tarde. Estava um calor!... 'O que será que aconteceu no forno?' Ai, a firma começou a vir com aqueles galpões enormes."

9 - Segundo o mecânico da retífica: "Isso aqui era terreno vazio. Era laranjal. Do lado de lá também era laranjal. Ai, foi derrubando tudo. Foi aterrando também. Foi expandindo para traz. Pegaram naquela altura que estava, onde era o primeiro barracão, eles conservaram. Fez ali

um 'largo'. Uma espécie de um largo. Ai expandiu os lados, e foram até lá na frente. Manteve aquela mesma linha do antigo barracão. Só derrubou ele. Deixou ele embaixo, suspendeu por cima, e derrubou ele. Quando o de cima estava pronto, foram derrubando embaixo, e tirando. Tirando as madeiras, as telhas. E foi fazendo assim. Construindo e derrubando. O sistema era esse. Eles faziam por cima, com a gente embaixo. E derrubava. E ficava o de cima pronto." O mesmo processo de construção dos novos galpões é descrito pelo encarregado dos fornos: "Quando eu vim, essa fábrica aqui dava dentro dele. Quando eu comecei, estava na quarta coluna. De lá pra lá. Começaram a fazer daqui pra lá. Dos fundos para a frente."

30 - "Era contratado. Empreiteira. A turma daqui só mesmo para dar acabamento. Tijolo! Mas, armação de ferro e cimento armado não foi daqui não. Foi uma empreiteira. Essa estrutura toda... Uma empreiteira. Construtora Léa eu me lembro muito bem ainda. Foi fazendo tudo aquilo." (encarregado dos fornos e ex-chefe do D.F.)

11 - Noiriell percebeu o surgimento deste último aspecto em Longevy: "Em 1927 se produz uma verdadeira descoberta dessa 'praga social' dos acidentes de trabalho... Comitês de Segurança... primeira estrutura de base do 'Scientific Management'... O corpo do operário trabalhando, este conjunto de gestos produtivos... Observam-se as posturas não produtivas e perigosas." NOIRIEL,

Gerard. Op.cit. Pagina 142.

- 12 - "Numa seção lá, eles botaram uns tacos de ferro. Aquilo não funcional! Escorrega. E se der um defeito numa máquina, um curto circuito, passa a corrente de um lado para o outro. Vai embora! Aquilo é ferro."
- 13 - As possíveis graves proporções que poderia ter assumido este acidente, reaparece no relato de outros operários que estavam lá na época: "Acho que foi o peso, que foi muito. Ai, não sei se o solo não aguentou. Ai, abriu uma cratera que não teve mais tamanho! E elas foram embora! Tenho impressão que deve ter sido o rio. Esse rio que passa aqui atrás. Aquilo guarda muita umidade. às vezes você faz um piso, mas você não sabe a umidade que está aqui por baixo. Nós não sabíamos a umidade do solo." (ex-chefe do B.P.)
- 14 - "Depois veio aquele laminador, o americano. Nós é que fomos lá. Eu e o Jovelino. E outros mais. Puxamos ele lá da frente. Por meio de calha. Enterrava o ferro cá no fundo. E, então, em cima dos trilhos. Eram quatro trilhos. Ele vinha em cima do trilho. E a gente puxando na calha. Arrastando. Outro puxando ele. Ai, quando acabava de sair de cima de dois trilhos, pegava os trilhos e botava lá na frente. Para ele trepar em cima e chegar cá no ponto." (operador de laminador pequeno)
- 15 - "O (laminador) grandão veio muito depois. Primeiro veio aquele (americano) do lado do relógio. O falecido chefe ajudou nós botar ele lá dentro. Tirou o paletó, e foi

para lá ajudar a empurrar. Botar calços debaixo, para empurrar. Aquilo foi tudo no braço, lá para dentro! base de estaca, empurrando. Nós é que levamos. Puxamos. E calça daqui, e calça dali. Até chegar lá! Depois veio o outro laminador. Quando veio esse, o patrão já tinha morrido. Agora, o patrão era muito bacana!" (vigia)

- 16 - O estereótipo surge na descrição feita por um antigo operário da decapagem: "O 'alemão', foi ele. Ele ficava quase que a noite toda ali tendo, com o livro ali. E 'nêgo' falando: 'Eu quero ver! Vai quebrar a cara!' No dia que ele montou o laminador, veio aquele bocado de gente para ver funcionar." (operador de decapagem)
- 17 - "Aqui não tinha Engenheiro. Antes da Engenharia, nós tivemos um alemão, que era técnico em electricidade. Ele que tomava conta. Depois é que veio a Engenharia. Tem bem uns 15 anos." (mecânico de retífica)
- 18 - "A racionalização tem por consequência o crescimento do pessoal não operário... faz crescer também o número de contramestres... apesar da manutenção dos nomes dados aos ofícios, os conteúdos mudam... a matéria é também submetida a uma vigilância cada vez mais estreita... aparelhos para medir a temperatura, a pressão... evitam o gasto de energia e reduzem a usura dos materiais." NOIRIEL, G. Op.cit. Páginas 145 e 136.
- 19 - Segundo Noiriell, em Longwy também os motores invadiram os galpões, "substituindo progressivamente a força muscular em todas as tarefas de manutenção... outros as-

pectos essenciais do desenvolvimento tecnológico da siderurgia... 'domesticacão da matéria'... reações físicas e químicas muito violentas." NOTRIEL, G. Op.cit. Páginas 133 e 134.

- 20 - Segundo o engenheiro, trabalhando na usina desde dezembro de 1961: "Então, nós construímos a galvanização. Era um projeto alemão, desenvolvido aqui por nós mesmos. Começou a funcionar por volta de 63 ou 64. Nessa época, o chefe da usina era um engenheiro alemão. Em 63, mais ou menos, ele voltou para a Alemanha. Então, o Roberto assumiu a chefia da usina. Ele já era engenheiro formado, mas também trabalhava aqui na seção de projeto. Algum tempo depois, eu assumi a chefia da seção de laminacão. E tinha aqui mais dois engenheiros."
- 21 - Segundo o operador da decapagem: "Pergunta: O 'alemão', foi ele que colocou o cavalete? A 'caixa' agarra? Arrebentava tudo! Você tinha que botar o rolo lá para trás. Fazer força para rolar aquelas bobinas. Hoje em dia não tem mais isso não."
- 22 - Vejamos esse trabalho, feito pelos próprios operadores. Primeiramente, o operador e o ajudante soltam os eixos que ligam os cilindros ao motor, desaparafusando-os atrás do laminador. Depois, puxam com as mãos ao mesmo tempo que empurram com uma alavanca as duas peças ôcas em forma de semi-círculo, situadas na frente do laminador. Elas pressionam, daquele lado, os dois cilindros. Finalmente soltos, os cilindros são puxados

pelo ajudante e empurrados com uma alavaca pelo operador. Todo esse trabalho de desmontagem do laminador, é feito em meio a uma série de perigos. O maior deles é que uma daquelas partes cobertas de óleo da máquina possa, repentinamente, escorregar.

- 23 - Há um tanque de 4 m² por dois de fundo cheio de uma mistura de água com óleo, que a máquina esguicha sobre a matéria-prima durante o "passo" da lâmina.
- 24 - Os quatro cilindros restantes são: dois de apoio e dois de trabalho. A pressão dos cilindros sobre a chapa é nesta ordem:

cilindro grande --- eixo ---\	
pressiona	\
cilindro de apoio	\
pressiona	\
cilindro de trabalho	\
pressiona	\
- chapa -	-----motores.
pressiona	/
cilindro de trabalho	/
pressiona	/
cilindro de apoio	/
pressiona	/
cilindro grande --- eixo ---/	

- 25 - Segundo um deles: "Já pensou! Ela entra com 2,5 e sai com 0,5! Praticamente dobra de comprimento. Isso ai espicha."

26 - As exigências destas intervenções, em áreas das máquinas onde o operador esteve excluído, suscitou lembranças ligadas a matérias-primas que requeriam esforço e atenção distintos. Foi o comentário que ouvimos de um dos operadores, dirigindo-se ao outro: "Se lembra daquele material argentino?! Começava médio. Depois engrossava e, no final, estava fininho. Aquela material japonês que era bom! Começava fino e ia até o final fininho."

27 - Esse trabalho é composto das seguintes operações:

- 1 - com uma machadinha um dos operadores corta a fita que prende o rolo. Deve fazê-lo com muita agilidade e mantendo à distância os que estiverem por perto; a fita, ao soltar-se, abre-se dando "lambada" e ameaçando atingir quem estiver por perto;
- 2 - desentortar a ponta do rolo, para que ele possa entrar entre os dois cilindros;
- 3 - regular as "guias" que prendem lateralmente a chapa
- 4 - prender a chapa, em cima e em baixo, antes dela entrar no cilindro;
- 5 - botar a ponta da chapa nos cilindros, num dos lados do laminador;
- 6 - do outro lado do laminador, pegar a ponta da chapa e encaixá-la num orifício do "colaps" para ela ficar presa;
- 7 - quando termina o primeiro "passe" da chapa, a ponta rolo, que ainda está no terceiro "colaps" auxiliar,

é transferida para o "colaps" da própria máquina.

As operações 3, 4, 6 e 7 são feitas com o auxílio das partes hidráulicas da máquina.

Para retirar o rolo do laminador, são as seguintes operações:

1 - amarrar o rolo com fita, depois de prensado;

2 - abrir o "colaps" para soltar a ponta interna da lâmina;

3 - abrir uma portinhola lateral no "colaps";

4 - com um grande "pé-de-cabra" solta o rolo do "colaps" usando um macaco hidráulico que sobe, ampara o rolo e tráz ele para fora do pino do "colaps".

28 - Certo dia, o operador junto à máquina nos disse: "Aí vem o Eraldo, mas o Geraldão. O 'negão' era forte.

Era uma fôrça! Agora não. Agora está magrinho."

29 - "Passa a fita no meio do cilindro. Então, o cilindro aperta aquela fita 4, 5, 6 vezes. Ele desgasta. Depende do trabalho. Se for aço desgasta mais. Se for ferro desgasta menos." (mecânico da retífica, onde os cilindros são recuperados)

30 - Um deles nos explicou: "Tem que 'tirar' de 2.60 para 1.80. Mas, isso é aço. Já dei oito 'passos', e só cheguei em 2.20. Acho que nem 16 'passos' vai dar. É aço! É duro que nem chifre de boi! Em vez de amolecer, endurece mais. Se fosse ferro, quanto mais rápido fica mais mole. Então, o cara na 'boca' da máquina controla os cilindros. Aço é material difícil de calibrar."

31 - Assim, segundo um deles: "Nessa laminação, se mandasse o aço só para o outro laminador, e aqui ficasse só com o ferro, seria outra coisa! Naquele outro laminador, os cilindros apertam mesmo. Mas, os encarregados ficam de 'bico' fechado! Só abrem a boca para humilhar a gente."

32 - Que são as seguintes:

- 1 - soltar os tubos e canos de água e óleo;
- 2 - fechar a pressão que aumenta ou diminui o peso dos cilindros de apoio;
- 3 - soltar as garras superiores e inferiores que prendem o "bicho";
- 4 - manobrar o "bicho" até o ponto dele ser engatado no carrinho;
- 5 - quando engatado, o "bicho" é puxado por uma catraca manual para o carrinho.

33 - Havia outro "conjunto" e mais um carrinho. Há muitos anos desapareceram, dilapidados para manter esse único funcionando. E aquele não foi mais substituído.

34 - Um dos operadores descreveu sua dificuldade pessoal em trabalha ali, decorrente da inadequação do local à sua compleição física: "Lá embaixo, o corredor é estreitinho. A gente anda com a barriga encostada nos canos, e a bunda colada na parede. Para mim, então, é uma dificuldade andar ali."

35 - "Além de limpar lá embaixo, às vezes chega aqui em cima ainda tem que lavar as peças lá do conjunto. É só não ter alguém por ai para fazer isso, que a gente tem que

fazer."

- 36 - Um dos operadores prende o eixo a uma corrente, ajustando a um "macaco". Depois, na força física, empurra o eixo até ele ficar na posição de ser encaixado no cilindro. Para o encaixe, os operadores precisam do auxílio de mais um ou dois homens de outra seção. Um deles move a pesada alavanca da catraca, para repôr o "bicho" no laminador. O outro fica ao lado, fazendo sinais para aumentar ou diminuir o ritmo do movimento com a alavanca. Se ainda existe alguma folga no cilindro, o empiladeirista é chamado para empurrá-lo com a ponta da "lança" da empiladeira. Em seguida, os dois grandes cilindros de apôio são presos às garras. Depois, um conjunto de oito rolimãs que, acima e abaixo pressionam o cilindro de apôio, são presos também às garras.

- 37 - Essa palavra nos lembra o acróstico levantado por Luisa Passerini, numa oficina de motores da Lancia em Turim, em 1938. Nele lia-se, usando o nome de Mussolini:

Morirai (morrerás)

Ucciso (assassinado)

Seconda (segunda)

Settimana (semana)

Ottobre (outubro)

Liberando (libertando)

Intiera (inteira)

Nazione (nação)

Italiana (italiana) (PASSEIRINI, Op. cit. 110)

38 - Para não trincar o ferro, o operador vai controlando um jorro de óleo misturado com água que a máquina vai aspergindo na chapa, na "boca" do laminador e junto aos cilindros que pressionam a matéria-prima. Essa mistura é denominada de "água branca" pelos trabalhadores. A cada "passo" do ferro ou aço, que vai se tornando mais quente pela resistência do material, aumenta o vapor de fumaça. Esse torna-se cada vez mais denso, na medida em que aumenta a diferença da temperatura entre o frio da "água branca" e o quente da matéria-prima. Essa mistura de água e óleo, de uma coloração cinza clara, é indispensável para o ferro ou aço não trincarem ao serem enrolados.

39 - Segundo um dos operadores: "Essa fumaça resseca a gente! Constantemente a gente fica bebendo água. Tôda hora a gente bebe água!" Depois, referindo-se ao seu companheiro que estava na "boca" da máquina junto ao laminador e, portanto, mais exposto à fumaça, acrescentou: "Aquilo ali pode fazer bem?! E o cara é obrigado a ficar ali. Não pode sair dali. Eu recebo fumaça. Mas, recebo menos. É quando o vento está pra cá."

40 - Segundo um operador do laminador: "Uma vez uma chapa arrebentou, que me enrolou todo. Eu fiquei 'fininho'." Um operador do outro laminador, ao ouvir esse comentário, aproveitou para recordar-lhe: "Isso não é nada! E aquela fita que arrebentou e passou juntinho da tua barriga?! A máquina estava a 100. Ta abrir a tua barriga

que ia sair as tripas todas!"

41 - O operador do laminador pequeno, apesar da máquina que ele trabalha ser de menor dimensão, acentua que as dificuldades são idênticas: "Aqui é diferente do outro. Ele 'chama' também no botão automático. Mas ali a gente tem que botar o pau, para puxar o rolo. Já lá não. Ele vai na mão. Ele sai na mão. No botão. Mais cuidado?! O de lá. Esse daqui corre bem. Nas, o de lá corre mais. Aliás, tanto faz um como outro... Porque todos dois é de um tipo só. Tudo é uma coisa só. Tem mais velocidade, mas é o mesmo trabalho... Todos dois é uma coisa só, de trabalho. Só tem que aquele lá corre mais, e este corre menos. Tem que ter cuidado a mesma coisa do outro."

2) Os anos 60 e a segunda expansão e as formadoras de tubos.

Em fins dos anos 50 iniciou-se a segunda grande expansão do espaço da usina. Nele ficariam novas tecnologias, tendo por eixo as quatro máquinas formadoras de tubos, e trazendo uma diversificação na linha de produção. Novas seções foram colocadas gradativamente, como:

- galvanização;
- conificação;
- trefilação;
- eletrodutos;
- pintura;
- quadratura;
- fabricação de luvas.

A primeira foi desativada em meados dos anos 70. As demais continuaram funcionando. Cada uma delas tinha uma ou mais máquinas novas. Dentre estas, as conificadeiras e a pintura, foram compradas externamente. Outras - partes da trefilação, da quadratura e da fabricação de luvas - foram projetadas e construídas na própria usina. Com isso cresceu a importância da manutenção na produção, principalmente nas novas seções. Os conhecimentos dos frezadores, plainadores e torneiros, teriam maior peso no conjunto do processo de produção. Desaparecia o aspecto esporádico e localizado do conteúdo tecnológico-idílico de certas fases do processo de trabalho. Algumas partes destas máquinas novas, só funciona-

vam dentro de especificações e medidas muito precisas. Redefiniam-se, com elas, as formas e áreas de intervenção dos operadores e ajudantes no processo de trabalho.

Neste sentido, segundo Kawamura, "no processo de expropriação do conhecimento do trabalhador pelo capitalista dá-se a autonomização crescente do processo tecnológico em relação ao trabalho. No entanto a autonomia não significa uma simples separação, mas a subordinação do trabalho (vivo) à maquinária e equipamentos automáticos (trabalho morto)." (KAWAMURA. 1986. 18) Aquela autora adverte ainda que, a questão tecnológica deve ser despida do "caráter neutro" e situada no campo das relações sociais indicando, dessa forma "sua conexão com interesses de grupos e classes" como favorecedora "da condição destes na estrutura social, à medida que possibilita sua instrumentalização para se manter no poder. Além disso, à proporção que entendemos a tecnologia como um conjunto de valores, normas, procedimentos e crenças, baseado no pensamento matemático, incorporado nos objetos materiais e na prática social, é preciso especificá-la enquanto manifestação cultural." (Idem. 34 e 35)

O efeito da introdução de uma tecnologia atinge, portanto, hábitos instalados no processo de trabalho. As exigências trazidas produzem, em casos limites, até a morte do trabalhador. Como se verificou na produção açucareira cubana, indicado por Fraginals. Segundo este autor, a inovação técnica teria fracassado, "e a introdução da rígida disciplina da grande indústria... consumiu negros." (FRAGINALS.

Op.cit. 114 e 115) E, por isso também, teria sido vedado ao escravo o manejo desse novos aparelhos, naquelas etapas do "processo produtivo abrangidas pela máquina." (Idem. 280)

Nas, apesar disso, o controle do capital na usina não rompeu imediatamente com as relações endo-técnicas. A manutenção de alguns aspectos daquelas relações na produção e no trabalho, desvalorizava e desqualificava uma parte da força-de-trabalho. A seção dos torneiros, frezadores eplainadores por exemplo, continuou sendo manutenção. Embora o trabalho feito ali fosse, de fato, de ferramentaria. Aqueles valores e critérios, atingiam os trabalhadores contratados para as novas máquinas. Estes eram quase 50% a mais.

As resistências ao despotismo na usina estavam, a partir daí, diante de uma estratégia diversificada que, embora se situem noutro contexto, lembram, em linhas gerais, a "estratégia da recusa" apontada por Maroni para as greves de 78 no ABC. (Cf. MARONI. Op.cit. 53 e 54) Junto às "velhas" relações endo-técnicas surgiram as "novas" relações tecnológico-idílicas. A resistência dos trabalhadores foi envolvida nos "choques" entre esses "novos" e "velhos" processos, assinalando a vitalidade do sistema paternalista enquanto designando, "um conjunto estruturado dos meios materiais, ideológicos e políticos utilizados pelo patronato, para formar e renovar a mão-de-obra necessária ao funcionamento de um processo de trabalho determinado, numa região que permaneceu por longo tempo rural... O paternalismo é, inicialmente uma lógica econômica de manutenção e de renovação da força-

de-trabalho...uma tentativa para recompensar sob controle patronal...as modalidades da reprodução que dominavam no mundo rural."(NOIRIEL. Op.cit. 164 e 195)

O arcaico "versus" moderno criavam, em primeiro lugar, a falsa imagem de um choque entre êles, minando o acesso dos trabalhadores à contradição entre capital e trabalho.(1) E, em segundo lugar, diluiam a capacidade transformadora do novo nos aspectos reduzidos e desgastados do velho. Ambas permitem-nos concluir com Barel que: "é, de certa forma, procurando ser aquilo que êle não é, para ser o que êle é, que o capitalismo se auto-destrói."(BAREL. 1979. 68)

A expansão física da usina é uma introdução ao entendimento do "arcaico" e "moderno" como instrumentos de dominação.

Nos primeiros anos da década de 60 estavam construídos três galpões:

- galpão 5, com 3.400 m²;
- galpão 6, com 1.836 m², e;
- galpão 7, com 410 m².

O último era a expedição dos eletrodutos, destinados à construção civil. No total foram adicionados 5.646 m² aos 8.000 m² de galpões já existentes. Um crescimento de 2/3 na usina. Seu espaço coberto chegou a 13.646 m².

A expansão foi em duas etapas muito próximas. O galpão 5, construído primeiro em meados dos anos 50 para as máquinas formadoras de tubos, pintura, fabricação de luvas,

quadratura e eletrodutos. O galpão 6, erguido nos primeiros anos 60, as conifícações, a galvanização e a trefila.

Quando o galpão 5 foi levantado, a área do futuro galpão 6 era ocupada pelas casas dos encarregados. Os "chefes" continuaram morando junto da usina. Depois, eles seriam transferidos de um lado para o outro da rua.(2)

Nessa nova expansão, a influência do capital não se limitou a aumentar a área interna da usina. Ela atingiu a memória dos habitantes de Mesquita. A toponímia urbana foi marcada pela presença dos donos da usina. A nova rua, aberta com a construção dos galpões, recebeu o nome da esposa do proprietário da fábrica.

As casas derrubadas pertenciam à usina. O engenheiro e os encarregados, moravam ali com suas famílias. O capital mantinha próximos os responsáveis pelo controle da produção. Pois, "com a complexidade da organização da produção, o capitalista forçosamente delega poderes antes nele concentrados. Com Marx esclarecemos: 'O capitalista começa por dispensar o trabalho manual... quando o capital cresce... demite-se de sua função de supervisão imediata... e a transfere para uma espécie particular de assalariados.'" (KAWAMURA. Op. cit. 26)

Solteiros não tinham direito às casas. Havia interesse e até mesmo um estímulo, em ter encarregados casados e morando junto da usina.(3)

Segundo alguns trabalhadores, os "chefes" estavam instalados naquelas casas desde a primeira metade da década

de 50. O empilhadeirista descreveu alguns detalhes da área naquele período. Ali, haviam quatro casas. O terreno não era totalmente ocupado por elas. Os fundos, próximo do riacho, era desocupado. Junto à esquina da futura rua, havia também um grande terreno vago. Nele ficavam os circos que, periodicamente, chegavam à Mesquita.

Para tirar os encarregados dali e construir o galpão 6, o capital teve de cobrir, momentaneamente, as despesas de moradia daqueles trabalhadores.(4)

Finalmente, com o galpão 6 levantado, a fábrica ganhou a configuração física mantida até a década de 80. A usina, ocupando quase todo quarteirão. Seu portão principal era numa rua com o nome do proprietário da fábrica. A rua transversal, como vimos, tinha aquele de sua esposa. A importância da expansão da usina para Mesquita aparece também, no entrosamento entre capital e Estado no processo de urbanização da área. As obras de melhoria no riacho nos fundos da fábrica e a construção de uma ponte, foram feitas com materiais fornecidos pela usina.(5)

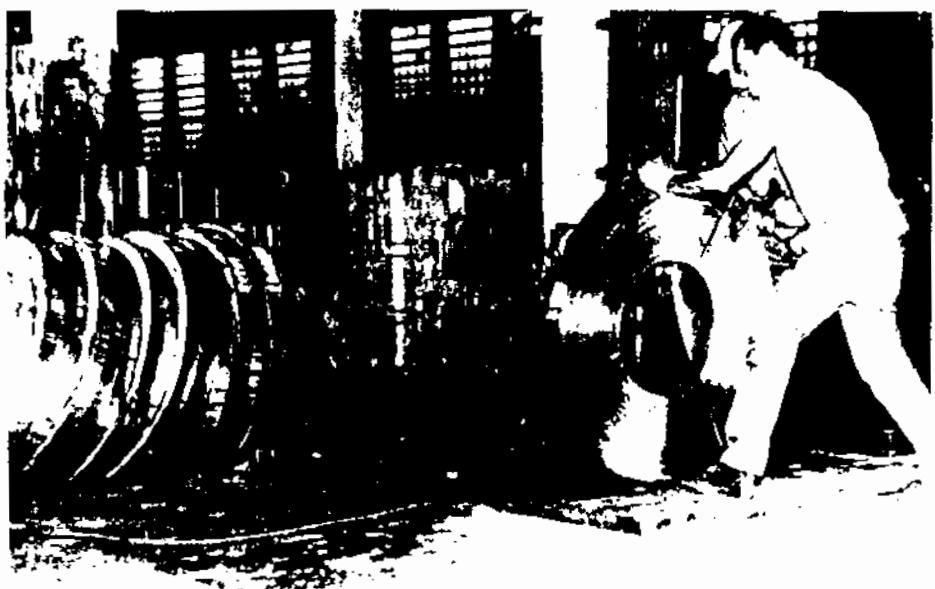
No entanto, essas transformações espaciais abrigariam não sómente novas máquinas. Com elas, vieram diversificações nos processos de trabalho e de produção. Surge uma divisão nas formas de controle da força-de-trabalho, amparadas numa distinção de conteúdos de trabalho daqueles processos. É o que veremos a seguir.

O laminador alemão introduziu condições tecnológicas para as formadoras de tubos. Para um dos operadores do

27 - "Sax dando 'Tambada' que nem cobra." Assim um operador de tesoura se referiu a estes restos de lâmina - rebarbas - que saem lateralmente das bobinas durante o corte. Nessa tesoura, as bobinas são cortadas em larguras menores, logo após os fornos, para serem removidas para as formadoras de tubos. Vê-se o "castelo" com o cilindro superior e as "navalhas". O ajudante fica ali, ao lado, controlando o tensionamento de cada lâmina e puxando as rebarbas com um gancho, para evitar que elas prejudiquem a produção.

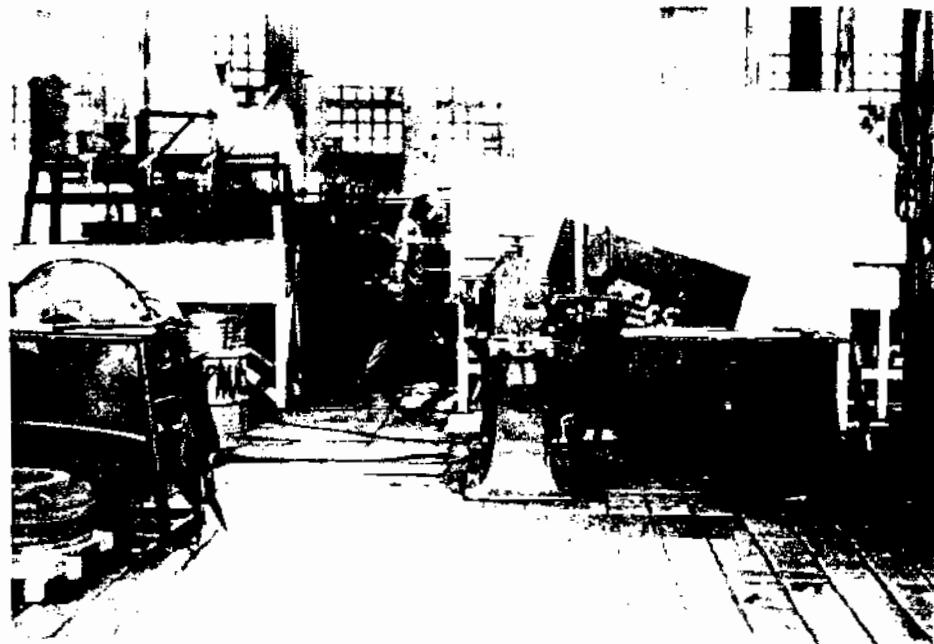
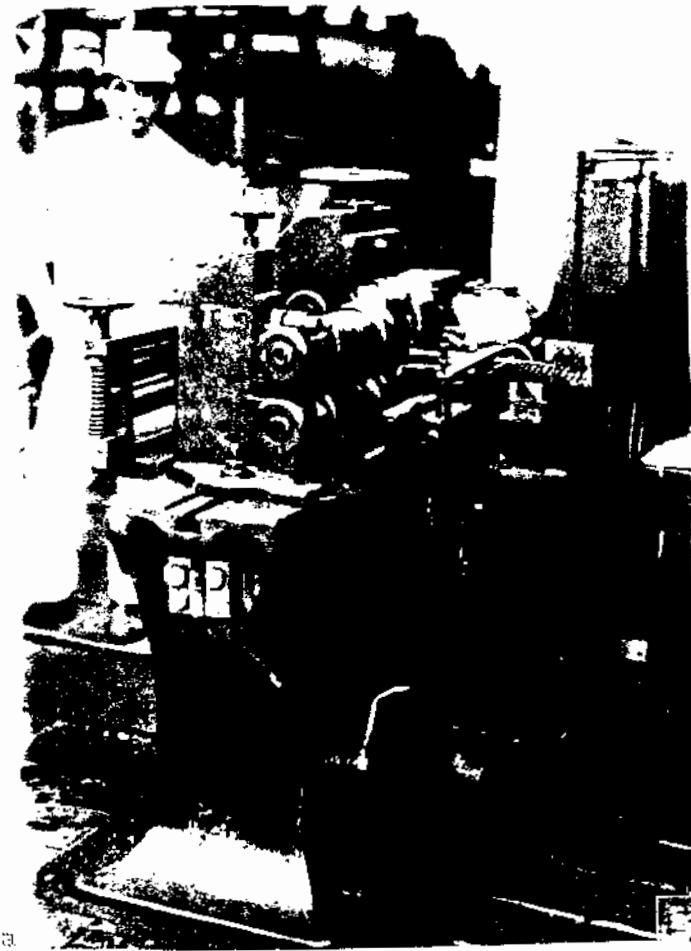


28 - A retirada das bobinas, do "colaps" da tesoura média, é uma operação semelhante à mesma feita no "tesourão". Cada bobina também é amarrada por três ou quatro fitas, enquanto vão sendo empurradas, uma a uma, pelo macaco hidráulico horizontal. Mas, como a área é menor, não há espaço para a empiladeira manobrar. Então, são dois ajudantes que seguram a bobina para que ela não tome ao sair do "colaps". Depois, vão rolando cada uma até o local onde outras já estão empilhadas. Rolam bobinas que têm de 600 a 800 quilos, num solo coberto de óleo e graxa.



29 - A "tesourinha" foi, juntamente com o "laminadorzinho", a primeira máquina inventada no antigo "galináozinho", em 1891. Apesar de algumas modificações - eletricar principalmente - a parte mecânica sofreu poucas alterações. Seus instrumentos são muito menores do que aqueles das tesouras médias e do "tesourão". O processo de regulagem é o mesmo, embora as medidas nos cilindros superior e inferiores - onde se colocam os periquenos eixos de navalhas - sejam tomadas com um micrônomo. Suas reduzidas proporções - quase miniaturas dos eixos, cilindros, "castelos" e "torres" das grandes tesouras - não anulam os perigos no trabalho com elas. Por serem medianas de muita precisão e uma matéria-prima muito fina, que exige muito cuidado para ser enrolada, o trabalho dificulta o uso de luvas. Por isso, os operadores e ajudantes que trabalham com essa máquina têm as mãos cheias de pequenos cortes, muitas vezes sobrepostos uns aos outros, porque a posição das mãos, durante o trabalho, é quase sempre a mesma.

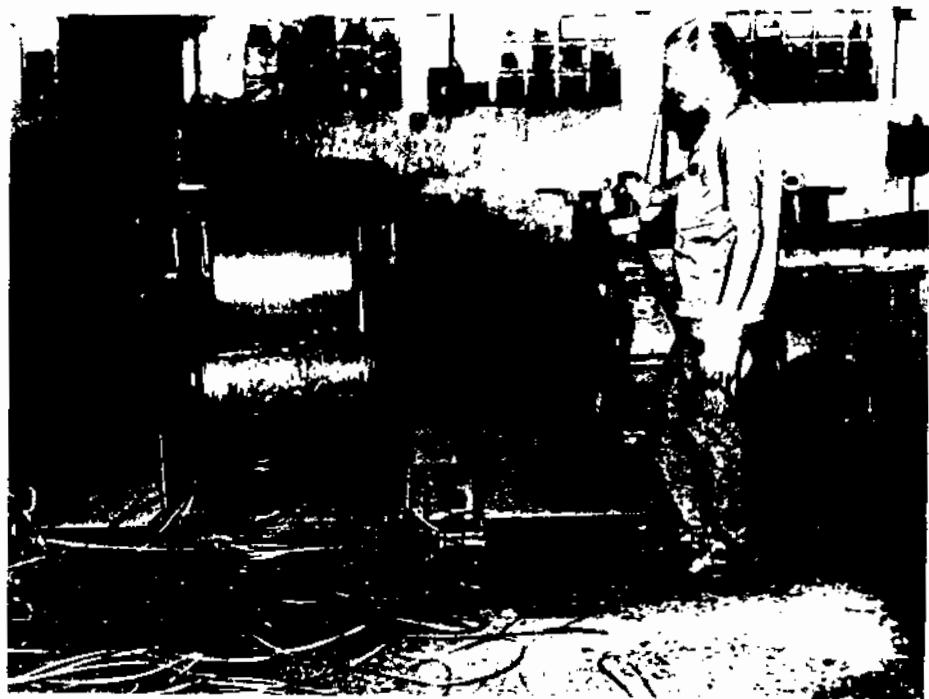
30 - Ao centro, a "tesourinha" direita, a "caixa" onde é colocada a bobina para ser cortada. esquerda vê-se o "cortaps" com um "disco". Os "discos" são colocados entre as estreitas fitas. O sistema de corte é, portanto, semelhante àquele das grandes tesouras.



31 - O operador da rebarbadeira percorre as diversas fessuras, e vai recolhendo os rebarbas em cada uma delas. Usa um gancho longo, percorrendo um trajeto arriscado num chão escorregadio, cheio de óleo e graxa. Além desse risco imediato, a sequela a médio e longo prazo são os problemas de coluna.



32 - O operador coloca uma ponta qualquer da rebarba na máquina. Esta começa a puxar, enrolando-a e pressionando com o cilindro situado na parte superior. Com a mão direita, ele aciona a rebarbadeira por meio de botões. Vários operadores sofreram acidentes graves nesta máquina, "puxados" pelos pés ou mãos. Seus pés ficam muito próximos da rebarba que vai sendo enrolada. Algumas sugestões no sentido de mudar o posicionamento dos botões de comando foram feitas por diversos operadores. Todas rejeitadas, sob o argumento de que atrapalhariam a produção.





33 - Depois, o cilindro com a rebarba é roulado como um barril, para o depósito. Será revendido para reaproveitamento. São, em média, de dez a quinze por dia. Era numa posição semelhante a essa que os mais velhos operários rolavam bobinas no antigo galpãozinho, pois as bobinas eram aproximadamente desse altura.

laminador pequeno, as quatro formadoras começaram "fraquinho devagarzinho", e foram instaladas nessa ordem:

- F.20: tubos de 5/8, ou 16 milímetros;
- F.30: " de 3/4 até 7/8 polegadas;
- F.40: " de 7/8 até 2 " ;
- F.60: " de 1 e 1/4 até 2,5 polegadas.

Os tubos mais leves são produzidos com a F.20. Os mais pesados na F.60. Técnicamente, o funcionamento delas é idêntico. Distinguem-se pelas dimensões. A F.20 é a menor. Entre a "roda", (onde a bobina que abastece a máquina é colocada) a formadora propriamente dita, e a área da serra (que corta os tubos) são menos de trinta metros de comprimento. E as peças são mais leves. A F.60 é a maior de todas, com uma extensão de mais de 50 metros, e com instrumentais e peças pesados. Entretanto, apesar de mais leve, a F.20 tem muitas operações perigosas, devido à sua inadequada instalação. O sistema de abastecimento da "roda" é perigoso: o espaço para o operário empurrar e jogar a bobina é estreito. A bobina poderia virar sobre ele.

Nas demais formadoras, a ameaça da bobina virar no abastecimento das "rodas" esteve presente desde o inicio. Por outros motivos técnicos, e não pela falta de espaço. A área das serras circulares, também é perigosa.

Nas formadoras, segundo os operários, a partir de 82 fizeram duas únicas, e urgentes, modificações técnicas:

- colocação de uma caixa protetora nas serras circulares, para evitar que o escolhedor de tubos seja atin-

gido caso uma delas se estilhaçasse, e;
 - as formadoras mais pesadas - a 40 e a 60 - receberam,
 cada uma delas, uma "balha" (guindaste fixo no solo)
 eletro-mecânica, com a qual os operários levantam as
 pesadas bobinas e as colocam nas grandes "rodas" des-
 tas formadoras.

A primeira mudança, era resultado de quase trinta
 anos de uma reivindicação sindical. A segunda, substituiu as
 "rampinhas", que causaram muitos acidentes graves. Estes,
 interrompiam a produção e afetavam a produtividade. Pois, os
 atingidos eram, em geral, os poucos que sabiam rolar as bo-
 binas nas rampas.

O funcionamento delas é idêntico. Tomaremos a F.30
 como roteiro de entendimento das demais. São cinco partes:

- 1 - castelo do jogo de cabeceira; (6)
- 2 - solda; (7)
- 3 - castelo do jogo de calibração; (8)
- 4 - desempenadeira; (9)
- 5 - serra e escolhedor. (10)

Relacionamos, também, as 14 operações feitas pelo
 operador da F. 30, no ponto de solda. Durante 15 minutos,
 levantamos quantas vezes ele repete as operações:

1 - regular ferramenta de rebarba	- 5 vezes.
2 - recolher rebarba com um gancho	- 16 "

3 - jogar rebarba na caixa	- 3	"	.
4 - c/ latinha, jogar óleo nas rebarbadeiras	- 1	"	.
5 - arrumar esguichos de água e óleo	- 4	"	.
6 - trocar ferramenta de rebarbadeira	- 2	"	.
7 - afiar ferramenta no esmeril	- 2	"	.
8 - conferir rebarba no cano	- 4	"	.
9 - com um pau, bater rebarba na caixa	- 2	"	.
10 - limpar gancho	- 1	"	.
11 - limpar área de ferramenta "H"	- 2	"	.
12 - esguicho manual de água e óleo	- 1	"	.
13 - regular desempenadeira	- 2	"	.
14 - levantar rebarbadeira p/passar emenda	- 1	"	.

O levantamento foi feito na velocidade 4. Com a máquina na velocidade 1, os números cairiam, aproximadamente 50%. Considerando dois terços dos valores acima, poderíamos projetar para um ano de trabalho do operador da formadora:

tempo	15_mia.	1_h	8_hrs	1_sem.	1_mês	12_meses
oper:\						
1	3	12	106	530	2.120	25.440
2	10	40	160	800	3.200	38.400
3	2	8	64	320	1.280	15.360
4	-	1	8	40	160	1.920
5	2	8	64	320	1.280	15.360
6	-	2	16	80	320	3.940
7	-	2	16	80	320	3.940

8	2	8	64	320	1.280	15.360
9	-	2	16	80	320	3.940
10	-	1	8	40	160	1.920
11	-	2	16	80	320	3.940
12	-	1	8	40	160	1.920
13	-	2	16	80	320	3.940
14	-	1	8	40	160	1.920
Totais		90	570	2890	11.420	137.300

Na formadora 30 trabalha há 25 anos o mesmo operador. Diariamente, ele faz uma média de 600 operações em oito horas. Aproximadamente 3.000 por semana. Todo o tempo todo de pé. Seu corpo está inchado. Principalmente os pés.(ii)

Todos esses anos, ele conviveu com aquelas condições de trabalho, alienando-se delas.(i2) Seu comentário era "nem ligo". E, pés inchados e deformados, eram sua identidade no processo de trabalho, distinguindo-o dos mais novos.

No posto de trabalho, seus cuidados eram com as mãos. Ele, então, especializou-as em tarefas diferentes. Foram centenas de operações manuais diárias, retomadas a cada dia durante semanas. Sua atenção absorvida para aquela parte de seus membros superiores. As demais partes do corpo ficaram amortecidas e esquecidas. Depois de horas de trabalho, os pés pareciam dissociados de seu corpo:

"A mão... o cara está sempre prestando atenção.

Porque uma mão está trabalhando, e a outra olhando defeitos. Então, ele está sempre atento com as

mãos. Agora, os pés não. Tem hora que ele sai, andando. Mas, não está olhando para o chão. Ele está olhando o tubo. E embaixo, ele não está olhando. Então, ele passa por uma rebarba. Aquilo é fininho. Então, ele não está vendo. Ela "lascá" na perna dele, e corta o cara."

As condições do trabalho deformam o corpo. E contribuem na deformação da sua percepção dele.

No posto do operador, a temperatura é mais elevada que a média na usina. Ele trabalha entre o painel de controle e o meio da formadora, onde o tubo é soldado. Defronte a ele, na altura da cabeça, há uma caixa de ferro onde estão os espirais de tubos com água e óleo, e os grossos condutores de energia da solda elétrica. O operador vê o interior da caixa, vedado por um plástico transparente. Essa caixa é denominada de "televisão".(13)

Ele fica horas vendo essa "televisão. Debaixo dela sai a fumaça de odor acre, da mistura de água e óleo quente. Essa mistura produz um pó preto, muito fino, imperceptível a olho nu. No entanto, ele se deposita nas partes altas da máquina, ou "castelos". A fuligem da rebarba sobe, portanto, com a fumaça. Dependendo da ventilação no posto, o operador aspira maior ou menor quantidade de pó. Os sintomas são os mesmos dos operadores de laminadores: boca ressecada e muita sede. A quantidade de pó exalada varia com o tipo de matéria-prima, e a velocidade da máquina. Assim:

espessura da lâmina - cor	- características
1.80	- branco / corre na primeira marcha e andando mais devagar dá mais pó.
1.40	- amarelo \ 3a. ou 4a. marcha dão um
1.20	- azul / pouco mais de pó.
0.93	- vermelho \ correm mais e, portanto,
0.84	- verde / dão mais pó.

A quantidade de pó varia, também, com a caloría da solda. Em meia hora de funcionamento, o pó das rebarbadeiras formou uma fina camada acumulada na sua parte superior, provocando esse comentário do operador:

"Só não tem mais porque o vento espalhou ela. Imagine o que é respirar essa fumaça, das sete da manhã às duas da tarde!"

Todas as 14 operações já descritas são executadas com a máquina em funcionamento. A mais arriscada é afiar a ferramenta que raspa as rebarbas dos tubos. O operador contorna a formadora e, do lado oposto, sobe na máquina e afia a ferramenta em meio a tubos de óleo, água, e fios de alta voltagem da "televisão". Para isso fica agachado, numa posição incômoda e perigosa. (14) A ferramenta deve ser afiada, também, fora da máquina, no esmeril logo atrás do posto.

Para funcionar, a formadora requer o trabalho de outros operários, que se distribuem em outras partes da máquina. Vejamos quais são, e quantos são necessários.

A área da "roda", onde as bobinas são enroladas para abastecer a formadora, tem as seguintes partes:

- desenroladeira, ou disco;
- tesoura eletro-mecânica, funcionando como uma guilhotina, que corta a ponta da lâmina para ela ser soldada àquela que já está na "roda";
- uma mesa, onde é feita a solda entre as pontas das lâminas;
- lixadeira elétrica, usada nas pontas das lâminas, antes de serem soldadas;
- uma espécie de torre com algumas roldanas, por onde passa a lâmina para ser ajustada e direcionada e aprumada - antes de ser enrolada à "roda";
- "roda"; são duas rodas de ferro com um aro de mais de dois metros, ligadas entre si por um eixo apoiado a uma torre. Enquanto uma vai sendo "enchida", a outra está funcionando em conjunto com a formadora, abastecedora de laminado.

Nesta área trabalham:

- 3 ajudantes: colocam a bobina na desenroladeira e, depois, passam ela para a "roda";
- um soldador: faz a junção das lâminas que abastecem as "rodas".

Os três ajudantes e o soldador abastecem as rodas das formadoras 30, 40 e 60.

Na formadora 20 (F. 20), de menores dimensões, há só três operários: o operador, o escolhedor e o abastecedor.

Nesta última tarefa, o desgaste do trabalho não é menor do que nas demais formadoras, mas é feito por um só. A área de trabalho das formadoras apresenta riscos para os operários. Desde o abastecimento das rodas, até o ponto extremo onde fica o escolhedor.

Das quatro, a F.30 é a mais perigosa. Nela são produzidos tubos de espessura média. É a máquina mais usada, desde a sua instalação. O desgaste de suas peças foi, então, maior que nas outras. E os operários compensam com "gatilhos": pedaços de arame e de madeira colocados entre as roldanas, para contrabalançar as folgas. Muitos acidentes ocorreram, exatamente, por tais "gatilhos". Como nessa descrição do encarregado das formadoras:

"Esse foi quase o impossível. O tubo bateu no cabo do rolete da mesa da máquina 30, e fez um arco.

Bateu, e a máquina continuou a rotação. E o tubo envergou. Então, pegou a lâmpada fluorescente e cortou o braço do rapaz. O vidro da lâmpada fluorescente. Coisa rara de acontecer."

O desgaste da máquina trouxe, também, outra "coisa rara" e "impossível":

"O encarregado se queimou. Tinha um defeito na máquina 30. No carrinho de velocidade (que transporta a serra circular)... contato ali. Ele se precipitou. Botou gasolina. Nesse intervalo, a máquina estava cortando tubo. E jogou uma centelha, que caiu dentro da vasilha dele. Ai, incendiou. Com

mêdo, Ele largou a chave ali, na hora, que caiu no chão. Ai, espirrou gasolina no corpo dele e incendiou Ele. Ele, afobado, saiu correndo pela seção. Correndo! A roupa úmida de óleo com gasolina."(encarregado das formadoras)

Na área das formadoras, o maior perigo era a serra circular. Os trabalhadores de outras seções, evitavam passar ali. Antes da proteção da caixa de ferro, a serra funcionou exposta. A qualquer momento ela arrebentava. Seus estilhaços atingiam uma pessoa, mesmo a certa distância.(15)

As exigências de produtividade não pouparam qualquer área de trabalho na formadora. O escolhedor, situado numa de suas extremidades, é atropelado pelos tubos que saem incessantemente da máquina.(16)

No lado oposto, o abastecimento das rodas foi citado por diversos operários. O perigo era as bobinas virarem sobre eles, quando roladas manualmente até a máquina.

Fora as ameaças na própria seção, com a máquina, havia a ponte rolante. Periódicamente passa sobre a área das formadoras com centenas, ou milhares, de quilos de amarrados de tubos pendurados. As cordas, além de não serem resistentes, estão embebidas de óleo. É mais uma tensão no posto de trabalho dos operadores das formadoras.

Esses depoimentos e detalhes confirmam o enfermeiro da usina: para Ele as seções que mais acidentavam eram as tesouras e as formadoras de tubos. Em resumo, em mais de vinte anos de funcionamento, as formadoras de tubos:

- sempre apresentaram altos riscos de frequentes e graves acidentes, fossem na área do operador de solda, dos abastecedores de rodas ou do escolhedor de tubos;
- estes riscos foram aumentando na medida em que a característica inicial do processo de trabalho com elas (tecnológico-idílico) se manteve rígida no decorrer destes anos, apesar dos desgastes das máquinas.

Assim, até hoje é rigidamente delimitada a intervenção dos operários nas formadoras. Eles continuam com uma área estreita de atuação na máquina, restringindo o acesso deles à regulagem na montagem. Assim, muitos aspectos desta última operação (regular e montar a formadora para a produção de um outro tipo de tubo) permanecem sob controle dos encarregados e engenheiros. Só nas questões mais simples (regular ferramenta de rebarba e desempenadeira durante a produção) os operadores podem intervir. Se na produção surgirem problemas de certa complexidade (por exemplo, uma parada para verificar a regulagem do conjunto da formadora) os operadores devem procurar os encarregados. Assim, em quaisquer das cinco partes da máquina, na montagem e regulagem a intervenção dos operários sempre foi restrita. Até no abastecimento das rodas (com operações tecnologicamente simples) esse processo de afastamento dos operadores ocorreu.

E diante da "televisão", um operador da formadora de tubos não tem muito para ver. A não ser sua exclusão.

Essa relação com a máquina, não é igual para os operários das seções com características endo-técnicas.

Principalmente entre aqueles que executam tarefa equivalente ao operador de formadora. Assim, na visão de um operador de laminador pequeno, o conteúdo do trabalho de um operador de formadora:

"Na seção de tubos, só para operadores é que tem segredo. Das máquinas! Porque todo mundo não pode trabalhar numa máquina daquela. Pelo menos, eu não vou! Porque eu não sei trabalhar nela. Só os caras que sabem operar ela."

Para ele, o trabalho nos laminadores ou formadoras de tubos capacita a ocupar qualquer posto na usina:

"Em qualquer lugar que me botarem, estou trabalhando. Operador de máquina (formadora de tubos) não! Mas, em qualquer laminador que me botar, eu trabalho. Se botar na lavagem, eu sei trabalhar. Onde botar, eu sei trabalhar."

Portanto, a introdução das formadoras em fins da década de 50, trouxe um novo conteúdo de trabalho. O eixo era, até então, os laminadores. As formadoras foram o novo componente acrescentado à estrutura de produção. Complementaram o controle do capital sobre a força-de-trabalho.

Com a introdução das formadoras, dois fatos surgem nesse período. O primeiro, foi a introdução da engenharia no processo de produção e de trabalho. Com ela, chega a diferenciação entre trabalho "prático" e "teórico". E, ao mesmo tempo, ela formaliza a passagem de um para outro. Mas, nessa trajetória, a "teoria" ganha relevo. É o veículo dessa pas-

sagem.(17) Na usina, a presença do engenheiro vinha confirmar a capacidade do teórico "apreender" o prático, articulando-a com "a variada gama de especialistas que atuam no interior do próprio processo de trabalho ou em atividades técnico-científicas a este vinculadas."(KAWAMURA. Op.cit. 24)

O segundo fato foi a transferência da administração, até então no centro da cidade do Rio de Janeiro, distante mais de 30 quilômetros da usina.(18)

Alguns aspectos da história de vida do encarregado das formadoras, dentro e fora da usina, enriquecem a compreensão dessa nova fase da usina.

Em 1957 a fabricação de tubos estava montada. Mas, segundo aquele encarregado, estragavam muito tubo. Então, a usina foi procurá-lo, oferecendo um salário três vezes maior. Havia só três formadoras: 30, 40 e a 60. A 20 veio depois, e foi importante na influência dele nas mudanças ocorridas nos processo de produção e de trabalho. Originalmente, era uma máquina para produzir vergalhões. Então:

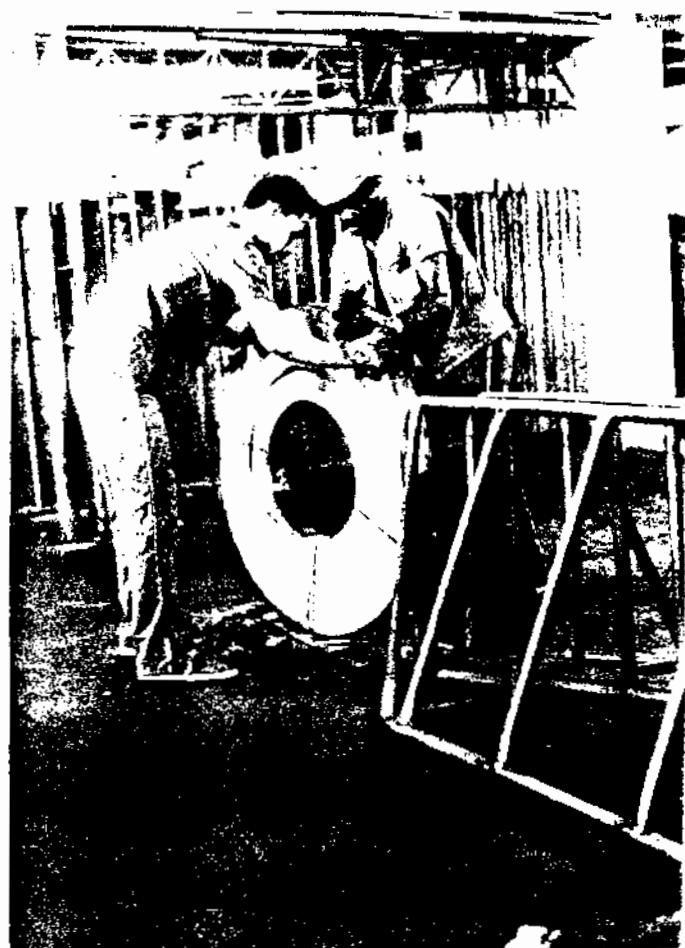
"Eu dei muitas sugestões, que modifiquei ela toda. Também foi modificada para rádio-frequência. O sistema de válvula era muito fraco e queimava. Fez a modificação de máquina por máquina. Ela produzia menos. A produção dela aumentou 50%."

Essas modificações, exigiram alterações no abastecimento da máquina. Com uma emenda, "um acréscimo", as rodas aumentaram de tamanho.

34 - Este é o momento do acionamento da bobina de roda, na formação de tubo. Dezoito estudantes desenrolaram a bobina e rolaram ela para a rampinha, à direita. Essa operação foi substituída, em 84, depois de mais de trinta anos "por uma "tartilha", ou guindaste fixo. Muitos trabalhadores tiveram pés esmagados, pernas quebradas, problemas de torção na coluna e língua no braço.



35 - Qualquer descuido e, se a bobina começar a virar, não se deve tentar segurar. Neste caso, deve-se ter o cuidado de pular fora! Dever-se, primeiramente, alinhar a bobina na entrada da rampinha para...





36 - Com um único e grande movimento, coloca-se entre os grades da rampinha. E devoce empurrar-lá rumo ao lado, para ela cair direto num "carrinho" abastecedor da roda.

37 - Essa é a roda da formadora 40. Com dimensões diferentes, as rodas são iguais em todas as formadoras. São duas, paralelas ligadas por um eixo comum e sustentadas no ar por um pino central neste eixo. Enquanto uma delas gira para um lado, é abastecida, a outra gira em sentido oposto com a lâmina puxada pela formadeira. Encosta na pilhastra, vêm-se algumas bobinas que serão levadas "no braço" para a rampinha. Cada roda é abastecida com duas ou três bobinas.



38 - A ponta da lâmina na roda é soldada aquela que está no laminador. Os doz auxiliares no abastecimento da roda segura as pontas das lâminas, enquanto o soldador une as duas. Só este último usa óculos protetor, pois a função de abastecedor não prevê o uso deles. Ao fundo, a formadora 60, a maior e mais pesada delas.



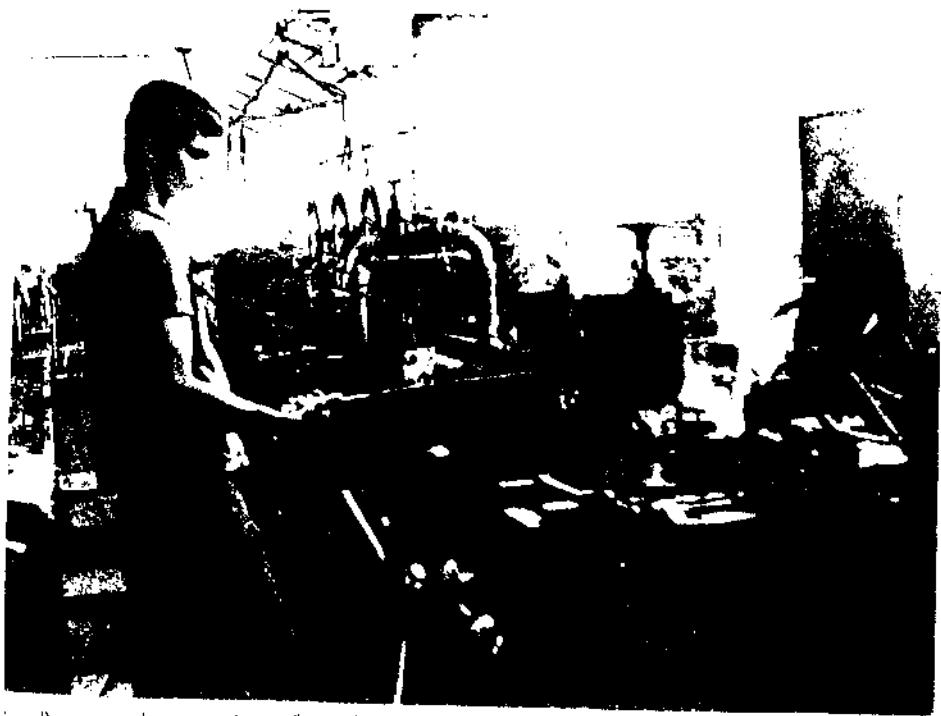
39 - No primeiro plano, ao centro, uma das rodas com a lâmina sendo puxada pela formadora 30. direita, a outra roda é abastecida. Entre as duas, no segundo plano, a mesinha da solda. De trás dela, o motor. Esquerda, o operador tendo na mão o gancho com o qual puxa a rebarba, ou excesso, da solda dos canos. Àtrás dele, o painel de controle da velocidade da máquina e, também, o esmeril onde é ameixa a ferramenta "H", ou cunha que desbaste e encarreto dos canos. Na grande caixa de ferro, atrás dele, a parte elétrica da máquina denominada de "cadeira elétrica". Os fios precam sobre ele e vão para a "televisão". Ao fundo, no alto, a ponte rolante que transporta os tubos dentro da união.



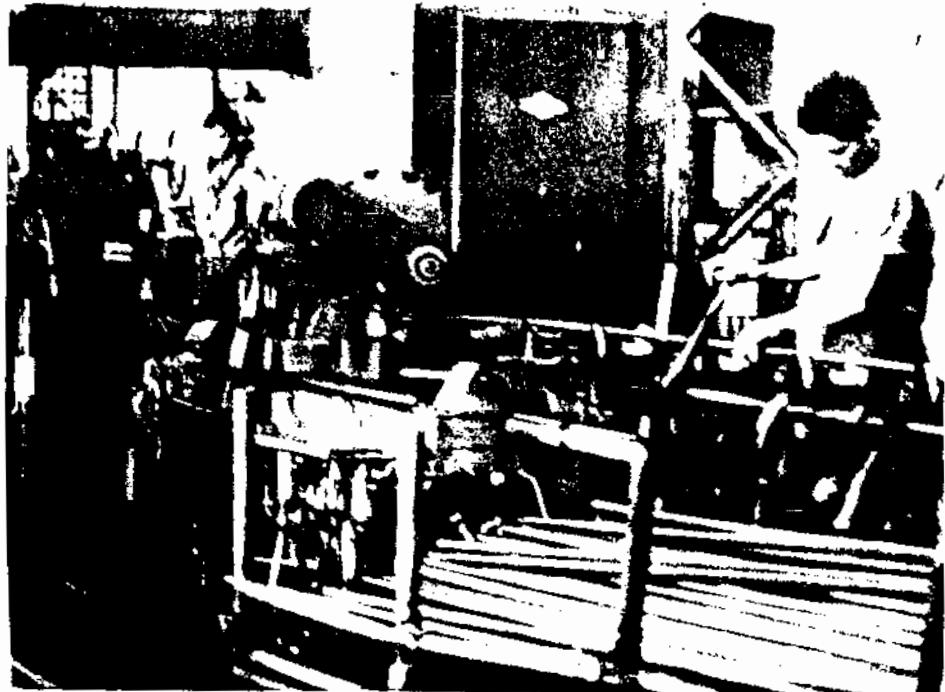
40 - Posto do operador de solda da "formadora 26", a menor das três. Na frente, o ponto de solda e a "televisão" e caixa quadrada no interior da qual estão os fios da solda elétrica. Não, ele tem o gancho de puxar rebarba. No segundo plano, as manivelas que fixam as roldanas por onde os tubos passam, já formados. Ao fundo, a caixa cilíndrica no interior da qual está a serra circular, que ficou muitos anos exposta. Na formadora 40, o ferramental interno da máquina está com muita folga. Para compensar, os trabalhadores amarram externamente partes das roldanas com arames, ou fixam-nas com pedaços de madeiras. Há anos, a formadora 40 exigia desmontagem, manutenção e substituição de eixos de transmissão.

41 - Posto do operador de solda da formadora 60, a maior delas, com o ferramental mais pesado. No ponto de solda, as duas roldanas côncavas fixam o tubo. As roldanas superiores, fixadas pelas manivelas verticais no fundo, vão formando o tubo à partir da lâmina. Ou seja, as roldanas superiores, convexas - e as inferiores - côncavas - dobram a lâmina até ela chegar à forma de tubo no ponto de solda.

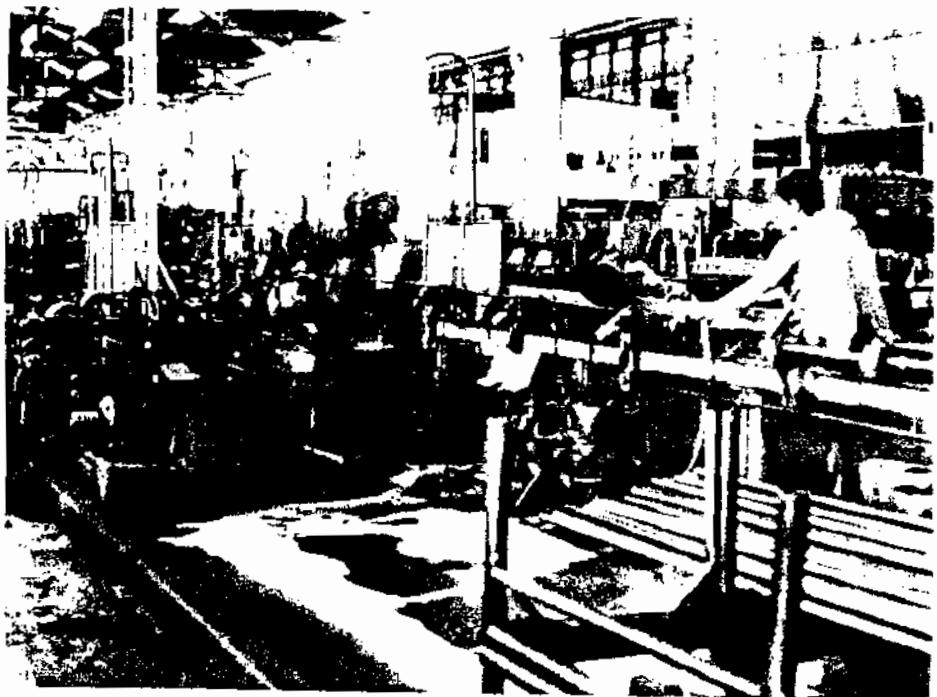
Esquerda, a manivela horizontal que fixa a ferramenta "H". Abaixo, do ponto de solda, sai a rebarba encundecente que é o excesso raspado do cano pela cunha ou ferramento "H". Na frente do operador, a caixa quadrada da "televisão".



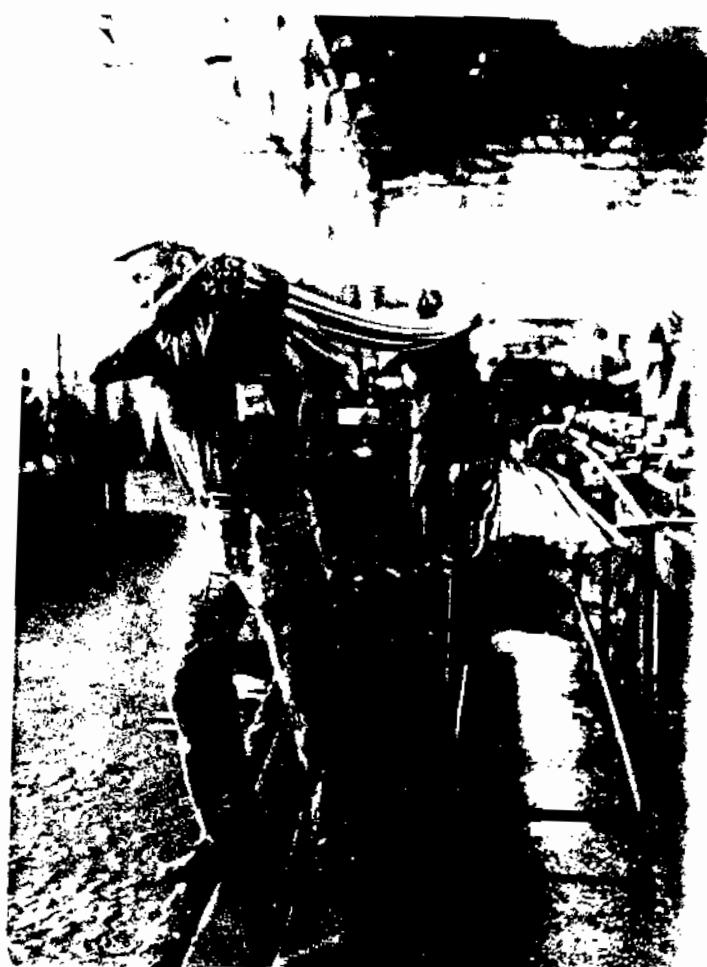
42 - Depois de formado, o serra circular circula, corta o tubo, desprendendo automaticamente do seu carrinho móvel que acompanha a saída dele da formadora. De seu posto, o escolhedor, à direita, controla a qualidade da solda passando a ponta do dedo indicador. Estando bom, ele joga o tubo na "gaiola" à sua frente. Se não, separa-o jogando-o noutra gaiola atrás dele. Neste caso, deve avisar o operador que a solda apresenta problema. Então o operador, ao fundo e à esquerda com a caixa de força - "cadeira elétrica" - atrás dele, deve procurar eliminar o defeito, mexendo nas regulagens mecânicas ou elétricas da máquina.



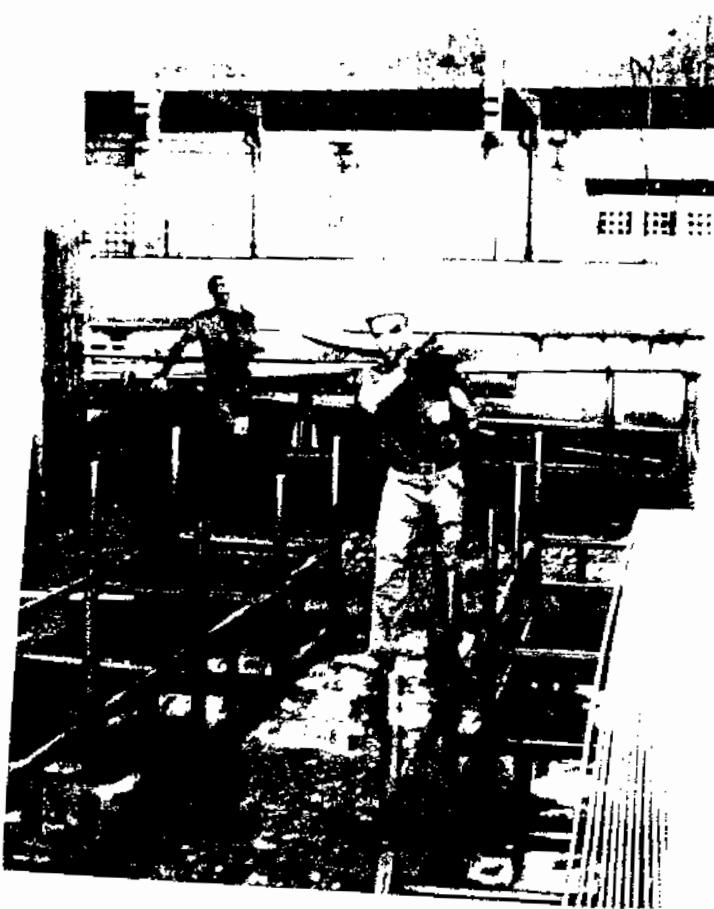
43 - Posto do escolhedor da formadora 30. Ao fundo, atrás da serra circular, vê-se a "talha" ou guindaste fixo, que havia sido recentemente instalada. Com ela, os abastecedores ficaram dispensados de levar as bobinas até as rodas das formadoras 30 e 40 na rampinha. E a usina afastou os acidentes que atrapalhavam a produção! Os escritórios dos engenheiros de produção e do chefe do setor apareceram logo depois das pilastras. Ali, de um plano elevado, eles vêm toda a usina.

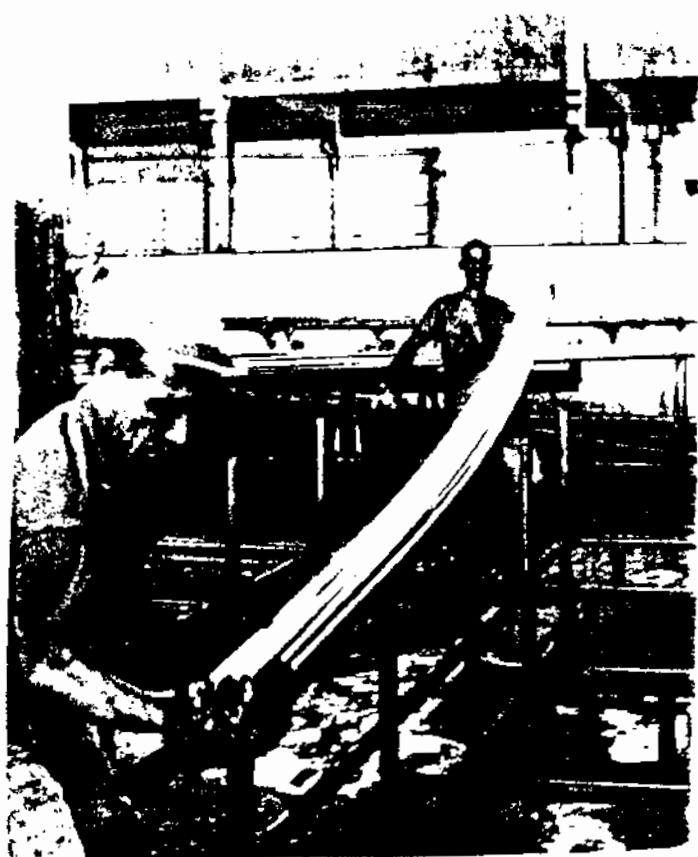


44 - Os tubos de formadores
são, mais finos e mais leves
ser levados "no braço" por
dois ajudantes para o aeró-
sítu.



45 - Os tubos deverão ficar em
"cestas" ou "gaiolas" com uma
leve inclinação, para que o
óleo misturado à água escorra
completamente.





46 - Transportar os tubos, da formadora 2º para o depósito, é uma operação aparentemente simples. Entretanto, além de esforço físico-muscular, é preciso cuidado quando os tubos são levantados - junto ao poste do cestilhão da formadora - e arrastados nas "cestas" do depósito. Se os dois ajudantes não tiverem seu movimento bem coordenados, ao girarem o corpo poderão contrair um torcão de coluna.

As alterações não visaram sómente a produtividade. Havia, também, a preocupação de eliminar o conteúdo de trabalho de uma área nas formadoras com margem para sabotagem. Elas funcionavam com eletrodo:

"é muito mais lento. é um disco de cobre. E de 6 em 6 horas, ou de 8 em 8 horas, tinha que tornear ele. Porque às vezes estava queimado. Passando sobre o tubo, ele queimava. Tanto, que aí o contato seria pouco."

Trabalhando diretamente com os engenheiros - "na firmatinha 3 engenheiros, e eu ia às vezes auxiliar" - ele substituiu o eletrodo por rádio-freqüência, caracterizando uma intervenção tecnológico-idílica. No contato com os engenheiros, ele absorve essa função e os valores que lhe são inerentes. Na divisão do trabalho, ele seria o elo entre o saber técnico do engenheiro e os operadores de máquinas. Era um sub-mediador da função de adequador da inserção da tecnologia na usina, e que tem no engenheiro seu principal representante. (CF. KAWAMURA. Op.cit. 26) A tecnologia diminuía a importância do operador. Com o tempo, o mesmo processo atingiria o próprio encarregado, e depois o engenheiro perderia a autonomia. Teria, também, uma posição ambígua no processo de trabalho. (Idem. 53 e 54)

Contudo, as mudanças tecnológicas, isoladamente, não bastam para explicar a permanência dele nos processos de trabalho e de produção da usina.

Nesta fase, acentuou-se o declínio da importância

da lavoura de subsistência na reprodução da força-de-trabalho da usina. Sua presença, entretanto, ramificava-se na estrutura endo-técnica. Esta, por sua vez, mantinha fortes laços com a estrutura paternalista. E esta havia sido a relação de trabalho predominante, dentro e fora da usina, na década de 50. A articulação das estruturas endo-técnica e paternalista com as formas de lavoura de subsistência, ainda predominavam quando aquele encarregado começou a trabalhar na usina. A vitalidade dessa articulação surge no comentário dele, a respeito dos operários que trabalhavam na fábrica:

"Isso ai é quase do tempo, vamos dizer assim, da escravidão! Quando eu entrei para lá... entrava qualquer um marginal. Pegava qualquer um e botava na seção lá. Era arrumar um emprego político. Não queriam saber! Eles que mandavam! Os operários que mandavam! Custamos a modificar o sistema!"

E como é que ele iniciou a luta contra o "sistema"? De três formas. Em primeiro lugar, com ele vieram alguns operários da firma onde trabalhara anteriormente: "Arrumei uns 4 da... e levei para a usina."

Em segundo, selecionando os demais operários. Procurando cooptá-los pela expectativa que articulava salário e aprendizado: "Fui apanhando um ou outro. Botando para trabalhar assim. E explicando. E a pessoa também, trabalhando em ilusão de aprender para ter um salário melhor, então tinha boa vontade e foi adquirindo cada vez mais."

Finalmente, em meio a esse grupo selecionado e

estruturado por ele, ele trabalhava obsessivamente: "Eu trabalhei de operador. Eu carregava. Eu manobrava o caminhão. Eu enchia a roda. Eu soldava fita na roda. Fazia de tudo! Virava dia e noite! Quase dormi lá!"

Em suma, para romper a resistência daquela estrutura endo-técnica ele lançou mão, ao mesmo tempo, de três estratégias:

- arregimentou uma força-de-trabalho que ficava mais direta e imediatamente presa a ele;
- estimulou e manipulou expectativas de salário e saber ligadas ao posto e, ao mesmo tempo;
- trabalhou para afastar qualquer tipo de sedimentação de posto ou cargo solapando, assim, os antepassados endo-técnicos de qualificação da força-de-trabalho.

Surgia aqui a função de empreiteiro de mão-de-obra ligado à construção de máquina, descrito por Hobsbawm. (Cf. HOBSBAWM, 1972, 348) Ou ainda, segundo Thompson, o processo de subcontratação, onde "capatazes empregavam jovens". (THOMPSON, 1987, vol.2, 83)

Para reforçar este último aspecto, trabalhava preocupado em fazer de cada ato, um instrumento propagador da imagem de bravura, coragem e desprendimento:

"Quando o carrinho automático enguiçava, ele não avisava a hora de enguiçar! Ele enguiçava cortando ou quase na saída do tubo. E eu tinha que regular com a máquina funcionando. Não tem jeito de regu-

tar com a máquina parada. Eu arrisquei muito minha vida lá!... Imprensei o dedo na prensinha. Foi testando tubo. A gente amassava o tubo, para ver se a solda estava boa ou não. Nesse intervalo, meu dedo entrou! Foi junto! Ai, saiu a unha. Ai, eu acabei de arrancar a unha fora. Enrolei uma gaze e continuei trabalhando. Trabalhava 12, 13, 14 horas direto! Virava três horários. Dormia lá!"

As exclamações de seu depoimento, enfatizam a postura de abnegação, adotada em meio aos trabalhadores. Para isso ele era pago: fazer da "bravura" no trabalho um objetivo e exemplo a ser adotado por todos. Suas atitudes visavam afastar o medo ou fraqueza entre os operários. E também as resistências diante das condições de trabalho.

Totalmente absorvido por tal postura, não estranha sua interpretação das reivindicações dos trabalhadores. Sua opinião começa na ironia e chega rapidamente ao escárnio, sem esquecer a fase intermediária do sarcasmo:

"Teve época que teve luva ruim. Tipo quase lona. Então, eu reclamei! Uma luva com couro melhor! A 'chanca'... e a botina depois que veio, melhorou 100%! E os operadores já queriam luva. Trabalhar de luva! Agora você vê: apertar botão de luva! Operário é fogo! É! É o que eu estou dizendo! Sou contra mesmo, às vezes! Só falta ir no banheiro de luva!"

É muito lembrada entre os trabalhadores, o despre-

zo e crueldade do capital tão bem encarnada, defendida e propagada por esse encarregado. Como neste relato de um acidente, feito por um operário da limpeza do salão:

"Na nossa seção... tem de cortar... O rapaz estava ali. Ele veio de luva. A serra cortou o dedo. O rapaz estava com a luva nova. Chegou o seu (encarregado das formadoras) e disse: 'Que pena, estragou a luva!' Agora, que tipo de brincadeira! O rapaz ficou aleijado, e ele: 'Que pena heim! Estragou a luva nova!'"

Tal postura não era privilégio do encarregado das formadoras. Antes, era o produto de todo um processo de décadas de desqualificação e desvalorização extrema da força-de-trabalho. Adotado, portanto, por hierarquias de outras seções da usina.(19)

O pouco caso era a orientação adotada para apreciar a conduta do operário com a sua identidade, auto-estima e auto-consideração. O pressuposto era: dentro ou fora da usina, sua vida é uma permanente falta de cuidado e atenção com a sua individualidade. Por isso, os argumentos são próximos de uma caracterização imatura e infantil da personalidade. Segundo o encarregado das formadoras:

"Olha, pegou um na barriga. Eu sempre aviso! Trabalhando com a camisa aberta, de botão! Não pode! Eu estou sempre olhando. Fazendo sinal! Ao desempenar o tubo... O chefe da galvanização, sugeriu dar leite para o pessoal. A fumaça ali era horri-

velli! Aquela poeira! Mas, a pessoa ficava ali e tomava leite. E, depois, ia tomar cachaça lá fora! Não adiantava nada! Lá fora tomava cachaça!"

Seu preconceito em relação à bebida veremos mais à frente. O fato é que o consumo de bebidas alcoólicas é muito alto entre os trabalhadores. Entre os 148 selecionados nos questionários, encontramos 90 que injerem cachaça. Destes, 44 tomam de uma a três doses esporadicamente, sendo que a maioria - 25 - tomam de um a mais de três copos. Semanalmente, 26 deles, distribuídos entre: sete de uma a três doses e, 19 de um a mais de três copos. Diariamente, 17 tomam cachaça entre duas e três doses, e 19 mais de três copos. Muitos bebem durante a semana, diariamente ou esporadicamente há mais de: 28 anos, onze; 10 anos, sete; 25 anos, cinco; 31 anos, quatro; 48 anos, três. Sem aqueles que bebem há quarenta e tres anos. E que variam de um a quatro trabalhadores para períodos entre 2, 10, 29, 39 e 43 anos.

As altas taxas de ingestão de bebidas alcoólicas estão associadas a uma ruptura no equilíbrio psico-físico, consequência das exigências de produtividade, junto do desgaste das condições de trabalho e da perda do seu conteúdo.

(20) A pesquisa de Edith Seligmann Silva chega aos mesmos resultados: "A evolução do desânimo para uma sensação cada vez maior de tristeza e de esvaziamento existencial culminando em depressões graves, foi verificada em vários trabalhadores estudados. Reações psicóticas, ingestão de bebidas alcoólicas, reações ansiosas de caráter agudo, puderam ser

analisadas em suas conexões ao trabalho e às aspirações frustradas." (SELIGMANN, 1986, 86)

Mas, para o encarregado essas razões não interessam. Para ele, o trabalho é mal porque o operário bebe. Seu comentário visava os possíveis danos do hábito à produção, expressando-se numa perspectiva reduzida à ética e à moral. O operário, por sua vez, bebe porque o trabalho é um mal, que lhe traz danos e sequelas à saúde. E quanto mais externa a ideologia puritana, maior a profundidade e mais diversificadas as expressões da crise de libertinismo - tristezas, depressões, reações psicóticas - entre os trabalhadores. (Cf. GRAMSCI, 1968, 393 e 394) Estas vão formar a base da crise de costumes que desemboca no "conflito íntimo". (Idem, 395)

Segundo Hobsbawm, poderíamos colocar a questão da injestão de bebidas como, uma das variáveis para calcular o grau de felicidade trazido com a Revolução Industrial, tal como Jeremy Bentham propôs para a moral e a política! (Cf. HOBSBAWM, 1978, 74) Encontramos a presença do mesmo cálculo neste comentário do jornal "L'Unione liberale" de 23 de janeiro de 1881, citado por A. Portelli: "... quase todo o dinheiro trabalhado com o suor da fronte... é esbanjado nos dias festivos em patuscadas, regabofes e embriaguez... não é de espantar, se o nível moral da moderna sociedade operária não alcança as nobres aspirações desta categoria de pessoas." (PORTELLI, Op.cit., 114)

Na verdade, a crítica ao hábito da bebida entre os

trabalhadores, adotada pelo encarregado das formadoras, tem por matriz a noção do trabalho como "puro ato de virtude". (Cf. THOMPSON, 1987, vol 2, 240) Ligarse, portanto, ao conjunto de elementos que reprime as "energias emocionais e espirituais... impossibilitadas de expressão na vida social e pessoal". (Idem, 247) Fazem parte dos aspectos coercitivos, que podem se liberar na forma coletiva religiosa salvacionista mas, neste caso, estão diretamente relacionados à "concentração das energias no trabalho produtivo semanal". (Idem, 248)

Junto a outros "proibicionismos", o da bebida alcoólica vai formar a "economia 'moral' dos pobres". (Idem, vol 1, 66) Tais argumentações conduzem a um reducionismo, culminando com um "clima intelectual-esquizóide", semelhante àquele apontado por Thompson para os historiadores do desenvolvimento cultural, quando caem no reducionismo econômico. (21)

Essas distorções fazem parte daquele conjunto onde, "a simpatia pelos pobres confunde história e ideologia", ou, "a simpatia pelos empresários confunde história com o apologético". (THOMPSON, vol 2, 1987, 35) Nestes casos, em se tratando de biografias pessoais, pode ocorrer que, segundo Berthaux, "os seres humanos foram reduzidos ao estado de objetos para permitir às ciências humanas tornarem-se objetivas." (BERTHAUX, 1980, 219) Ou ainda nos termos de Ferrarotti, "A exploração hoje... tem necessidade do senso das responsabilidades do operário...ela invade a esfera psíquica... ocupa

todos os interstícios existentes na estrutura da personalidade...Falta entretanto um exame atento...das bases estruturais de onde emergem, sejam as relações materiais...sejam os interesses fundamentais que sustentam os conflitos de classe...ver como os antagonismos de classes da sociedade pesam sobre a capacidade de visão intelectual e de compreensão teórica dos problemas sociais e a deformam." (FERRAROTTI, 1980, 237, 241 e 244)

O encarregado das formadoras sempre explorou as diferenças entre os postos de trabalho, como forma de pressão e controle da força-de-trabalho.(22) Buscava, por esse meio, uma nova relação entre sincronização e tempo. Encontramos aqui a presença das mesmas distorções, reduções e levâncias, que indicamos na questão da ingestão de bebidas.

Segundo Thompson, "a atenção que no trabalho se dá ao tempo depende em grande medida da necessidade de sincronização do trabalho...enquanto a indústria manufatureira se manteve em uma escala doméstica...o grau de sincronização que requeria era leve, e prevalecia o 'que fazer'." (THOMPSON, 1979, 258 e 259) Depois, continua o mesmo autor: "a correlação entre mudanças produzidas nas técnicas de manufatura... e também a vivência destas mudanças na sociedade do nascente capitalismo industrial. Tratamos simultaneamente o sentido do tempo em seu condicionamento sociológico, e a medida do tempo como meio de exploração de trabalho." (Idem, 271) E, complementarmente, chama a atenção para que: "o que o moralista mercantilista dizia com respeito à falta de res-

posta do pobre inglês do século XVIII a incentivos e disciplinas, é com frequência repetido por observadores e teóricos do desenvolvimento econômico em relação às pessoas dos países em via de desenvolvimento de hoje em dia." (Idem, 286)

Na busca de nova relação de sincronização e tempo, aquele encarregado aproveitou as margens, ou aspectos, do sistema paternalista que eram úteis. Tirando partido do fato de que, "o sistema paternalista apóia-se em experiências anteriores...mas adaptar-se constantemente à conjuntura do momento." (NOIRIEL, Op.cit. 165) Neste sentido, convém salientar também que "a atitude familiar do pequeno agricultor pode estar orientada, em termos gerais, ao 'que fazer', mas dentro dela pode existir uma divisão do trabalho e uma distribuição de papéis, assim como a disciplina da relação patrão-empregado." (THOMPSON, 1979, 246)

O encarregado das formadoras articulou, controle interno com favores e proteções. E explorou pessoalmente muitos operários, depois do trabalho deles na usina. Principalmente em finais de semana. Assim, com a relativa confiança dos patrões, articulava autônoma mente a manipulação de postos e cargos internamente com a exploração dos operários em obras na sua residência, e outras casas que adquiriu. E assim, acumulou um respeitável patrimônio, considerando sua condição profissional. (23)

Neste sentido, da perspectiva da estratificação social capitalista dominante, seria possível concluir como Luiz Pereira que, "projetos individuais de vida operária...

negar para si e sua família a condição operária... histórias de vida de famílias operárias... movimento de autonegação individual do tipo humano operário." (PEREIRA, 1978, 31 e 71) Consideramos essas expressões da estratificação social capitalista, como parte de todas as velhas porcarias que devem ser sacudidas de cima da classe trabalhadora. (Cf. TRONTI, 1976, 213) Neste sentido, torna-se mais reveladora a imagem que Ele deixou entre os operários. Esta revela o papel cumprido por Ele para o capital:

"Trabalhava muito! Naquela época, o problema era esse: nosso chefe era muito nervoso. E aquilo preocupava todo mundo. Qualquer coisinha, Ele vinha dando 'espôrro'. O cara tinha medo do 'esporro' dele. Então, ficava maluco. Ficava doido! Todo mundo tinha medo dele! Dava um grito ali, e 'nêgo' ficava maluco! Que Ele mandava embora mesmo! Não tinha brincadeira: '... fala com o Dr - engenheiro que esse cara tem que ir embora! Voltar mais na seção não. Ai, Ele escolhe lá! Ou Ele, ou eu!'"
(operador da fabricação de tubos)

Mas, onde é mais claro o grau de absorção desse encarregado aos patrões, é com os acidentes de trabalho. Nestas ocasiões, os operários faziam tudo para esconder o fato e, se possível, o próprio acidentado:

"Sabe que, algumas vezes, os colegas lá se machucavam na máquina, botando rolo... 'O fulano - encarregado - ficou bravo!' Os empregados tinham que

tirar o cara correndo."(limpeza do salão)

Esse encarregado inaugurou uma relação de rompimento-convivência com a estrutura paternalista. Inseriu um novo conteúdo nas relações de trabalho, sem romper com as condições de trabalho predominantes. Eram relações mais adequadas ao ritmo de produção da tecnologia das formadoras, diante da qual a estrutura pretérita paternalista se encontrava defasada. Sem excluirmos o conteúdo cruel de suas atitudes, era partindo de um contraste e choque com a estrutura paternalista, que elas ficariam gravadas na memória dos trabalhadores. Segundo aquele mesmo operário, que trabalhava na limpeza do salão:

"Ele, para a companhia ele era muito útil. Lembro de um -acidente - ... passou debaixo da correia... a porta... a mão dele pegou... ela imprensou esses dois dedos. Faz uns três anos. Ele está lutando para receber indenização. Mas, o - encarregado da seção - botou na ficha dele que ele estava dormindo no serviço. Como é que prova que foi infração, que ele estava dormindo?! Ele não tem condição de trabalhar. Por causa da mão. Ele tem esses três dedos cortados aqui. Ele tem seis filhos."

Os comentários sobre o encarregado das formadoras são de trabalhadores das mais diversas seções. Enfatizam a liberdade que ele tinha no processo de produção e de trabalho. Revelam, paralelamente, o significado da instalação dasquelas máquinas na estrutura de produção da usina.(24)

E como os operários ligados à estrutura paternista, e à relação endo-técnica, reagiram à chegada dos laminadores e formadoras? Uma pista surge deste comentário desdenhoso, feito pelo mais antigo operário - do velho laminador pequeno - a respeito do trabalho com o laminador grande e pesado, introduzido nos anos 50:

"Lá, naquele laminador grande?! Aquilo não é 'bicho' para nós não! Tem fumaça, mas quem trabalha não é nós. É a máquina. Pior é nós, que faz no peito! Lá é tudo automático."

Essa também não é uma atitude isolada e individualizante. Deve ser entendida no conjunto das relações de produção. E, principalmente, enquanto expressão dos choques que aquelas transformações tecnológicas trouxeram, introduzindo processos de produção e de trabalho com conteúdos distintos daqueles que, até então, prevaleciam. É o que veremos a seguir.

NOTAS

- 1 - A questão da função política e ideológica da introdução do "moderno", e da utilização de sua falsa oposição ao "arcaico", dentro de uma estrutura social concreta, é objeto de estudo em diversos trabalhos de Gramsci. Mas aqui, especificamente, é mais rica a indicação deixada por ele em "Americanismo e fordismo". Cf. In Gramsci,A. "Maquiavel, a política e o Estado Moderno." Op.cit.
- 2 - Segundo o montador de navalhas: "Galpão era só aquela

parte mais alta. Aquela parte que está ali é novo. Ali era casa de morador dos chefes. Eles moravam ali. Tinha uma avenida grande. Pegava cá embaixo, na esquina, e ia lá em cima. Uma porção de casas encarreiradas. Depois, derrubaram as casas, e fizeram aquele galpão. Antes moravam do lado. Naquele lado ali mesmo. Nas casas de morada. Depois, desmanchou as casas e foram morar do outro lado. Naquela mesma rua. Tudo pertinho. Saiu de um lado, foi para outro."

- 3 - Isso foi percebido pelo encarregado da seção das máquinas formadoras de tubos: "Ali eram todas casas do pessoal. Dos engenheiros e encarregados. Eu não morava lá. Quiseram me dar uma casa ali. Mas, eu era solteiro naquela época. Eu não estava a fim de casar!"
- 4 - Segundo o encarregado das formadoras de tubos: "O pessoal morava gratuito. Tinha a luz e tinha o gás. Então, calcularam o aluguel de uma casa naquele lugar. E aumentar o salário equivalente ao aluguel. Para desocupar a área e fazer aquele galpão da galvanização. O cara ganhava 50.000 por mês, por exemplo. Então, a casa valia 10.000. Dava 60.000 e o cara morava onde quisesse. Isso foi uma história, de uma expansão. Logo a seguir. Porque começou a produção de tubos ser grande. E o tubo galvanizado... na época não existia tubo plástico, então começou a ter boa aceitação na praça. Precisou ampliar, para fazer a galvanização. Então, eles precisaram daquela área ali."

- 5 - "Como tinha aquilo ali, a usina entrou em acordo com a Prefeitura. A usina dava algum material, e a Prefeitura dava mão-de-obra. Aquilo tudo ali, aquele material, aqueles canos, tudo ali, tudo foi a usina que deu. Deu muito material para lá. Vergalhão para fazer aquela ponte. Por causa daquele outro galpão." (Limpeza e operador de laminador pequeno)
- 6 - É um conjunto de 12 peças, colocadas aos pares, e subdivididas em; a) ferramentas; que dão a curvatura inicial da chapa . São quatro pares de rodas de aço, por entre as quais a chapa passa. A roda superior tem sua borda com o formato de uma cunha, que se encaixa na forma côncava da borda da roda inferior. Essas primeiras oito rodas dobram a chapa, até ela alcançar o ponto de esquadro, que tem inicio numa guia, precedida de um rolete; b) guias; dá a conformação final - circular - ao tubo, ou vara. O tubo passa entre dois pares de rodas com bordas côncavas, para fixar o formato circular e calibrá-lo, ou seja, deixá-lo reto.
- 7 - Compõe-se de; a) um par de guias que afastam um pouco as laterais do tubo externamente; b) guia, para afastar internamente as laterais do tubo; c) ponto de solda, composto de; c-1) bobina; onde a energia elétrica, externamente, inicia a solda do tubo, junto com o; c-2) ferrite; situado na parte interna do tubo, preso à máquina por uma de suas pontas, tem que ser trocado periodicamente, e; c-3) ferramenta "H", que une os dois

lados do tubo. Esses três componentes da solda ocupam uma extensão de uns 15 cms. É neste ponto de solda, que o operador passa a maior parte do tempo de trabalho. Ali, o tubo é permanentemente molhado pela mesma solução de água e óleo usada nos laminadores. Em contato com a alta temperatura da soldagem, aquela solução de cér leitosa expelle pó e uma fumaça fina de odor acre, de quatro tubos é lançado esse "banho", para esfriar a ferramenta "H" e lubrificar os canos. A denominação de ferramenta "H" provém da sequência alfabética do conjunto de ferramentas, que começa com a letra A, no jogo de cabeceira, e termina na letra H, que é a última ferramenta no castelo do jogo de calibração. A área da solda assemelha-se a um torno. Por meio de manivelas, o operador afasta ou junta, mais ou menos, os dois lados da ferramenta "H". Assim, ele mantém o tubo na espessura programada. Quando um tubo com espessura diferente tiver de ser fabricado, todas as demais ferramentas e guias - além da ferramenta H - devem ser novamente regulados. Nestes momentos, há intervenção do montador, do encarregado, e em certos casos até do engenheiro. A solda termina com: duas rebarbadeiras - tiram a rebarba do tubo - e; um cilindro, com cerca de 80 cms de comprimento por um palmo de raio, em cujo interior o tubo passa no último banho de água e óleo.

- 8 - São 10 guias. Três pares dispostos na vertical, e dois pares - entre os três primeiros - na horizontal. Esse

conjunto de roldanas côncavas nas bordas, com uma extensão de 1,5mts, é para calibrar o tubo. Ou, como vimos, para deixá-lo reto.

- 9 - Uma prensa e uma guia vertical e uma horizontal, para anular as últimas curvaturas que, porventura, ainda persistam no tubo.
- 10 - Num carrinho - que desliza sobre trilhos e é acionado eletro-mecanicamente - a serra é transportada para frente e para trás. Sua área de deslocamento é regulada pelo montador para, na extensão necessária, a serra circular descer e dar o corte no tubo. Quase ao lado do ponto de corte, está o posto do escolhedor. Daí, de pé, esse operário é responsável pelo controle de qualidade da solda. Enquanto o cano desfila à sua frente, com o tato do dedo indicador apoiado no tubo ele deve sentir as anormalidades na solda. Nestes casos, levanta o tubo, observa-o para confirmar o defeito e separa-o. Quando o tubo está bom, joga-o na bancada à sua frente, acionando manualmente uma alavanca. Se apresenta algum defeito, joga-o numa "gaiola" ou cesta, ou na sucata se for completamente imprestável.
- 11 - Segundo Ele: "A gente se sente muito cansado. Sabe por causa de quê? Por exemplo, quem trabalha como operador de uma máquina sabe que quase todo operador inchá. Porque Ele fica oito horas ali, em pé. Então eu inchô. Incho os pés. O médico disse: 'Você dorme com os pés para cima' Nêgo fala: 'Você está todo inchadô!' Ai, eu: 'Nem

ligo! Porque o negócio é da máquina.' Ficar oito horas ali, em pé, não é brincadeira! O cara fala: 'P, serviço bacana! Serviço bom!'... Serviço bom?! Cai lá! Não é brincadeira não! Qualquer um inchá! Só o cara sendo muito novo que não inchá. Mas, sendo um pouquinho de idade, inchá mesmo."

12 - "As ideologias defensivas do ofício...consistem em comportamentos e atitudes paradoxais...um desafio coletivo aos perigos do trabalho...simbolicamente a posição dos trabalhadores é invertida: de vítimas passivas do risco eles tornam-se simbolicamente organizadores ativos do perigo." DEJOURS. 1983. 1879.

13 - Segundo o operador: "Não passa filme. Nem vê nada não. Mas, é uma televisão."

14 - Segundo o operador, ali atrás, na "televisão": "Tem dois canos lá que se levar a mão 'torra'! Ele trás e leva. Aquele cano ali é um perigo. Se encostar ali, tá 'torrado'. Depois, se enfiar o dedo numa ferramenta daquela, logo vai querer fazer tubo do dedo do cara."

15 - A ameaça se concretizou em dois acidentes lembrados: "A serra circular da máquina 40 pegou num rapaz lá na máquina 60, e abriu um rombo no rapaz. Foi com serra da 40. Mas ele estava na mesa (do escolhedor de tubos) da 60. A máquina voou o estilhaço dela. Quantas vezes o estilhaço da 60... a 60 tinha uma serra grande... o telhado lá, você pode observar, tem até hoje um corte no telhado. A serra voou! Estilhaço!... A 60 não tinha

proteção. Agora ela é toda fechada, a serra. Tem uma capa. Quando ela quebra, aqueles pedacinhos dela ficam ali mesmo. Antigamente não." (encarregado das formadoras e operador da formadora 30)

16 - "O tubo, quando está meio assim, empenado, tem que estar muito atento mesmo. Não tinha jeito, porque o tubo não deixava nem eu escolher direito. Quando eu acabava de apanhar uma vara, a outra já vinha em cima." (operador de formadora de tubo, recordando-se do período que trabalhou como escolhedor)

17 - Segundo o mecânico da retífica: "é uma gente que pode não ter aquela prática, mas tem muita teoria. E, com o tempo, ele acaba ficando prático também."

18 - Para a ex-chefe do Departamento de Pessoal da usina, a transferência é um marco na história da usina: "Antes não existia chefe do D.P. Eu trabalhei muitos anos sem chefe. Depois, eles tinham o escritório lá embaixo. Eu fazia uma relação e mandava para a moça que trabalhava no escritório central. A parte burocrática de escritório, era feita lá embaixo. Aqui, era só a fábrica. Nós recebíamos visita do pessoal do escritório aqui. Tanto que aqui nós tínhamos aquela... 'Ah meu Deus, tomara de chegar o dia da gente poder visitar o escritório!' A gente tinha aquela vontade de ir no escritório! O pagamento já vinha lá de baixo. Envelopes prontos. Era só eu entregar. Reclamação, eu mandava para o escritório. Era tudo feito lá. Eu só somava a hora do cartão... O

pessoal veio para cá. É recente. Uns 20 anos. E aí acabou tudo! Foi indo, foi indo e foi subindo todo mundo. Aqui foi crescendo muito! Eles estavam vendo que não estava dando aquela burocracia: daqui para lá e de lá para cá. Começaram a fazer escritórios novos. Veio uma turma imensa! Todo o pessoal do escritório. Aí ficou tudo centralizado. Se formou a cúpula toda. Que a fabricação de tubo cresceu muito. Foi o que deu muita vida."

- 19 - Certo dia estávamos na enfermaria onde se encontravam, também, o enfermeiro e o chefe do D.P. Sem sequer tocarem na porta, adentraram na salinha, súbitamente, dois operários. Um deles, mais novo, amparava o outro mais velho, que tinha sua mão direita enrolada em panos. Quando o enfermeiro retirou aqueles pedacos de trapos, surgiu sua mão mutilada: acabara de perder os dedos mínimo e anular, decepados pela quadratura. Diante dessa cena, e sem titubear, o chefe do D.P. exclamou: "Pô cara! Mas você não tem jeito mesmo!"
- 20 - O consumo de álcool é um dos gradientes mais reveladores da associação entre, satisfação no trabalho e os índices de doença mental. Cf. KASL, IN, ORS, COOPER, & PAYNE, 1982, 26.
- 21 - Cf. THOMPSON, vol I, 1987, 64 e 65. Tal reducionismo ou distorção, podemos ler em Mc Kendrick: "Wedgwood por meio de sua própria insistência transformou um grupo... em 1765 chamava de 'trabalhadores bêbados preguiçosos

que não valem nada' naquilo que, 10 anos depois consideraria 'um bom conjunto de mão-de-obra'... criou uma equipe de trabalhadores mais limpos, menos ébrios, mais saudáveis, cuidadosos, pontuais... Wedgwood via os homens como passíveis de serem melhorados e aperfeiçoados... acreditava que deveriam ser disciplinados para seu próprio bem". MC KENDRICK. In. "Estudios sobre el nacimiento y desarrollo del capitalismo." 1978. 102.

- 22 - "Eu experimentava. Se não desse, eu mudava ele de setor. Ia encher roda, ou soldar... Às vezes, o pessoal faltava e eu ficava na observação. Aquela que tinha interesse em aprender mesmo, e aquela que tinha interesse de aprender para ganhar a classificação. Tinha uns que aprendia. Mas, aprendia mais ou menos. Depois, apanhava a classificação e começava a se encostar. Eu pegava e arrumava um jeito: ia abrir corte, e botava outro."
- 23 - Esta face de sua história de vida, evidencia-se nos comentários do operador da tesoura 15. Certo dia, no período em que estávamos entrevistando o encarregado das formadoras, fizemos o seguinte comentário: "Hoje você na casa do... Ele mora bem, lá em Nova Iguaçu." Ao que o operador do "tesourão" acrescentou: "Eu sei. Ele tem uma porção de casas ali. Bem umas dez casas. Mas, quando ele trabalhou aqui, ele explorou o pessoal mesmo. Isso, aqui entre nós. Quem não queria trabalhar para ele, ele complicava a vida do cara aqui dentro. Ele mandava despedir o cara. Não dava promoção. Se o

cara era pedreiro, ele ficava em cima do cara. Eu mesmo trabalho com obra. Ele me chamou diversas vezes. Eu nunca fui." Contudo, ele não é o único a tirar proveito do jogo de favores e proteções internos, para obrigar outros operários a fazerem trabalhos externos, em sua propriedade. Num final de semana fomos entrevistar um operador de formadora de tubos, com vinte um anos de usina. Coincidemente, era a mesma seção do encarregado. Ele nos recebeu numa pequena casa que havia comprado, e estava reformando para alugar. Junto com ele estava um rapaz, jovem. Durante a semana, pudemos vê-lo diversas vezes trabalhando como ajudante nas formadoras. Ali, numa parte do quintal enquanto fazíamos a entrevista, ele preparava massa e separava tijolos e tacos.

- 24 - São dados que podem ser confirmados, por sua vez, pelo enfermeiro aposentado, que trabalhou de 63 até 85 na usina: "O - encarregado - tinha um negócio. Quando acontecia um acidente qualquer ele, antes de chegar o pedido já para a gente, ele já tomava providência para fazer a proteção daquele lugar. Ele era inteligente. Ele era um camarada escolado."

5 - Transformações tecnológicas e mudanças no processo de trabalho: os conflitos entre conteúdos do trabalho e seus efeitos no equilíbrio psicofísico.

Em primeiro lugar, consideraremos como pano-de-fundo a posição dos velhos operários na estrutura de produção da usina.

Nas histórias de vida deles na fábrica, é necessário considerar que, suas lembrâncias são mediadas por todo um processo de hipervalorização. A auto-estima é escorada e incentivada, pela inserção que têm na origem da estrutura do processo de produção paternalista. Essa perspectiva está presente nas entrevistas, como distorção mediadora da auto-avaliação destes informantes. Neste caso, a auto-imagem presente nos depoimentos dos velhos trabalhadores visa uma substitutibilidade e perfeccionismo. E, quando se trata de discorrer sobre processo de trabalho, estes se consubstanciam numa auto-estima marcada por um forte narcisismo. Para Ferrarotti, "longe de refletir o social, o indivíduo se apropria dele, mediatiza-o, filtra-o, e o retraduz projetando... sua subjetividade." (FERRAROTTI, 1983, 51) Neste sentido, o mesmo autor adverte que a "entrevista biográfica é uma interação social complexa esconde tensões, conflitos e hierarquias de poder... o caminho heurístico implica uma teoria e uma tipologia das mediações sociais... Cada ato ou comportamento humano contém em seu campo a presença simultânea, e

ativa, dos condicionamentos externos, e da praxis humana que os filtra e os interioriza."(Idem. 52, 55 e 61) E mais à frente, indica os perigos de redução presentes nesse tipo de pesquisa: "a dimensão psicológica de seus membros, e a dimensão estrutural de um sistema social.. a prática do grupo é reproduutora e mediadora ativa da totalidade social em suas micro-estruturas formais e informais.. há o perigo da redução psicologizante."(Idem. 62 e 63)

é preciso considerar a presença destes obstáculos, para não cair no êrro ôtico mais comum que, "vem do fato de que acreditamos receber uma resposta completa ali onde não temos mais do que uma resposta parcial."(PAPY. 1980. 108)

Entre os velhos trabalhadores da usina, as linhas de conduta individual estão na "antiguidade". E na capacidade de assimilação, entre os mais novos, da estrutura paternalista, propiciando formas únicas de relações e conhecimentos, opostas às formas "modernas" de comportamento. O conflito entre elas não está circunscrito a um posto. Um operário, num mesmo posto, oscila entre:

- | | |
|---|--|
| A) o velho
- empiria;
- saber fazer e "US"
- saber ensinar;
- paternal. | B) o novo
- técnica;
- saber fazer e não saber ensinar;
- racional. |
|---|--|

Assim, um operador faz alusões, ora liberais ora autoritárias. E suas atitudes, tem pontos de conexão com as interpretações feitas dele pelos demais. Mas, eles não ficam

só numa ou noutra posição.

O operador do pequeno laminador 6 tem alguns anos de usina. É tido como "mandão" entre os companheiros. Sua máquina ficava ao lado daquela onde trabalhava o mais velho operário da usina. Certo dia, do seu posto diante da máquina, ele comentou enquanto o velho operário olhava descrente, e os demais faziam gestos e assobios depreciativos:

"Eu procuro fazer tudo legal. Com cuidado. Com amor. Aqui dentro é como se fosse minha casa. Faço até melhor do que em casa."

No dia seguinte, ao soar a sirene da hora do almoço o velho operário passou junto do "autoritário". Este abraçou-o, respeitosa e afetuosamente, num reconhecimento gestual da importância dêle. No dia anterior, seu comentário provocara trocas. E, quando cessou aquela reação, o velho operador olhou para él e disse:

"Aqui, são 45 anos de usina. Não são 45 dias!"

O conflito entre "velhos" e "novos", agudizou-se quando a usina foi vendida, e os novos proprietários compraram e instalaram outras máquinas. Os remanescentes procuravam conhecer os neófitos, visando incorporá-los a uma ou outra daquelas posturas. Era a busca pela manutenção e ampliação da influência no processo de trabalho e de produção.(1)

O conhecimento empírico das matérias-primas, e os diversos comportamentos no trabalho com a máquina, conferem a êles as bases da importância na estrutura paternalista. Esses conhecimentos do conteúdo do trabalho se solidificam

na transmissão de saber como:

- utilizar o esforço físico;
- aplicar conhecimentos e sabotagens;
- resguardar-se de possíveis acidentes e sequelas.

Ele estava próximo da aposentadoria. Seu auxiliar absorvia ávidamente os conteúdos daquele trabalho. Sem des-
cuidar-se dos mínimos detalhes:

"Ele ensina tudo! E eu estou aqui para aprender.

Estou aqui de auxiliar não é só para olhar!"

Esse tipo de saber, acaba se transformando em apo-
logia da experiência quando trabalhadores, nem sempre anti-
gos, os vinculam a um passado. Tais alegorias são partilha-
das pelos demais trabalhadores. A vivência dos tempos passa-
dos, duros e difíceis, é o parâmetro para se auto-definirem
e auto-delimitarem naquela estrutura. Tais marcas conferem à
sua auto-identidade, a razão de sua importância entre os
mais novos. Histórias "daqueles tempos", são propagadas nas
relações de trabalho cotidianas, com o objetivo de reforça-
rem o seu papel nelas.(2)

O conteúdo endo-técnico do trabalho é a base da
auto-identidade desses velhos operários, nas suas relações
com os processos de produção e de trabalho. A memória deles
é mediada por esse conteúdo do trabalho, assim como pela
inserção naqueles valores. Entre estes trabalhadores, essa
assimilação era a garantia da ocupação do posto.

A exigência dependia do grau de dificuldade. No
caso do empilhadeirista, portador de uma limitação física

congênita e aparentemente intransponível, ela aumentava. A insistência e a impetuosidade, foram os dois eixos sustentadores da sua auto-identidade no espaço do modelo endo-técnico. Com êles, ele se localiza no processo de produção e de trabalho, norteando a sua memória endo-técnica. Reconstruindo a luta contra as dificuldades e impedimentos, ele orienta-se no resgate das fases de sua história de vida na usina:

"Carrinho de 4 rodas. Comecei com esse. Depois, fui para o de bateria. Por intermédio de um cunhado. E aprendi. Aí, um dia saiu o que dirigia, e o encarregado me botou no guindaste: 'Não tem outro não! é você mesmo!' Aí, o homem - o patrão - veio: 'Olá, que negócio é esse?!"... 'Ué, Seu... o homem pegal! O homem trabalhal!' Aí, me ensinaram no guindaste vermelho. Trabalhei três anos com aquele. Aí chegou o pequenininho. Não deixaram eu pegar. Criou uma polêmica lá, e tal. No fim, eu peguei no pequenininho. Aí, veio o grande. Eu peguei. Não teve polêmica mais não. Fiz duas alavancas. Elas davam direitinho no outro também. Quando o motor chegou, eu continuei. Eles aí andaram um negócio, e tal, para me mandar embora! Sabe, quando vem uma coisa assim, é tanto cuidado, é tanta coisa... Sempre insistia. Botava força de vontade!"

A memória do empilhadeirista articulava, conjuntamente, a atenção a um acaso e, o saber lidar com a estrutura paternalista.

Uma carreira de trabalho, contribui para dar mais exatidão aos períodos passados com cada máquina e em cada posto. Ela confere segurança à memória. Pois, os contôrnos da história individual ganham pontos de contato com o modelo de estabilidade psico-física predominante, e imposto pela usina. Nestes casos, as reconstruções tornam-se cursivas, com referências a postos e períodos razoavelmente exatos.(3)

O ponto de encontro entre as vertentes endo-técnica e tecnológico-idílica, é que ambas valorizam o saber anterior no conteúdo do trabalho. Neste sentido, o encarregado das formadoras de tubos, sintetizando a postura tecnológico-idílica de trabalho, disse-nos:

"Vou te explicar. A máquina de tubo da (fábrica que trabalhou anterior à usina) tinha um reostato para aumentar e diminuir o calor. Era americana. E a nossa era alemã. Não tem reostato para aumentar e diminuir o calor no ponto de solda. E a máquina da... tinha um problema com a velocidade. Isso eu aprendi lá na... Vi lá. Bota a fita na diagonal. Ela pega menos ângulo. Ela virava ali e quebrava."

O desgaste e falta de manutenção das máquinas, diminuia as diferenças entre os dois conteúdos de trabalho. Com isso, o conteúdo endo-técnico invadiu a área do trabalho tecnológico-idílico, como nas formadoras de tubos. Numa troca de ferramentais da F. 30, para produzir canos mais largos o atual encarregado daquelas máquinas nos disse:

"Essa máquina está funcionando direta. Há dois anos que ela não pára. Está cheia de folga. Olha aqui!"

E, apontando para uma série de calços de madeira num dos eixos de ferramental, continuou:

"Essa máquina tinha que ter um rolete na vertical. Já tentei fazer um mapa de montagem para ela. Mas, não adianta. Tentei medir as peças, direitinho, com o micrômetro. Mas, está vendo aqui! Com esses eixos todos balancando, não ia funcionar. O pessoal não ia seguir nada. No final, ia pegar o manual e jogar para o lado. Eles é que sabem montar isso, à moda deles aí!"

Então, o desgaste e falta de manutenção das máquinas projetou o saber anterior de base endo-técnica. Ocupando o espaço, no processo de produção e de trabalho que, anteriormente, era tecnológico-ídilico.

Os processos de produção e de trabalho são permanentemente mediados pelos atritos entre os dois tipos de conteúdos de trabalho. Em torno destas polarizações os operários se localizam e organizam sua memória.

De um lado, temos um fundo endo-técnico mediando a perspectiva da auto-imagem do empilhadeirista:

"Os homens ali querem fazer a gente de peteca! Então, eu usava a minha autoridade em cima deles.

Justamente! Por isso que eu usava a importância. Teve uma vez que eles usaram uma política comigo, que

era meio malcriada. Mas, era malcriada por minha razão. Sabe, o chefe não gosta que responde. E eu sou meio malcriado. Dentro de minha autoridade, eu sou meio malcriado."

Alguns trabalhadores levam ao extremo a sua postura endo-técnica, transformando-a em instrumento de resistência do valor da força-de-trabalho. No segundo semestre de 85, a crise sócio-econômica ainda estava presente na usina. Durante uma troca de turma das 14 horas, um ajudante dirigindo-se para o montador de navalhas, disse:

"O seu - engenheiro - pediu para eu fazer hora-extra. Eu disse que não queria. Ele disse que ia me despedir."

O montador daquela velha tesoura, cheia de "gatilhos" e calcos de madeira entre as navalhas, lhe respondeu:

"O Dr. ... não despede ninguém! Ele mesmo está se-gurando o emprego dele!"

De outro lado, na perspectiva tecnológico-idílica, encontramos outro montador de navalhas. Dividiu sua história na usina entre, antes e depois de ter passado a montador. E, enfatiza a mudança que o saber exigido no posto, trouxe ao relacionamento com os demais trabalhadores:

"Naquela época, todo mundo brincava. No meu tempo, quando eu entrei lá! Só você vendo!... Brincava! Brincadeira, mas ninguém ficava aborrecido uns com os outros não. E, quando você começou a sentir que não podia mais brincar? De uns sete anos para cá.

Desde que eu comecei a montar navalha. Que o serviço tem que ter responsabilidade. Tem que trazer o serviço com atenção. De primeiro, quando eu trabalhava de maquinista, de operador, não incomodava não. Porque a máquina está correndo e a gente está caçoando, está brincando. Mas agora..."

Mas, as brincadeiras não desapareceram. Entretanto, como montador de navalhas ele se transformou de elaborador em objeto delas.(4) Mas, apesar de ser um dos preferidos das brincadeiras dos operadores, não perdeu a auto-crítica:

"As vezes eu estou com a idéia voltada para o serviço, o cara vem com suas brincadeiras bobas, com suas caçoadas bobas. Um assunto diferente. De aborrecer a gente e atrapalhar. (risos)"

Nesmo caregado de "responsabilidade", ainda guarda na memória os detalhes nostálgicos mais vivos de quando ele participava diretamente destas brincadeiras. No seu relato, elas retornam do passado transparecendo inocência:

"Os caras levavam tudo na brincadeira. Tinha um rapaz lá, que gostava muito de brincadeira. Ele apanhava graxa, botava em cima do banquinho e botava estopa em cima daquela graxa. Então, o cara vinha e sentava em cima do banquinho com aquela estopa. Ele não ia saber se tinha graxa debaixo! O outro ficava de lá, olhando! (riso) E Ele não está sabendo. Quando levantava com as nádegas tudo sujo de graxa. (riso)"

Brincadeiras informais, são uma maneira de resgatar, esporadicamente, o equilíbrio psico-físico diante da opressão da estrutura fabril capitalista. São instrumentos de oposição à rigidez daquelas relações. Ainda que tenuamente, marcam pontos de ruptura com o rígido controle da direção da usina. Propiciam que os operários, ao nível pessoal e grupal, rompam ou se afastem, mesmo momentaneamente, do lado de sua individualidade mais identificado, ou anexado, à reprodução do capital. Ainda que instável, as brincadeiras possuem uma estrutura que elas utilizam como instrumento de manutenção de suas auto-identidades, com um cunho de anti-relações de produção capitalistas. Seu âmbito não se restringe à fábrica. Extende-se fora dela. Em relação ao controle interno, a brincadeira é utilizada pelos operários para se oporem à mediação entre fábrica e sociedade feita pela usina. Por isso, sendo importantes elas preservam-nas num circuito restrito de pessoas conhecidas e de confiança:

"A gente precisa disso, senão a gente não aguenta. Mas, a gente só brinca assim com quem a gente sabe que não vai 'pipocar' (reclamar) com a gente. Tem um ai, que é fogo. Só apronta!" (operador)

Poderemos distinguir dois tipos de brincadeiras:

- i - aquelas que expressam o descontentamento por meio de uma estrutura de relações e representações informais, visando resistir à relação formal da empresa no trabalho, por meio da elaboração de estratégias que atenuem aquela pressão. São uma variante dos "sistemas defensi-

vos" que visam neutralizar a ansiedade, proposto por

Dejours. (Cf. DE JOURS. 1980. 34) Entre elas temos:

- um come o pão do outro, quando ele deixa para esquentar numa parte da máquina e vai a uma outra seção;
- roubar ou trocar a marmita, ou a "mistura" (alimentos mais diversificados, como ovo ou carne, além do feijão e arroz) que ela contenha. Neste caso, há sempre uma desforra. É motivo de chacota se a desforra se dá em marmita com arroz e feijão só, ou angú;
- esquentar demais a marmita. Há um operário que tem uma marmita com um boneco na tampa, e os demais chegam para ele e dizem, quando ela está quente, que o boneco está "chorando";
- amarrar alças de bolsas iguais, no vestiário, umas nas outras;
- colocar na bolsa de um "crente" - protestante - uma ou mais fotos de mulheres nuas;
- encher o armário de roupa de pedras, parafusos e pacotes de pau;
- colocar cascas de laranjas e outras coisas, dentro do guarda-chuva, ou no bolso de alguém.

- 2 - as que tem por base a mesma estrutura informal, mas visam reduzir a cadência do trabalho. São formas de "sabotagens expressivas" (DUNOIS. 1976. 63), sabotagens por "zélo" (Idem. 50), ou "um ativismo sem atividade real." (Idem. Ibidem) Ou seja, por meio destas brincadeiras, os trabalhadores reagiam ao controle despótico do capi-

tal nos níveis de remuneração, na política de produção ou na recusa de reconhecer que os operários tivessem interesses comuns em certas questões. (Idem Cf. 182, 183 e 184) Dentre tais brincadeiras, com os pressupostos fincados na sabotagem, encontramos:

- colocar um pedaço de pau no aro da roda do carrinho;
- passar graxa numa alavanca, ou em qualquer outro lugar que seja necessário segurar;
- espalhar o lixo;

Diluídas nesta última forma de brincadeiras, as sabotagens eram difusas e menos aparentes. Eram paradas de produção mais adequadas às características da estrutura paternalista. Segundo Portelli, nas estruturas organizacionais paternalistas de Terni, as brincadeiras serviam igualmente como auto-regulação do trabalho e controle dos chefes. Um trabalhador descreve a meticulosidade no trabalho, e passar graxa em partes da máquina e algumas ferramentas, como recursos utilizados também pelos operários italianos para sustar o ritmo da produção. (Cf. PORTELLI, Op.cit. 88)

Contudo, a reinstalação do equilíbrio psico-físico, por meio das brincadeiras, tem efeito ocasional. Cotidianamente, reaparecem os frequentes conflitos e diferenças entre o conteúdo tecnológico-idílico e endo-técnico.

Nova mesma seção, eles surgem a todo instante. Naquela do velho operador de laminador pequeno, tais conflitos são muito fortes. Mesmo sendo a seção mais antiga, o encarregado sempre adotou uma postura tecnológico-idílica. Con-

trária, portanto, à característica endo-técnica do trabalho com as máquinas daquela seção. Em certas fases ele é mais radical. Como ocorreu, por exemplo, quando a usina foi transferida para capitais de São Paulo. Aquele encarregado, buscando aproximação com os novos patrões, procurou mostrar como, no trabalho, ninguém melhor do que ele conhecia as medidas exatas de regulagem das máquinas. E assim também, paralelamente, desprezar o saber dos velhos operadores.(5)

Dante de conteúdos de trabalho diferentes, os trabalhadores encontraram dificuldades para manter o equilíbrio psico-físico. Frente às condições de trabalho predominantes, no posto e nas seções, nenhuma alternativa restava para atender essa necessidade de suas existências.

Na maioria das seções, muitos eram colocados diante de máquinas e matérias-primas, sem qualquer contato anterior. Arbitraria e prematuramente, transformavam-se numa "peça" de um dos lados daquele conflito. O desconhecimento antecipava-se, e sobrepujava-se ao endo-técnico ou ao tecnológico-idílico, expressando-se na sua forma mais violenta: um acidente de trabalho. Este prevaleceu no primeiro dia de trabalho da maioria dos operadores da máquina da usina.(6)

O empirismo e a subjetividade, característicos das relações endo-técnicas contribuíam para criar uma falsa noção de segurança entre os trabalhadores. As situações concretas de trabalho com as máquinas, não respeitavam tais equívocos de avaliação. Os acidentes sucediam-se, alimentados por essas suposições enganosas existentes entre velhos

du novos operários. Em todas as partes da usina, atingiam indiscriminadamente a "experiência" de qualquer um a todo instante.(7)

Então, o que era o domínio que alguns trabalhadores tiveram todos estes anos de algumas máquinas?

Como as condições de trabalho que prevaleceram foram sempre as mesmas, (desgaste e falta de manutenção) tais ameaças eram parte do conjunto de controle interno da usina. Os trabalhadores deviam conhecê-las e incorporá-las aos seus gestos e movimentos, como parte do comportamento cotidiano com as máquinas. Com o tempo, tais perigos deveriam ser anexados e incorporados à individualidade de cada um. Fazendo parte, portanto, do conjunto de elementos que compunham o poder despótico do capital sobre o trabalho.(8)

Alguns chefes de seção já se encarregavam na seleção, de transmitir esse processo. Aquela das formadoras de tubos, por exemplo, fazia o serviço completo para o Departamento de Pessoal da usina. Ele mesmo se incumbia de transmitir aos recém admitidos as formas de comportamento adequadas. O "medo" era um dos instrumentos favoritos para alcançar esse objetivo.(9) Na "entrevista", Ele já procurava incutí-lo. A preocupação fundamental de seu "bate-papo", era que cada um tomasse contato, préviamente, com os perigos que cada posto e seção continha. Assim, ao iniciar o trabalho já sabia da existência deles. A entrevista era acompanhada de uma observação e contato superficial com a usina. Os trabalhadores eram apresentados, portanto, às ameaças das condi-

cões de trabalho, como parte do despotismo do capital. Ou, nas palavras do encarregado das formadoras:

"Quando entrava um camarada novo para trabalhar, eu levava quase duas horas conversando com ele, antes de botar ele na seção. Se ele trabalhou. Se não trabalhou. Se tem filho. Se não tem. Fazia a maior entrevista. O cara ficava até meio enjoado de conversar comigo. Umas duas horas na seção. E botava ele no lugar, para ele observar o outro trabalhando, para depois ir trocando. Ele tem que ter uma noção do que os outros estão fazendo, para ele poder chegar lá. O camarada chegou na máquina hoje, ... e joga na 'bôca' da máquina! Não tem condições! Um ou dois meses depois, ainda vai! Nas, tem outros que não dá mesmo! Se você observa, quando eu passeava lá dentro da usina, olhando e conversando com um ou outro, você observa que o camarada tem medo!"

No trabalho, ele viveria um reforçamento dos pressupostos lançados pelo chefe da seção naquela entrevista. Eram fatos cotidianos, de maior ou menor frequência e intensidade. A reação dos trabalhadores diante deles era o efeito desejado: reavivar, nas suas lembranças, a presença dos perigos e os necessários cuidados com eles. Aceitar a presença deles, e evitá-los exigindo uma atenção redobrada de si durante o trabalho. Impedindo que ele, e sua família, sofrerem as consequências.

Enfim, as advertências, diretas e indiretas, contidas naquelas duas horas de conversa com o encarregado da seção, reapareciam a qualquer momento no dia-a-dia de trabalho na usina. Segundo o enfermeiro aposentado:

"As vezes, a porta da enfermaria ficava cheia. Corria todo mundo para ver. Qualquer acidente. Principalmente os de natureza mais grave, que o encarregado vinha carregado. Aí, passava na frente dos escritórios. Aí vinha todo mundo. Aquele salão é grande. Acidenta um lá atrás, e o cara vem carregado lá de dentro! Todo mundo vê! Aí, todo mundo vem procurar saber o que foi que houve!"

Essas romarias internas, eram uma busca frenética de confirmação de um quadro a que eles já haviam sido apresentados. Atravessavam todas as fases, novas ou velhas, dos processos de produção e de trabalho.

O limitado atendimento ambulatorial, também era mediado pelo conflito entre tecnológico-idílico e endo-técnico. As avaliações norteavam-se por aspectos baseados em um ou outro modelo. Assim, o enfermeiro aposentado falava do trabalho de atendimento aos acidentados feito pela ex-chefe do D.P., na década de 50, a partir de pressupostos tecnológico-idílicos. Estes eram os pressupostos presentes, também, na avaliação que ele fazia das mudanças que ocorreram naqueles atendimentos com o seu trabalho, na década de 60:

"Eles reclamavam muito do atendimento dessa dona, que ela era meia brava. Ela não atendia o empre-

gado com amor. Com aquele carinho. Atendia esperneando! Dizendo coisas!"

E, o que veio a ser "aquele carinho" introduzido com ele? Segundo suas palavras:

"Depois que fizeram essa enfermaria nova lá, com ar-condicionado, e que eu podia trancar as portas, eu dizia: 'Pode deixar o empregado ai, e fica só um comigo aqui!' Porque eu não tinha ajudante... 'O resto pode ir embora.' Ai, eu trancava a porta. O pessoal invadia a enfermaria! Eu não podia trabalhar! Passei a expulsar o pessoal."

Considerando as distorções no depoimento do enfermeiro, a usina dispensou dois tipos de tratamento aos corpos dos operários: um período de pouco caso e mau trato, característico da primeira fase, e aquele de uma assepsia introduzido com a enfermaria, na segunda fase.

Em ambas, a usina não lhes facultou o acesso aos efeitos das condições de trabalho nos seus destinos psicofísicos. Entre os trabalhadores, essas exclusões, que se reproduziam de diferentes formas em todos os conteúdos de seus trabalhos, geraram muitos produtos. Citaremos dois deles. Um interno e outro externo à usina.

Na seção de eletrodutos, há duas rosqueadeiras. Uma funciona vagarosamente. Nela, o operador deve ter mais cuidado ao prender o cano na máquina, senão a rosca sai desfeita e estraga o material. Essa máquina já foi mais rápida, rosqueando o tubo sem defeito. Entretanto, o desgaste

de uma peça - o calcinete - era maior. O operador trabalhando com ela foi atingido na vista por uma fagulha, vinda do calcinete. Agora, funciona vagarosamente, com a presença quase permanente do encarregado, para impedir o operador de criar "poros" na produção. A todo momento, o chefe da seção sinaliza para ele trabalhar mais rápido, e está sempre próximo. Nesta condição de trabalho, o servente nos contou a seguinte história:

"Você sabe para que serve polícia? Vou te contar.

Uma vez Jesus veio na terra, e ficou vendo o marimbondo fazer a casa dele. Ele juntava um pouco de barro, e fazia a casa. Então, Jesus juntou também o barro com as mãos, e fez o homem com tudo: braço, perna, cabeça. Então, Ele chegou e soprou nas 'ventas'. Ai, na mesma hora, o homem saiu caminando e plantando. Já começou logo a trabalhar. Então, veio chegando um 'acoiteiro' montado num cavalo. Ele viu o homem, e disse que ia fazer um igual. E fez um outro homem. E disse para Jesus: 'Tá! Um igual ao teu!' Jesus disse: 'Não é não. Vai lá do lado esquerdo e escuta o barulho: tuc, tuc! É o coração, que o teu não tem.' Então o acoiteiro disse: 'Bem, eu vou fazer outro então, com coração.' Ai Jesus disse para Ele: 'Não vai não. O teu não tem coração. E vai ficar sem. É o policial. O meu tem coração. É o trabalhador.' E então é isso. O policial existe para isso. Para

tomar conta da gente. Para não deixar a gente trabalhar sózinho. Quem fez éle foi o açoiteiro, que é o diabo."

O maniqueísmo do canto distingue os homens entre: os que empunham o açoite do capital, e os que são obrigados a trabalhar debaixo dele. E o açoiteiro procura, também, criar e recriar identidades aparentes entre êles. Mas, apesar do esforço, resta à percepção uma diferença fundamental: para que e quem foi feito um e outro.

Internamente encontramos essa forma, - e outras equivalentes - de explicação de suas condições de trabalho. Externamente, o meio de resgate de seu equilíbrio psicofísico adota uma expressão catártica, no bar da esquina ao lado da usina.

A mesa de sinuquinha tem marcas de graxa na cachaça das bolas, e nas suas bordas. Todos os dias, na hora do almoço, algum desafio ocorre em torno da sinuquinha. Entre 11 e 12 horas há sempre, de 6 a 12 ou mais operários à sua volta. Em torno da mesa e noutras áreas do bar, ocorrem encenações de desentendimento, ou briga. No inicio, os contendores são estimulados pelos demais. Num certo ponto, o desafio toma um rumo inesperado, inusitado. Os participantes, espectadores e desafiantes fazem, inicialmente, um ar de susto, de espanto. Depois, começam a rir.

Assistimos a uma destas teatralizações. O "tatuzão" - apelido de um enrolador de fitas - entrou certo dia no bar, falando alto e desafiando a valentia dos presentes.

Depois do susto com a entrada inesperada do personagem, todos começaram a rir. Enquanto o desafiante abraçava o franzino desafiado com o seu corpanzil, razão de seu apelido.

A encenação tinha relação com um fato ocorrido algumas horas antes, na usina. Um operário havia montado uma peça para o fôrno novo. Um encarregado vindo de São Paulo disse-lhe, aos brados, que o trabalho não estava bem feito e não correspondia ao pedido. Empunhou uma marreta e com uma série de golpes destruiu a peça completamente. O operário ficou imóvel, estarrecido diante daquela truculência.

O "Tatuzão" repetira no bar, carregando de ironia, a atitude daquele encarregado. A teatralização daquele comportamento despótico, num ton espirituoso, gerou risos. E a explicação dada por alguns aos demais colocou-os ao par do fato, e do significado daquela encenação.

Os laminadores pesados e as formadoras de tubos, marcam a introdução de mudanças nos processos de produção e de trabalho. Novas concepções de espaço, tempo, gestos e movimentos, e valores.

Mas, essa novas máquinas não romperam com algumas características da fase anterior. Vimos pontos de conexão entre a estrutura endo-técnica e a tecnológico-idílica. A estrutura racional conteve a paternalista, porque "a reprodução social não pode se efetuar sem atualizar uma parte daquilo que ela reproduz e potencializar o resto, pois que um sistema é esta entidade paradoxal onde vários sistemas formam um só, onde o universal exprime-se cada vez sob uma for-

ma singular. É pela mesma razão que um sistema pode funcionar como um elemento."(BAREL, Op.cit. 186)

As condições de trabalho com as máquinas antigas, permaneciam as mesmas. Mas, era o trabalho com as máquinas novas e mais rápidas que ditava o ritmo de produção, aprofundando certos aspectos das relações de produção.

Antes as seções não eram separadas nem física nem tecnicamente. Dentro dos galpões, não haviam muros entre elas. Mas, surgiram outros limites nas diferenças de conteúdos de trabalho.

O isolamento entre os setores, até então tênue e latente se acentua. E complementa a manipulação dos acidentes de trabalho como meios de controle e pressão.

Vimos como o operador era alertado para os riscos da máquina. E, paralelamente, restringido o acesso a riscos de outras seções. Começava a centralização das informações a respeito das condições de trabalho. Ao mesmo tempo, abria-se acesso às informações específicas das seções. O Departamento de Pessoal mediava para impedir a articulação dos níveis de ocorrência dos acidentes. Pois, por meio deles, os operários reconstruiriam as condições gerais de trabalho.(10)

As mudanças no processo de produção, colocaram máquinas novas junto de outras velhas. E estas não foram modificadas tecnologicamente. Nem as falhas de manutenção mudaram. E o modelo de produtividade com as máquinas novas, passou a nortear o trabalho com as velhas máquinas. O despotismo do capital tornou-se mais expressivo. As relações tecno-

tógico-idílicas seriam o instrumento desse processo, aglutinando a maior afluência de tal despotismo. Isso ocorreu na colocação do forníinho novo, em 1985, que alterou o processo de trabalho dos operadores de laminadores pequenos.

Num desses laminadores, como vimos, trabalhava um operador tido como "autoritário". Sua máquina recebeu uma rebarbadeira: peça de ferro com dois torniquetes laterais. A fita passa entre eles, antes de prensar nos cilindros. Há duas "vistas" presas nos torniquetes que, como "cunhas" tiram as rebarbas da fita. São duas operações: diminuir a espessura e tirar a rebarba da fita.

As fitas foram presas entre os torniquetes pelo engenheiro, trazido de São Paulo. Observando a pequena lâmina de fogo, produto da combustão do óleo com o atrito da fita na rebarbadeira, ele comentou:

"Eu saí daqui, e me trincaram duas guias. Aqui é assim! Tem que estar perto! Está vendo, botei as luvas! Tem que matar a cobra e mostrar o pau!"

Gesticulando com luvas novas e limpas nas mãos, diferentes das esgarçadas e sujas do operador, enfatizava a sua presença naquele processo de trabalho. E referindo-se ao operador "autoritário" do pequeno laminador, disse:

"Esse operador ai, esse não! Esse é legal!"

O parâmetro da avaliação eram os dois trabalhos numa só operação. Isso o fazia "legal"!

Depois, as bobinas eram remetidas ao forníinho novo. O engenheiro contou 17 delas, enfileiradas junto ao for-

ninho, recém saídas do velho laminador pequeno. Depois, admirando-se com aquele novo maquinário, comentou:

"Isso ai, são rios de dinheiro!"

Aqueles rios não eram os mesmos por onde passavam os operadores. Para estes, os rios só tinham rebarbas! E de um certo tipo.

Há dois tipos de rebarbas. As grandes, cortam até pneus de empilhadeiras. E as pequenas junto à máquina, causadoras de incisões nos dedos, braços e pernas. Muitas ficavam espalhadas às centenas pelo chão. Segundo o enfermeiro, seis trabalhadores tiveram lesão parcial do tendão de Aquiles dos pés, causados por estas rebarbas menores.

O terceiro tipo de rebarba é uma metáfora. Pequenas - quase invisíveis! - como aquelas que atingem seus tendões, contrapõem-se aos "rios de dinheiro". Alcançam, eventualmente, seus bolsos e são chamadas de "uma rebarinha". Ou seja, um "dinheirinho" a mais, vez por outra, no salário. Neste caso, os trabalhadores distinguem a "rebarba" da direção daquela para eles. A terminologia usada é a mesma. A discriminação e o produto são diferentes.

Segundo um antigo operador, em fins da década de 50, um dos engenheiros levava uma "rebarba" comprando e revendendo refugo de material: "Ali, ele comia no dinheiro." Na operação ele era acobertado. Pois, era acionista de outra metalúrgica que fornecia matéria-prima para a usina.

Há outra história do gênero. Todavia, com final bem diferente. Pois, o personagem é outro.

A participação daquele engenheiro numa "rebarba", era um boato que circulou entre os trabalhadores. Seu trans-tórnos foi absorvida pela direção. Mas, outro boato em direção oposta - da direção para os trabalhadores - produziu outra consequência. Foi o que aconteceu com um antigo vigia:

"Trabalhei dez anos lá naquela balança de lá. Ali, eu pesava carga. Ficava ali até 9 horas da noite. Pegava às cinco da manhã. Entregando carga para São Paulo. Na ocasião de Brasília (construção) que apertei lá material dali, que era um colosso! Luvas, tubos de água. Aquilo saía, mas era muito troco mesmo! No fim das contas, houve um desfalque lá de material. E me botaram na rua, sem direito a nada. Fiquei dois meses fora da companhia. Eles não acharam jeito, porque não tinha testemunha contra mim. Ai, eles tiveram que me botar para lá outra vez."

Mudanças dos anos 80 atingiam as famílias dos trabalhadores, que viam aumentar a interferência dela em suas vidas. A intensificação da produção roubava-lhes o convívio familiar. Muitos eram obrigados a trabalhar sábados e domingos. Um operador de tesoura nessa situação comentou:

"O pessoal diz que eu vou ficar rico! Só se fôr de doença!"

O campo fértil de propagação da doença, é a exposição da força-de-trabalho. Isso se acentuou com a introdução de novos maquinários na linha de produção, e a permanê-

cia das péssimas condições de trabalho. Neste caso encontramos um servente.

Com a mão, ele enrolava bobinas em fitas de papel pardo. Trabalhava entre os pequenos laminadores 6 e 7. Dias antes, fizera o mesmo trabalho mas enrolando as bobinas em sacos de aniagem. Trabalha curvado sobre os rolos, numa posição incômoda. Tem dores na coluna e nos rins. O papel pardo exige mais cuidados e movimentos precisos, para ficar impecável. Um engenheiro, passando por ali lhe deu um tapinha nas costas. O servente, voltando-se para os outros nos laminadores, comentou:

"É, assim vou cortar o saco!"

Em seguida explicou o que seus movimentos deveriam executar, e substituir com precisão:

"Tem uma máquina ali que faz isso. Ela está parada. Eles ficaram de arrumar. Mas, até agora, nada! Eu sei operar ela."

O tapinha verga as costas, e mantém o corpo funcionando. O limite? Depois de anos, a coluna e os rins poderão dizer. Então, talvez, se as mãos estiverem intactas, seus dedos serão deslocados para apertar o botão que liga a máquina parada. Para isso ela está ali, empoeirada mas preservada. Antes do operário começar a trabalhar com a máquina, esta já aguarda o momento de funcionar com ele. Como trabalho morto veremos que ela encerra, na imagem dos trabalhadores, um animal bravio.

Há uma relação cruel para o operário entre, a es-

pecialização de seus órgãos e o direcionamento de seus sentidos, e a preservação da máquina. Mais que o mágico, o capital faz aparecer o coelho, sem a cartola! Destroi nervos e músculos do corpo, sem colocá-lo em contato com a máquina. Mas tendo aquele contato - inexistente! - como parâmetro de valor. A espoliação é indireta, pela pressão do trabalho com as demais máquinas. Ocorre uma metástase quando o servente trabalha: aquela entre o pó que, a cada dia, se acumula mais na máquina, e o suor de seu corpo, resultado do seu não contato com ela. O produto é "non-sense": as relações de produção expropriam a força-de-trabalho, sem ligar a máquina.

O grau de volatização do suor do corpo em poeira da máquina, associa-se a outras formas e processos. A destruição numa seção reaparece em outra.(11) E são os velhos trabalhadores que mais sentem o efeito desse desgaste, na perda de suas capacidades de executar pequenas e rotineiras tarefas em casa.(12)

Em suma, todo trabalho - com ou sem máquina - teve sempre o mesmo produto final. A introdução de novas máquinas veio antecipar o roubo da saúde e o encurtamento da vida.

O novo maquinário não alterou as condições do processo de produção e de trabalho. Nas, os trabalhadores não foram passivos. Neste período, os encarregados receberam reorientações, visando novos meios de mediação entre usina e sociedade. Contudo, o desgaste psico-físico era mais presente - e convincente! - que os "diálogos" instalados pela direção. O encarregado dos fornos, com 36 anos de usina, per-

cebeu isso:

"Analisando bem, o operário tem uma vida sacrificada. Leva uma vida sacrificada. Danadão! Se por acaso ele ficar nervoso, e se o encarregado, ou o patrão vai 'acintar' (irritar) ele mais... ele fica mais danadão! Não fica?"

O "sacrifício" dos operários era para a continuidade das condições do processo de produção e de trabalho. As máquinas novas não mudaram nada. Só acrescentaram novas tonalidades. Daí porque a "danação" não trouxe nenhuma mudança nos trabalhadores. Eles continuaram reagindo "infelizmente" como homens. (Cf. BRAHSCI, 1968, 404) Canalizando suas resistências contra o que, há anos, era o instrumento da agressão contra eles: as máquinas e matérias-primas.

Nas mais diversas seções, com máquinas novas ou velhas, a sabotagem ressurgia. A produtividade continuou dominando. Mas, nas tesouras, rolos de matéria-prima viravam e o inspetor de qualidade, passando na hora, balança a cabeça e esconde um sorriso com as mãos.

A sabotagem não continuou só no deslocamento das matérias-primas. Na retífica de cilindros, o mecânico não suspende uma alça na hora da reversão e arranha uma peça. Na decapagem, o operador controla a velocidade da máquina, aumentando ou diminuindo arbitrariamente o efeito do banho químico na matéria-prima e desperdicando material. (Cf. DUBOIS, Op.cit., 30)

A pressão por meio da sabotagem se acentuou. Prin-

cipalmente porque as máquinas novas não alteraram o sistema de manutenção na usina, que mantinha a péssima condição de trabalho.(13)

A resistência por meio da sabotagem, foi eficaz contra as formas de coerção da empresa. Atingiam pontos nerválgicos daquela estrutura repressiva. Instalavam o receio entre aqueles trabalhadores atrelados a ela e que, se a sabotagem inexistisse, talvez tivessem uma atitude mais despótica. Durante anos ela minou, diariamente, o vínculo de alguns trabalhadores mais diretamente ligados à direção da usina.(14)

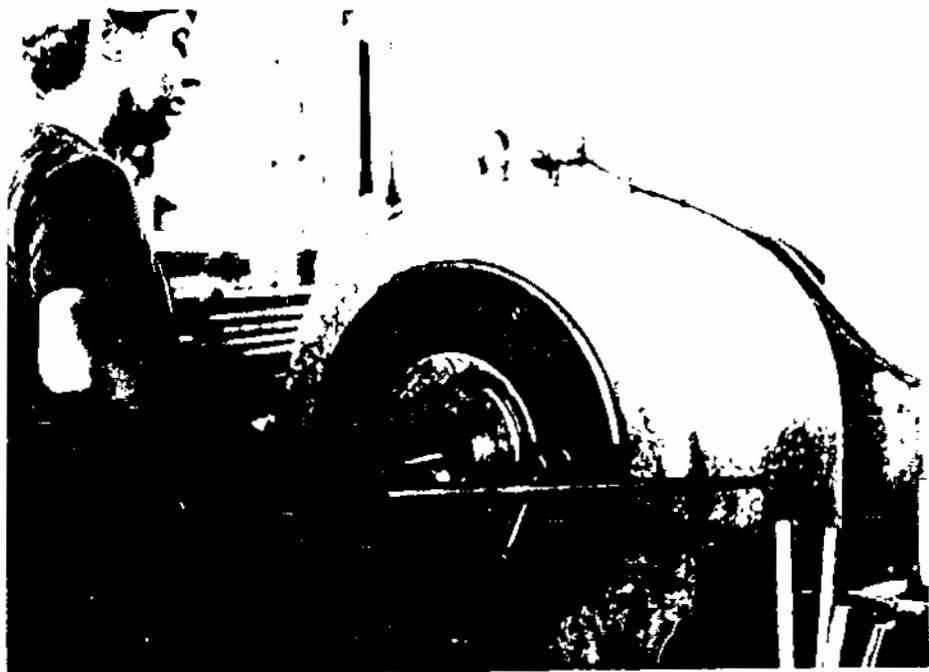
No contato com as relações de produção da usina, essas formas de resistência se estruturaram. Em conjunto com os demais, o trabalhadores aprendiam a cultivar com perspicácia a utilização das formas de recusa,(15)que caracterizam a fórmula: por um salário baixo, um artigo inferior e, por um mau pagamento, mau trabalho.(Cf. DUBOIS. Op.cit. 45)

Mas, a resistência não significava negação daquelas relações de produção. E, menos ainda, superação delas. Ocorria dentro de seus parâmetros.

Os danos físicos e psicológicos se reinstalavam. Máquinas e matérias-primas se sobreponham. Nesta superposição, um problema acabava diluindo outro. Como aconteceu com os operadores de coníferadoras. Segundo um deles:

"é aquele problema. O problema de ouvido é problema de nervos. Abala o sistema nervoso. Mas, sobre o sistema nervoso, qualquer lugar que você tra-

47 - Esta é a
concha de madeira.
O operador con-
toca um dedo iden-
tico ao dedo inter-
no do tubo, no
centro da máquina,
para afina-
lo. Cada tubo é
afinado em 15 a
20 segundos. O
ruído é o mais
alto da usina,
é um som agudo
e forte, que po-
de ser escutado
nos mais diver-
sos pontos da
fábrica. Todos
os trabalhado-



res dessa seção perdem quase totalmente a audição, com tres
ou quatro anos de trabalho. Não será um chumaço de algodão --
que o operador tem na orelha -- que evitaria a lesão. O uso
continuo do aparelho auricular, também não resolvendo o cer-
rume acumulado do suor escorrido do ouvido, traria lesões
devido ao excesso de banhos auriculares necessários. Um abe-
fador, na máquina, é uma das soluções. A outra, é a perma-
nente manutenção dos ferramentais, para diminuir os ruídos e
trepidações, que também são muito fortes.

48 - Maquina de rosquear luvas internamente. O operador co-
loca um pedaco de cano -- luva -- com tres dedos de comprimen-
to aproximadamente, num orificio. Depois, para o manuseio e
desce a rosquadeira. Girando em sentido oposto, a rosques-
deira sobe, e ele retira a luva. Suas mãos ficam permanentem-
ente cobertas de óleo, durante todo o tempo de trabalho. Os
poros dos pelos
das mãos estão
sempre irritan-
do e cocando.
Diariamente la-
va as mãos com
sabão forte e,
às vezes, usava
um creme, que
comprava com o
seu salário.
Tinha os ombros
arqueados, devo-
do à posição de
trabalho.



Ihar,... o problema isso afeta. Em geral tem isso."

O ruído altíssimo das coníficadoras contribui para afetar o sistema nervoso. Mas, as exigências de produtividade no posto adicionam tensão à impossibilidade de convivência com esse ruído, contribuindo para torná-lo mais insuportável. Pois, a produtividade está em "qualquer lugar". A formadora de tubos, por exemplo, não é barulhenta como as coníficadoras. Mas, seu operador há mais de 25 anos na usina, apresentava alguns sintomas de distúrbios psico-somáticos, que associou à pressão da produtividade da usina:

"O que deixa mais nervoso é quando os encarregados falam: 'Essa máquina está dando problema. Está parando muito.' Ai, dá o estado de nervo! Porque, a gente está querendo produzir. Mas, às vezes, a damnada da máquina não quer. Deu defeito. Está arranhando tubo. E não pode. Tem fiscal em cima! Ali, olhando! Aquilo... causa um nervoso! Eu tenho estado muito nervoso. Uma dor na nuca! O coração, batendo demais! Esses dias para trás, meu coração estava; pál pál pál pál tal Ai eu falei: 'É capaz de ser nervoso mesmo.' Que eu tenho estado nervoso com esse negócio da máquina. Arranhou lá, e o nervoso pega a gente. E a gente fica maluco! Ficado! Chega a esquentar por dentro!... O tubo pega a marcar. E aquilo tudo, a gente é que tem que tirar. Com pedra, lixa. A máquina está correndo, e

a gente tem que tirar aquilo. E aquilo deixa a pessoa nervosa."

Ele tem consciência do desgaste presente em certos momentos, onde é maior a exigência de produtividade. É quando o tempo de manutenção atropela o tempo de produção, e vice-versa. Nestes momentos, o operador se preocupa mais com as condições do maquinário. Passado esse período, vem a distensão que, normalmente, antecede novas fases de pressão. A estrutura psíquica dos operadores é submetida a um estado permanente de oscilações. Foram anos de estágios de nervosismo e tensão sucedidos, mais ou menos bruscamente, por outros de calmaria e tranquilidade. Assim, ainda o operador da formadora de tubos afirmou:

"E quando o trabalho corre bem lá dentro? Uma maravilha! Dá até sono! Quando tudo está correndo legal, a gente fica tranquilo. Os encarregados ficam bacanas... Sinto feliz! Posso andar para lá e para cá. Vou num canto e volto noutro. Olhando o tubo se está lisinho. Porque ninguém está preocupando. Nem o fiscal. Então, eu fico despreocupado. Me dá fome! Vontade de tomar café. E ela estando ruim, acaba o apetite. Porque o cara fica preocupado. Ela trabalhando bem, o cara fica tranquilo."

Durante todos esses anos, um conjunto de fatores contribuiu para a desqualificação e desvalorização da força-de-trabalho. Mais acentuado entre os operadores de máquinas, com o tempo, se extendeu a todas as seções. A desvalorização

e desqualificação se instalou desde 1941, fôsse na fase endo-técnica ou na tecnológico-idílica. Desvalorização e desqualificação era o que mais direta e imediatamente alcançavam os trabalhadores. Elas exigiam grandes esforços psicofísicos dos operários, para restabelecer o equilíbrio que qualquer daquelas fases isoladamente, ou em conjunto, requeriam nos processos de produção e de trabalho.

Estes últimos eram, portanto, estados permanentes de desequilíbrio e oscilações violentas. Ao trabalhador cabia a tarefa de direcionar energias físicas e mentais, para sua manutenção e funcionamento. Ao mesmo tempo, os efeitos de tais flutuações nos trabalhadores não recebiam, por parte da usina, um tratamento necessário. Quando o efeito de tais esforços surgiam, expressando-se complexa e agudamente, havia inversões e distorções nos tratamentos da empresa. Problemas de fundo psicológico eram tratados na sua manifestação física, e vice-versa. De qualquer forma, a orientação medicamentosa predominava.(16)

Neste sentido, a estrutura do tratamento médico sofreu, também, como o trabalhador, o efeito dos desequilíbrios e oscilações do processo de trabalho enquanto processo de dominância. Por isso, setores na medicina tem elaborado uma reavaliação de seus sistemas de conceitos, partindo para contribuições que tragam um reposicionamento do profissional no processo sócio-político e na estrutura social. O campo de conhecimento da saúde mental no trabalho é produto e exemplo disso.(17)

Nessa perspectiva, enquanto o solo do novo galpão se enchia de uma camada de óleo e graxa, os trabalhadores também ganhavam uma marca que cobria a todos: o desgaste psico-físico. Como sinal do aumento da produção, em alguns é mais fraco, outros mais forte. Nestes, é a insuperável perda da saúde, que transforma radicalmente suas vidas. Entram numa roda-viva que não é como o solo, onde uma espátula retira o óleo e graxa.

A consciência dessa marca passa por três fases, vividas por um operador da decapagem. A primeira é a tomada de contato com o que o trabalho gastou:

"Não trabalho tranquilo lá dentro. Sómente por causa do sistema de trabalho. Por causa do barulho. O peso do trabalho! Que eu estou fraco! Sem condição física. Não tenho mais! Não aguento trabalho pesado. Definitivamente! Eu estive internado uma ocasião. Me mandaram um dia dessa decapagem para a tesoura 15. Lá tem uma marreta grande, de 10 quilos. Aquilo me botou no hospital. Eu passei tão mal! Tão mal! Uma ocasião, em 72, eu estive internado lá no Dr. Eiras. Então, eu tomei choque. Passei aquela vida que eles dão à gente lá. Então, fiquei com essa dor que me apareceu. Nunca mais me deixou. Nunca mais! Me arrasou! Me acaba! Tenho um lugarzinho (na coluna) que se 'calcariu'... (desmaiou) na mesma hora! Então, eu estou sem condição. Sem paciência!... estou gasto! Cansado!"

A segunda é da luta para reapresentar um corpo, e recolocá-lo na produção para conseguir sobreviver:

"Ai, me mandaram para a tesoura 15. Cheguei ao extremo. Quase ao ponto de chegar como em 72. Cometi uma besteira. Não queria, mas não pude me controlar. Não aguentei mais não! Acabou! Fui para o hospital e me internei. Me tratou. Vim para casa. Passei uns dias. O I.N.P.S. me deu alta. Cheguci lá (na usina) falei (com o engenheiro): '... estou de volta!' Para isso, Ele é bom! Atenciosos! Aquele encarregado, é uma beleza!... 'Mas, eu não estou em condições de trabalhar em serviço pesado. Para mim fazer, e piorar outra vez e nem voltar... eu preciso ganhar o meu pãozinho!'"

Na terceira fase, Ele sucumbe à evidência da inexorável perda da saúde:

"Ai Ele falou: 'O Sr. vai lá para a decapagem.' Mas, quando foi agora, nesse manda empregado embora e chama de volta... me mandaram também. Estou aqui em casa, e me chamaram de volta. Mas, para a quadratura. Onde se faz muita força. Aquilo está me acabando. Falei com o Dr. (engenheiro)... porque se Ele não me mudar de seção... lá onde eu estiver! Que eu possa trabalhar uns tempos, para eu me segurar. É uma situação meio precária a minha. Se Ele não mudar para uma seção que eu possa continuar, mais uns dias vai ficar ruim. A coluna

acabou. A firma é bôa. Paga direitinho. A saúde atrapalhou! Atrapalhou mesmo!"

Os laminadores grandes, as formadoras de tubos e todas as máquinas depois destas, foram igualadas por baixo. Ou seja, os desgastes que já atingiam as tecnologias existentes em meados da década de 50, - laminadores pequenos e tesourinhas - alcançaram aquelas máquinas também. O processo de produção não mudou, aprofundando as ameaças e ampliando a sua área de existência. O processo de trabalho acompanhou essa tendência, por meio de:

- critérios subjetivos de seleção, avaliação e distribuição da força-de-trabalho que:
- colocava frequentemente operários "experientes" ao lado de outros "inexperientes";
- "turn-over" muito alto, tanto em momentos de crescimento da produção quanto de queda, com o objetivo de aproveitar de qualquer forma a força-de-trabalho.

Dante das condições concretas as soluções eram permanentemente postergadas. Por isso, um operário da manutenção elétrica tinha uma visão onde a ficção futurista era, também, uma ironia com o presente. Quando perguntado como se sentia depois que conhecia os perigos da máquina respondeu:

"Os perigos continuam. As soluções até existiriam. Mas, são soluções para o ano 2.000. Fazer um troço espetacular, que a gente trabalhe tranquilo, sentado e numa cadeira deslizante! Isso é para o ano 2.015! A gente tem é que se equilibrar em cima de

trithos mesmos! Isso é normal. Considero a fábrica toda perigosa. Aliás, uma fábrica é perigosa por natureza."

Nos quarenta anos, o capital conseguiu produzir na usina uma "segunda natureza" mecânica, referida em Gramsci. (Cf. GRAMSCI, 1968, 393) A nova tecnologia junto de velhas máquinas, exigiu maiores esforços dos que trabalhavam com estas últimas. As diferenças tecnológicas se ampliavam ainda mais com o desgaste, e a falta de manutenção.

Mas, com o passar dos anos, o processo de obsolescência iria se estender a todas as máquinas. O termo "trabalho" seria associado a, executar uma tarefa para compensar as perdas de recursos técnicos do maquinário. Em fins dos anos 50, a produtividade média das máquinas recém instaladas, pressionava o trabalho com as demais máquinas das seções mais antigas. O maquinário velho era defusado para o novo ritmo.

Alguns processos de produção e de trabalho foram muito alterados. Até 54, primeiro decapava, depois lavava. Eram duas operações. A decapagem era mecânica e manual. Depois de passar por banhos químicos, as lâminas eram raspadas manualmente. Depois, as chapas eram lavadas. Em 54, a decapagem era ocasionalmente usada. A maioria do material que chegava era decapado. Quando eram duas operações, os turnos eram dois. Quando mudou para decapagem, os turnos passaram a três, e os mesmos trabalhadores a faziam rodízio na seção. Além disso, os operários da decapagem trabalhavam na tesour-

ra, preparando o material para ser decapado.(18) Na decapagem introduziram-se algumas alterações mecânicas, visando aumentar o ritmo da produção. Pois, daquela seção vinha a matéria-prima do laminador.(19)

A mudança mecânica para atender a produção, não foi acompanhada de mudanças no abastecimento dos produtos químicos usados. A descrição do processo de trabalho dessa fase, revela uma forma arcaica e perigosa:

"Fui direto para a decapagem. Eram uns tanques. Era toda de chumbo. Era alto. Lá em cima. Aquilo ali era carregado de ácido sulfúrico no garrafão. Subia num carrinho, carregava. Subia aquela rampa e ia levar lá em cima, para entornar dentro dos tanques. Era difícil. Naquela época era difícil para a gente trabalhar ali por esse motivo. Tanto que eu fui parar no hospital uma vez. Estourou um garrafão. Me queimou."(operador de decapagem)

Atualmente os banhos químicos duram, em média, entre um e dois meses. Quando os laminadores e formadoras de tubos começaram a funcionar, os banhos eram trocados da forma descrita acima uma vez por semana.

O ritmo da produção aumentava rapidamente. A usina instalou então a nova lavagem. Com uma enxurragem na máquina ela atendia a demanda, desatrelando-se das limitações físicas dos operários. O banho químico também foi mudado. O produto mais ativo, limpava mais rapidamente as lâminas. Mas, tinha um cheiro - "catinga" - muito forte. A única providê-

cia foi isolar a seção. Os trabalhadores dali, ficavam diretamente expostos à "catinga". Os demais, nas outras seções, também sentiam aquele forte odor, que o vento se encarregava de espalhar pela usina.

A embreagem quebrou e foi abandonada. O ritmo não. Continuou forte. A diferença, como sempre, recaiu sobre os trabalhadores. Com o seu esforço físico e mental, deviam compensar o desgaste e perda de recursos mecânicos introduzidos.(20) A máquina perdeu recursos mecânicos. Isso obrigou os trabalhadores a um maior grau, e tempo, de exposição ao banho químico. E este, por sua vez, piorou.(21)

Essas pressões por maior produtividade, intensificadas com a introdução das formadoras de tubos e dos grandes laminadores, se estenderam a outras seções. A enroladeira de sucata foi instalada nesse mesmo período. Depois de alguns acidentes, a direção da usina resolveu fazer uma pequena modificação nela.(22)

O operador da enroladeira de sucata descreveu-nos um acidente. Segundo ele, aquela máquina - antes da modificação feita na forma de ligar e desligá-la - teria "engolido" o braço de um companheiro.

Apesar disso, o operador da enroladeira tinha de resistir às tentativas de avanço da lógica produtivista. Esta norteava o uso da tecnologia pela direção da usina. Certa vez, o engenheiro colocou um "burrinho" na máquina. E transferiu o botão de ligar e desligar para junto dessa peça, para diminuir os deslocamentos do operador e aumentar a produ-

tividade. Vejamos o que se passou, através do relato do operador da enroladeira:

"Há alguns anos, um engenheiro fez uma modificação. Ele botou o 'burrinho' atrás da chave de ligar e desligar a enroladeira. Então, para eu virar o 'burrinho', ia encostar nos botões. Avisei que com aquilo ali, eu não ia trabalhar! Eram duas horas. Fiquei parado até as cinco. Quando o engenheiro chegou, eram cinco e tanto. Mostrei para ele, e disse que com aquela modificação não dava! Ele mandou tirar. Mas, ficou danado. Passou três meses que não falava comigo. Passava por ali, e nem olhava a minha cara."

As modificações dos fornos seguiram os mesmos critérios: atender aos novos padrões de produtividade, advindos com a instalação das formadoras e laminadores pesados. Nesse processo, algumas máquinas desapareceram e não foram substituídas. O trabalho deixou marcas nos corpos dos que estavam na usina neste período. Estas não desapareceram nem ficaram abandonadas, como as máquinas. Com tais marcas, durante anos eles produziram. Como o encarregado dos fornos. As mudanças que ele fez naqueles fornos lhe remetiam às marcas que, posteriormente, eles lhe deixaram. Assim ele direciona a reconstrução desse período. Os custos físicos e mentais como balizamentos da memória, para a reconstituição de sua história de vida na usina. As alterações tecnológicas feitas por ele nos fornos, e os esforços requeridos fornecem, como o

entrelaçar de uma malha, os componentes dessa reconstituição. Há um ir e vir entre o corpo e a máquina, onde o trabalho - como superação de dificuldades impostas, e vencidas - é o elo de ligação. "Trabalho" é, então, o verbo mais empregado na sua descrição. E enquanto olhava para a área das tesouras, laminadores pequenos e dos fornos, as mudanças daquele período se sucediam na sua mente:

"Essas tesouras eram todas em ordem: a T.1, a T.2, T.3, T.4. E assim por diante. Os laminadores também: L.1, L.2. Quer ver? Aqui tem um 'castelo' que foi do laminador 3. Olha aqui! Os laminadores eram todos em sequência. Uns atrás dos outros. Depois, foi parando. Foi quebrando, por questão de trabalho. No forno, também foi assim. Os fornos funcionavam à vela. Ainda tem um assim. Parado. Está vendo ali, o buraco. Era onde colocavam a vela. Depois, passaram a 'vapor-fire'. Ligavam a tocha no óleo, para fazer o gás, e colocar no forno. O 'vapor-fire' ficava ali. O patrão, na época, me chamou. E perguntou se não dava para colocar o 'vapor-fire' ali, no meio dos fornos, para aumentar o rendimento. Eu disse que dava. Eu fiz de tudo. Eu mesmo puxei os canos. Trabalhei de bombeiro e instalei tudo. Quando, um dia, o patrão chegou aqui e viu! Ah! Como ele ficou contente! Mas, a gente trabalhava com prazer. Com gosto. É, eu trabalhei muito aqui. E o que eu vou levar?! Isso

aqui: duas queimaduras e duas operações de úlcera.

De preocupação! De nervoso!"

Os dois antigos fornos eram diferentes. Mas, ainda se encontram na usina, "encostados". Para dar esse destino às máquinas, a usina nunca permitiu que pudesse ser "encostada", ou decair, a preocupação dos trabalhadores em manter suas energias voltadas para repor o desgaste psico-físico. Essa exigência foi de tal ordem que, o investimento pessoal no sentido de manutenção do equilíbrio psico-físico esteve sempre afetando a sua memória.

A todo instante o trabalho é atingido por mudanças bruscas. O caos da produção é extremamente desgastante. A cada alteração, os operários redimensionam seus gestos e movimentos. Para atender às exigências da produção, e reavaliar os riscos contidos em cada uma dessas alterações. (23)

As oscilações e mudanças no processo de trabalho minam a capacidade de reconstituir o passado. As condições das máquinas são normalmente precárias. Na sua construção, não foram tomadas precauções para evitar danos aos trabalhadores. Essa característica agrava-se com os anos, devido à falta de manutenção. O alto índice de ruído, por exemplo, enfraqueceu a possibilidade de tal reconstituição. (24)

A preocupação com as condições de trabalho é preponderante. Absorve suas energias. Na rotina de anos de trabalho, a necessidade fundamental é de repor, com o seu esforço psico-físico, o equilíbrio na produção quebrado a cada momento diante do caos predominante. Para alguns, muita coi-

sa acontece no tempo. Mas a pessoa acaba esquecendo. O dia-a-dia torna cada vez mais difícil guardar essas coisas. Até os mais novos, conhecem essa realidade. Como um dos que trabalhavam na manutenção elétrica, há sete anos na usina:

"O dia-a-dia faz com que se esqueça isso. O dia-a-dia. Ontem, houve um acidente. Hoje, é um novo dia. Aquilo acaba... se passando mesmo. Vai se lembrar de tudo que acontece, durante um determinado tempo. Ao longo do tempo, vai passando. Pelo menos, não guardo tudo que acontece. Deve ter alguém aí que guarda."

Sua desconfiança é correta, e cheia de bom senso. Como veremos no próximo capítulo, a guarda da memória de "alguns" não é para protegê-la ou preservar sua neutralidade. Uma vez apropriada, a memória é mediada, entre outras, pelas formas de inserção possíveis numa cultura de massa(25), que tem por objetivo, exatamente, complementar o processo que ele vivenciou inicialmente na fábrica.(26) Ou seja, senão a perda, pelo menos o direcionamento da memória pelo prevalecimento do "presente". Ou, segundo Daniel Mercure: "em que medida também os 'mass media' não desenvolvem uma certa 'consciência do presente', da atualidade, do 'evento', ou seja, do 'agora' e do 'imediato'?"(MERCURE. Op.cit. 273) O que, por sua vez, nos remete à interessante questão colocada pelo mesmo autor: "em que medida as tensões entre diferentes modos de temporalidades sociais são, de um lado, a raiz de rupturas e mudanças importantes nas mentalidades e revelam,

de outro lado, alterações e mutações profundas que animam os diferentes setores técnico, político e econômico da sociedade?" (Idem, 275)

A rotina do trabalho entorpece a memória. Para esta surgir, é preciso um esforço de afastamento das condições prementes preponderantes no presente. A rotina é o perigo. E sair dela, pode custar caro. Um simples devaneio, e a realidade das condições de trabalho podem ressurgir trágicamente. Como aconteceu com o mecânico da retífica:

"Acidente? Só esse do dedo mindinho. Eu esqueci minha mão na frente da pedra. Eu estava com a cabeça meio longe. Quando eu vi... Nunca mais tive nada! Nunca machuquei. A máquina tem que ter muito cuidado! Porque é uma máquina. O sujeito não pode... aquilo está andando. Eu não sei se foi porque eu estava com sete dias de casado. (risos) Não sei se foi por causa disso. Joguei meu pensamento com a mulher. Que eu morava aqui em frente."

As ameaças de acidentes existentes nas condições de trabalho coibem a divagação ou sonho durante o trabalho. Não deixam seu consciente afastar-se do processo de produção e de trabalho. Essa é, como vimos, a função deste conjunto de fatores agressivos na usina. É um instrumento para a manutenção da produtividade. Estes fatores orientam os trabalhadores, prescrevendo o sentido de suas existências na usina. (27) A correlação entre condições de trabalho, controle e produtividade, é indicada também pela Medicina Social e do

Trabalho abordado a partir da saúde mental. (Cf. SELIGMANN. Op.cit. 90, 91, 92, 93 e 94) Por mais cuidados que tenha com acidentes, o trabalhador está sempre diante do inusitado. A única via possível de se resguardar deles no trabalho é, paradoxalmente, não trabalhar. (28)

As condições internas sugam a existência psico-física do trabalhador. Externamente, as possibilidades de reposição do esforço são minadas. Neste contexto, o rodízio de horário torna-se ainda mais desgastante. As alterações no horário de sono completam a violência física. Impedem a organização de reposições físicas possíveis, no contexto das quais condições de trabalho dominantes e, consequentemente, afetam sua estrutura psicológica:

"Três horários tem que sentir mesmo. Porque, uma semana está de dia, de 5 às 2. Outra está de 2 às 11. Outra está de 11 às 5 da manhã. O cara não se controla nem para dormir. Desde que eu comecei lá, eu sinto que a pessoa vai deitar na cama, deita preocupado. Com medo de perder a hora. Nunca gostei de pegar atrasado. Deitava na cama, e se uma pessoa chamassem, eu ficava nervoso demais. Preocupado." (operador de fabricação de tubos, com 25 anos de usina)

O sono é atingido por modificações no seu ciclo. Há uma sucessão de ciclos de reposição de sono atrasado. Os desequilíbrios de sucedem. Pois, cada ciclo elaborado altera o equilíbrio que, porventura, tenha conseguido para atender

o ciclo anterior. O ciclo do sono encerra uma questão instigante.

As novas modalidades de que se reveste a exploração da força-de-trabalho, vêm revelando o surgimento de novos campos de conhecimento e, também, tornando expressivas outras faces daquele processo. Epistemologicamente, entretanto, tais manifestações continuam sendo mediadas, pelo menos inicialmente, pelos mesmos obstáculos ancorados nas relações de produção capitalistas. Assim, num primeiro momento, o fenômeno é apresentado a partir da perspectiva que atenda os interesses dominantes – capitalistas – presentes nestas relações, com todas as distorções, reduções e relevâncias neste sentido. Posteriormente, dependendo do aprofundamento da postura crítica adotada no campo do conhecimento em questão, começam a surgir posicionamentos que denunciam aquelas apropriações. Afloram, então, alguns afastamentos críticos, através um corpo de conhecimentos que resgata uma relação diferente com o objeto.

A Cronobiologia é um exemplo disso. Segundo José Cipolla-Neto, "Nestes últimos dois séculos...nem um cientista bem informado duvida da existência dos relógios biológicos...Fica mais fácil entender porque a Cronobiologia demorou a ser aceita, uma vez que dados de variações eram entendidos como perturbações e não como evidências de uma organização mais essencial dos sistemas fisiológicos...A Cronobiologia nos dirá que os estados de sono e vigília fazem parte de um ciclo e que tem seus mecanismos de produção próprios

...na década de 50, a tentativa de encontrarse um método científico capaz de predizer o estado físico e emocional tomou um novo impulso...A teoria dos biorritmos...empresas japonesas e americanas passaram a adotar o cálculo dos biorritmos...com vistas a uma redução dos acidentes de trabalho...O rigor absoluto contido na doutrina dos biorritmos certamente tornaria os organismos incapazes de promover certas adaptações ou ajustes aos diversos esquemas temporais existentes no seu ambiente...as incoerências do método são necessárias justamente para possibilitar a ilusão de explicação universal...e portanto vendável, prevalecendo, nitidamente, o interesse comercial...da expansão crescente da aplicação de métodos científicos no estudo dos ritmos e do desenvolvimento de métodos próprios na análise dos fenômenos biológicos cílicos, será possível enfrentar e vencer a batalha contra a deformação de idéias relacionadas com a existência real dos ritmos."(CIPOLLA-NETO, 1988, 17, 19, 20, 22 e 23)

Na usina, o atraso crônico do sono, transforma-se num conjunto de esforços, habitual e sucessivamente perdidos. Tal condição, reproduzindo-se rotineiramente, é apontada pelos operários como uma das principais causas de acidentes. O trabalho com sono produz um acúmulo de preocupações, em situações e lugares inadequados. O resultado é uma perigosa inversão dos critérios de prioridade. Segundo o montador de navalhas das tesouras grandes:

"Outra coisa que faz acidente na gente é trabalhar com sono. Dormir pouco. Perder noite de sono. A

gente trabalhar com sono, tira a visão... como se diz, a inteligência para a pessoa evitar de um acidente. Acontece que o cara acidenta não é por descuido! Mas, termina sendo! Porque ele está com a idéia preocupado com outra coisa. Então, ele fica desocupado com o que está fazendo."

O predomínio destas condições de trabalho, dentro e fora da usina, reforçam os vínculos dos operários mais antigos com a estrutura paternalista. O empirismo na relação com a máquina não afasta os acidentes. Mas, estes são instrumentos de mediação daquela estrutura. Sob certas circunstâncias no processo de produção, alguns operários - ocasionalmente mais comprometidos com a reprodução da estrutura paternalista - substituem o inusitado do acidente por um infortúnio previsível. Principalmente, se os seus conselhos tivessem sido seguidos! Os acidentes são o respaldo destas intervenções. Nestes momentos, destacam-se suas ligações com a estrutura paternalista. Estas prescrições aparecem no depoimento do operador da decapagem, há 33 anos na usina:

"A gente, que trabalha com uma máquina, sabe o que fazer... Todas as máquinas são perigosas. Depende da pessoa ter cuidado... Eu acho que ajuda muito. Porque a pessoa sabendo trabalhar, a pessoa está vendo. Já viu acontecer o acidente. A gente já viu acontecer. Tem aquele cuidado."

Mas, a relação dos mais velhos com as máquinas, não impede absolutamente nada! Todos, velhos ou novos, são

indiscriminadamente atingidos. Não há escolha. Nem privilégios. A experiência é um mero instrumento de reprodução da estrutura paternalista. Não protege ninguém. Alguns operários mais velhos sabem disso. Apesar da vinculação com a estrutura paternalista. Nos seus depoimentos, vêm à tona momentos onde sua percepção detecta que ela, por si só, é uma redoma frágil de proteção. Nestes instantes, as marcas de acidentes nos corpos questionam suas experiências de trabalho, com as máquinas ou as matérias-primas. Olhando para tais marcas, ele reconstrói períodos do trabalho na usina. Sua memória se torna mais ou menos exata de detalhes. Como neste trecho da entrevista com o montador de navalhas das tesouras grandes, com 24 anos de usina:

(Seu último acidente do dedo anular, foi quando?)

Deve ter uns sete anos. Foi desse aqui. Esse aqui foi antes. Esse do dedo anular foi depois desse. Diferença de uns dois anos. Quase em seguida. Os dois primeiros, tem um espaço maior. (O Sr. voltou para o mesmo lugar para trabalhar?) Voltei. A mesma seção O mesmo serviço. Fiquei dois meses lá. Néderam alta."

Atrás dos limites da experiência, pairava o tratamento dispensado pela usina: o pouco caso na atenção médica. Era o que os operários conheciam, depois das péssimas condições de trabalho. Na segunda metade da década de 50, quando a relação paternalista vigorava isoladamente, a assistência médica aos trabalhadores se caracterizou pelo descaso. As

atitudes dos enfermeiros, e do primeiro médico contratado revelam, nítidamente, essa tendência. Não havia compromisso profissional para evitar deixar os trabalhadores em último plano. A descrição do enfermeiro já aposentado, corresponde à imagem que muitos dos velhos trabalhadores tinham de aqueles primeiros profissionais de saúde da usina. Os anteriores, sequer aparecem na sua história. Como um marco, suas figuras ofuscam o passado e se projetam no futuro:

"D. Vicélia (chefe do D.P. aposentada) atendia o pessoal acidentado. E o vigia (à noite). Segundo eu soube, antes de mim, estiveram dois enfermeiros lá. Mas, todos dois não paravam lá dentro. Só viviam na rua. Quando se acidentava alguém, e procuravam enfermeiro, não tinha! (Quando o Sr. chegou lá, o Dr. L. já estava lá?) Já. Era o médico da firma. Aliás, ele era conhecido lá... era amigo do pessoal da diretoria. Antes dele, esteve lá um outro médico. O Dr. L. não me exigia nada! A maioria me procurava mais. Porque eles (os operários) chamavam ele até de Dr. 'Saracura'. Porque ele não examinava. Dizia: 'Que é que você tem rapaz?' E passava receita. Não dava aquela assistência, que um médico devia dar à pessoa. De examinar."

Aqueles enfermeiros e médicos estavam atrelados ao capital. Manietados, em certa medida como os próprios trabalhadores, pelos compromissos que, periodicamente, afloravam da estrutura paternalista predominante naquele momento, e

que os envolviam.

Como vimos, as novas tecnologias não alteraram profundamente esse quadro. As condições de trabalho na usina, permaneciam basicamente as mesmas. Estas contribuiram para o estabelecimento de uma relação entre o externo e o interno, que solidificou certos aspectos em gestação desde os primeiros anos entre os trabalhadores. A história da usina, a partir dos trabalhadores, só pode ser feita considerando tais representações que, ao mesmo tempo, formavam e informavam as suas memórias.

NOTAS

- 1 - Numa observação feita pelo velho operador do laminador, observando de seu posto, curioso e atento, um jovem operário trabalhando na construção de um novo forninho, Ele nos perguntou: "Esse escuro aí! Ele é o que heim?! Temos que conhecer Ele, para saber a 'peça' que é!"
- 2 - Segundo o operador de laminador pequeno, desde 72 na usina: "A gente conta para êles. Conversa com eles. Fala: 'Você já está com a bôa! Está vendol! No mole! Chegou na sopai!' A gente fala mesmo: 'Você já chegou no mole. Queria ver se você entra aqui, quando estava quente o negócio!' Chegava de manhã, e quando era meia-dia, não queria mais! Era mais pesado! Os vagões traziam o ferro e nós empurrávamos os vagões. Já agora não. Parou esse negócio de vagão. É as carretas que trazem. Ninguém empurra mais rolo na alavanca! Fazia

mais força. Agora, está fazendo menos força. Muito menos dificuldade."

- 3 - Na carreira do montador de navalhas temos um exemplo: "Comecei na rebarbedeira. Trabalhei uns tempos como servente. Depois, passei para as tesourinhas. E depois veio a classificação de maquinista. Depois fui lá para as tesouras grandes. Ai veio a classificação de operador. Trabalhei uns tres anos de operador. Depois que eu passei para oficial. Como servente, nas rebarbadeiras, trabalhei uns quatro anos. Depois trabalhei uns quatro ou cinco anos nas tesourinhas. Depois que eu tinha completado nove anos, fui para as tesouronas. Lá eu completei nove anos, e fiz acordo."
- 4 - "Brincadeira!? É os colegas lá! Tem hora que aborrecem a gente! Precisa a gente zangar um bocado com eles! Dar uma bronca mesmos! Porque eles ficam de sacanagem na hora do trabalho! Brincadeira na hora do trabalho! Um dia desses fiquei brabo!"
- 5 - Certa vez, ele passou ao lado do auxiliar do velho operador de laminador pequeno. O auxiliar recebia, justamente, orientação do velho operário. E, sem que ele pudesse esboçar uma resposta, o encarregado lhe disse: "Ol! O preguiça!" A reação, um tanto tardia, do jovem auxiliar do velho operador foi esse comentário: "Esse cara que passou, é do partido do Maluf. É puxa-saco dos homens."
- 6 - Como ocorreu com esse, da conificação: "Quando eu en-

trei, tinha que botar material na serra. Lá tem uma serra, no cantinho. Quando eu entrei aqui, não tinha pego naquela serra. Eu quebrei duas! (risos) De repente. Assim! Ainda bateu um pedaço na perna de um 'cordão' que trabalhou ali e já foi embora. E cortou as calças dele até aqui. Mas, não pegou a carne não. Se pega, puxa vida! Nunca tinha trabalhado naquilo. A primeira vez. Não sabia. Aí, depois, o encarregado falou: 'Na hora que você descer ela, não força muito não. Vem mais devagarzinho.' Aí, eu continuei trabalhando com ela. Até hoje."

- 7 - "Logo assim que eu entrei. Foi questão de pouca prática do serviço. Então, a gente chegava a tocha no magarico, e ele dava aquela explosãozinha. Eu, com pouca prática, fui fugir dali, escorreguei na base, e aí me atingiu esse joelho. Susto. Por falta de prática no serviço. E, na outra vez. Nos fornos tinha uma 'vigia' (janelinha). Então, a gente se bascava muito por aquela vigia (para saber a temperatura interna). E ela estava colada. Quando eu fiz força para puxar, o vácuo veio de dentro para fora e me atingiu o olho direito. Aquilo tá olhava a temperatura pela vigia. Então, eu fui acostumado a chegar, e puxar um aramezinho. Não me recordo se o forno estava parado, ou se foi a própria caloría que colou. Não me aprofundei em saber na hora exata o que é que foi. Eu não julgava que viesse aquele vácuo, porque eu já era acostumado a fazer o serviço... De repente!"

(operador dos fornos)

- 8 - "A pessoa, às vezes tem domínio da máquina. E conhece tudo da máquina. Então, ele com confiança na máquina. Mas, às vezes não conhece tudo. Um descuido qualquer, ele... (No caso de conhecer tudo?) Fica com confiança! (O fato de dominar a máquina, aí acabaram os problemas?) Não! Não acaba o problema! O cara tem domínio, mas ele pode ligar a máquina errada às vezes. (Se ele domina mais, isso faz com que desapareça o perigo?) Não, o perigo permanece. Para você está tudo bem! Aí, dá um problema no automático. Quer dizer, nessa hora que é o perigo!" (encarregado do controle de qualidade)
- 9 - Noiriel constatou, também, o uso dos acidentes incutindo o medo de modo a "limitar os deslocamentos, canalizá-los, impor lugares e interditar outros... impedir familiaridades e conversações inúteis... A segurança exige um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar." NOIRIEL, Gérard. "Longwy, immigrées et prolétaires." Op.cit. Páginas 161 e 162.
- 10 - Segundo o encarregado da matéria-prima: "Esse problema de perigo, eu tenho 30 anos na firma, mas eu sou uma pessoa que... dificilmente eu saio do meu setor de trabalho. Nunca chegou um chefe perto de mim: 'Não pode sair daqui.' Eu só tomo conhecimento do acidente que ocorre no meu setor. E acho que é até difícil para um operário analisar isso. Porque nós temos nossos afazeres. Porque, chega ao conhecimento da gente que às vê-

zes uma pessoa foi para o seguro, em 15 ou 20 dias. Então, a gente não sabe. Quem poderia analisar isso, e dar uma explicação melhor, no Departamento Pessoal, porque ele tem todos os dados ali."

11 - Na conificação, o desgaste físico e mental é resultado da relação direta com a máquina: "O problema é a trepidação. Quando você bota o tubo na máquina para conificar, tem aquela trepidação que você tem que segurar. Então, é o ouvido e o braço. Dependendo da matriz. Porque uma matriz nova, até ela 'calejar', ficar macia, a mão fica dormente."(operador de conificadora)

12 - "Essa valinha, para esse esgoto aqui, estou pagando para fazer isso. Estou oitando fazer! Eu não era assim! Eu pegava tudo... E agora, sou obrigado a dar um serviço que eu podia fazer. Dar para os outros fazerem!"
(operador de decapagem)

13 - Segundo o empilhadeirista: "A manutenção é a mesma! (a máquina) Parava! E parava mesmo! E pronto!"

14 - Segundo o encarregado de qualidade dos produtos: "Eu trabalhei num setor que é muito ingrato: controle de qualidade. Porque, qualquer reclamação recai em cima de mim. Aquilo, para mim, desgasta mesmo. Um determinado cliente reclama. Eu sou chamado lá. Quer dizer, é um troço que preocupa a gente!"

15 - "Tem pessoas que querem se poupar. À vezes trabalham com 50, 100 homens, e a gente escuta que muitas vezes a pessoa fala assim, em se poupar. No caso... porque.., a

gente dá à firma o trabalho em troca do que ela paga à gente. Tem que fazer juz. E com o tempo, a gente vai aprendendo. Pegando nas coisas."(operador de decapagem)

16 - Segundo o enfermeiro: "Lá era um consumo de comprimido para dôr-de-cabeça, que o Sr. nem imaginaria! Isso sempre houve. O consumo de medicamentos. Para dôr-de-cabeça e diarréia. Depois que começaram a dar leite lá, para o pessoal da decapagem, de vez em quando tinha gente com diarréia lá. Eles procuravam muito comprimido para dôr-de-cabeça."

17 - Segundo Seligmann, "as relações entre saúde mental e trabalho tendem a estruturar-se como um novo campo de estudos... As sempre lembradas dimensões bio-psico-sociais da Saúde recebem atualmente mais uma nova exploração, à luz do desenvolvimento histórico dos processos de trabalho acoplados aos processos de dominação... onde as agressões dirigidas à mente pela vida laboral são confrontadas pelas fontes de vitalidade e saúde representadas pelas resistências de natureza múltipla, individuais e coletivas, que funcionam como preservadoras da identidade... dos trabalhadores... Este campo é essencialmente sócio-político... moldado por forças econômicas, que atuando através de técnicas organizacionais... utilizam o corpo e a mente do trabalhador como instrumentos de produção... os atingem morbigenamente... através de diferentes vias - social, psicológica e do próprio corpo." SELIGMANN. Op.cit. 59.

18 - "Aquela bobina mesma. Era cortada cá na tesoura 12.

Trazíamos aquela bobina aqui. Aí, três homens puxavam a ponta. Rolava até chegar perto da máquina. Aí, pegava uma corrente, e engatava na ponta do rolo. E engatava lá no 'colaps'. Para a máquina puxar para dentro da 'caixa'. A gente se arrebentava."

19 - "Na decapagem, nós trabalhávamos com embreagem. De primeiro, o rolo chegava, você tirava uma e engatava. O outro chegava, você tirava e engatava. Antes era embreagem. Você apertava o rolo. Você afrouxava, apertava, afrouxava... ia embora." (operador de decapagem)

20 - Segundo um dos operadores da decapagem: "Da decapagem?! Era diferente. Ela enrolava devagar. Não andava igual ela anda hoje. Hoje anda mais depressa. De uns 16 anos para cá tiveram de aumentar a velocidade dela. E colocar ela ali puxando as duas por igual. Não pôde mais puxar com embreagem. Senão não dava vencimento. E aumentaram a velocidade da máquina. Aumentou a quantidade de ácido nos tanques, e aumentou a velocidade da máquina."

21 - "Fazia mais fumaça. Mas, eu acho que com tôda a fumaça que fazia, a caloría, acho que ainda é melhor que esse que tem lá agora. Acho que prejudica mais a gente. Porque, tem uma fumaça que ela anda, mas a gente não vê ela. Está atingindo aquela usina em tudo que é lugar. Aquilo tudo é tampado. Fica ali dentro, enfiado. De primeiro, trabalhava dois dias cada um. Eram três hom

mens. Ai, um fazia dois dias e outro dois dias. Agora é só dois. Então um faz três e outro faz três. Um trabalha 2a., 3a. e 4a. e outro 5a. 6a. e sábado."(operador de decapagem)

22 - "Uma máquina que é muito perigosa é a enroladeira. Se não for uma pessoa ativa, pode se machucar. Agora não. Você aperta o dedo, a máquina vira. Com o dedo ali, tirando o dedo a máquina pára. Mas, de primeiro não. Você virava, tava virando e, para desligar você tinha que meter o dedo. Se houvesse algum acidente, para desligar até você atinar ou poder desligar, você já era! Agora não. Botaram um botão que, tirou (levantou) o dedo, parou."(operador de decapagem)

23 - "Tem que saber na mão. Depende do modo da gente trabalhar. Não pode ser muito violento demais. Tem que ser mais calmo um pouco. Dar a produção da gente. Mas, num modo mais ou menos de trabalhar... Fiquei sózinho. Eu não podia fazer o serviço de quatro. O serviço da noite, ficava para o dia. Tinha hora que não tinha nada. Mas, tinha hora que você estava cochilando, ai aparece uma porção de serviço para o camarada trabalhar até fora de hora."(operador de conifíadora e empilhadeira)

24 - Em certo trecho de seu depoimento, esforçando-se para recordar de alguns detalhes da seção na década de 50, um operador da conificação declarou: "Para falar a verdade, não estou bem certo não. É tanto barulho que, às vezes, a gente esquece do tempo. É muita barulhada..."

“Você não tem... botar na cabeça direito... igual ficar assim, tranquilo, pensando no tempo.”

- 25 - “A expressão significa o conjunto de produtos culturais industrialmente realizados, que visam ao consumo dos mais diversos segmentos sociais...teria seu advento possibilitado pelo desenvolvimento técnico-industrial.”

LIMA. 1975. 127.

- 26 - Não esquecendo que, a cultura popular de massa, típica de uma sociedade urbano-industrial, é recente no Brasil. Ortiz localiza seus primórdios na década de 40. É mesmo assim, é “difícil aplicar o conceito de indústria cultural...os obstáculos do capitalismo colocavam limites concretos para o crescimento de uma cultura popular de massa...sociedade brasileira ainda é marcada pelo localismo.” ORTIZ. Op.cit. 39, 48 e 49.

- 27 - Segundo o montador de navalhas: “O camarada quando trabalha preocupado, com um problema de fora, é fácil dar acidente. A gente preocupado noutra coisa, parece que tira a visão da gente. A gente machuca sem ver! O cara trabalhando com problema de fora, problema de família, e tal, é fácil para dar um acidente. Trabalhar preocupado com outra coisa me tira a visão.”

- 28 - “Eu sempre tive cuidado. Mas, acidente a gente nunca sabe quando ele chega. Acidente geralmente vem quando você está trabalhando. Se você está parado, não tem acidente.”(operador de conifcação)

4 - Imagens da usina e memória.

Como estamos vendo, o processo de produção da usina foi um desgaste e dilapidação do maquinário. Em mais de 40 anos de funcionamento, as máquinas, novas ou velhas, se igualaram através da mesma falta de manutenção. Surgiu uma uniformidade na deterioração das condições de trabalho na usina. As diferenças tecnológicas entre as seções desapareceram, substituídas por um nivelamento em torno dos mesmos perigos nas relações homem "vs" máquina. Por detrás das estruturas tecnológico-idílica ou endo-técnica, se instalavam um conjunto de ameaças que tornava inseguro o trabalho dos operários. Até aqui, indicamos uma série de pistas para subsidiar a crítica de tais fiscalizações. Procuramos mostrar que, os compromissos contidos nelas podem ser entendidos como "princípios unificadores do objeto" (WITTGENSTEIN. In, BOURDIEU. 1968. 44), ou "totalidades produtos do cérebro pensante." (BOURDIEU. 1968. 59) Pois, a insegurança existia na relação com as máquinas, alimentava a desconfiança entre os operários e, por fim, alcançou-os individualmente nas suas estruturas psicológicas.

A identidade informal entre eles, surgia no vocabulário aplicado. Certos termos encerram uma dupla função: descrevem aquele processo de deterioração, e, inserem nele os trabalhadores através de imagens e representações.(1) Há

um vocabulário que conecta as relações entre, de um lado, o desgaste das máquinas e, de outro, a deterioração das condições de trabalho. Tal vocabulário forma uma imagem-estrutura da usina, subjacente entre os trabalhadores. Para abordarmos tais questões, faremos o seguinte percurso:

- primeiramente como os trabalhadores foram mais exigidos, física e mentalmente, na medida em que aquelas condições se ampliavam pela usina;
- em seguida, o que elas ocasionaram na auto-estima e auto-identidade deles, e o efeito desse processo na medicina e na busca de alternativas de contraposição entre os trabalhadores;
- finalmente, estudar o vocabulário empregado nas suas descrições, indicando as conexões entre ele e as condições de trabalho na usina, e as ligações entre estas questões e as concepções dos operários sobre a memória.

A presença das condições de trabalho na auto-estima e auto-identidade é tomada, portanto, como fundamental na memória dos trabalhadores. Para evitar "cair num fetichismo dos dados empíricos elementares... como se verdadeiramente os fatos falassem por si mesmos." (FERRAROTTI, 1983, 41) Tal cuidado é direcionado para, uma tentativa de delimitação dos elementos mediadores da memória durante a entrevista. Até aqui, podemos indicar dois deles. O primeiro, é a presença de uma ideologia burguesa, sustentando e justificando certos aspectos do paternalismo, e do "trabalho" como representação

do mundo.(NOIRIEL. Op.cit. 111 e 114) O segundo, é a presença de uma "memória mítica" que visa enaltecer o "herói".(Idem. 1227)

Conseguindo contornar estas imagens inicialmente apresentadas pelos trabalhadores, tentaremos indicar uma imagem da usina que possa ser considerada um "recurso a formas amortecidas".(PASSERINI. 1984. 151) Estas seriam um "modo de reafirmar uma identidade questionada e valores universais comprometidos por processos materiais e culturais." (Idem. 152) Segundo Passerini, seria encontrar na inventividade de antigas identidades culturais, formas de resistência que não se limitariam às culturas vitais de socialistas, comunistas, etc.(Idem. Ibidem)

NOTAS

- 1 - Para os problemas contidos neste caso, Daniel Bertaux chama a atenção para que: A autobiografia não seria ela além de ocidental, uma forma 'burguesa'? Através dos olhos do narrador...ver...seu mundo...como de um periscópio...o narrador ideal é aquele que funciona como periscópio cinestésico." BERTAUX, Daniel. "A abordagem biográfica: sua validade metodológica, suas potencialidades." Op.cit. Páginas 216 e 217.

1 - Condições de trabalho e aeroperição do físico elemental.

Exceto os laminadores pequenos e as tesourinhas, as demais seções têm máquinas pesadas, e matérias-primas resistentes. Nos tesourões, na decapagem, nos grandes laminadores e formadoras de tubos, e nas seções depois desta (quadatura, pintura, luvas) o trabalho expõe o operador a:

- riscos provenientes da resistência da matéria-prima;
- ameaças das máquinas, devido à dificuldade de regulação, ampliada com a falta de manutenção.

Com os anos, as duas se conjugaram, reforçando-se mutuamente. Quanto mais a manutenção das máquinas ia sendo postergada aumentava, proporcionalmente, o risco na resistência dos materiais. A falta de manutenção contribuia para ampliar a margem de resistência do material e, consequentemente, deixava o trabalhador mais exposto a acidentes. Ao acúmulo do desgaste do maquinário, correspondia um aumento de exposição dos operários aos riscos das matérias-primas. Nesse contexto, as tentativas dos trabalhadores de compensar a perda das características tecnológicas com "quebra-galhos", e manter as máquinas funcionando, se transformavam em novos perigos no processo de produção.

Os trabalhadores eram forçados à busca de alternativas tecnológicas rudimentares - pedaços de madeira, arames - para complementar as falhas das máquinas, e mantê-las em funcionamento. Tais soluções seriam uma preocupação a mais,

na estrutura tecnológica velha e desgastada.

Assim, com matérias-primas mais resistentes, aumenta o perigo no trabalho. Na Tesoura I, por exemplo, uma chapa com 3,0 mm de espessura, dá muito trabalho para ser cortada pois, o eixo com as navalhas já está "bambo". A qualquer instante, uma das sete pontas da lâmina se solta. Num desses momentos estavam com a máquina, o operador, dois ajudantes, o chefe do controle de qualidade e dois engenheiros. Seis pessoas. Pois, durante o corte o perigo aumenta. A rebarba da lâmina enrola-se nas engrenagens. Os botões de comando são mal posicionados: junto ao eixo da tesoura. Para o risco de desligar a máquina, o operador improvisou um pedaço de madeira. Com êle, de longe, preme o botão. Assim, evita ser atingido no braço ou mão pelas rebarbas. Com chapas grossas, só metade da bobina é enrolada. Quando a bobina foi cortada, as sete pontas ficaram balançando no ar. Reluzentes, seus movimentos assemelhavam-se às cabeças de uma hidra. Uma delas quase "mordeu" o olho de um dos ajudantes, quando era cortada com uma cunha.

A frase mais comum, aplicada pela maioria dos operadores às máquinas, é:

"A máquina não aguenta!"

Quanto mais resistente o material e mais rápido o ritmo imprimido à máquina, menor o valor do trabalhador. Assim, um dos dois ajudantes, que cortava a lâmina de 3,0 mm na tesoura, pegou meia dúzia de pedaços de fita de metro e meio de comprimento cada um, balançou-os no ar e disse:

"Aqui está a metade de meu 13º. salário!"

Ao mesmo tempo, os "novos" patrões davam uma lição de, como transformar a arqueologia industrial em forma atualizada de exploração da força-de-trabalho. Junto da tesoura, era reinstalado um velho laminador. Há anos, aquela máquina fôra vendida como sucata. Os novos proprietários a readquiriram num ferro velho da região.

Algumas vezes, esta velha máquina serviu de fiocondutor para velhos operários se remeterem ao passado. Isso era mais forte, na medida em que as condições de prevenção e cuidados no ambiente de trabalho iam, paralelamente, se deteriorando. Todas as caixas de incêndio da usina, por exemplo, não tem mangueiras, e estão amassadas e enferrujadas. Uma delas, ao lado do tesourão, tinha uma função inusitada: na sua desgastada cor avermelhada, o operador marcava com giz a quantidade de fitas cortadas.

Nos postos, com as máquinas, os operadores trabalham com luvas gastas e cheias de graxa. Ou usam chumacos de recortes de panos nas mãos. Na tesoura, assim trabalhavam os operadores e ajudantes. Os engenheiros, entretanto, estavam com dois pares novos de luvas. E raramente tocaram na velha máquina, ou na resistente matéria-prima.

Tais condições aparecem, ocasionalmente, agrupadas em certas situações, com alguns operários. Nestes casos, todos os componentes relacionados à desvalorização e desqualificação parecem se reunir numa só história individual. São situações onde o valor de troca da força-de-trabalho se so-

brepõe, de forma extrema, ao seu valor de uso. Conforme ocorreu com o carpinteiro.

No bar, ao lado da usina, ele expressou sua preocupação de que, os novos patrões não reconheceram sua qualificação profissional. E isto poderia lhe trazer graves e desagradáveis consequências. Segundo ele:

"Até agora, não resolveram a minha situação. Continuo registrado como servente. O pessoal pergunta: 'Como é, já resolveram?'. Quando digo que não os colegas ficam indignados. Como é que pode?! Os colegas reconhecem e os patrões não?! E eu, trabalhando de carpinteiro, com o meu material! Esse serrone aqui, me custou Cr\$ 800,00. Hoje, custa 60.000. Isso é uma falta de consciência! Estou gastando o meu material de carpintaria, e ainda ganhando de servente. Meu serviço é perigoso. Amanhã eu me acidente, e não tenho nem direito a assistência. Vão me dizer: 'Se ele é servente, o que é que ele estava fazendo na carpintaria?' Por que não pode acontecer um acidente comigo?! Eu não sou diferente, nem melhor do que ninguém! Aquela serra circular é um perigo. Ela corta uma mão, que você nem se dá conta. Estou preocupado. Já falei com todo mundo ali. Até o final do mês, vou tomar coragem, e vou falar com o patrão."

O infortúnio chegou antes da "coragem". Uma semana depois, a serra cortou os dedos polegar e indicador de sua

mão esquerda. Passados alguns meses, com gazes na mão muti-lada, disse:

"O médico me mandou voltar para completar a ficha. Disse que ali só estava um dedo atingido. Esse aí - o polegar - não estava marcado lá. Assim, eu não tinha direito. Me colocaram como servente. Isso é uma covardia! Me aleijar para nada! Colocaram meu salário de servente. É uma covardia!"

Antes de ir embora, acrescentou, definindo o novo estágio de submissão de sua força-de-trabalho, subproduto imediato da desvalorização dela com o acidente:

"Estou doido para voltar! Nem que seja - levantando a mão aleijada - para varrer a rua. Não aguento ficar parado."

Essa é a forma mais violenta de desvalorização e desqualificação da força-de-trabalho. As relações de produção e de trabalho na usina vieram, nestes mais de 40 anos, articulando-se com esses casos extremos. Conhecimentos pretéritos dos operários - ainda que não diretamente ligados à usina - eram aproveitados. Ou desestimulados nos aspectos que, eventualmente, fossem recicláveis no trabalho.

Mas, a usina convenientemente aproveitou informalmente esse tipo de conhecimento de alguns trabalhadores. Como fez com um faxineiro. Há 15 anos, desde que entrou na empresa, está registrado e recebendo como tal. Mas, sempre faz algum trabalho de manutenção e de produção, em diversas máquinas. Antes da usina, era alfaiate. Não era completamente

desqualificado como, em princípio, a ocupação daquele posto possa sugerir. A usina aproveitou a qualificação dele. Embora não tivessem relação, diretamente, com as necessidades de uma produção metalúrgica. Assim, segundo Ele:

"Eu faço de tudo aqui. Não é só faxina. Sêvezes, tem um colega que quer ir na 'casinha', a gente dá uma ajuda. Cooperando!" (se referindo a uma parte da manhã, que passou operando uma formadora)

Assim, a extemporaneidade das máquinas velhas re-instaladas desaparecia. As situações de desvalorização e desqualificação colocava, novamente, os mesmos homens diante das mesmas condições. Estes aspectos são importantes para a metodologia de História oral. Devem estar presentes no discernimento entre reinterpretação e esquecimento seletivo. (Cf. BOURDIEU, 1968, 72)

A predominância de velhos arquétipos de perigos nas máquinas, é uma constante instalada nos cotidianos dos trabalhadores. Uma alteração nas máquinas, em meio ao predomínio daquelas condições deterioradas, altera as noções de risco de uma operação. As mudanças introduzidas no abastecimento de matéria-prima das formadoras, são vistas assim, por um de seus operadores:

"Aquilo ali, hoje, é tudo poder de guindaste. Antigamente não. Era empurrado com a mão. O cara fazendo força, mesmo de luva, podia dar um golpe e cortar a mão. Já hoje é diferente. O cara já não faz aquela força. Ele pega com a máquina de carre-

gar o rolo, e põe no tripé. Mas, aquilo ali, tá um dia, pode haver um acidente. Mesmo que a companhia tenha melhorado muito, de vez em quando há um acidente. Porque, a ferragem ela é perigosa mesmo."

As alterações tecnológicas na produção foram colocadas isoladamente. Não se consideravam os efeitos produzidos num conjunto que, tecnologicamente, apresentava um desgaste acentuado. Não foram avaliadas as transformações que as máquinas novas trariam ao conjunto tecnológico pré-existente. Não foram articuladas, portanto, com as características da estrutura tecnológica anterior. Daí o turn-over ser tão temido e evitado entre os trabalhadores. Principalmente quando fôssem substituir um companheiro acidentado. Como se deu com o operador da tesoura grande:

"Onde eu tive a maior atenção mesmo, era na enradeira. Eu já fui para ali devido a um acidente com um companheiro! Então, eu já fui com aquela preocupação."

A exigência de produtividade, e os riscos ligados a ela, não estiveram presentes sómente nos postos com máquinas. As operações manuais, feitas em grupo de dois ou três trabalhadores, requeriam sincronia. Esta deveria também seguir a produtividade. E as mudanças que se sucediam acabavam também sob a produtividade. As consequências, nestes casos, não eram muito diferentes. Isso ocorreu com o operador da conificação, transferido provisoriamente para a embalagem:

"Acidente, só tenho um. Provocado por um colega.

Estávamos enchendo a banca. Tinha uma vara mais curta. Ele pegou e jogou. Ai, conforme ele jogou, eu estava aqui apanhando para virar, ai torci isso aqui. Tive que operar e tudo. Deu um 'sisto' de água. (Ele) Era novo. A gente apanha 10 varas, levanta e bota em cima da mesa. Quando ele viu que a vara curta começou a escorregar, ai ele jogou. Um levanta primeiro, e o outro põe a mão por baixo e segura. Nisso, ele já tinha virado. Eu levando para um lado. E ele jogou para o outro!"

Algumas lesões aparecem prematuramente. A perda de recursos tecnológicos do maquinário, agravada pelos quebragalhos e falta de manutenção, antecipou muitas doenças profissionais. Sequelas causadas por cinco ou seis anos de trabalho com certas máquinas, atingem os trabalhadores em dois anos ou menos, como na conificação. Ali, a audição é comprometida entre um e dois anos. Com 23 anos, um operário perdeu completamente a audição para certos ruídos, desde os 21 anos. Começara a trabalhar na seção, com pouco mais de vinte anos. Os mais velhos também perdiam audição. Com eles entretanto, a sequela se instalou lentamente. Pois, as máquinas eram novas e a seção estava numa área coberta, mas aberta nas laterais. As regulagens das máquinas eram mais duradouras. As matrizes ajustadas - ou "amansadas" - ficavam mais tempo funcionando. O tempo de exposição à trepidação e altos ruídos da ajustagem eram menores. Com menos paredes no antigo galpão, o ruído não se concentrava e se diluía rapidamen-

te no espaço. O novo galpão impediu a chuva e o sol, mas suas paredes guardavam por mais tempo o ruído das coníferas. Ao mesmo tempo, eram máquinas que perdiam recursos tecnológicos originais, como o abafador de ruído. E quanto mais surdos ficavam, mais gritavam. Segundo um velho operador:

"Aquilo ali é um problema. Para a gente falar um com o outro tem que gritar, por causa do barulho. Trabalhava na máquina. Então me tiraram (o abafador). Tiraram, e ficou o barulho! Para falar com o outro, o problema era ter que gritar."

Nenhuma destas questões tecnológicas foi considerada. Na história da usina, o predomínio dos instrumentos de mediação paternalistas, instalavam a inércia. Anualmente, se avolumavam os processos que deterioravam antecipadamente aquelas condições. Isso afetou a produtividade da empresa. O círculo vicioso se completou com o recurso inapelável do aumento da repressão. O D.P., afixou um aviso junto ao banheiro dos operários, revelando o outro lado daquela "mãe", como muitos operários se referiram. Nele lia-se:

Mesquita - 2/7/80.

Da: Chefia da usina.

Para: Srs chefes de seção e encarregados de turno.

Tendo em vista o grande número de acidentes de trabalho acontecidos últimamente, queremos alertar os chefes de seção e encarregados, afim de que se empenhem junto aos empregados, para que dêem maior atenção ao

serviço, afim de diminuir esse índice.

Notamos que a maioria desses acidentes são de pequena monta, mas que acarretam graves prejuízos à empresa devido ao tempo em que os mesmos ficam afastados.

Lembramos aos Srs que a ficha de acidentes da CIPA deverá ser preenchida com rigor e conter dados e testemunhas verdadeiras, o que será fiscalizado por esta chefia.

Queremos também que os Srs fiquem cientes que medidas severas e punitivas estão sendo tomadas afim de obstar esse excesso de acidentes, assim como o levantamento dos casos reincidentes.

Outrossim, é necessário lembrar que o excesso de acidentes pode caracterizar desídia do empregado, o que acarreta dispensa por Justa Causa, de acordo com C.L.T.

O aviso deixava claro que seria aumentada a influência, controle e manipulação do capital, nos argumentos a respeito daquelas condições e suas consequências. Crescia a pressão em torno da delimitação das fronteiras entre: ato inseguro, condição insegura e fenômeno natural, classificações onde eram inseridos e definidos os acidentes. Tais limites ficavam mais submetidos à apreciação e distinção imposta pelo capital. D onde o comentário irônico e risonho de um representante dos operários numa reunião CIPA, relatando a definição dada a uma daquelas classificações:

"Agora você imagina! Eu estou trabalhando aqui dentro, entra um raio e me atinge. Ai eu digo: 'Espere ai São Pedro! Assim não dá'."

Numa descrição de acidente, detalhes de limitações tecnológicas no trabalho trazem também, paralelamente, o resgate das condições nas quais o trabalho era feito:

"Nós tínhamos que levantar um rolo. Vinha lá de baixo, cheio de madeira dentro, para o rolo se apertar. Aquilo desequilibra o rolo. Não tinha condição de andar. Antigamente, a gente metia alavanca por debaixo dele, e ia rolando. Ai, não tinha condição de ficar em pé, e foi preciso chamar a empilhadeira. Ela estava com a 'lança' cheia de graxa.. Ele correu pela ponta, e caiu. Tinha que enfiar um ferro no meio dele para aprumar. Eu entrei no meio dele, porque é fácil 'dominar' ele assim. Foi quando ele caiu, e veio em cima de mim. Eu não tinha para onde sair. Então, o rolo caiu por cima do ferro. E o ferro me pegou pela perna, e foi escorrendo... Prendeu em cima do pé. Quebrou o pé em vários lugares."(operador da quadratura)

A luminosidade inadequada foi responsável por muitas sequelas visuais. Os trabalhos de precisão feitos à noite principalmente:

"Quando eu entrei na firma, tinha 18 anos. Em 52. E tinha minha vista perfeita. Não tinha nada. Mas, como eu trabalhei muito tempo à noite... Uns 20

anos, mais ou menos... aqueles focos de luz em cima da máquina. Eu fazia montagem de máquina. Aqui-lo, acho que prejudicou muito minha vista." (controle de qualidade)

O trabalho dos operários era para compensar o desgaste das máquinas. A colocação dos laminadores pesados e formadoras de tubos acentuou a generalização da degradação das condições de trabalho por toda usina. Aumentam as dificuldades de manutenção do equilíbrio psico-físico. Começam as rupturas, expressas por distúrbios psico-somáticos. Dentro estes, destacamos aquele do encarregado da embalagem.

Ele estava na usina há 19 anos e dizia-se uma pessoa extremamente nervosa. Todos os dias, chegando da usina, a primeira coisa a fazer é desligar o rádio. Não tem paciência em casa. A fábrica deixou-o muito nervoso. Há anos tem uma úlcera causada, segundo sua esposa, pelo trabalho na usina. Ele não toma café. Só leite. Têm um carro usado. Mas, quando as férias se aproximam e eles iniciam planos de viagem, ele começa a passar mal um mês antes. Pensa em "pegar a estrada", e começa a vomitar. Para ele, a relação com as máquinas trouxe tal desgaste físico e nervoso.

Tentando construir uma rígida compartimentação entre suas conflituosas áreas de existência - usina e família - ele acirrou, a nível pessoal, o choque entre elas. A ruptura de sua estrutura psico-física tornou-se inevitável.

A usina não é só fisicamente coercitiva. Ela está presente pela culpabilização. Assim, ruído das máquinas eram

os únicos que seus ouvidos se permitiam. Outros - como uma musical - prejudicariam aqueles. Como todo o tempo, que a "mãe" usina queria para si! Caso contrário, havia sempre uma culpa persecutória bem ampla, capaz de alcançar todos que não deixassem todo o tempo - e sentidos - para ela. Alguns mais permeáveis a essa relação, pensavam em dedicar certo tempo fora dela e a culpa se elaborava, perseguindo e recaindo sobre eles.

O encarregado da embalagem guardou para si o encargo de equilibrar psico-fisicamente todo o peso que a usina jogava sobre ele. No conjunto das relações de produção e de trabalho, as responsabilidades não eram só dele. Mas, a usina soube explorar a extrema dedicação que caracterizava a sua psicologia. Canalizou todas as responsabilidades do trabalho na sua tendência de, individualmente, comprometer-se totalmente. Reservou tudo para a capacidade dele de abrigar todos aqueles problemas. Ou, que ele pensava ter! Pois, naquele grau de comprometimento, dedicação e exigência pessoal estava o pano-de-fundo de sua ruptura. Afinal, ele filtrou toda sua pulsão emocional e afetiva para a usina.

Mas, nem todos apresentam o mesmo tipo e grau de envolvimento pessoal. Para a maioria, as frequentes mudanças de postos, dentro de um ambiente de trabalho caótico, são lembrados por traumas de teor distintos.

Um dos operadores de laminador pequeno, sofreu um acidente no segundo dia de trabalho na usina. A ambientação inicial foi subitamente rompida, quando ele viu-se atingido.

Seu enunciado do fato, traz as marcas dessa experiência. Começa de forma clara e razoavelmente precisa. Depois, rememora num ton desconexo e com frases soltas, quando se aproxima da descrição do acidente:

"O primeiro dia, eu trabalhei bem. Puxei a ponta de lá, aqui para cima. Ali, batia a ponta do ferro. Está bem! Só puxando a ponta. Não houve nada. No segundo dia, faltou um rapaz lá que trabalhava com ele. Aí botaram eu para puxar o rolo. Eu tirei o rolo do 'cotaps' com o rapaz. Tirei o rolo, bem mesmo! Aí, tinha rolado o rolo e saí para arrumar. E tudo... quando eu vou saindo lá detrás dele... os rolos vinham caindo, um rolo do lado do outro, ... eu fui, já tinha... rolo pesado... pensei que dava para mim segurar... aí, eu escorreguei, com sapato... aí, o rolo veio e foi na minha perna! Quer dizer que... falta de sorte. Se por acaso... e acontece comigo, ele ia cair lá... ia cair mais de vinte... Então, eu estava novinho!"

Encontramos duas concepções justapostas e conflitivas de memória das condições de trabalho:

- de um lado, aquela cuja origem está numa cultura médica popular. Nesta, o eixo da memória operária está no trabalho dos membros da família - mulheres e crianças - nas áreas de agricultura de subsistência, da fase inicial da história da usina. São os conhecimentos tradicionais, apropriados e mediados pela estru-

tura paternalista;

- de outro lado, a medicina institucional, cujos marcos são os novos galpões, o atérro e levantamento das máquinas, e a instalação da enfermaria. O eixo se transfere, da agricultura de subsistência para o salaríato da usina.

Voltaremos a estas questões quando abordarmos a relação entre medicina popular e medicina científica. Neste ponto, convém destacar que, esse processo guarda relação com uma lenta perda de poder daqueles trabalhadores mais comprometidos - e vinculados na estrutura hierárquica - com a fase "tradicional" da história da usina. A influência deles, no entanto, persistiu. Por isso, os encarregados admitidos na expansão da usina na década de 50, tinham um relacionamento ambíguo com os operários. Dentre estes, o mais representativo era o encarregado das formadoras de tubos. Na usina, viu-se como adotava uma postura autoritária e coercitiva. Fora dela, sua atitude era bem diversa, adequando-se mais ao modelo "tradicional" bonachão. O operário da limpeza do salão da usina, lembrou-se dessa imagem dele:

"Lá fora, Ele era um cara legal. Era bom de papo.

Aqui dentro, Ele era muito rigoroso. Era duro mesmo."

Essa divisão, mediando a estrutura de dominação da força-de-trabalho dentro da usina, deixava marcas ao nível individual. Os operários oscilavam entre modelos: "racional" e "tradicional", ou "moderno" e "arcaico", de comportamentos

prescritos. Os custos mentais e físicos desse pêndulo, recaiam sobre eles mesmos. Contudo, os reflexos deste conflito se tornaram marcantes ao nível físico.

E, à medida que as máquinas se deterioravam - em meio à desordem mediadora da empresa - o processo de expriação se acentuava.

Alguns trabalhadores refizeram o percurso de anos de trabalho na usina. Reconstruiram o que eram no passado e associaram seu extenuamento físico ao processo de deterioramento das condições de trabalho no posto. Assim foi o relato do operador de um dos grandes laminadores:

"Esse laminador aqui é melhor. Aquele lá mata! Essa fumaça estava me fazendo muito mal. Estava com pressão muito alta. A semana passada estava com 22 de pressão. Fassei vinte anos naquele laminador lá. Esse laminador é mais pesado que o outro. É mais perigoso de desmontar que o outro. Os cilindros pesam mais. Esse cilindro já caiu comigo. Aquela fumaça lá, mata! Ali, já teve três que morreram. Em 1980, eu tinha 96 quilos. Hoje, estou com 80. Ali mesmo tem um rapaz que vai pegar agora às duas horas, que outro dia estava botando sangue pelo nariz. O médico já me disse que eu tenho um coração desse tamanho!"

Outro operador do mesmo laminador comentou a auto-avaliação de seu companheiro, com observação da mesma pertinência:

"O Geraldão se acabou aqui nessa laminacão. Você precisava ver. Ele era forte! Tinha um corpo que você nem pensa! Agora está lá. Parece um garoto. Parece um menino."

Ao mesmo tempo, expressou sentimento de descontentamento, aliado a desespero e raiva, num comentário com uma ponta de ameaça:

"Tinha é que pegar essa máquina inteira, do jeito que está aí... Assim, inteirinha, e derreter ela todinha!"

O "Geraldão" ainda estava ali. Durante anos se consumira, enquanto trabalhava e produzia. Dera tudo de si, mental e fisicamente. Não foi desproposital o comentário feito em duas ocasiões distintas, por seu companheiro junto ao laminador:

"Tú está morto cara! Tú está vivendo de teimoso! Você era para estar morto. Isso que está aí não existe. Aí, só tinha que ter ossos!"

Essas imagens parecem exageradas. Sua força está no quotidiano dos trabalhadores da usina. Elas são com um lastro, em torno do qual as demais representações circulam entre eles na usina. Embasam certas estórias que, à primeira vista, parecem não ter importância. Selecionamos duas delas, divulgadas informalmente, e do conhecimento de quase todos os trabalhadores. São como dois pequenos contos. Metafórica-mente - considerando as condições de vida e de trabalho na usina - remetem a algo mais amplo do que os elementos im-

diatos descritos contextualmente: um morto-vivo e um animal roubado. Eram conhecidas e divulgadas entre os operários com uma riqueza e exatidão dos detalhes, o que dá a elas maior significado. Nos seus enunciados, emergem aqueles aspectos básicos das suas realidades quotidianas: os anos de trabalho na usina, a dilapidação e desaparecimento da vida, e o roubo de seus valores. E mesmo aqui, a criatividade não é perdida. As estórias são contadas com sutileza, ironia, bom gosto e graça. Ao mesmo tempo, o ton empregado variava entre o jocoso, o triste e a revolta.

Estória 1 - O morto-vivo.

Certo dia, quase todos sabiam e comentavam o seguinte. O "Seu" Ovídio é o pai de Ricardo, que trabalha no controle de qualidade. Ele tem um irmão, que trabalha na usina também. Esse irmão - cujo filho também está na usina - foi procurado no portão por um rapaz tranjando bermudas e chinelas, todo enlameado. Ele acabara de chegar de Angra dos Reis. Trazia a dolorosa notícia que o terceiro irmão deles havia morrido, picado de cobra quando fazia uma caçada. Seu corpo, segundo o rapaz, jazia sobre um tatu e tinha, entre ele e o animal, uma espingarda com a qual havia matado o bicho. Assim que viu o corpo, com as pernas inchadas, todo roxo e com as marcas da picada de cobra, correu imediatamente para avisar a polícia. Saiu de Angra, deixando a polícia guardando o corpo e aguardando os parentes para o translado. Diante dessa estória, saíram os dois irmãos e os dois sobrinhos do Rio. Deixaram aqui uma tia, passando mal no hospital em es-

tado de choque com o "passamento" do irmão. Na hora que a notícia chegou à usina, só o irmão de "Seu" Ovídio estava na fábrica. Ele abandonou seu posto em prantos, e dizendo-se culpado pelo que acontecera. Pois, há alguns meses não concordara que o "falecido" concretizasse seu desejo de mudar-se para o Rio. Abaladíssimos, saíram os quatro tarde da noite, no rumo de Angra dos Reis. No meio do caminho, compraram o "paletó de defunto" - caixão - e alugaram o carro para transportá-lo. Despertaram certa suspeita, e curiosidade, ao passarem pela polícia rodoviária. Ao chegarem em Angra, no sítio, tiveram de subir uma ladeira íngreme de carro, até um certo ponto. Daí, foram a pé até a casa do "defunto". Ao abrirem a porta, se depararam com ele... sentado à mesa, comendo! Este ainda lhes disse da alegria de vê-los, e convidou-os a sentarem-se e fazerem compania. O rapaz que fôr dar-lhes a notícia estava ali com eles, e ainda teria dito: "Mas, Seu fulano, eu vi o Sr morto lá no mato!" O grupo despertou mais suspeitas na volta, passando pelo posto rodoviário com o caixão vazio!

Estória 2 - O porco do "Seu" Chico.

Certo dia, Seu Chico, um trabalhador aposentado da decapagem, passou pela padaria que fica próxima da usina. Era hora do almoço, e um grupo de operários estava ali conversando. Foi quando um deles lhe perguntou: "Como é Seu Chico, cadê o porco?" O velho senhor não respondeu. Com um leve sorriso e meio sem graça, foi se afastando. E então eles me contaram o seguinte. Assim que aposentou-se, Seu Chico re-

solveu criar porcos. Ele engordou um animal, no seu quintal. Enquanto o porco crescia, os olhos dos vizinhos cresciam juntos! Até que um dia, roubaram o porco do seu Chico! No dia seguinte, seu vizinho apareceu e perguntou-lhe se ele não estava interessado em comprar uns dois quilos de carne de porco, fresquinha! E, ele comprou! Enquanto se lamentava com o vizinho que, complacentemente(!), ouvia suas lamúrias quanto à perda irreparável que tivera no dia anterior... de um animal cheio de carne, igualzinha aquela!

As imagens e representações contidas nestes contos retornarão com maior significado, quando abordarmos as visões antropomórficas e zoomórficas, que os operários têm da usina. Elas expressam aquilo que Gabriel Tarde denomina de coletividade humana: "um feixe de crenças e desejos" (NAVILLE. Op.cit. 68), onde, "o objeto exclusivo da lógica e da teocologia social será, então, a manutenção da crença e do desejo." (Idem. 70) Mais à frente, Naville complementa essa concepção de Tarde: "Na vida social, a lógica se completa por uma teocologia que combina crença e desejo... Tarde considera que a crença de um sistema é o fruto de uma desorganização. Um lugar nada mais é que a lembrança de um corpo desaparecido. A linguagem é o espaço social das idéias." (Idem. 71) Uma autora contemporânea encaminha uma abordagem semelhante: "Expressões de resistência ao tempo industrial revelam, desde o inicio, até que ponto a substituição do 'tempo natural' pelo 'tempo técnico' é sentido como intole-

rável... Donde a evasão para a natureza através do sonho."
(NEBOUZY, Op.cit. 209 e 210)

2 - Da auto-estima à estigmatização e ansiedade.

O trabalho dos velhos operários com as máquinas antigas, é o mais propagado na usina. Cotidianamente, a relação entre eles e as máquinas reinstala o saber empírico, reforçando este como articulador da estrutura paternalista. A auto-confiança é erigida sobre esse quadro, que sustenta a maioria dos valores individuais, e influem nos componentes e contornos da auto-identidade. Essa última tem na estrutura paternalista, através da relação homem "vs" máquina, um modelo com forte ascendência sobre os trabalhadores. O trabalho dos "velhos" é descrito como, o único capaz de dominar aquelas máquinas.(1)

Mas, como já vimos, o empirismo não os protege das ameaças das máquinas. A "malícia" serve de pouco, diante das condições de trabalho. Ao contrário, o excesso de confiança é a nova ameaça. A rotinização com as "manhas" da máquina é enganosa: "o maior problema do acidente é o esquecimento do costume do trabalho."(2)

Assim, após questionar o saber empírico do velho trabalhador, o acidente atinge toda a subjetividade na qual a sua auto-estima – em relação ao trabalho – se baseou.(3) Quando se trata dos trabalhadores mais velhos, os acidentes questionam imediatamente a auto-identidade, plasmada na situação deles na estrutura paternalista de produção e de trabalho. A seguir transformam-se em estigmas, atingindo a auto-estima na medida que:

1o.) não recebendo, em geral, um tratamento médico adequado,

deixa marcas no corpo estéticamente difíceis e caras de serem reparadas. O operador da formadora de tubos perdeu a ponta do dedo polegar, e tivera uma unha atingida por uma ferramenta, poucos dias antes. Para ele: "A gente fica defeituoso. Agora, eu estou acostumado. Mas, no começo, achava... 'Pô! Andar com essa porcaria aqui. Ficar 'suroco'!' Alguém ainda mexia comigo: 'você está com essa cobrinha na mão!' A gente fica sem jeito! Por exemplo. Esse aqui. Machuquei lá. A ferramenta caiu em cima. Quer unha feia! Essa aqui. Está vendendo! Tudo aleijado! Fica terrível!"

2o.) aquela marca passa a significar, também, um símbolo de sua incapacidade e desatenção no trabalho. Por isso, um dos mais velhos trabalhadores nos disse orgulhosamente, que sua ficha nunca havia sido "suja" com seguro. Por outro lado, um contemporâneo dele via na atitude do médico da usina em relação ao acidente, uma desconfiança que, no limite, visava o descrédito, a individuação e estigmatização: "E eu fiquei 'rendido' lá em 58. Não esqueci não. 58! Laminador 4. Fui 'rendido' lá! Ai, Ele - o médico na época - se virou para mim e disse: 'Ah, isso aí não prova que você ficou rendido.' Eu digo: 'é o único lugar que eu estou trabalhando. Fiz força! Fui levantar o cilindro que ia para a empilhadeira'."

As representações sociais dos acidentes na usina, tem pontos de contato com a forma como eles são abordados fora dela, na sociedade. Inicialmente, há toda uma produção

industrial destinada aos acidentes: luvas, botas, etc. A divulgação é restrita mas, o conteúdo dos argumentos é o mesmo. Nas vistosas propagandas, as marcas de acidentes são "caras e irreparáveis", e significam uma "desatenção evitável". Assim, o senso comum no interior da usina tem pontos de contato com aquele da sociedade, quando sustenta e reforça a estrutura de produção-industrialização dos acidentes. Amparado em "ciências" o senso comum adota, nestes momentos, uma feição "realista", materialista "comprovatória", ou "produto imediato da sensação bruta". (GRAMSCI. 1966. 144) Mas, como seus elementos são "supersticiosos", críticos" (Idem. Ibidem) podemos concluir que o conjunto deles, empregados entre usina e sociedade, são verborragias racionais ou paternalistas.

A mediação da usina interfere, portanto, na auto-estima dos trabalhadores, através das adversidades das condições de trabalho. Formalmente, por meio do Departamento de Pessoal, ou informalmente através das relações de trabalho e de produção, a manipulação capitalista na usina resgata o socialismo utópico. O falanstério renasce:

"Nós vivemos uma vida de... isso é verdade... comunhão material com a fábrica. Até mesmo se for um problema que atinge lá os patrões. Ou qualquer coisa assim, a gente está sofrendo aqui. A gente sofre com eles. A gente depende deles."(operador da decapagem)

A extemporaneidade do falanstério tem um objetivo:

uma mediação elaboradora de uma identidade perversa. Para isso, primeiro deve indiretamente reduzir, controlar, anular e interferir na auto-identidade e auto-estima que os homens ainda tenham. Por exemplo, erigindo pontos de articulação entre marcas de sequelas e acidentes internos, e os cartazes. Estes sintetizam e propagam os estigmas a respeito dos acidentados, integrados com a visão que a sociedade tem deles. Da vida do acidentado destacam-se, os pontos de conexão com os preconceitos e estereótipos da sociedade. A individualidade é solapada, nos dois âmbitos de existência: dentro e fora da usina. Muitas descrições são entremeadas de lapsos como se, permeando o indivíduo, existisse um profundo constrangimento que ele procura lidar não citando o fato. Como nessa narração feita por um operador da conificação com mais de 20 anos de usina:

"Problema aqui... é que deu mais problema! Mas... trabalhar normal! Tenho uma irmã que é médica. Nada demais! Conversando com ela, no caso eu devo ter comprimido uma parte. Algum pedaço. Um canal... Aquilo, na contração... O problema maior seria ele já ser um pouco maior, e estourar... Aquela bolsa d'água no caso. Ai que seria pior. Não tem problema nenhum não!"

O "aproveitamento" do acidentado, era nas funções menos entrosadas com os aspectos - força, por exemplo - que projetasse sua auto-identidade nos valores de auto-estima, predominantes e disseminados na usina.(4) E estes eram, jus-

tamente, os mais perseguidos entre os trabalhadores.

Um destes "aproveitados" sofrera um acidente numa formadora. Um tubo o atingiu na região escrotal. Há anos trabalhava de porteiro e vigia à noite. Outro era o carpinteiro. Depois do acidente no qual perdeu dois dedos da mão direita, voltava diariamente à usina pedindo para ser admitido em "qualquer serviço" e não fosse "chutado".(5)

Gérard Noiriell, nas usinas paternalistas de Longwy descreve, também, o emprego de mutilados que não podiam mais trabalhar.(Cf. NOIRIEL. Op.cit. 193) Para o capital interessava minimizar ao máximo a gravidade dos ferimentos, para abaixar a taxa de renda.(Idem. Ibidem) Mas, a mesma estratégia adotada em Mesquita, produzia "aproveitamentos" que solidificavam o processo de estigmatização. Os acidentados eram deslocados para os setores da produção, tidos como de menor importância. Os termos empregados em algumas descrições, revelam a existência dos estigmas. Encerram a conotação de inutilidade e improdutividade que ele carrega, associada à discriminação aludida ao posto para onde foi deslocado.(6)

Os obstáculos à auto-estima dos trabalhadores tornam mais difícil a manutenção do equilíbrio psico-físico.

Eles buscam o resgate desse último por três vias:
A) na usina:

- 1º) Através da citada "coragem" diante das condições de trabalho adversas. Algumas descrições enfatizam esse posicionamento:

"Acho que foi na serra também. Pegou uma casquinha à tôa no dedo. Beiradinha! Só por cima! Agora, levei seguro também. Arrancou pedacol... Era a fábrica baixa. Mas, eu entrava em cima de uns dormentes, e ia lá com roda de ferro. E ia lá no vagão! É, ia lá no vagão!"

20) Buscando ser um modelo de capacidade e resistência a ser imitado. É a imagem construída pelo mais velho operário entre os companheiros. Ela agrupa, no mesmo discurso, a condição dupla de herói e escravo:

"Jovelino, se Ele for embora dali, tudo bem! Mas, se mandarem Ele embora, Ele morre! Ele vive aqui. É daqui para casa, e de casa para o trabalho. Ele não sabe o que é seguro. Pode ver! Ele não sai dali! Ele não fica andando por aí, para lá e para cá. Ele não sabe nem o que é vestiário. Ele não tem armário. No chuveiro, Ele nunca foi. Acho que, quando Ele morrer, o cara que ficar ali vai ter que brigar com Ele! (risos) Essa máquina vai 'danar' a funcionar sózinha." (comentário de operador de laminador pequeno)

B) fora da usina:

10) Por meio da procura de uma companheira. Encontram dificuldades pela sua condição sócio-econômica, agravada pela idade e envelhecimento. Muitos nessa situação enfrentam tais obstáculos com bom humor. Um deles é seu "José", operador da formadora 30, viúvo há alguns anos.

Pretende se aposentar. Há poucos meses foi ao interior, procurar uma "companheira legal". Pois, segundo ele, aqui no Rio estava difícil de achar. Ao chegar lá na cidadezinha, tocou na casa da vizinha de sua "pretendente". Esta lhe disse que, infelizmente, ela já se casara há mais de seis meses. Mas, estava enfrentando um grave problema. Seu esposo lhe pedira uns dentes novos. Ela deu-lhe a dentadura e, depois, o cara fugiu com outra! Naquele momento ela tinha, justamente, partido atrás do ex-marido, disposta a pedir os dentes de volta. Segundo seu "José":

"O cara ficou sem os dentes. Ficou triste! Já tinha acostumado, né!"

2o) Na busca de um símbolo de beleza próximo, de preferência na família, como o encarregado da matéria-prima:

"... problema de minha filha. Eu acho ela linda, porque ela não tem nenhuma marca no corpo. E acharia qualquer moça, qualquer mulher linda. Então, quando o cara, ele já teve uma marca... é linda do mesmo jeito. Mas, não é uma coisa tão perfeita como era antes."

... C) a última via é real e idílica:

Diante das adversidades nas condições concretas de trabalho, se fixaram nostálgicamente num trabalho anterior à usina. Como um refúgio extemporâneo necessário da auto-estima, e sustentáculo da auto-identidade. Ali, numa reconstrução pessoal dessa fase pretérita de sua vida,

evitava a presença incômoda das desqualificações e desvalorizações de sua existência no presente. Diante das condições de trabalho adversas, a memória é uma busca de valores de auto-estima nas condições de vida do passado, trazidos para participar no reforçamento e sustentação do presente. Vejamos melhor essa terceira via.

Em capítulo anterior, vimos como o empilhadeirista fez de uma dificuldade congênita - atrofia dos membros superiores - o instrumento da sua perseverança, e o símbolo de reafirmação de seu trabalho na usina. Nele, o defeito físico é o fio condutor importante - senão fundamental - norteando sua memória. Conseguir provar que poderia superar tal obstáculo, é o eixo em torno do qual erigiu sua auto-estima, e giravam os detalhes de sua história de vida.

No polo oposto encontramos a fuga idílica do "alfaiate".

Ele faz a limpeza do "salão" da usina. Há mais de vinte anos deixou o ofício de alfaiate. Na usina, não conseguiu qualquer pôsto qualificado, embora fosse frequentemente colocado nos laminadores pequenos. Até hoje é conhecido como "alfaiate". Na identidade pretérita ele resguardou, timidamente, sua auto-estima. Como um escudo que trouxe e manteve para si, diante da desqualificação reservada pela usina.

Em seu depoimento, é constante a presença do descontentamento com o descaso que o seu trabalho sempre recebeu na usina. Depois de tantos anos, continuava "rodando" de um para outro lado, sem pôsto e função definida. Quando, na

usina, foi consultado inicialmente para colaborar com seu depoimento sobre a história da fábrica, sua resposta imediata foi mostrar a sua localização nela. Para isso, ele usou um conto: de quatro cegos que queriam saber o que era um elefante. E então, levaram êles a um circo. Lá, colocaram a mão de um deles no rabo de um elefante, e êle disse: 'Ah! é uma cobra!' O outro pôs a mão na orelha: 'É um abano!' O outro pôs a mão na pata, e disse: 'Elefante é uma árvore!' Cada um 'viu' uma coisa diferente.

Ele nos falava da dificuldade que teríamos de "ver" a usina. A descrição teria várias formas embora, paradoxalmente, elas fôssem uma só. Nelas, a situação ambígua dos personagens provocava uma ansiedade: levados ao "circo", os "cegos" queriam saber o que era o "elefante". As metáforas empregadas - elefante-máquina, circo-usina e cegos-operários - colocavam os obstáculos que seriam encontrados. Na verdade, os comportamentos lunáticos ou apáticos fazem parte das tentativas de fuga, ou esquecimento, da pobreza e humilhação. Dessa perspectiva, devíamos nos situar na delimitação da existência dos trabalhadores.

As condições da auto-identidade e da auto-estima precedem a memória, e fornecem-lhe elementos demarcatórios. A presença daquelas condições, propicia a compreensão dos obstáculos da memória, e da delimitação deles nos depoimentos. São as interpretações - "visões" - individuais e coletivas que, no plano psicológico, fornece pistas para o entendimento do processo de elaboração da memória, e de seus

obstáculos.

O vigia viveu uma situação parecida. Seu posto é marcado pela desvalorização. Seu depoimento é semelhante ao do "alfaiate". No passado ele localiza, também, o resgate da auto-estima, através da importância que seu chefe lhe dava:

"Eu vim de Minas com 28 anos. Trabalhei em Petrópolis, 5 anos e dez meses na Leopoldina. Deixei a Leopoldina porque não pude. Minha família não dava lá. Muito frio. Eu pedi ao mestre de linha se ele não queria me dar uma remoção. Ele prometeu me dar e depois, pensou, e resolveu não dar. Ainda falou comigo: 'Você pensa que eu vou botar um empregado igual a você fora daqui?! Eu preciso de você aqui! Eu não vou botar você na mão de outro! Eu preciso de um homem igual a você aqui!' Ai, o engenheiro me chamou na casa dele, e fez uma pesquisa na minha vida. Eu falei: 'Doutor, o ordenado é muito fraco.' Ai, ele falou: 'Se eu fosse patrão seu te aumentava para você não ir embora.' Ai, eu falei: 'Eu luto com doença. Pago aluguel.' Ele falou: 'quanto ao aluguel, eu mando fazer uma causa para você. Fica?!' Eu falei para ele: 'Mas, o senhor manda mesmo?! Então, eu fico!' Mas, continuou no mesmo! Não melhorou nada! Em 43 eu propus sair fora. O mestre de linha falou: 'Querer dar a mão a uma pessoa que não dá valor ao que ela merece !' Eu falei: 'Mas eu não posso. Vou beneficiar

a Leopoldina e desbeneficiar a minha família?' Ele falou: 'Então vai. Se precisar de mim, procura. Eu te dou o lugar de novo.' Saí, e não precisei da Leopoldina! Trabalho na laminacão desde 43. Apo-sentei em 76. Mas, eu preciso trabalhar. Eles chamam, eu volto! Se eu não precisasse, eu voltava mais nada!"

Na lembrança do trabalho pretérito, estabelece ligações longínquas. Por meio dele, remetia-se às suas origens como trabalhador. E reapareciam os dois elementos mais valorizados da auto-estima: o reconhecimento e a coragem. Ele reconstrói aqueles anos sobre esse dois eixos. E reaparece a ansiedade, trazendo o refúgio da fuga:

"Ele não sabia do meu serviço. Eu vim do machado! Eu vim da foice! Eu vim da enchada! Correndo a no Estado de Minas, naqueles becos de café, de cana! Derrubando mato no meio de cobra braba! Troco perigosos! Marimbondos! Formigais! Chego aqui, eu vou correr de homem?! De trabalho?! Saí da Leopoldina que pegava duro mesmo! Aqueles trilhos. Aqueles dormentes, para socar debaixo daquela linha! Eu saí, foi do pesado mesmo! Eu saí da Leopoldina, mas tive 'paixão' da Leopoldina! Se fosse o caso de morrer de paixão, eu tinha morrido naquela época! Eu não queria largar a Leopoldina! Quando a Leopoldina passava aqui, que a máquina começava a apitar, me dava uma vontade até de chorar! De tan-

ta saudade da minha Leopoldina!"

É um depoimento com aspectos da "cisão" indicada pelos psicanalistas que, segundo Peter Gay, assim "chamam essa modificação drástica e conveniente... e a vêem como um afastamento de modos mais adultos de perceber o mundo." (GAY, 1989, 48) Há, também, grande dose de idealismo e ansiedade. (*Idem. Ibidem*)

Segundo Ecléa Bosi, "A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o 'em si' do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma." (7) As interferências que sofre estimulam ou reduzem a rememoração, agindo nesta capacidade dos indivíduos. Os componentes da auto-identidade, mais ou menos articulados a certas experiências da auto-estima individual, fornecem indicações para o entendimento desse processo.

A família é um destes pontos de articulação. A socialização de seus membros é um elo importante nesta rede. Há duas vias pelas quais os indivíduos se inserem aí, conectando individualidade e estima.

Na primeira, a trajetória vem da usina para a família. O orgulho em educar os filhos é permeado por menções positivas à usina. Esta, indiretamente, através do salário, teria participado daquele esforço. A usina medeia a auto-estima individual, participando da auto-identidade e agindo, portanto, nos seus pontos de rememoração. É o que surge no depoimento da ex-chefe do D.F.:

"Durante o período que eu trabalhei, consegui pelo menos a minha casal. Aos pouquinhos, consegui educar minhas filhas. São formadas. Com meu trabalho. Vivi sempre do meu trabalho, e para minhas filhas. Sempre vivi, de casa para o trabalho, do trabalho para casa, e para minhas filhas. Procurando que elas estudassem, para hoje em dia elas serem o que são. Então, eu agradeço muito os anos que eu trabalhei."

Encontramos aqui o mesmo "culto à empresa ligado àquele do 'valor trabalho'" descrito por Noiriell. (NOIRIEL. Op.cit. 201) Nele, há uma concepção de "trabalho gratuito" voltada para "inserir a 'noção de esforço' onde... a miséria é verdadeiramente uma necessidade para o funcionamento ideológico do sistema... o valor das pessoas é definido através de um esquema individualista e vertical." (Idem. Ibidem) Neste mesmo sentido, ele indica ainda que, "é nestas velhas famílias que se transmite... uma memória do trabalho e igualmente uma disciplina que pode ter, por sua vez, formas simbólicas." (Idem. 259) Segundo Bertaux, é a família como local de produção cultural dos adultos, futuros trabalhadores produtivos onde, "a forma familiar atual, máquina de molecularizar a população... (casal + crianças) é o próprio funcionamento dessa forma que faz dela uma pequena fábrica de idéias conservadoras", onde "o móvel essencial da produção de seres humanos não é o seu aspecto de produção material, mas o seu aspecto de produção cultural." (BERTAUX. 1979. 68) Bertaux

ainda acrescenta: "a ordem social de classe instituída se esforça, a partir do material humano bruto de que dispõe, por produzir não apenas bons cidadãos em geral, mas também bons operários, bons empregados, bons executivos... Os seres humanos não são consumidos como foram produzidos, eles são produzidos (tendencialmente) da maneira como serão consumidos... não é a produção dos homens que determina a produção de coisas, é a produção de coisas que - na ordem de classe atual - determina a produção dos seres humanos." (Idem, 69)

Na segunda via, o eixo está na família, e parte dela para a usina. São as diferentes fases em que a usina absorveu parentes, ou amigos, abrindo espaço para um reforçamento - ilusório, porém eficaz - da auto-estima. A individualidade se referenciou em torno desse envolvimento. E, do comprometimento exigido e delegado pelo capital com os destinos da usina. O velho operador do laminador pequeno se referia frequentemente, orgulhosamente, por ter "colocado" dois filhos na fábrica. Reforcando sua auto-imagem, muitos que passavam por seu posto sempre o cumprimentavam. Seu despoimento expressava sua importância nas relações de trabalho, produto da mediação da usina na sua existência, conforme indicamos em capítulo anterior.

Neste ponto, retomaremos um aspecto já citado da representação social: a estética associada aos acidentes de trabalho.

Há uma linha demarcatória entre, acidentes que com operários e aqueles com outras classes sociais. Os efeitos

físicos são os mesmos para qualquer indivíduo. Mas, as causas, cuidados, tratamentos e recuperação, física e mental, são total e profundamente distintos.

Psicológicamente, o acidente pode acentuar estigmatizações anteriores, sustentadas por uma situação sócio-econômica prévia de exclusão. Neste caso, o acidente reforçaria o distanciamento social de um modelo estético dominante de beleza, e privilegiador de uma certa condição-distinção de classe. O distanciamento contribuiria para, fomentar comportamentos e atitudes preconceituosas e discriminadoras, disseminados entre os trabalhadores. A convivência diária, e a visão que alguns deles têm entre si, forma os canais que sustentam o trânsito daqueles modelos. Nestes momentos, a beleza associada à auto-estima aparece como um privilégio e com uma advertência; não lhes pertence nem lhes é acessível. Então, as preocupações estéticas porventura assumidas pelos trabalhadores, são vistas e tratadas com desdém e sarcasmo. Como no depoimento do encarregado das formadoras de tubos:

"Fui eu que sugerí, a 'chanca'. Ai, passaram a usar sapato de lona. Ai, já melhorou bem. Mas, depois, o pessoal passou a ir para casa de sapato e voltar. Eles saíam para casa, e para passear! Sabe como é! (riso) Ele ia para casa. O sapato era para botar dentro da usina. E não ir para casa. Então, eles pegavam, passavam pelo vigia e iam embora. E a 'chanca' como era feia, para andar na rua, na calçada ia fazer barulho, então eles não iam! Mas, o

sapatinho bonitinho éles botavam para passear!"

Neste ponto, cabem algumas questões: Quais são os vínculos e mensagens que, a nível de representação social, definem o que é operário? Como os meios de mediação do capital na usina, se apropriam e difundem tais definições entre os trabalhadores? Como e de que forma, estas definições alcançam os trabalhadores? Quais são – e como funcionam – os aspectos destas definições, que reforçam ou não, positiva ou negativamente, a auto-identidade do trabalhador? Como essas imagens-definições contribuem para conduzir a auto-identidade a um auto-preconceito, reduzindo as possibilidades de expansão do ego na sociedade – na medida em que essencialmente não guarda correspondência com o modelo predominante nela – e, assim, afetando a memória?

Se começarmos a responder a estas questões, nos depararemos com uma expressão sutil e aprimorada da dominação de classe sob o capital. Aquela da exclusão da cidadania operária pelos desvios em seus esforços libido-emocionais, desgastados nessas tentativas de se transformarem nesse "ser supremo". Este poderá – quem sabe?! – lhes garantir um lugar na História. O produto destes esforços é uma variação do "conflito íntimo" de Gramsci. Os trabalhadores buscam incessantemente, a sua auto-identidade e auto-estima neste modelo de cidadania hegemônica. E este reflete para eles a imagem que lhe fôr mais conveniente. Tais esforços não conduzem aos resultados esperados. Senão que trazem a dor e os sentimentos de impotência e frustração. Aflição, angústia e desespere-

ro é o que fica. Como vimos nos depoimentos.

Decompondo o "conflito íntimo" em unidades mais simples da auto-estima e da auto-identidade, encontramos um sugestivo pano-de-fundo da memória operária. E a forma como auto-estima e auto-identidade são incorporada à sociedade pela ideologia dominante: conformam uma cidadania de segunda categoria na medida em que êles não são, exatamente, aqueles "consumidores felizes" que caracterizam a cidadania hegemônica.(FERRAROTTI. 1976. 156)

Neste sentido, dizer, "a classe operária não tem memória" é uma constatação ingênuas, de senso comum. Ou seja, é preciso considerar:

1) quais os critérios estabelecidos que estimam estes ou aqueles aspectos - valores estéticos, éticos, morais, etc. - como relevantes da memória? Que classe detém a hegemonia na definição e orientação de tais aspectos?

2) como as condições de vida concretas dos trabalhadores são colocadas diante de tais critérios? Onde há igualdades e diferenças entre êles? Como êles contribuem para a manutenção, ou exclusão, de sua auto-identidade?(8)

3) como a auto-estima contida na condição concreta de vida dos operários, é vista e tratada por tais critérios? Em que medida, o "operário" tem espaço neles, e de que forma compõe aspectos que facilitem uma relação entre auto-identidade e memória coletiva?

Sob o paternalismo, amplia-se a dominação do capital na reprodução da força-de-trabalho, dentro e fora da fá-

brica. O Estado atua pouco. Ou de maneira reduzida, tímida e incompleta. Os investimentos na infraestrutura da região de Mesquita - Baixada Fluminense - sempre se caracterizaram pela falta, ou carência acentuada.

Para o trabalhador, sob relações de trabalho paternalistas, a reconstrução e preservação da auto-estima é mais dramática. As alternativas para isso, fora do âmbito da fábrica, são mais estreitas. Neste sentido, os danos dos desgastes psico-físicos distinguem-se dos que ocorrem em fábricas modernas e racionalizadas. Não pelos seus efeitos. Praticamente os mesmos, na medida em que a relação de produção é idêntica. Mas, pela forma que toma a mediação.

As sabotagens devem ser vistas nesse contexto. Ou seja, no âmbito da estrutura paternalista de dominação e controle. E como expressão de ruptura de sua frágil - porém eficaz e violenta - reprodução. Submetidos a uma brutal pressão, para manterem um equilíbrio psicológico, fisiológico e social, os trabalhadores acumulam uma carga de tensão no trabalho. Muito superior às suas capacidades de absorção individuais. Pois, não contam com qualquer respaldo interno nem, tampouco, no âmbito coletivo.

Procuramos mostrar como as representações sociais associam-se às exigências das relações de produção e de trabalho. As condições de trabalho, e os acidentes de trabalho são parte destas relações. Formam, com elas, parte desse processo. Fomentam a exacerbção dos estigmas e, paralelamente, trazem à tona a questão da "onipotência" da medicina

e sua crise, da qual a falsa polarização "oficial" versus "popular" é a expressão mais comum. Segundo Loyola, "as relações entre medicina oficial e medicina popular não são estáticas como deixam transparecer os estudo que associam a medicina popular aos comportamentos atrasados, arcaicos, tradicionais ou rurais, esvaziando assim a questão da relação e interpretação dos dois sistemas terapêuticos." (LOYOLA Op.cit. 194)

NOTAS

- 1 - O ajudante do operador do laminador pequeno, referiu-se assim ao mais velho trabalhador da usina: "Isso - a máquina - é com o velho aí. Mas, ele não esquenta. O pessoal aí do lado - laminador também- estraga material. É o diabo. O velho não esquenta."
- 2 - "O cara está acostumado a fazer aquilo todo dia. É até uma bricadeira! Então, um dia, por ter muita confiança em si, ele pode causar um acidente por causa disso... O maior problema do acidente é o esquecimento do costume do trabalho." (controlador de qualidade e operador de fabricação de tubos)
- 3 - Para o encarregado da matéria-prima, com 29 anos de usina: "Isso aqui, já teve pessoas que disseram: 'José, porque você não corta essa verruga?' Não! Isso aqui já veio dos avós! É lá de três ou quatro gerações para trás. Isso aqui é um sinal de família. Então, isso aqui

não me atinge nada. Agora, um acidente eu acho que a gente tendo condição de evitar, é muito melhor. Porque, quando se trata de acidente, por muito bem tratado que a gente foi na época, sempre fica uma marca."

- 4 - Segundo o encarregado dos fornos: "Tião e Trajano, trabalhavam ali. E dali acidentou-se. Ai, botaram ele para vigia. Essa companhia é muito boa!. Legal! é. Dava um jeito. Camarada que não podia pegar peso, botava na portaria. De vigia. Qualquer coisa assim. Fazer faxina. Ele trabalhava na lavagem de tubos. Ai, aproveitaram ele para vigia. Tem outro. Perdeu os dedos. Ai botaram ele de vigia também... sempre... aproveita."
- 5 - "Com 15 dias me acidentei. O disco caiu no pé. Pôxa, pensei que eles iam me 'chutar'."(operador da tesoura) Estas dúvidas e ambiguidades torturavam os operários, e eram tão danosas quanto os danos causados pelas condições físicas de trabalho. Assim é que, para o enfermeiro, os trabalhadores da usina sofriam tanto por causa do desgaste físico, quanto mental: "Tive empregado lá com doença mental. A ponto de ir para o seguro. Ficarem encostados muito tempo. E desgaste físico também. O Sr. sabe, empregado lá ganhava pouco. E essa situação deixava o empregado meio constrangido. Porque tinha família. Às vezes, muitos filhos. E o dinheiro não dava."
- 6 - "Me lembro do... que se machucou lá. Inclusive, ele está de vigia ainda. Está na vigilância. Justamente por causa desse problema... Encostado. te esteve hospita-

lizado. E ficou com defeito. Até que mais tarde... Ele esteve afastado um bocado de tempo. Aí, voltou. Mas, aí já veio para a vigilância. é um serviço que não puxa muito, pelo problema dele." (encarregado do controle de qualidade)

- 7 - E a autora continua: "O narrador está presente ao lado do ouvinte. Sua mãos experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz...A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador a sua matéria, a vida humana." BOSSI, 1979, 46 e 49.
- 8 - "Tive empregado lá com doença mental. A ponto de ir para o seguro. Ficarem encostados muito tempo. E desgaste físico também. O Sr. sabe, empregado lá ganhava pouco. Essa situação deixava o empregado meio constrangido. Porque tinha família, s vezes muitos filhos. E o dinheiro não dava." (ex enfermeiro)

3 - Momentos do drama do corpo na usina.

Começaremos retomando os acidentes e as condições de trabalho. Os riscos das matérias-primas e as ameaças das máquinas, devem ser entendidas a partir de mudanças de três elementos mediadores:

EÁRICA	SOCIEDADE	SÁUDE
(espaço interno)	(espaço externo)	(condições internas)

ia. -laminadores pe -agricult. subs. -saber popular
 fase queños, tesou-
 rinhos e peque-
 no galpão.

Ea. -laminadores -intensificação -instalação do saber
 fase grandes. da urbanização científico com a
 com loteamento enfermaria

3a. -formadoras de -péssimas condi -médico : popular
 fase tubos. ções urbanas. "vs" científico

Na vida dos trabalhadores na usina, dois fatores foram considerados: a contratação dos enfermeiros e dos médicos e, depois, a instalação da enfermaria. Ambos tiveram em comum: a falta de um local fixo e definido, e de vínculos mais sólidos na estrutura organizacional da empresa.

Desde que foi instalada, a enfermaria transitou pelo interior da usina. Deslocada, constantemente, de um para outro lugar, como uma questão de segundo plano. A esse respeito, são coincidentes três depoimentos: da ex-chefe do D.P., de um velho trabalhador da usina, e do ex-enfermeiro:

"Primeiro, a enfermaria era ali onde tem o banheiro do Dr. Depois, fez a enfermaira nova do outro lado. E fizeram aquele banheiro luxuoso ali! Depois, voltou para ali onde está o enfermeiro hoje

em dia. Aquilo ali é novo. Ficou muito tempo ali. Aquele prédio ali, foi uma coisa nova. Ficou uns 10 ou 15 anos ali. Depois, foi para o 'tesourão'. E agora, está ali daquele lado. No 'tesourão', ficou pouco tempo. Porque, quando vinha o médico, tinha que parar o 'tesourão'. Não dava certo. Aí, foi que resolveram tirar a enfermaria cá para o outro lado... A enfermaria era ali, naquele corredor ali embaixo. Lá no cantinho. Uma porta que entra ali. De quem sai da oficina. Depois, fizeram onde era o departamento de pessoal. Depois, botaram para o outro lado, onde era o 'tesourão'. Ali, fez muito barulho... A enfermaria, ela era num cubículo. Lá num canto. Dali, eles fizeram uma enfermaria nova. Eu sei que foram quatro enfermarias. Ali onde é o departamento de pessoal. Depois construiram aquela onde era o 'tesourão'. Houve muita reclamação. As vezes estava atendendo ali, e a barulhada daquela tesoura. Ele não podia fazer uma auscultação direito dos empregados. Depois, fizeram essa enfermaria do lado de cá. Melhorou."

A "dança" da enfermaria, mostra o descaso pela sua instalação num local apropriado, onde o atendimento médico pudesse ser feito de forma adequada para um diagnóstico, tratamento ou encaminhamento de um doente.

O enfermeiro, por sua vez, enquanto trabalhou na usina esteve submetido a um contrato que o deixava, ao mesmo

tempo, dentro e fora da empresa. Entre 1/4/63 e 8/1/68 era empregado de Cias de Seguros, trabalhando na própria usina. De 1/2/68 até 2/1/85 trabalhou diretamente como enfermeiro na usina.⁽¹⁾ Sua história de vida profissional acompanhou a expansão daquelas Cias de Seguros. Segundo Castro Gomes, quatro Cias controlavam, em 1924, cerca de 3/4 do volume de acidentes de trabalho no país. E, até 1960, a tendência foi uma grande expansão desse tipo de atendimento. (Cf. GOMES. Op.cit. 175)

A contratação e continuidade do trabalho desse enfermeiro na usina por mais de duas décadas, foi sempre mediada, também, pela estrutura paternalista. Sua permanência era mantida, e periodicamente reforçada por essa relação. Neste sentido, uma das razões de sua longa permanência, era o atendimento informal prestado aos familiares dos operários. Era a principal função dele na reprodução daquela estrutura de dominação.⁽²⁾ Pois, "o projeto do paternalismo... obriga o patronato a introduzir a dimensão familiar em seus cálculos." (NOIRIEL. Op.cit. 180)

Havia todo um ritual - sustentado por mútuas conveniências - conhecido e seguido, tanto pelo enfermeiro, quanto pelos trabalhadores. Ambos sabiam o que deveria ser feito, posicionandose informalmente para romper com as barreiras formais existentes. A relação com o enfermeiro era, portanto, uma peça chave no funcionamento e reprodução daquela estrutura dentro da usina.

Dai, a visão e os comentários paradoxais que os

trabalhadores tinham do enfermeiro. Ao mesmo tempo, ele representava os aspectos mais negativos de atendimento, e noutras circunstâncias atuava de uma forma esforçada, dedicada e profissionalmente eficaz. Assim, a lado de comentários depreciativos, encontramos entre os trabalhadores referências reconhecedoras das dificuldades e limites que ele enfrentava. Segundo ele mesmo, o pessoal o procurava "mais do que o próprio médico". E, durante anos de trabalho na usina, foi sempre "muito bem considerado, pelos empregados". E, como não poderia deixar de ser, acrescenta logo a seguir: "também pela diretoria!"

O alcance de sua atuação não se restringia à usina. Na divisão paradoxal do seu comportamento profissional estava o reforçamento, ao nível da usina, de alguns aspectos sobre a qual se erige a divisão mais ampla entre, medicina "científica" e "popular".

'Entre os trabalhadores mais velhos, a tendência era a valorização dos dois comportamentos.

Em primeiro lugar, o "privilegio" de terem se consultado pouco com a medicina "científica". Do primeiro médico, por exemplo, há sómente comentários depreciativos, vinculando sua atuação profissional ao capital: "Ele trabalhava para a fábrica. Não acertava nunca!"(3)

A opinião dos velhos operários é compartilhada pelo enfermeiro: "Quando eu cheguei, ele já estava lá. Ele atendia a parte médica lá. Quando eu cheguei lá, estava tudo jogado."

Por isso, nesse período, muitos preferiam se tratar fora da usina. Evitavam aquele médico. Principalmente nas doenças que, aparentemente, não tivessem nada com o trabalho na usina. (4)

Em segundo lugar, estimulavam-se os comportamentos opostos à medicina "científica". A maioria dos velhos trabalhadores enfatizou um choque com a medicina "científica", de uma perspectiva de medicina "popular". Tomavam por parâmetro a forma como aquela era exercida dentro da usina. E resistiam à ela, através de uma visão vinculada às suas relações com o conhecimento médico popular.

A trajetória se sustentava no descrédito da medicina, tal como era praticada no âmbito da usina. Mas, sem confusões generalizantes. Essa não era identificada como a forma de tratamento que, em geral, os médicos exercessem fora dela. Assim, algumas situações dramáticas, vividas no âmbito familiar, contribuiam para resgatar essa confiança. O envolvimento da família no tratamento e cura do doente reforçava esse resgate. Uma destas experiências, de participação no processo de tratamento de um parente acidentado, foi assim descrita por um dos operários:

"Tem um acidente de um irmão meu. Aquele Hotel Brasília, ali em Mesquita. Meu irmão trabalhou. Ele era marceneiro. Colocou o madeiramento de cima. Colocou o telhado. Depois que ele desceu, tinha um vergalhão. Ele foi lá tirar o vergalhão. Dizem que pegou nos fios de alta tensão. Jogou ele

na marquize, e da marquize na rua. Levaram ele para o hospital. Estivemos lá nesse dia. Visitando. Ele amarrado numa cama. Com fome, sem poder comer nada. Demos cominda. O médico não queria. Esteve lá mais uns dias. O chefe do hospital me chamou e falou assim: 'O Sr leva seu irmão para casa, porque seu irmão nunca mais vai andar na vida.' Muito bem! Aí arrumamos e levamos ele para casa. Ele morava num barraquinho de tábua, lá em Mesquita. Aí, eu falei com a mulher dele: 'Olha, a única esperança nossa é o Dr. ... Eu vou lá.' Cheguei lá, ele explicou: 'Você pode trazer ele aqui?'... 'Não senhor! Ele não anda.' Ele falou: 'Então, você aguarda.' Quando terminou, ele foi lá comigo. Ele olhou ele, olhou, olhou. Fez umas perguntas a ele. Aí, o Dr me chamou: 'Olha, se o Sr aguentar comprar o remédio para ele, eu garanto que em seis meses eu boto ele andando.'... 'Tá legal! Vou fazer tudo para conseguir comprar o remédio.' Aí, comecei a comprar aquelas injeções. Passei uma vida desgramada! 'Pelejando' para ver se ele ficava bom! Realmente, com seis meses ele estava andando. Ele está aí hoje. Anda para tudo que é lado. E o outro, daqui de Nova Iguaçú, falou que nem sentar nunca mais! E o de lá botou ele bom! Ele é uma beleza! É sério! A gente tem que confiar naquilo que a gente vê!" (operador da decapagem)

O atendimento médico fora da usina tem, portanto, os mesmos componentes paradoxais existentes dentro dela. O descaso da estrutura de atendimento médico com os trabalhadores contribui, igualmente, para alimentar a visão mítica da medicina "científica", entre os que receberam algum atendimento dela. A situação de abandono, os sentimentos de desespero e angústia, nas circunstâncias difíceis - seus recursos são praticamente inexistentes - e incontroláveis, são as bases de sustentação daquelas imagens míticas. Quando a prática médica foi mais eficaz - como no caso acima descrito - a reprodução da mitificação é mais acentuada. De qualquer forma, são os riscos, ameaças, péssimas condições de vida e de tratamento de doentes e acidentados - os componentes na usina guardam continuidades fora dela - que, em conjunto, compõem a crença cega na medicina. Mas, paradoxalmente, eles forjarão as matrizes da perda dessa crença.

Na busca da preservação física e mental, os trabalhadores procuravam, se possível, distanciar-se do tratamento médico "científico". Principalmente do atendimento da usina. Em capítulo anterior, vimos como muitos procuraram tratamento junto à família. Essas terapias eram mais valorizadas, na medida que tivesse precisado menos da assistência médica da usina.(5)

Ao mesmo tempo, apropriavam-se de terapias holopáticas. Para manter um distanciamento e autonomização, diante da ineeficácia da medicina "científica" assistencial. Segundo o encarregado dos fornos:

"Naquele tempo, ninguém sabia direito o que era o I.N.P.S. O pessoal se cuidava, na época da fábrica pequena. Uma que eu não me esqueço, foi quando meu garoto ficou com a pele cheia de caroco. Fui no I.N.P.S. e o médico me passou uma pomada. Não deu certo. Um dia, conversando com um colega aqui, Ele me disse: 'Compra a pomada tal.' Eu comprei. Passei no garoto e Ele ficou bonzinho. Tem mais de 30 anos. Nunca mais me esqueci do nome dessa pomada."

Outra forma de preservação, voltada para diminuir o desgaste psicológico, era partilhada pelos mais velhos. A receita era: não se preocupar com os problemas da produção. Trabalhar de forma mais alienada possível destas questões. Essa era uma das "lições" que o mais velho trabalhador da usina ensinava ao seu jovem ajudante, e futuro substituto no laminador pequeno. Ele lhe dizia para "não esquentar", quando o encarregado começava a cobrar mais produção. O operador da decapagem empregou uma metáfora, com idêntico conteúdo daquela advertência. Com um sorriso irônico, disse preferir um boné velho ao invés de capacete de plástico porque: "Boné velho, não esquenta!"

Estes aspectos contribuem para a reprodução do efeito placebo da medicina popular, reforçando o conhecimento dos chás - melão São Caetano, etc - entre os trabalhadores. Com a usina, a medicina "científica" estimulou os cuidados no uso deles. Assim, o enunciado do conhecimento popular ganhou uma série de advertências. O preparo e admis-

são era muito parecido com o da medicina científica.(6) Segundo Loyola, "o recurso alternativo ou mesmo concomitante aos dois sistemas de tratamento produz efeitos sobre ambos... a medicina oficial está constantemente presente como sistema de referência, por trás de todas as operações de triagem efetuadas pelos especialistas religiosos."(LOYOLA. Op.cit. 194)

Mas, os tratamentos da "medicina popular" também deixaram lembranças desagradáveis. Dôres e alguns casos de frustrações devido, principalmente, à falha de diagnose.(7)

Para a descrença da medicina "científica" contribuiu muito, também, o fato que não era só o corpo do trabalhador que sofria os efeitos do trabalho na usina. Sua família era atingida. Daí porque, outros membros do grupo colaboraram com as suas lembranças na reconstrução desses fatos. As mulheres, principalmente, eram mais requisitadas tanto física quanto psicologicamente. A esposa do operador da decapagem perdera de uma criança na gravidez. Segundo ela, a causa fora a preocupação com uma queimadura do marido na usina.

Da mesma forma, o peso do "autoritarismo" do operador do laminador pequeno não era reservado só para ele. Sua esposa fora internada diversas vezes no I.N.P.S., devido a "problema espiritual". Nessas ocasiões, deixava seus três filhos, de 5, 9 e 11 anos sózinhos em casa. Acordava mais cedo, e preparava o almoço para entrar às sete e meia da manhã na usina. Os filhos mais velhos tomavam conta da mais

nova. A avó, morando nos fundos, do outro lado do muro também ajudava. Para ele, o pessoal da usina era "legal" porque entendia o problema dele, e não mudava seu horário, nem exigia horas extras. Segundo ele, o apôio da direção foi um reconhecimento pois: "Em 17 anos, não tenho quase licença nem seguro."

Essa mesma "consideração" da usina, não aparece na assistência prestada aos acidentados. Em geral, feita pelos próprios companheiros. Cada parte do corpo atingida, é um registro da participação de algum atendimento que não era da direção.(8)

Muitas vezes, a obrigatoriedade de convivência com o desconhecimento dos riscos, trazia acidentes com sequelas psicológicas.(9)

Há 26 anos, o mecânico da retífica sofreu um acidente. Sua descrição deixa claro o descaso da empresa, que não aparece nenhuma vez no atendimento imediato:

"A oficina era no meio da usina. No centro. Eu estava ali, praticamente sózinho. Fiquei meio imprensado. Fui nos botões e desliguei tudo. Corri, arrumei uma estopa e enrolei aqui assim. Estava sangrando muito! Ai, veio um rapaz, que eu não me lembro quem foi, falar comigo. Eu disse: 'Me cortou aqui. Vou lá para o escritório.' Lá, botou uma mecha de algodão, e enrolou bastante gaze. E me deu uma guia, para eu ir para Nova Iguaçú. No meio do caminho, no portão, notei que aquilo escorria mui-

to sangue. Não fui pegar o trem. Peguei um taxi, aqui na praça, por minha conta. Ai, o rapaz botou um jornal no assento, e eu botei o braço, para o sangue ficar em cima do jornal."

Se o deslocamento para o hospital não era em taxi, pago pelo acidentado, havia o automóvel do encarregado das formadoras de tubos. Fez diversas viagens a Nova Iguaçú, levando acidentados. A maioria dos atendimentos eram, portanto providenciados pelos próprios trabalhadores.

Tais "arranjos" predominaram, também, na introdução dos Equipamentos de Proteção Individual, ou os E.P.I.

Seu uso contínuo altera a percepção. Cria uma falsa impressão de segurança individual, e não elimina as origens da agressão, da matéria-prima ou da máquina. O argumento da obrigatoriedade do uso é a resistência da matéria-prima. Mas, essa depende das condições do maquinário que, em geral, não é considerado. Então, o E.P.I. altera a capacidade de percepção de um acidente. Colocado entre o homem e a máquina, modifica o conteúdo de uma "manha" ou "hábito" já instalado. Reduz, portanto, sua capacidade de detecção de alguma alteração. Ao mesmo tempo, a rotina das condições do ambiente de trabalho, gera um processo de entorpecimento da percepção. Por isso, desde que foram introduzidos na usina, houve polêmicas quanto à adequação ou inadequação de tais equipamentos. Em torno delas, girava a questão da redefinição no seu uso, que não se restringe só a eles. Quando esse reducionismo prevalece, o efeito do uso dos E.P.I. é parado-

xal: uma proteção que traz outros males. Como, por exemplo, o aparelho de proteção auricular. Seu uso contínuo produz "cerume" no ouvido. Em suma, os acidentes de trabalho ocorrem com quaisquer proteções individuais. Não conseguem evitá-los. Assim, podemos circunscrevê-los em uma das duas situações concretas de relações homem "vs" máquina:

- com tecnologia nova, o acidente ocorre por cansaço físico e mental devido a uma rotina tecnológica;
- com tecnologia velha se dá por uma quebra da máquina, em meio à "manha" ou "habito" da relação do trabalhador com a máquina.

Os E.P.I. só tem eficiência quando articulados ao conjunto de relações homem "vs" máquina. E.P.I. novos e máquinas velhas, não resolvem nada. Ao contrário: atrapalham. A eficácia dos E.P.I. só é possível quando acompanhada da manutenção periódica do maquinário. Sem isso, éle é mais um instrumento de proteção jurídica do capital.

Aliás, esta é uma das atividades de seu cérebro, que o capitalista delegou para outros trabalhadores. No começo, tal incumbência era dada aos engenheiros e técnicos. Na medida em que as questões "éticas" e "morais" começaram a atrapalhar a produtividade, novos profissionais eram incorporados. Nessa linha de aquisição está o conhecimento médico, diluído desde o D.P. até o ambulatório e a produção. A contratação do médico reforçaria a proteção jurídica do capital na usina. Os argumentos giravam em torno de uma terminologia infortunistica, ou imprevisível.

Neste sentido, há muitas diferenças nas descrições de dois acidentes mortais que ocorreram na usina, em 44 anos de funcionamento. Quando feitas pelos operários são dramáticas, e contém imagens precisas e de extrema violência:

"O acidente que me marcou mais foi por volta de 55 ou 56. Um encarregado da seção. Eu era novo de fábrica. Ele subiu uma escada de ferro que tinha ali em cima da decapagem. Subiu com um funcionário. E tinha um tanque lá em cima. De gasolina, ou óleo. O bombeiro desceu e ele ficou. Houve uma explosão. Ele foi quase decepado. A perna dele. Um troço patavoso! Tiveram que colocar ele dentro de um pedaço de lona e descer. Ele tinha dois filhos que trabalhavam lá. Ficaram traumatizados. Esse senhor tinha sido indenizado. Tinha uma semana que ele tinha voltado a trabalhar... Nós estávamos testando um aparelho para limpar uma tubulação entupida. Trabalhava com óleo grosso, num tanque de óleo em cima. Tinha o automático que armava e desarmava a bomba, e jogava o óleo para cima. Houve um problema e o óleo não queria descer. Aí, o engenheiro da usina mandou botar gasolina dentro do tanque, para ver se o óleo ficava mais fino. Aí, eu disse: 'Não seu Sebastião, fica aqui que eu vou lá em cima.' Quando chegou no meio da escada, eu pensei na minha cabeça: não, o serviço é dele! Aí voltei. Ele subiu. Coitado! Deu aquele fogo lá em cima. Partiu

o homem em tres pedacos. Foi ele chegar lá e morrer. Eu nem vi nada. A gente tudo apavorado! Ai, acabou comigo também! Fui internado no hospital nesse dia. No outro dia, eu vim embora para casa.. Foram tirando os pedacos. Todo queimado. A perna. O braço. A cabeça. Dentro de um saco de estopa, ninguém sabia se era gente ou se era rato. Se era bicho ou se era gente... Desceu enrolado numa trouxa de lona."(encarregado do controle de qualidade, operadores de decapagem e empilhadeirista)

O outro acidente fatal ocorreu com um jovem operário, que trabalhava arrumando "pontas" de laminados. Ele empilhava-as umas sobre as outras. A descrição não perde, também, o conteúdo violento do fato:

"Ele foi lá, jogar uma ponta, e caiu tudo em cima dele... Fiquei impressionado. Eu vi. Ficou preso lá no portão, onde tem a banca do vigia. Ali, ele botava umas pontas. A chapa correu e prendeu as pernas dele. Ele deu com a cabeça. Arrebentou o crâneo, e ficou ali mesmo. Morreu. Na parte da tarde." (operador de decapagem e empilhadeirista)

O teor destas descrições contrastam com aquelas da ex-chefe do D.P. e do enfermeiro. As imagens violentas são, de certa forma, atenuadas. Surge um ton de pena, permeado por uma relação apiedada. O rastro de preocupação é parte do trabalho deles na usina, exigido pelo patrão. Mas, confrontadas com as descrições anteriores, estas tem um véu

de hipocrisia:

"Foi na caldeira. Ele entrou quase junto comigo. Mas, era um bom empregado. Saiu, e a firma mandou chamá-lo de novo. Com tres dias que estava trabalhando, aconteceu o acidente. Foi o único também, nesses 33 anos que trabalhei lá!! Tínhamos voltado do almoço, quando deu a explosão. O tambor cortou ele pelo meio. Tanto que, a parte do tórax dele ficou lá em cima. Aí, veio policial Médico! Aquela coisa toda! Para ajeitar ele direitinho. Antigamente, tínhamos uma funerária aqui pertinho, que atendia a usina. Então, veio logo. Arrumou ele direitinho... No meu período?! Teve acidente com morte lá. A explosão da caldeira. Agora, eles acabaram com a caldeira."

Essas descrições assépticas, permeadas de frieza burocrática, tem algo em comum com a menção telegráfica do engenheiro destacando que ele não estava presente:

"Aqui, em matéria de acidentes graves, graves mesmo, já houve! Já houve até caso de morte aqui. Mas não é do meu tempo. É anterior à minha chegada na usina."

A culpa que o médico possa sentir ao exercer uma atividade inócuca e ilusória, é parte da sua tarefa na usina. Entre outras coisas, é para carregar tal culpa que o capital lhe paga! Assim ele enriquece o bolso, protegido juridicamente e com a consciência tranquila. Nos termos de Peter Gay

são "noções auto-indulgentes que desfilam como expectativas complacentes, ligadas a uma boa porção de denegação - ambas são defesas contra as realidades diariamente presentes diante dos próprios olhos dos industriais, defesas mobilizadas não apenas para engordar as suas bolsas, mas também para aliviar as suas consciências."(GAY. Op.cit. 45)

As tarefas de mediação necessárias ao capital são muitas. A denegação dos olhos dos industriais alcança outros profissionais liberais, como: a tristeza do médico, a impotência do engenheiro, a abnegação do professor, o despojamento do jornalista, o sacrifício do advogado. Estes, e tantos outros adjetivos que se aplicam a tais categorias, são eixos importantes da grade de memória das classes médias. Todos guardam entre si alguns pontos de conexão com essa função de denegação requerida pelo capital, através da qual, contratando tais especialistas, ele dilui suas defesas no processo de exploração da força-de-trabalho.

A condição pessoal é distinta para os trabalhadores. O equilíbrio psicológico, sempre rompido pelas exigências das condições de trabalho, dificilmente se recompõe. A auto-estima do trabalhador não possui os recursos do indivíduo capitalista, protegido do desequilíbrio que poderia envolver sua existência. O indivíduo trabalhador, contudo, está totalmente exposto. Na usina e nas condições de vida da Baixada Fluminense, sua existência pessoal carece de recursos - grupais e individuais - capazes de atenuar o peso dasquelas condições na sua auto-estima. Os dramas são imedia-

tos. Na vivência deles, não conta com recursos mediadores capazes de fornecer algumas defesas. Por isso, as rupturas são constantes na história de vida dos trabalhadores. "Há um campo onde a angústia e a inibição tendem a ser particularmente sensíveis e destruidoras: é aquele das estratégias mentais elaboradas pelo homem para tentar compreender o mundo, e subjugá-lo simbolicamente... A impossibilidade ou a dificuldade de ocultar um paradoxo, pode ser fonte de sofrimento e embrião de uma situação patológica." (BAREL. Op.cit. 250 e 257)

A mediação da usina, na qual eles tem reduzida ou nenhuma influência, contribui para a ruptura. Ela tem cinco fontes. Apropriadas pelo capital, sustentam as argumentações a respeito das condições de trabalho na usina. São formas de redução do individual ao coletivo, e vice-versa. Suas explicações invertem, ou reduzem, o Psicológico ao Sociológico. Todas medeiam a individualidade pessoal ou grupal, subjetificando o objetivo e objetificando o subjetivo. São "tentativas de definir a verdade de um fenômeno cultural independentemente do sistema de relações históricas e sociais nos quais ele se insere".(10) Ou, nos termos de Gramsci, "a ciência experimental ofereceu, até agora, o terreno sobre o qual tal unidade atingiu o máximo de extensão: ela foi o elemento de conhecimento que mais contribuiu para unificar o 'espírito', para fazê-lo se tornar mais universal; ela é a subjetividade mais objetivizada e universalizada concretamente." (GRAMSCI. 1966. 170)

Com algumas variações – quanto à maior ou menor intensidade de uma ou outra – esses paradigmas usam, mais ou menos arbitrariamente, aspectos da etapa paternalista ou racionalista da usina. Vejamos cada um deles.

1o) psicológicos: desatenções e descuidos. Subdivididos em individual e grupal. Se localizam, principalmente, ao nível das relações homem "vs" homem. Subsidiam os argumentos justificadores da incapacidade pessoal ou grupal, em controlar e equilibrar a relação externo "vs" interno. Visam reduzir os diferentes aspectos ou expressões da questão médica a, sómente, uma questão psicológica. A introdução de novas tecnologias com novos tipos de desgastes, tensões e desigualdades internas, também contribuiu para a elaboração de "novos" critérios "técnicos" de definição de auto-identidade e de fundamentação da auto-estima.(ABRAMO. In, AUTOMAÇÃO. Op.cit. 175) Um operador da usina fez o seguinte comentário, sobre a decisão do uso ou não dos equipamentos de proteção individual:

"Nós mesmos achamos quando precisa ou não. Porque se for esperar pela 'casa', às vezes a 'casa' não está ali olhando! O encarregado às vezes não vê. E a gente tem que pedir. Agora, se houver um acidente, porque não há proteção e a gente não pediu, o encarregado diz assim: 'Não! Eu não estou sabendo! Não estou vendo nada!' O patrão tá, muito menos! Esse mesmo que não está sabendo de nada. Se ninguém pedir, ele não sabe! Então, isso é de nós. A

partir de nós. Nós é que temos de pedir. Porque, se acontecer e nós não tivermos, a 'casa' está livre de condenação. Ela não deu porque não sabíamos que precisávamos. Ninguém pediu!"

Há certas relações impostas pelo capital, entre a usina e a sociedade, reforçadoras dos argumentos dessa forma de mediação. Uma ida e vinda entre um atendimento médico externo e a usina alimenta a suspeita, entre os operários, de que o indivíduo deve ter feito "alguma coisa" para passar por isso. Era a opinião de um operador da fabricação de tubos, sobre um companheiro que sofrera um acidente no dedo:

"Uma hora está na Cia. Outra hora está no I.N.P.S.

O I.N.P.S. expulsa ele. Ele vem para a Cia, e a Cia não aceita ele, que ele não pode trabalhar. Está aquele jogo! Mas, o acidente dele?! Não sei?! Acho que foi 'barberagem' dele! Porque, senão eles não faziam aquilo com ele?! Não é?!"

Sobre esse conjunto de argumentos, paira a ideologia individualizante na prevenção dos acidentes e das condições de trabalho. Nos termos do encarregado dos fornos:

"O apavoramento no trabalho acarreta acidente. Para o trabalho andar, não precisa a pessoa se aforrar. Para que um trabalho ande normal, a gente tem que ser rápido. Não quer dizer que ser rápido, seja apavorado. Quanto mais a gente trabalha, mais ambientado vai ficando. A gente tem condições de evitar melhor o acidente. Já sei que aquilo acar-

reta perigo, já vou lidar com o máximo de atenção.

A gente vai procurando analisar os problemas."

2o) tecnológicos: desconhecimentos e desqualificações, com eixo nas máquinas e matérias-primas. Estes paradigmas transitam, principalmente, nas relações homem "vs" máquina. Visam amortecer o impacto e especificidade das condições internas de trabalho e de produção, preferencialmente diluindo-as no externo. Por exemplo, equiparando-os a situações ou acidentes caseiros. Sobre o período em que os trabalhadores não usavam luvas na usina, assim se referiu o encarregado do controle de qualidade:

"Naquela época, nós não usávamos luva de proteção. Então, o sujeito pegava uma fita e aquela rebarba da fita, às vezes... Até em casa mesmo, o sujeito pega uma faca e dá um cortezinho. Mas, sem maior gravidade."

3o) ambiental: luz, ruído, calor, etc. São aplicadas também a diferentes instâncias da vida do trabalhador, fora ou dentro da usina: no posto, seção, na usina ou no trajeto. Variam, como os demais, segundo os interesses da usina. Em geral transubstanciam-se numa monetarização, que os trabalhadores denominam de "pecúlio" da indenização.

4o) econômico: cálculo de desgastes, racionalização de tempos, gestos, movimentos. É o paradigma utilizado com maior frequência, nas mais diferentes circunstâncias. Se expressa nas seguintes formas:

A) o pressuposto de que o operário tem, apriorística-

mente, em relação ao processo de trabalho e de produção, um comportamento perdulário:

"A 'chanca' quando ela perdia o salto, uns pregavam um salto de couro. Ou um pedaço de pneu. Outros não! Jogavam no lixo já! A 'chanca' quase boal!"
(encarregado das formadoras de tubos)

B) valor do operário reduzido àquele do patrão:

"O acidente não traz lucro para ninguém. No momento que o elemento foi acidentado, a firma já está sofrendo prejuízo."(encarregado dos fornos)

C) condições de trabalho reduzidas a uma forma de "despertar" o trabalhador:

"Até certo ponto, o acidente é bom. Não digo o sujeito perder uma perna. Mas, até que é bom! Porque a pessoa, depois, fica mais... mais esperta!.. Vai vendo acidente dos outros, vai se corrigindo."
(mecânico da retífica e encarregado das formadoras de tubos)

D) barganha e mercantilização utilitarista, com as condições de trabalho e o atendimento médico na usina:

"O feixe de tubos caiu em cima da perna dele. Parece que desarmou, e caiu. Ele agora virou vigia. Parece que tem até um trato aí, dele trabalhar aí até ele querer, e se aposentar... Há pouco tempo, se acidentou um camarada na seção de tubo. Ficou aleijado. Foi para o I.N.P.S. Não pode trabalhar. O I.N.P.S. deu alta a ele, e ele veio trabalhar!"

Eles aceitaram ele. Acho que está aposentado. Mas, eles aceitaram ele de volta. Mas, poucos dias também. Não tinha condição de trabalho. Agora, não sei se ele mesmo arrumou lá a aposentadoria dele." (mecânico da retífica e montador de navalha)

Nesta última, há uma variação: a visão econômico-utilitarista do médico. Assim, enquanto entre os mais antigos operários, havia certa unanimidade nas críticas feitas a um dos primeiros médicos, o empilhadeirista não compartilhava dessa opinião, porque:

"Muito bom também! Precisei de uma ajuda dele, e ele me deu. Foi um atestado para um sobrinho meu. Ele me deu. E qualquer coisa que precisasse, ele me dava também."

5o) moral: conjugando os anteriores, mistura diversos componentes na sua argumentação. Básicamente, tem por pano-de-fundo uma dicotomia entre:

Operário responsável => investimento em prevenção
"VS"

Operário irresponsável =< investimento preventivo
é a burocratização das anteriores, conjugando elementos econômicos com jurídicos, recheados de "psicologia". Suas montagens desembocam no que é denominado de "pulsões econômicas". Segundo Peter Gay, "os psicanalistas consideram que as pulsões não são simples, meros impulsos manifestando uma necessidade simples e única, mas conglomerados, feitos a partir de desejos frequentemente discordantes que lutam por

satisfação. Situados na linha limitrofe 'entre o mental e o somático', as pulsões instintuais diferem de acordo com a sua origem, sua pressão, seu objetivo e, acima de tudo, seu objeto." (GAY, Op.cit. 83/84) E o mesmo autor complementa: "O que o psicanalista tem para oferecer nessa exploração do interesse privado é explicar como os indivíduos ou grupos internalizam esses logros e os tomam como sendo suas próprias idéias." (Idem, 95)

A definição do seria "responsável" ou "irresponsável", era anterior à CIPA na usina. Contribuiram, contudo, para a formalização daqueles argumentos morais.

A CIPA se transformou no principal pólo de propaganda dessa argumentação. E, paralelamente, diminuia a importância do trabalhador na CIPA. O capital burocratizou as funções dos trabalhadores na CIPA. Um operário, há sete anos na manutenção elétrica, relatou-nos tal experiência:

"Durante os dois anos que passei como membro da CIPA, achei a CIPA uma equipe para analisar ficha de acidente. O acidente acontecia, aí era analisar a ficha e colocar condição insegura ou ato inseguro. Providências mesmo, no sentido de evitar acidente, e produzir melhor bem estar para o trabalhador, maior segurança, não tive resultado positivo não. Apesar de várias tentativas por parte dos membros. Nunca encontrou apoio. Alega-se dificuldade financeira."

A burocracia envolveu o enfermeiro, desviando-o da

prioridade do atendimento do acidentado:

"A ocorrência do acidente, encaminhava o empregado para o D.P., e lá era feita a ficha do seguro. Botar o ordenado e tal. Eu fazia também. Quando não tinha ninguém lá, eu ia lá para o D.P., pegava a ficha do empregado e batia aquilo tudo à máquina."

A CIPA representou uma certa ameaça para a estrutura paternalista. Para amortecer seu impacto dentro da usina, visando evitar que os trabalhadores encaminhassem autonomamente as soluções de seus problemas, a estratégia do capital foi atuar diretamente na CIPA. Através de seu filho, o patrão encarregava-se das resoluções adotadas nas reuniões. Assim, mediava as soluções apresentadas, se fazendo presente depois entre os trabalhadores por meio delas.(ii)

O isolamento entre as seções também contribuía para a burocratização da CIPA. Pois, reduzia o contato entre os trabalhadores, diminuindo a comunicação e, consequentemente, o conhecimento dos acidentes que ocorressem no interior da usina. A mediação nos comentários a respeito dos acidentes, controlava a propagação das informações e influia nelas reduzindo, diluindo ou deslocando seus aspectos, e componentes descritivos. Fazendo com que esses, por exemplo, conduzissem a uma individuação das causas por meio da omissão das condições de trabalho e do contexto do processo de produção e de trabalho, no qual o acidente estivesse inserido.(12)

O acesso à CIPA, ao invés de contribuir para uma

socialização dos problemas ligados às condições de trabalho, se transformou num ponto de privilegiamento daquelas informações. Mediada pelo patrão e respaldada no isolamento físico das seções, as iniciativas e conclusões da CIPA deixavam, gradativamente, de pertencer aos trabalhadores. Cada vez mais, eles iam sendo - outra vez - alienados dos perigos e ameaças presentes nas condições de trabalho da usina.(13)

A CIPA é quase total e, essencialmente, dependente e atrelada ao capital. Sua existência acha-se comprometida com as alterações que ele sofra. A organização interna da CIPA - nos interesses dos trabalhadores - é vulnerável a tais alterações na organização do trabalho na usina ditadas pelo capital.(14)

A perda de autonomia, não impediu que a CIPA mantivesse o ranço das velhas atribuições, anteriores à venda da usina. Uma delas era o seu caráter repressivo, que atravessou incólume as mudanças de patrão.(15)

Essa repressão anterior à CIPA, é o fio condutor de muitos relatos de acidentes na usina. No passado, essa característica esteve presente da mesma maneira. Os personagens poderiam ser outros. Mas, a alienação que os trabalhadores eram obrigados a ter de seus corpos, era a mesma. Vejamos uma descrição do operador de laminador pequeno, com mais de 40 anos de usina:

"Naquela época era chão. Em 58. Não era alto não. Já tinha o galpão. Mas, estava levantando. Era chão e tinha umas tábuas. Para a gente andar em

cima. E eu escorreguei. Eu fiz força, e senti uma fissura na espinha. Passado uns dias, começou a aparecer um caroço. Ai então, apareceu o Dr. Eu falei com ele, ai ele disse: 'Isso não prova como foi acidente aqui. Você tem que operar.' Eu disse: 'Como é que vai ser? Pelo I.N.P.S. ou pelo seguro?'... 'Ah, não! Vai ser pelo I.N.P.S.'... 'Então o Sr dá a vaga para outro ai.' Naquela época tinha nascido meu filho...', o Sr. dá a vaga para outro ai, porque minha família não vai morrer de fome.' Eu estou até hoje com o caroço. Mas, vou operar."

Essa relação usina "vs" sociedade resiste há décadas. E garantiu a falência da CIPA, mal esta se instalou na usina. Contribuiu para o processo de gradativo descrédito dos trabalhadores com a CIPA, colocada num campo minado, inseguro e movediço. Como de resto havia sido - sem metáforas! - o próprio solo da usina, conforme vimos mais atrás! Ela representou a continuidade do temor. E foi assolada, logo de início, pela desconfiança dos trabalhadores.(16) E nas crises, esse descrédito em relação à CIPA aumentava.(17)

Esse fatores, presentes na inserção da CIPA na usina, fazem ridículas ou hipócritas as suas iniciativas ali dentro. E, diante das condições de trabalho, muitas se tornam perversas. Como as palestras para os trabalhadores. O objetivo seria, supostamente, diminuir os acidentes de trabalho. Seus argumentos, inócuos e inoperantes porque desconsideram a realidade, conduziam os trabalhadores a uma ansie-

dade. Pois, tais palestras os remetiam à situação de impotência diante daquelas condições.(18)

Inseridos nestes paradoxos, a defesa dos trabalhadores era o pouco caso, como uma forma de preservarem o que tinham de saudável. Um deles, se recordando de um destes ensinamentos inúteis diante das condições que prevaleciam na usina, comentou irônicamente:

"Eles alertam muito. A pessoa já está trabalhando com aquela idéia que eles falaram lá: 'Pôxa! Vamos trabalhar mais cientes do negócio.' Até para ir no banheiro urinar, ela indica: 'Lava as mãos.' E tudo isso ajuda muito. O cara vai no banheiro, tem que primeiro lavar as mãos, bem lavadinhas!"(operador da fabricação de tubos)

Nas reuniões da CIPA, principalmente, os argumentos morais eram envolvidos num enunciado asseptizador. Pois, nestas ocasiões, a burocratização era mais forte. Em consequência, para muitos ser um membro da CIPA significou a possibilidade de drenar favores e privilégios, para a sua seção ou setor.(19)

Os cinco paradigmas - psicológico, tecnológico, ambiental, econômico e moral - são pontos de partida dos argumentos utilizados pelo capital para, em separado ou em conjunto, explicar uma má inserção do homem no trabalho. A construção e utilização dos argumentos é mais ou menos arbitrária, dependendo do grau de exploração da força-de-trabalho. Em geral conduzem a duas linhas de argumentação pola-

rizadas: uma rígida separação entre o externo e o interno da usina, ou uma tênue distinção entre êles. O objetivo é evitar o perigo de uma situação fora de controle, previsibilidade e explicação.

As placas e cartazes formam um universo onde esses argumentos ganham força e expressão. Nelas se disseminam no interior da usina, a síntese dos seus contôrnos ideológicos. Nos galpões estão penduradas três tipos de placas. Em quatro delas está escrito:

"Não falte ao trabalho. Seu serviço é importante."

Tres tem escrito:

"O trabalho de todos é importante. Faça sempre o melhor."

E nas tres restantes, temos:

"Evite acidentes trabalhando com atenção."

Embora sejam grandes, estão há mais de cinco metros do solo. E são quase ilegíveis. Não despertam interesse entre os trabalhadores. Um operador de laminador, debaixo de uma delas, teve muita dificuldade em soletrar o que estava escrito: "é difícil. Está toda empoeirada."

Há também alguns cartazes. Nos fundos da usina, junto ao portão de entrada e saída dos operários havia um afixado na parede, onde lia-se: "A recusa por parte do empregado em obedecer às 'ordens de serviço' constitui insubordinação." Estrategicamente colocado, o cartaz está emoldurado e coberto com vidro. Os operários passam por ele pelo menos quatro vezes ao dia. Mesmo desbotadas, suas cores se

mantém. Tem o desenho de um operário com expressão desbochada, displicentemente encostado a uma pilastra e fumando sob uma placa "Não fume", ao lado de tambores de combustíveis. Ao fundo, outros trabalhadores empurram tambores de combustíveis.

Há uma continuidade entre a idéia contida nesse cartaz, e a postura diante de seu tema. Os diretores, engenheiros e encarregados, agem como se os acidentes fossem provocados pelos próprios operários, ou produtos da mera desatenção deles.

Ao lado desse, há outro cartaz. Sua cromática - vermelho, azul, preto e amarelo - perderam o víço. Sua mensagem - "Contra as doenças profissionais: proteção, higiene, medicina preventiva." - perde o significado que poderia ter para os trabalhadores. Pregado à parede e sem moldura, sua cromática desaparece no meio do amarelo ferrugem.

O mesmo acontece com outro cartaz, próximo deste. Nele lê-se: "Termine bem sua semana de trabalho. Sem acidentes." Dito quadrinhos com imagens de uma família em lazeres, principalmente campestres. Sua cromática também está perdida em meio ao amarelo ferrugem da parede. Ali dentro, o mundo dos prazeres externos perde significado, assolado pelas condições internas de trabalho.

Em meio aos cartazes, há um quadro vazio da CIPA. Nele deveriam estar anotados os seguintes dados:

número de acidentes no mês;

dias sem acidentes;

número de acidentes do mês anterior;

total de dias perdidos do mês.

Há muitos meses não se registra nenhum acidente!

Os operários entram e saem e, diariamente, olham aquele quadro. E, há meses, vêm se habituando a não ter nada nele! E os acidentes, de maior ou menor gravidade continuavam se sucedendo. Para que serve o quadro?! Exatamente para isso: dizer nada! Ao ser usado ele, paradoxalmente, esconde ao se revelar, e revela o que é ao esconder. "A vida social é uma representação onde o público e o grupo se confundem, e este 'paradoxo teatral' abre as portas a todos os tipos de transgressão da peça. A velha regra da unidade de lugar e de tempo tem aqui um sentido... inadvertido... se um sistema pode se constituir e se reproduzir como entidade paradoxal, é porque ele adota estratégias também paradoxais." (BAREL, Op. cit. 199 e 226)

O paradoxo tem continuidade numa placa pendurada bem na entrada, defronte ao portão:

"Não falte ao trabalho. O seu serviço é importante."

Dante das condições concretas de trabalho, só resta ao trabalhador o recurso de verdadeiros malabarismos físicos individuais. Quase nada daquilo que os cartazes e placas apregoam tem a ver, essencialmente, com aquelas condições.(20)

Da mesma forma, há uma "boataria", nas versões que circulam na usina sobre os acidentes. É uma atitude para

contrarrestarem as frequentes, e permanentes, interferências e manipulações do capital. São a resposta dos trabalhadores a estas interpretações, lançadas pelo capital nos canais de informação da usina, e que visam afastar os operários e sombriamente negar-lhes os dados. (21)

As condições de trabalho estão imersas num conjunto de argumentos. O objetivo deles é dar dois destinos ideológicos a tais condições, e que são:

i) numa primeira etapa, tentar sempre diluir o bom senso quanto aos perigos da produção, no senso comum existente entre os trabalhadores. Assim, apesar de encontrarmos afirmações como essa do operador da decapagem:

"A frequência dos acidentes vai mesmo de acordo com o setor onde se trabalha. É claro! Isto está no conhecimento de qualquer pessoa. De acordo com o sistema de trabalho, é mais perigoso."

O que vai prevalecer é um incentivo a outros tipos de observações. Estas se coadunariam com os argumentos lançados pelo capital, voltados para uma articulação entre o senso comum e a manutenção daquelas condições de trabalho:

"Varia. O acidente é causado, acredito que questão de sorte do elemento. Talvez você trabalhando num serviço perigoso mas, você tendo atenção, você não acidenta. E talvez você trabalhando num serviço fácil de fazer, menos perigoso, mas a falta de sua atenção, você... O perigo, ali dentro, eu acho que é em geral. O perigo, eu acho também que fica no

próprio operário. Eu acho que está na displicência de cada operário. Não observar o que vai ser feito." (encarregados da embalagem e da matéria-prima)

2) numa etapa posterior, mais sofisticada, surgem as experiências de prevenção de acidentes em situações laboratoriais. Elas reproduzem ficticiamente as péssimas condições de trabalho e que tem atrás de si as indústrias que vivem, exatamente, da manutenção daquelas mesmas condições.

NOTAS

1 - Vejamos seu relato: "Fui como empregado pela Cia de Seguros. Entrei lá em 1/4/63 e fui demitido em 5/1/67. Eu funcionava na usina como uma espécie de agente da Cia de seguro. Tanto que eu atendia os acidentados. Os casos que eu podia resolver lá, eu resolvia. Os que eu não podia manter lá, em tratamento, eu mandava para o ambulatório da Cia. Mas, a usina, toda vez que eu saía de uma Cia para outra, eles me chamavam lá e me passavam a conversa, para eu pedir demissão num e já estar admitido noutra. Na época que houve essa mudança de I.N.P.S. e as Cias de seguro acabaram, eles me chamaram lá de novo. Em 8/1/68 pedi demissão da Cia e fui admitido na usina em 1/2/68. Aí, eles construiram a nova usina. Então, eu atendia os dois lados, com um ordenado só. Um dia o "seu"... foi na enfermaria e me propôs passar para a nova usina. Ele dava baixa na minha carteira, eu recebia o fundo e ficava trabalhando na nova

usina, com ordenado melhorado! E fazia atendimento dos dois lados. Fui admitido em 4/5/78 e saí em 30/6/80.

Quando a nova usina foi vendida. Aí, me 'cantaram' novamente! Para eu voltar para a velha usina. Digo: 'Bom, levando em consideração o tempo que eu trabalho com os Srs. na usina, prefiro ficar.' Então me demitiram em 30/6/80 e eu entrei na velha usina novamente em 1/7/80. Saí em 2/1/85. Fiquei 21 anos, 4 meses e 7 dias!"

- 2 - Seu relato é claro: "Eles me procuravam muito. Até os familiares me procuravam, para tomar injeção, fazer curativos, e tudo. Eu tive até um caso. Até hoje eu tenho isso gravado. O pai de um empregado nosso, escorregou carregando um cacho de banana, e tirou um pedaco do calcanhar. Levaram ele na farmácia. Suturaram aquilo, e aproximaram forcando. Quando tiraram os pontos, abriu novamente. Ele gastando dinheiro na farmácia, e o pai não ficava bom nunca! Um dia, ele foi na enfermaria, e disse: 'Meu pai sofreu isso, assim e assim. Será que o Sr. poderia fazer uns curativos nele? Já gastei muito dinheiro! Será que a firma permitiria de eu trazer meu pai aqui?' Eu disse: 'Pode trazer! Não precisa a firma consentir nada! Não vive com você?'... 'Vive!'... Então, ele é dependente seu. Pode trazer!' E ele trouxe. Eu olhei aquilo e disse: 'Isso vai demorar um pouco. Agora, tem uma coisa! Vou botar curativo ai, e não pode tirar não! Só quem pode mexer nesse curativo sou eu!' Com dez curativos, cicatrizou. Então, o pessoal tinha

muita confiança em mim. Dizem que eu tinha uma mão muito boa para fazer curativos. O pessoal 'batia' na minha mão, e ficava logo bom! Ao fazer o curativo eu fazia realmente com vontade de curar o cara."

- 3 - E continua: "Só dava furada! Passava aqueles remédios brabos!... Não era muito bom! Era meio esquisito!... Ia lá uma vez por semana. E assim mesmo só de tarde. Atendia o pessoal que tinha que atender, e se mandava! Era pior que o I.N.P.S.! (risos) Não entendia mesmo! Nada mesmo! O comprimido que passava para uns, passava para quase todos que iam lá! Era difícil mudar o remédio de um. Tuberculoso ou bom de saúde, o remédio para tudo era a mesma coisa!"

- 4 - "O Dr... (de fora) a gente procurava êle. Problema de outras doenças. Era um médico bom! Eu confiava nele! Ele dava remédio certo! Era um homem de confiança. Não mentia para a gente."

- 5 - O orgulho do operador da empilhadeira era esse: "Olha, nunca tive doença! Nunca precisei consultar! Com 27 anos de usina, nunca fui consultado!"

- 6 - "Saião, é bom para dôr. Só não pode tomar muito. É lá uma vez ou outra. Umas duas vezes por semana. É pouquinho. Se tomar demais, faz mal. Isso é tudo remédio. Se tomar fora do limite, faz mal. Isso aqui, é até para ferida. Bota em cima. Limpa um pouquinho com algodão ou gaze. Ele limpa. Ele come aquela carne esponjosa. Ele limpa, até que a ferida seca. Santa Maria, para verme.

Para criança. Soca aquele sumo. Deixa no sereno. De manhã cedo, bem antes da criança tomar café, bota um meio copo com leite. Aí, os vermes estão com fome! Sente o cheiro do leite, e cai em cima! A minha mãe fazia assim para a gente." (operário, com mais de 40 anos de usina)

7 - Como ocorreu com o operador da empilhadeira: "De uns 40 anos para cá, que eu comecei com as dôres. Eu sentia muitas dôres nos rins. Mas, não era rin. Era coluna. E até hoje, eu sinto coluna. Meu tratamento, eu pensava que era rinc. Eu tomava remédio de rinc. Eu tomava quebra-pedra. E não era nada de rinc. O certo é que era coluna."

8 - "Esse do dedo, foi o A. que socorreu. Esse da mão, também foi o A. Esse daqui, do braço, quem me levou ao I.N.P.S., me socorreu, foi o filho do L."

9 - "Eu, com dois dias de trabalho me machuquei. Peguei 32 dias de seguro. Aí, nem queria ficar aqui. Fiquei nervoso!" (operador de laminador pequeno, com 14 anos de usina)

10 - BOURDIEU, 1968. Op.cit. 42. "é preciso renunciar a encontrar nos dados da intuição sensível o princípio capaz de unificá-los realmente." Idem. Página 83.

11 - Segundo o ex enfermeiro: "A única ocasião em que algumas providências foram tomadas assim rápidas, foi quando nós botamos o filho do patrão como presidente da CIPA. Ele exigia! E foi feita muita coisa! Em 83, 84. Por ai

assim. Mas, depois que ele saiu..."

- 12 - Segundo o encarregado da embalagem: "O elemento não sendo da minha seção, a gente não dá falta dele. A não ser que você faça parte da CIPA. Você fazendo parte da CIPA, você é logo comunicado. Lá teve uns quatro! Teve um lá no salão. O elemento cortou o braço. Dizem que ficou no seguro. Muito grave! O outro, cortou o dedo. Tem um outro lá no laminador. Problema no pé. Dizem que foi grave também. Eu não vi."

- 13 - Segundo o operário da manutenção elétrica: "Nos últimos dois anos eu era membro da CIPA. Eu tomava conhecimento de todos. Era responsável pelas pesquisas. Analisar aquelas fichas de acidentes. Há dois anos, eu estava mais por dentro do assunto. Agora, só tomo conhecimento assim, através de comentário. Ou, quando eu vejo."

- 14 - Foi o que ocorreu, por exemplo, quando a usina foi vendida ao grupo de São Paulo: "A CIPA, quando funciona mesmo, ela traz muito benefício, para a firma e para os próprios funcionários. Agora, quando funciona mesmo! Porque a CIPA de ano em ano modifica os quadros. Eleição. A CIPA atual na usina, não está funcionando. Porque você vê, que essa mudança, aquela crise que houve, a usina foi vendida. Os diretores que vieram agora, estão organizando tudo." (controle de qualidade)

- 15 - "Quando tem um acidente, o membro da CIPA vai lá, analisar e ver o local do acidente. Se for negligência no acidente, o funcionário pode até ser chamado na reunião

da CIPA, para ser advertido pelo acidente."(contrôle de qualidade)

- 16 - "Aqui, o que está faltando é organizar uma CIPA. E dar crédito à CIPA que eles fizeram. Não dão crédito. Não dão nada a ela. Agir, por enquanto, não vi nada não. Tem poucas coisas. A CIPA aí é mais para ilustrar."

(mecânico de retífica com 42 anos de usina)

- 17 - "Depois desse negócio de mandar a gente embora, em novembro ou outubro. Desmanchou uma CIPA. Fez outra. Aí, vai embora! Tem uma CIPA. Nós votamos aí. Tem um mês e pouco. Eu votei numa CIPA armada aí. Sei lá!" (mecânico de retífica com 42 anos de usina)

- 18 - "Diminuiu devido às palestras que foram feitas lá. Na ocasião que esteve um inspetor de segurança lá, eu ia com ele então, reunir os empregados das seções. Aliás, quem fazia a palestra era eu! O inspetor falava: 'O seu... aqui, vai dar as coordenadas.' A gente mostrava exemplos. As consequências de um acidente, que podia prejudicar a família. O empregado podia ficar cego, ou aleijado. Sem condição mais de trabalhar. E a família é que ia sofrer com isso! Então se realmente eles tinham amor à família, era preciso trabalhar com atenção para não se acidentar. Para evitar de ir para o I.N.P.S. Eles, então, foram se conscientizando com isso. Caindo em si."(ex-enfermeiro)

- 19 - "Eu já fiz parte da CIPA, e tem algumas coisas no meu setor que melhorou alguma coisa. Evitando perigos atra-

vés da minha pessoa na CIPA. E então, outros que são da CIPA, da mesma forma. Porque o elemento participando de uma CIPA, ele tem uma melhor condição." (operador de laminador)

- ... 20 - Por isso, o operador da formadora de tubos nos disse que: "Eu não facilito muito não! A ponte vem aí! Eu estou saindo fora! Outro negócio que eu estou vendo que vai acontecer, eu procuro sair fora!"
- ... 21 - Segundo o mecânico da retífica: "De modo geral, se fica sabendo. Porque aquilo é igual a um estopim. Vem correndo de máquina em máquina, de máquina em máquina. De repente, se eu sei, outro sabe. Daí uns dez ou quinze minutos, ouviu-se que fulano caiu não sei onde. Fulano passou mal e caiu. A gente sabe logo."

4 - Zoomorfismo, memória e representação social.

Desde 1982/83, percebemos a existência de um vocabulário zoomórfico entre os trabalhadores. Ele reapareceu depois, definitivamente, durante os trabalhos de campo e as entrevistas, em 85. Esses termos estão em diversos capítulos. Então, começaremos recordando algumas destas expressões com dois exemplos.

O primeiro é do operador de uma conificadeira. Ele descreveu assim, as primeiras horas de trabalho com uma máquina com ferramental novo:

"Quando a ferramenta é nova, não se compara com a ferramenta que já está gasta. Já está com aquele 'calo' certo. Então, aí, já se torna mais fácil.

Você trabalha normalmente. Não tem nada. O problema é quando elas são novas. Até você 'amansar' uma ferramenta!"

A segunda expressão é utilizada por outro operador da conificação. Neste caso, para referir-se a um dos perigos da matéria-prima; a rebarba das lâminas:

"Eu estava preparando um caminhão. Eu joguei. Um bocado saiu, e foi cortar a mão. Por causa da rebarba. A hora que eu joguei, uma vara agarrou na grade da carroceria do caminhão. A 'safada' da rebarba."

Rebarbas dão "lacadas e mordem feito cobra". Rolos

de matéria-prima "correm atrás" de alguém. Isso surgiu diversas vezes, em diferentes situações, e nas mais distintas seções e tipos de trabalho. Foram descrições sinônimas daquela feita por Marx em certo trecho do item i - "Desenvolvimento da maquinaria" - do capítulo "Maquinaria e grande indústria." Nele temos que, "no lugar da máquina individual surge aqui um monstro mecânico, cujo corpo enche prédios fabris inteiros e cuja força demoníaca, de início quase festivamente comedido de seus membros gigantescos, irrompe no turbilhão febril de seus inúmeros órgãos de trabalho propriamente ditos." (MARX, 1983. Op.cit. Tomo 2. 14)

Mesmo considerando, de um lado, um certo exagero contido nesta descrição de Marx para as condições fabris da Inglaterra do século XIX e, de outro lado, que as transformações tecnológicas mudaram muitos aspectos do processo de produção de uma fábrica atual, as condições de trabalho se inserem na literalidade (1) empregada pelos trabalhadores. As imagens zoomórficas são a expressão adotada por aquelas condições, e o meio como elas aparecem na estrutura das relações entre os trabalhadores. Não são, portanto, meras "aberrações" dissociadas das condições concretas. A imagística é, em si mesma, uma evidência de fortes motivações subjetivas, tão 'reais' e eficazes quanto as objetivas. Onde quer que encontremos tal fenômeno, devemos distinguir entre a energia psíquica armazenada na linguagem, ainda que apocalíptica, e a verdadeira desordem psicótica." (THOMPSON, 1987. 50 e 51)

O zoomorfismo contém toda uma literalidade, compondo a base do vocabulário empregado por eles. Sua origem está no medo do ambiente de trabalho dos primeiros anos.

Vimos que as máquinas e matérias-primas foram instaladas num ambiente de trabalho basicamente rural. As tarefas na usina eram feitas nos interstícios do tempo de trabalho nas grandes propriedades, e nas pequenas lavouras. Nestes primeiros anos era, portanto, muito forte a presença do quadro rural. Diversos aspectos do trabalho familiar das mulheres e crianças, continuavam ligados a ele. O trabalho na usina não estava, ainda, totalmente desvinculado das relações com a terra. As condições de trabalho e os acidentes vieram, por sua vez, alimentar o temor. Este último veio sustentar o emprego de um vocabulário que validava, no trabalho da usina, uma série de imagens originalmente rurais. O vocabulário fundiu o aparentemente inconciliável: o trabalho na terra com aquele da usina. Surgiu uma articulação de fundo entre eles, que aparece nestas frases:

"Estava pegando lá no laminador grande. O rolo rebentou. No que o cara puxou a ponta lá, ferro fino né! Eu estava distante! Ai, a 'coisa' correu e veio! Só 'tico' na minha perna!"(operador de laminador)

Nessas formas, as péssimas condições de trabalho na usina se expressam tinguisticamente. Os paradoxos daquelas condições ressurgem, por três vias. Em primeiro lugar, na impossibilidade de lidar só empiricamente com os elemen-

tos naturais existentes no processo de produção.(2)

Em segundo lugar, conforme assinalamos, aquelas condições produzem um retorno nostálgico ao passado. Principalmente entre aqueles operários que tinham, antes da usina, um trabalho profissionalmente mais definido e estável.

A terceira via é um subproduto dessa última, com alguns aspectos da primeira. Os primeiros anos de trabalho na usina foram, para os trabalhadores mais antigos, uma experiência cuja descrição contém imagens onde o delírio visual funde-se às condições concretas. Revelam uma situação de ansiedade, provocada pelo isolamento forçado no interior da usina, privando-os de contatos com o mundo externo. Na privação, reapareciam os elementos naturais de fora, na forma real ou imaginária. O fogo e a água surgiam distinguindo sentimentos: a visão do fogo produzia o delírio, e a água trazia esforço físico e sofrimento. Nos termos do mais antigo operário da fábrica:

"A gente ficava aí, até de madrugada, nos fornos.

Levantava (as tampas dos fornos) na talha. A gente via aquele vermelhão aparecendo, lá debaixo do forno. Parecia uma lua... Quando chovia, alagava tudo! Gua até os joelhos! A gente corria, para levantar o material. Chegava o tempo das águas, enchia tudo aqui."

Aquela "lua" continha "o que parece ter sido o mais insuportável, a supressão parcial da oposição dia/noite e a adaptação ao tempo artificial da usina... a violação do

ritmo das estações, da oposição dia/noite levava a questionar a natureza das razões invocadas, ou seja, a finalidade do trabalho. é um questionamento feito a partir de crenças tradicionais." (DEBOUZY, Op.cit. 211 e 214) Havia naquelas imagens uma grande dose de ansiedade, mas que obedecia a uma lógica interna, própria. (Cf. GAY, Op.cit. 48) Representam um esforço dos dominados, uma vez alijados de "todos os seus meios" e incapazes de encontrar "suas próprias palavras", como se eles estivessem despossuídos de sua própria língua. (Cf. BOURDIEU, 1982, 38)

A terminologia zoomórfica transportava para a usina aspectos da vida cotidiana que, originariamente, estavam no trabalho com a terra. Inclusive algumas ameaças, e perigos. Nessa perspectiva, a linguagem zoomórfica tem duas expressões cuja procedência se encontra no campo:

1) o medo das matérias-primas se transubstancia em animais que, no campo, são intratáveis, indomáveis - tais como as cobras - e que atacam sorrateira e inesperadamente:

"Nós estávamos laminando ferro. Era ferro fino. A ponta ficou do lado de cá. No que Ele pegou a ponta lá, que puxou, ai Ele viu! Ela veio de, fininho! Veio rápido, mas bateu aqui devagarzinho. Quando o ferro arrebenta, dá muita lambada. Tem que saber empurrar. Quantos rolos já caíram ali? Virou a 'coisa' aberta, ela corre! Aquela peça entra fria, entra grossa e sai quente. Queimando e

fina. Se arrebentar é um perigo, está esticadíssima! Pega um rolo com mil metros e, quando termina está com 1.500 metros! Quando pega o laminador, ele fica brabo, ele fica forte. Já não é mais aquele! Ele enrola todo, e vem para cima!... Esse aço faixa vermelha, eles arrebentavam, quando chegava no final deles. Sairiam rolando. Eles eram o maior perigo! Mas, a gente já conhecia com quem estava lidando. Ai, a gente não facilitava com ele." (um operador de laminador pequeno e dois operadores da decapagem)

2) as máquinas também atacam, comem ou mordem mas, ao contrário das matérias-primas, podem ser domadas, controladas, domesticadas ou nos seus termos, "amansadas":

"Quando vai apertar o 'burrinho', ai ele sobe. Ai vem aquele aparelhozinho e prende a ponta do rolo. Ai, aperta o botão aqui. Chama ele aqui, e ele vem!... Nessa rebarbadeira, a primeira, ela é violenta aquela máquina! (operadores de laminadores pequenos)

Noiriel encontrou o mesmo vocabulário zoomórfico entre os metalúrgicos de Longwy: "Elas se contorce em anéis... como uma serpente de fogo... le fere... sua mordida é uma queimadura... uma verdadeira 'apropriação' do espaço produtivo pelo operário de ofício, que se traduz em primeiro lugar na linguagem... Esta 'apropriação' pode alcançar certas formas de 'antropomorfismos'... o alto do forno é considerado

“como um ser vivo que alimentamos, tomamos a temperatura.”
 (NDIRIEL, op. cit. 49 e 154)

Os perigos e ameaças do trabalho com as máquinas também foram descritos, em diversas ocasiões, com terminologias zoomórficas. Assim, para o empilhadeirista, as tesouras eram as máquinas que “levavam as mãos mais rápido.” E, dois aspectos estão na base do zoomorfismo com as máquinas: a má conservação e a inexperiência do operador:

“As vezes, o cara não está esperando. O tubo dobra lá! E vem! Um pouco de nada, aquilo embola na máquina. Embolou, pronto! S vezes precisa até gritar o outro, para vim tirar ele dali. Porque, às vezes, agarrou o dedo! Igual aconteceu com um colega lá... O camarada chegou hoje, e joga na ‘boca’ da máquina! Não tem condição.” (operador de fabricação de tubos e encarregado de formadoras)

No trabalho com as máquinas antigas, está presente a destreza do operador. Ou, o saber lidar com a máquina reforçando a endo-tecnia. Isso não impedia que, ocasionalmente o “saber” fosse rompido por acidentes inesperados. Nestes casos, o inusitado dava margem às advertências empiricistas, que não impediam novos imprevistos. Mas, acabavam sendo a base das descrições zoomórficas. (3)

Os mais velhos operários são mais cursivos e intimos no emprego do vocabulário zoomórfico. O acesso à estrutura linguística gerontológica de controle, é o código de entrada dos mais novos na estrutura paternalista. Aquela es-

trutura linguística, por seu turno, é sustentada pelo temor e pelas marcas e preconceitos que os acidentes produzem. (4)

Os significados da terminologia zoomórfica, são o elo entre os velhos e novos operários. É um dos instrumentos fundamentais da reprodução da estrutura paternalista. Foram inúmeras as situações de trabalho onde ela reapareceu e, aparentemente, não tinham muita importância. Posteriormente, revelavam uma íntima conexão com aquela reprodução.

O "tacape" é uma destas palavras. O termo é empregado para dois pedaços de madeira diferentes. O primeiro é uma haste grande, usada para amassar as rebarbas despejadas numa caixa, junto ao posto do operador das formadoras. O segundo é um pedaço de madeira menor. Com ele os ajudantes dos laminadores pequenos batem na fita, para o rolo entrar na "caixa" da máquina. O mais velho operário da usina costumava dirigir-se ao seu ajudante, quando ele fazia essa operação, e perguntar: "Está matando cobra?"

Vejamos agora, alguns exemplos de terminologia zoomórfica. Foram empregadas por operários de faixas etárias distintas, com mais ou menos anos de usina:

"Agora não tem mais tal material. Material crú. A rebarba dele é muito dura. Então ao enrolá-lo na enroladeira, ela era um convite. Porque, ela dava laçada. Era igual a uma cobra! Parecia viva a rebarba."(operador de tesourão, com 9 anos de usina)
"Eu estava trabalhando. Amarrando tubos. Ai, o tubo veio! Com a rebarba! Agarrou na luva! Cortou a

luva e meu dedo."(operador de laminador, com 13 anos de usina)

"É uma máquina bem mais pacatazinha. Mas, é um sistema de trabalho! Se não tiver cuidado, se machuca toda hora. Há seções lá que se amarra o dia todo. Aquelas amarrazinhas de ferro. Aquilo come as luvas."(operador de laminador, 7 anos na usina)

"Eu fui sustentar a bobina, então ela me pegou. Quando eu trabalhava lá, a máquina pegou o cara aqui assim, na camisa. O tubo pegou na camisa dele lá, arrastando ele!"(encarregado da matéria-prima, com 19 anos de usina)

"Ele tirava rolo que era uma beleza! Num instante ele aprendeu a 'tocar' a máquina!"(operador de laminador, com 43 anos de usina)

"Uma ocasião que ele bobeou lá, e foi 'lacado' na hora que a enroladeira estava recolhendo. Ele foi 'lacado' no pé, e quase que ele entra na enroladeira!"(ex-enfermeiro, 22 anos de usina)

O código da terminologia zoomórfica dos mais velhos, foi assimilado pelos recém admitidos. A máquina devia ser "tocada" como, um dia, os bois que puxavam o carro naqueles morros também foram "tocados". O sentido da palavra se mantinha. Ainda que o emprego fosse em dois processos de trabalho distintos: "tocar" enquanto direcionar, ou dirigir; e, "amansar" enquanto controlar, dominar, submeter.

Esquemáticamente, podemos sintetizar a relação

entre a mediação do zoomorfismo e memória na forma:



A vitalidade do zoomorfismo - aceitação e propagação entre os trabalhadores - está relacionado com a história de vida do operário na usina. Com a vinculação dele com uma das três fases da história da usina, e com as posições ocupadas na estrutura de produção e de trabalho de cada uma delas. E com a maior ou menor proximidade, ou vinculação, com o paternalismo.

Sobre o trabalhador recaem as exigências de reequilibrar a relação fábrica "vs" sociedade. A usina é o eixo dominante: rege e suga as energias físicas e mentais, que os operários dedicariam às demais instituições. A partir da interferência da usina na história de vida dos operários, a memória deles é um processo contínuo/descontínuo, no qual eles têm pouca ou nenhuma possibilidade de interferência. Pois, o processo de produção e de trabalho é controlado pelo capital. O fenômeno da superposição - contínuo/descontínuo - está no centro da concepção paradoxal do sistema social. "Esta concepção toma o contra-pêlo das idéias dominantes sobre o sistema, nas quais existe um muro epistemologicamente intransponível entre as partes e o todo...Na concepção 'paradoxal', existe uma redundância de princípio entre o

sistema e suas partes, entre as próprias partes, e a superposição nada mais é que uma forma particularmente drástica dessa redundância... A teoria da luta de classes, só preenche sua função teórica se ela integra todos os aspectos da luta de classes, os 'ilógicos' como os 'lógicos'... Para dar conta do sistema real, o sistema conceitual deve portanto integrar aquilo que é ilógico e aberrante em relação à lógica do sistema." (BAREL, op. cit. 47 e 160)

E neste conjunto consideramos, como vimos, as formas que tomam as interferências, mediações e manipulações dos valores da classe social dominante. Esse pano-de-fundo deve ser considerado, se pretendermos delimitar:

- o contexto e a forma que toma a reconstrução do nexo psico-físico sob o paternalismo e;
- a questão da auto-estima e sua preservação.

Os valores ideológicos do trabalho, positivizam e fundamentam a existência dos indivíduos na sociedade capitalista. Não participar em alguma forma de tais valores dominantes, - permanente ou temporariamente - cria "vazios" na memória dos trabalhadores.

Em tais valores, os trabalhadores devem procurar as "justificativas" de suas existências. Os acidentes de trabalho são a forma mais dramática, que toma a privação de participação em tais valores. Pois, a nossa sociedade reserva, para as inumeráveis vítimas dele, o pouco caso, a discriminação e o abandono. Então, paradoxalmente, o esforço dos operários dirige-se para esquecer ou apagar os acidentes

de suas lembrâncias. A rotina e a inexistência de providências visando evitá-los contribuem, portanto, para o entorpecimento da memória, dada a frequência na sua existência. Segundo o encarregado do controle de qualidade: "Houve muito acidente. Que a gente não lembra mais."

Para os trabalhadores, o recordar-se sempre é pontuado por algum fato desagradável ou constrangedor. Este, em geral, tinha algum detalhe ligado às condições de trabalho e acidentes, que o transformavam numa "coisa ruim". Daí, o esforço de esquecê-lo. A esposa de um operador da decapagem, se referiu assim ao acidente sofrido pelo marido na usina:

"Tem que esquecer mesmo. Tem um ditado que diz que, coisa ruim a gente não se esquece. Mas, a gente faz força para esquecer."

As buscas de esquecimento estão presentes nas falhas ou afasias da memória dos trabalhadores. Não são o resultado de um processo únicamente biológico. Estão presentes as condições socio-econômicas, mediando o interesse na reconstrução do passado. Afinal, remeter-se ao passado não é muito fácil quando prevalecem ali fatos que, ao invés de contribuirem para um reencontro da auto-estima e auto-identidade, significam justamente o oposto. Para não sofrerem os efeitos de uma condição de não encontro de sua identidade no passado, os trabalhadores da usina optam por um viver sem recordar. Diverso do "recordar é viver" do senso comum. Porque, no caso deles, significa exatamente o oposto! Tal postura diante de um passado excludente, faz parte da luta pela

sobrevivência. A condenação no passado, obrigava a fugir dele. Neste caso, alienação é preservação da existência.

Que pensar, então, da classe trabalhadora em geral que tinha a sua condição de cidadão, até a década de 30, definida na célebre frase: "operário é caso de polícia"?

De que forma, então, o corpo – veículo da auto-estima e auto-identidade – era tratado pelas condições concretas de trabalho na usina? Nos corpos estavam gravadas as referências de lembranças desagradáveis. Olhando para seu próprio corpo, muitos apontavam aquelas marcas como um itinerário-memória de sua existência na usina:

"Eu tive um acidente aqui no dedo. Tive outro aqui em cima dessa junta dos dedos. Tive um aqui. E outro na vista. Tive quatro acidentes." (encarregado da matéria-prima)

Ao mesmo tempo, respaldando e reforçando a "contabilização" pessoal, havia o reforço da usina no sentido de postergar quaisquer medidas preventivas:

"Muita coisa ali diminuiu porque foram tomadas as providências de proteger, justamente, engrenagens, correntes, polias. Demorou! Foi feito a longo prazo!" (ex-enfermeiro aposentado)

Devemos considerar a presença destes obstáculos na existência da memória. Não levá-los em consideração, é substituir de componentes mediadores a relação entre memória e representação social. Seria o esvaziamento das condições de classe social nela existentes, conduzindo ao senso comum de

certas interpretações e abordagens da opinião pública. Como, por exemplo, a redução da abordagem da memória a uma questão exclusivamente biológica. Então, cabe a pergunta de Marx: "Constitui progresso científico fazer concessões covardes à opinião pública?" (MARX. Op.cit. Vol 1. 1984. 234) Pois, segundo Gramsci, "o público 'crê' que o mundo exterior seja objetivamente real, mas precisamente neste ponto surge o problema: qual é a origem desta 'crença' e que valor crítico ela tem 'objetivamente'?" (GRAMSCI. 1966. 165)

Encontramos na linguagem zoomórfica, os mesmos elementos indicados no drama do corpo. A representação social da memória, que o zoomorfismo é uma forma de expressão, é mediada, também, por argumentos técnicos, médicos, jurídicos e morais. Vejamos:

- técnica: por meio da relação homem "versus" máquina, o estímulo à conservação e preservação das máquinas é dissociado da aceleração do desgaste físico e mental dos trabalhadores.
- médica: em alguns casos e momentos, organiza, subsidia, fundamenta e estrutura as demais, pois seus dois âmbitos de atuação - físico e psicológico - fornecem os instrumentos para isso. Não é considerado o envelhecimento precoce, devido às condições de trabalho que antecipam os fatores biológicos.(5) A questão estética é envolvida aqui, podendo ser embutida em justificativas dessa ordem. Os trabalhadores partilham dessa visão de senso comum da memória: dissociav-

da das condições concretas de vida, dentro e fora da usina. E estas, tão anulantes para Ele, vão se apagando junto com a própria memória(6):

- jurídica: nas reuniões da CIPA agruparam-se o conjunto de aspectos que, há décadas, definia o cidadão: estado civil, número de filhos, posse de bens, etc. Todos eles se pautando por modelos provenientes de um etnocentrismo da classe dominante.
- moral: o objetivo é a perda da auto-estima e, também, a vinculação da sua auto-identidade a aspectos e valores não alcançáveis, no plano cultural, social e político. É um veículo indireto de solapar a auto-identidade. Seu âmbito é vasto. Um deles é a desvalorização do local onde moram e trabalham. O aumento dos contatos com a zona sul do Rio de Janeiro intensificou esse processo.(7)

A terminologia zoomórfica, onde transitam aspectos objetivos e subjetivos, está tenuamente presente no depoimento do engenheiro da usina. Embora neste caso, o mais imediato seja a relação entre anarquia, controle e excesso de produtividade na usina, e os acidentes:

"Têm medo de acidente. Todos eles. Porque trabalham com coisa muito pesada. Se cair em cima do pé vai machucar mesmo! Uma fita dessa, se escapole e pegar num, vai cortar mesmo. Acidentes que acontecem, são coisas imprevisíveis. A gente já reparou também que, quando o ritmo da produção cresce, o

número de acidentes aumenta. Não sei, se a fábrica começa a puxar num ritmo mais violento, então a - consegue maior número de acidentes. Quando a 'coisa' está andando mais devagar, geralmente o número de acidentes cai."

O zoomorfismo é um processo de reificação. Num primeiro momento, as imagens são deslocadas do plano concreto para o abstrato. Ali fundem-se, o conjunto de valores endo-técnicos dos mais velhos trabalhadores da usina, com as distorções e paradoxos gerados nas condições de trabalho. Dessa fusão surge um vocabulário, que se expressa nesse segundo momento, de volta do plano abstrato para as condições concretas. Essa terminologia se propõe estruturante da realidade concreta, vivida pelos trabalhadores nos processos de produção e de trabalho, tal como ocorrem com representações sociais de conhecimentos científicos. (Cf. MOSCOVICI, Op.cit. 121, 122 e 125)

No entanto, essa reprodução esbarra na dificuldade da continuidade. Pois, as condições concretas não são estáticas. E, as mudanças que ocorrem nela geram os conflitos íntimos, mais ou menos intensos e permanentes. Uma de suas expressões foi o choque entre os mais velhos trabalhadores - endo-técnicos - e os mais novos - tecnológico-idílico - que transpareceu numa luta entre êles, pelo predomínio no próprio campo da memória. A capacidade da memória das classes dominantes de atuar neste campo, fomentando as aparências de diferenças entre novos e velhos, e reapropriando-se perman-

mentemente destes dois campos, é fundamental para a sobrevivência do sistema.

A memória dos trabalhadores é um dos produtos da luta de classes em torno da hegemonia ideológica na História da sociedade. O capital precisa manter e reproduzir a sua dominância ao nível da memória coletiva. Mas, também, ao nível individual, onde os trabalhadores vivem um conflito permanente nas suas existências.

NOTAS

- 1 - "O sentido de uma literalidade é esta literalidade, ou fazer falar o silêncio e a imobilidade." BAREL. Op.cit. 34.
- 2 - Segundo um operador dos fornos, com 34 anos de usina: "Ali, acender o forno é perigoso. Uma das partes mais perigosas! Sempre o encarregado nos alertava a respeito daquele serviço. E depois, acompanhar o serviço no sentido de... fogo, né! Fogo, já viu! Fogo tem sempre uma falsidade inesperada!"
- 3 - "Estava com a camisa aberta. Então o tubo pegou na casa do botão. Ai, bateu na barriga dele. Ele caiu e o tubo rodopiou! Esse, nunca mais esteve desprevenido. Os outros souberam do acidente. Ai, começaram também a prestar mais atenção."(encarregado das formadoras de tubos)
- 4 - "Quando deixa cicatrizes. A pessoa perder uma parte do corpo. Fica marcado. As vezes traz traumas para a pes-

soa. Você vê que tem muitas pessoas que tem defeito físico, e procura esconder." (controle de qualidade)

- 5 - Bourdieu tem, a esse respeito, uma interessante proposição de Pareto: "Não existem velhos porque não sabemos em que idade, e em que momento da vida, começa a velhice." BOURDIEU. 1968. 75.
- 6 - "Eu me lembro, porque dificilmente eu me esqueço das coisas. Agora estou esquecendo porque estou meio velho. Mas, na época que eu estava novo, não esquecia."(operador de laminador)
- 7 - Segundo um funcionário do escritório de expedição: "Não sei se você reparou. Mas, eu observo muito isso. Se você reparar bem, como o pessoal muda quando anda de trem e passa para o metrô. Você vê no trem uns tres ou quatro caras cuspidos, jogando ponta de cigarros no chão. Colocando os pés na frente da gente. Falando alto! E, quando chega ali na entrada do metrô, êles mudam. Ficam mais legais e nem parecem os mesmos."

Conclusões.

Queremos deixar algumas problematizações sobre a questão da memória de velhos trabalhadores.

Vimos como, da perspectiva da Sociologia do Trabalho, ocorrem reduções, distorções e relevâncias no saber empírico e no conhecimento técnico. Principalmente em suas relações com a divisão do trabalho, e a qualificação e des-

qualificação da força-de-trabalho, e o salariato.

Na Medicina Social e do Trabalho, de um lado, as condições de trabalho são diluidas nos limites dos conhecimentos médicos existentes. De outro, quando as condições de trabalho colocam em cheque a medicina científica, a crise é deslocada para o escândalo.

As duas vias não conduzem a avanços e transformações significativas. A ciência e a sociedade não passam por mudanças na relação entre elas, embora possa estar ocorrendo alguma avanço isolado na ciência. O produto, em geral, é sempre a culpabilização individual, do doente ou do médico.

Na memória, a principal distorção é a biologização. Mostramos como é sustentada pelas articulações com a reprodução da estrutura social capitalista que, tratando-se da classe trabalhadora como objeto empírico, adota formas de dominação-exclusão. Segundo Ferrarotti, "hoje, a opressão é diretamente proporcional ao esquecimento... Esta recusa... indiferença... é apresentada hipócritamente como respeito devido às pessoas." (FERRAROTTI, 1980, 238) Numa "operação da rara elegância" (FERRAROTTI, 1980, 232 e 1983, 153) a memória da classe operária é espropriada, da mesma forma que das melhorias de suas condições de trabalho, e afastada do acesso ao conhecimento da tecnologia e da ciência aplicada ao trabalho. Estas seriam as bases da hegemonia do capital sobre o trabalho na usina. Da qual a espropriação da memória é parte.

A condição de velho em E. Bosi, é o exercício de

uma cidadania. Embora ela advirta que tal exercício é obstaculizado. A partir de alguns, obstáculos reconhecidos por aquela autora, qual seria, então, em nossa sociedade a cidadania hegemônica?

As condições de trabalho da maioria dos trabalhadores no Brasil, não respeitam o físico e o mental. Não respeitam, em consequência, a sua existência e inserção na História. As condições de saúde contribuem, portanto, para esse quadro. Por isso, numa reunião do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói, aquela entidade adverte no seu boletim que, devem tomadas providências imediatas contra a asbestose e a silicose pois, muitos trabalhadores "já não estão mais vivos para contar a história."(1)

Vemos dois tipos de relações com as máquinas: o tecnológico-idílico e o endo-técnico. Nos dois, as condições de trabalho e os acidentes são instrumentos usados pelo capital para dominar e controlar a força-de-trabalho.

Na relação endo-técnica, o acidente e as condições de trabalho são instrumentos produtivos de pressão pois, através deles incute-se o medo. O controle adota, entre os trabalhadores, a forma de temor. A culpabilização e individualização do trabalhador, é feita procurando argumentos para provar que ele "ignorou", ou "desconheceu" o perigo.

Na relação tecnológico-idílica, os acidentes e condições de trabalho são improdutivos. Para preservar os investimentos feitos em capital constante, algum investimento é feito no capital variável. Ou seja, em melhorias e me-

didas preventivas. Aqui há também culpabilização, quando se diz que o trabalhador não esteve "atento" quando ocorreu alguma parada na produção.

Como vimos, as duas relações não são excludentes. Donde, o caráter ambíguo do discurso do capital sobre os acidentes e condições do ambiente de trabalho. Ambos são expressões de formas de controle, por meio das condições de trabalho. Se apresentam como contrárias - arcaica "vs" moderna - mas não são contraditórias.

Da mesma forma, poderíamos sugerir a seguinte abordagem para a relação entre memória e sociedade.

De um lado temos a memória de velhos. Excluídos dos valores predominantes ligados aos jovens (cores e movimentos), que seus corpos e sentidos estão afastados e não podem acompanhá-los. E, quando tentam fazê-lo expõem-se à execração pública e ao ridículo. Os mais velhos procuram, então, na memória um refúgio para resguardar sua existência e cidadania na sociedade. Seus tempos de memória tornam-se extensos - embora não sejam jovens! - exatamente porque, paradoxalmente, estão menos entronizados com o ritmo e o tempo da contemporaneidade. É uma memória longa.

De outro lado, a memória de jovens. É aquela em que os seus vínculos com tais valores predominantes (ação, movimentos, etc.) se consumem rapidamente, e nele suas próprias existências. Conseguem acompanhar o ritmo da contemporaneidade, mas são os mais direta e imediatamente atingidos. Então, paradoxalmente, tem seus tempos de memória incrivel-

mente encurtados - embora não sejam velhos! - por atrofias e afasias cuja matriz está na maior aproximação, ou grau de exposição, à mídia. É a memória curta.

A sociedade de massas produz duas memórias, com valores calcados em formas de inserção distintos e conteúdos internos conflituais. O choque entre elas se apresenta, também, como contrários - velho-árcaico "vs" jovem-moderno - mas não são contraditórios.

A cada modificação científica e técnica, as relações de trabalho tem que ser repensadas, física e mentalmente. De vez que aquelas condições são, cada vez mais rapidamente modificadas. O efeito destas alterações atravessa uma mesma geração com ritmos distintos, com formas diferentes de inserção. Assim, é preciso em primeiro lugar delimitar o que é esse ritmo, para caracterizar as condições onde são formados conceitos como "novo" ou "velho". (Cf.. HENRIQUE e LEVY, 1982) Definir, em suma, o "campo" da modernidade. As escalas utilizadas devem ser vistas no seguinte contexto: das contínuas, rápidas e inexoráveis transformações aplicadas à produção, que modificam os meios utilizados pelo homem no contato com a natureza, alterando o valor de seu conteúdo físico e mental nesse processo.

NOTAS

- 1 - Boletim interno do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói, de 16 de maio de 1990.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Laís Wendel. "A subjetividade do trabalhador frente à automação." In. "Automação e movimento sindical no Brasil." Editora Hucitec. São Paulo. 1988.
- BALAN, Jorge e Jelin, Elizabeth. "La structure sociale dans la biographie personnelle." In. "Cahiers Internationaux de Sociologie." Volume LXIX. Juillet - Décembre. Presses Universitaires de France. 1980.
- BAREL, Yves. "Le paradoxe et le système." Presses Universitaires de Grenoble. Grenoble. 1979.
- BASAGLIA, Franco (y otros) "La salud de los trabajadores". Editorial Nueva Imagen. México. 1981.
- BATTISTI, Francesco M. "Sociologia dello scandalo." Editori Laterza. Roma-Bari. 1982.
- BERGSON, Henri. "Matière et mémoire." Presses Universitaires de France. Paris. 92a. edição. 1968.
- BERLINGUER, Giovanni. "La salute nelle fabbriche." De Donato Editori. Bari. Italia. 1977.
- BERMAN, Daniel M. "Death on the job." Monthly Review Press. New York. 1978.
- BERTAUX, Daniel. "L'approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités." In Cahiers Internationaux de Sociologie. Volume LXIX. Juillet - Décembre. Presses Universitaires de France. Paris. 1980.
- , -----, "Destinos pessoais e estrutura de classe."

- Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1979.
- BEYNON, Huw. "Working for Ford." EP Publishing Ltd. Great Britain. 1980.
- BOSI, Ecléa. "Memória e sociedade. Lembrança de velhos." T.A.Queiroz Editor. São Paulo. 1979.
- BOURDIEU, Pierre. "Ce que parler veut dire." Librairie Fagard. Paris. 1982.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C.; CHAMBOREDON, J.C. "Le métier du sociologue." Mouton Bordas. Paris. 1968.
- BRAUERMAN, Harry. "Trabalho e capital monopolista." Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1977.
- CIPOLLA-NETO, José; MARQUES, Nelson; MENNA-BARRETO, Luis S. "Introdução ao estudo da Cronobiologia." Icone EBUSP. São Paulo. 1988.
- COHN, Amélia; HIRANO, Sedi; KARSCH, Ursula S.; SATO, Ademar. "Acidentes de trabalho. Uma forma de violência." Editora Brasiliense. CEDEC. São Paulo. 1985.
- CORIAT, Benjamin. "Automação programável: novas formas e conceitos de organização da produção." In. "Automação, competitividade e trabalho: a experiência internacional." Org. Hubert Schmitz e Ruy Quadros de Carvalho. Editora Hucitec. São Paulo. 1988.
- DEANE, Phyllis. "A revolução industrial." Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1969.
- DEBOUYZ, Marianne. Temps et société. Aspects du temps industriel aux états-Unis au début du XIX^e siècle." In. "Cahiers Internationaux de Sociologie." Volume LXVII

- JUILLET - DÉCEMBRE. Presses Universitaires de France. 1979.
- , -----, "Permanence du paternalisme?" In "Le mouvement sociale." Paris. Juillet - Septembre. 1988.
- DECCA, Edgar. "1930, o silêncio dos vencidos." Editora Brasiliense. São Paulo. 1984.
- DEJOURS, Christophe. "Travail: usure mentale." Editions du Centurion. Paris. 1980.
- , -----, "Réactions Psychopathologiques aux ruptures involontaires d'activité professionnelle". In, Psychologie médicale. 1983. S.P.E.I. Paris.
- DORAY, Bernard e SILVEIRA, Paulo. "Elementos para uma teoria marxista da subjetividade." Edições Vértice. São Paulo. 1989.
- DUBOIS, Pierre. "Le sabotage dans l'industrie." Calmann-Levy. Paris. 1976.
- DUBOS, René. "Hombre, Medicina y Ambiente." Monte Avila Editores, C.A. Venezuela. 1969.
- DUBY, Georges. "História social e ideologia das sociedades." In, "História: novos problemas." Org. Jacques Le Goff e Pierre Nora. Livraria Francisco Alves Editora S.A. Rio de Janeiro. 1976.
- ENRIQUE, Eugène e LEVY, André. "Evolution technologique et perspectives psychosociologiques." In, "Connexions" No. 35. Paris. EPI Editeurs. 1982.
- FELDMANN, Paulo Roberto. "Robô, ruim com ele, pior sem ele." Trajetória Cultural. São Paulo. 1988.

- FERRAROTTI, Franco. "Uma sociologia alternativa." Edições Afrontamento. Porto. 1976.
- _____, _____. "Les biographies comme instrument analytique et interprétatif." In. "Cahiers Internationaux de Sociologie. Volume LXIX. Juillet - Decembre. Presses Universitaires de France. 1980.
- _____, _____. "Histoire et histoires de vie." Librairie Les Méridiens. Paris. 1983.
- _____, _____. "La storia e il quotidiano." Editori Laterza. Roma-Bari. 1986.
- _____, _____. "Il ricordo e la temporalità." Editori Laterza. Roma-Bari. 1987.
- FOOT, Francisco e LEONARDI, Victor. "História da indústria e do trabalho no Brasil." Global Editora. São Paulo. 1982.
- FRAGINALS, Manuel Moreno. "O engenho." UNESP e Editora Hucitec. São Paulo. 1982.
- FRIEDMANN, Georges. "O trabalho em migalhas." Editora Perspectiva. São Paulo. 1972.
- GAY, Peter. "Freud para historiadores." Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1989.
- GRAMSCI, Antonio. "Concepção dialética da História." Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro. 1966.
- _____, _____. "Maquiavel, a política e o Estado Moderno." Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1968.
- GOMES, Angela C. "Burguesia e trabalho." Editora Campus. Rio de Janeiro. 1979.
- GURVITCH, George. "Il tempo come fenomeno sociale totale."

- In. "Tempo e società." Org. Simonetta Tabboni. Franco Angeli. Milano. 1987.
- HALBWACHS, Maurice. "Les cadres sociaux de la mémoire." Mouton. Holanda. 1976.
- , -----, "La mémoire collective." Presses Universitaires de France. Paris. 1968.
- HOBBSBAUM, Eric J. "A era das revoluções." Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1977.
- , -----, "A era do capital". Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1977.
- , -----, "Da revolução industrial inglesa ao imperialismo." Forense Universitária. Rio de Janeiro. 1978.
- , -----, "Studi di storia del movimento operaio." Giulio Einaudi Editori. Torino. 1972.
- , -----, "Mundos do trabalho." Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1987.
- HOLANDA, A.B. "Dicionário da língua portuguesa." Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1986.
- JEANNEROD, Marc. "Le cerveau-machine." Editions Fayard. Paris. 1983.
- JERVIS, Giovanni. "Manuale critico di psichiatria." Feltrinelli. Milano. 1984.
- JOUTARD, Philippe. "Le voci del passato." Società Editrice Internazionale. Roma. 1987.
- KASL, Stanislav. "Epidemiological contributions to study of work stress." In, Stress at work. Orgs. COOPER, Gary L. & PAIN, Roy. Eds. John Wiley & Sons. New York. 1982.

- KATZ, Chaim Samuel; DORIA, Francisco A.; LIMA, Luiz Costa.
"Dicionário básico de comunicação." Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1975.
- KAWAMURA, Lili. "Tecnologia e política na sociedade." Editora Brasiliense. São Paulo. 1986.
- KOSIK, Karel. "Dialética do concreto." Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1976.
- LIMA, Luiz Costa. et alii. "Dicionário básico de comunicação." Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1975.
- MACIOTTI, Maria I. (org.) "Biografia, storia e società." Liguori Editore. Napoli. 1985.
- MARICATO, M. E. (org.) "A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial." Editora Alfa-Omega. São Paulo. 1979.
- MARONI, Amnéris. "A estratégia da recusa." Editora Brasiliense. São Paulo. 1982.
- MARX, Karl. "O capital" Volume 1...Livro Primeiro. Tomos 1 e 2. Abril Cultural. São Paulo. 1983.
- , ----- "Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos." Abril Cultural. São Paulo. 1978.
- MC KENDRICK, Neil. "Josias Wedgwood y la disciplina fabril." In, Estudios sobre el nacimiento y desarrollo del capitalismo. Ed. Agus. Madri. 1978.
- MCKOWAN, Thomas e LOWEC, R. "Introducción a la Medicina Social." Siglo Veintiuno Editores. Mexico. 1981.
- MENDES, René. "Medicina do trabalho. Doenças profissionais." Editora SAVIER. São Paulo. 1980.

- MERCURE, Daniel. "L'étude des temporalités sociales." In. Cahiers Internationaux de Sociologie. Volume LVIII Janvier - Juin. Presses Universitaires de France. 1975.
- MISHKIN, Mortimer e APPENZELLER, Tim. "L'anatomia della memoria." In. Le Scienze. No. 228. Milano. Agosto 1987.
- MOSCOVICI, Serge. "A representação social da Psicanálise." Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1978.
- NAVILLE, Pierre. "Sociologie d'aujourd'hui." Editions Anthropos. Paris. 1981.
- NETO, Benedito Rodrigues de Moraes. "Marx, Taylor e Ford. As forças produtivas em discussão." Editora Brasiliense. São Paulo. 1989.
- NETO, Ana Maria Q. Fausto. "Família operária e reprodução da força-de-trabalho." Vozes. Petrópolis. R.J. 1982.
- NOIRIEL, Gérard. "Longus. Immigrés et prolétaires. 1880-1980." Presses Universitaires de France. Paris. 1984.
- ORTIZ, Renato. "A moderna tradição brasileira." Editora Brasiliense. São Paulo. 1989.
- PALLOIX, Christian. "Le proces du travail: du fordisme au neo-fordisme." La pensée. No. 185. France. Fev. 1976.
- PANZIERI, Raniero. "Sobre el uso capitalista de las máquinas." In. "La división capitalista del trabajo." Cuadernos F y P. Siglo Veintiuno Editores. Mexico. 1977.
- PAOLI, Luigi De. "Inconscio di fabbrica." Edizioni Lavoro. Roma. 1981.
- PAPY, Michel. "Aspects et problèmes de l'enquête orale en histoire." In. "Le mouvement sociale. No. 112. Juillet

- Septembre. Les Éditions Ouvrières. Paris. 1980.
- PASSERINI, Luisa. "Torino operaia e fascismo." Laterza.
Roma-Bari. 1984.
- PENA, Maria Valéria Junho. "Mulheres e trabalhadoras." Edi-
tora Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1981.
- PEREIRA, José Carlos. "A formação industrial do Brasil e
outros estudos." Hucitec. São Paulo. 1984.
- PEREIRA, Luiz. "Classe operária. Situação e reprodução."
Livraria Duas Cidades. São Paulo. 1978.
- POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio." In. Es-
tudos Históricos 3. Memória. Editora Vértice. 1989.
- PORTELLI, Alessandro. "Biografia di una città." Giulio
Einaudi Ed. Torino. 1985.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. "Relatos orais: do 'indizi-
vel' ao 'dizível'." In. "Experimentos com histórias de
vida. (Itália-Brasil)" Org. Olga de Moraes Von Simson.
Editora Vértice. São Paulo. 1988.
- RICCHI, Renzo. "La muerte obrera." Editorial Nueva Imagen.
Mexico. 1981.
- ROLLE, Pierre. "Introdução à Sociologia do Trabalho." Edi-
ções A Regra do Jogo. Lisboa. 1978.
- ROSSI, Paolo. "Os filósofos e as máquinas." Companhia das
Letras. São Paulo. 1989.
- ROZEN, George. "Da polícia médica à medicina social." Graal
Editora. Rio de Janeiro., 1980.
- SCHAFF, Adam. "Linguagem e conhecimento." Livraria Almedina
Coimbra. 1974.

- SELIGMANN, Edith. "Crise econômica, trabalho e saúde mental." In. "Crise, trabalho e saúde mental." Org. ANGERAMI, Valdemar Augusto. Traco Editora. São Paulo. 1986.
- SILVA, Gracilda. "Bangú: a fábrica e o bairro. Um estudo histórico. (1889-1930)." Mim. Tese de mestrado. U.F.R.J. Rio de Janeiro. 1985.
- SIMONDON, Gilbert. "Du mode d'existence des objets techniques." Aubier-Montaigne. Paris. 1969.
- SOUZA, Nair Heloisa Bicalho. "Os efeitos sociais da nova tecnologia nas fábricas." In. "Automação e movimento sindical no Brasil." Op.cit.
- THOMPSON, E.P. "A formação da classe operária inglesa." Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1987.
- , ---- "Tradición, revuelta y conciencia de clase." Editorial Crítica. Barcelona. 1979.
- THOMPSON, Paul. "The voice of the past." Oxford University Press. London. 1978.
- TRONTI, Mario. "Operários e capital." Edições Afrontamento. Porto. 1976.
- VALLAIRES, L.P. "Habitacão em questão." Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1980.
- VIANNA, Luís Werneck. "Liberalismo e sindicato no Brasil". Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1978.

As fotografias que ilustram esse trabalho foram, parte delas, gentilmente cedidas pelo CESTEH (Centro de Estudos do Trabalhador e Ecologia Humana) da ENSP (Escola

Nacional de Saúde Pública)